

Adélia Barroso Fernandes

**O CONTRATO E AS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DA PRIMEIRA
PÁGINA DOS JORNAIS *FOLHA DE S. PAULO* E *LE MONDE***

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2011

Adélia Barroso Fernandes

**O CONTRATO E AS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DA PRIMEIRA
PÁGINA DOS JORNAIS *FOLHA DE S. PAULO* E *LE MONDE***

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras - Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de Concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ida Lucia Machado

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG

2011

Fernandes, Adélia Barroso.

F363c O contrato e as estratégias discursivas da primeira página dos jornais Folha de S. Paulo e Le Monde [manuscrito] / Adélia Barroso Fernandes. – 2011.

317 f., enc., il., graf.

Orientadora : Ida Lúcia Machado.

Área de concentração : Lingüística do Texto e do Discurso.

Linha de Pesquisa : Análise do Discurso.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 282-288.

Anexos : f. 289-317.

1. Folha de S. Paulo (Jornal) – História – Teses. 2. Le Monde (Jornal) – História – Teses. 3. Análise do discurso – Teses. 4. Discurso jornalístico – Teses. 5. Publicidade – Linguagem – Teses. 6. Jornais – Seções, colunas, etc. – Teses. 7. Jornais – Layout e impressão – Teses. 8. Comunicação escrita – Teses. 9. Estratégia discursiva – Teses. 10. Jornais – Capas – Teses. 11. Semiótica – Teses. 12. Discurso enunciativo – Teses. 13. Gêneros discursivos – Teses. I. Machado, Ida Lúcia. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 418

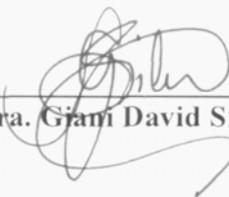
Tese intitulada *O contrato e as estratégias discursivas da primeira página dos jornais Folha de São Paulo e "Le Monde"*, defendida por ADÉLIA BARROSO FERNANDES em 28/03/2011 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores:



Dra. Ida Lucia Machado - UFMG
Orientadora



Dra. Dylia Lysardo Dias - UFSJ



Dra. Giani David Silva - CEFET/MG



Dra. Rita Aparecida da Conceição Ribeiro - UEMG



Dr. Bruno Souza Leal - UFMG

Aos meus filhos, Tomás e Elisa, inspirações de uma vida cheia de alegrias.

Ao Diniz, pelo incentivo e apoio.

À Ida Lucia Machado, leveza em compartilhar o saber.

AGRADECIMENTOS

Desde o princípio, ainda no mestrado, e agora, no doutorado, tive o apoio de pessoas muito importantes.

Ao Diniz, companheiro, amigo e incentivador, agradeço a coragem que me imputa, sem saber que essa coragem vem dele, do seu modo de encarar nossa história juntos.

Aos meus filhos, Tomás e Elisa, pela carinhosa convivência, pelo respeito e amizade que construímos e pelas tardes maravilhosas em casa, estudando e trocando experiências.

À Luisa, braço direito da casa, amiga e sempre pronta a ajudar. Seu suporte é fundamental.

A minha mãe, pai e irmãs, pelas orações poderosíssimas, que me fazem sempre confiar e avançar, agradecendo a Deus.

Aos amigos e colegas de doutorado, Renata, Mariana, Luiz Ademir, Carlos e Virgínia. A alegria em compartilhar.

À amiga Grace, pelas trocas de *emails* quase diários para contar da vida.

Aos professores Emília Mendes, Wander Emediato e Helcira Lima, por sua presença constante no Poslin, suas aulas, dicas e incentivo.

À UFMG, pela oportunidade e, ao Poslin, pela riqueza de professores, debates e conhecimentos proporcionados nessa convivência.

E meu agradecimento muito especial à professora Ida Lucia Machado. Conhecê-la foi uma das alegrias marcantes de minha vida. Aprendi com suas aulas o quanto pode ser leve, alegre, delicado e prazeroso o ofício de ensinar. Sua generosidade, seu olhar inteligente e rápido dão ao orientando uma ávida vontade de ser pesquisador. A professora Ida Lucia trata todos os alunos com consideração e afeto, interesse e vivacidade. Para cada um, ela tem uma palavra atenciosa, com rigor científico, depositando muita confiança no alunado. Muito obrigada, Ida!

Um jornal é tão bonito

Tudo escrito, tudo dito
Tudo num fotolito
É tão bonito um jornal
Vigilantes do momento
Senhores do bom jargão
Façam já soprar o vento
Seja em qualquer direção
Que o jornal é a matéria
E o espírito do mundo
Coisa fútil, coisa séria
Todo escrever vagabundo

Um jornal é tão diverso
Um jornal é tão diverso
Tudo impresso, tudo expresso
Tudo pelo sucesso
É tão diverso um jornal

Não importa a má notícia
Mas vale a boa versão
Na nota um toque de astúcia
E faça-se a opinião
De outra feita, quando seja
Desejo editorial
Faça-se sujo o que é limpo
Troque-se o bem pelo mal

Um jornal é tanta gente
Um jornal é tanta gente
Tudo frio, tudo quente
Tudo preso à corrente
É tanta gente um jornal

Um que dita, um que escreve
Um que confessa, um que mente
Um que manda, um que obedece
Um que calcula, um que sente
Um que recebe propina
Um que continua honesto
Um que puxa-saco dos fortes
Um que mantém seu protesto
Um que trafica influência
Um que tem opinião
Um jornalista de fato
Um rato de redação

Um jornal é igual ao mundo
Um jornal é igual ao mundo
Tudo certo, tudo incerto
Tudo tão longe e perto
É igual ao mundo um jornal

O jornal - Gilberto Gil

RESUMO

Nesta pesquisa, buscamos comparar a primeira página de dois jornais de referência, a *Folha de S. Paulo* e o *Le Monde*, apoiando-nos na metodologia oferecida pela Semiologia, de Patrick Charaudeau. Assim, julgamos necessário apresentar os aspectos gerais da teoria, ou seja, o contrato e as estratégias de comunicação, passando pela questão do gênero. Além disso, tratamos também da comunicação e da história (em geral) do jornalismo impresso. A primeira página de um jornal, *L'UNE*, é uma vitrine do conteúdo que o jornal oferece em suas páginas internas. A primeira página precisa mostrar ao leitor de forma clara qual o contrato e quais as estratégias de comunicação que estão sendo estabelecidos pelo veículo noticioso. Nesse sentido, ao propor este trabalho comparativo, buscamos as semelhanças e diferenças entre as publicações comparadas, além das características mais relevantes na construção da primeira página de um jornal atualmente. No âmbito do contrato de comunicação, analisamos: a identidade dos parceiros da troca linguageira, ou seja, o jornal e seus leitores; a finalidade das trocas comunicativas e os modos de organização do discurso, especialmente o enunciativo e o argumentativo; a tematização e o propósito da primeira página dos jornais; as estratégias de legitimidade, credibilidade e captação empregadas nas primeiras páginas da *Folha de S. Paulo* e do *Le Monde*. O *corpus* desta pesquisa é composto pelas edições publicadas em fevereiro de 2009. Analisamos 15 edições consecutivas de cada veículo. Tanto a *Folha* quanto o *Le Monde* buscam captar mais leitores e a primeira página é o lugar privilegiado para esta conquista. Cores e publicidades são um dos traços comuns entre os dois, mas a distância aumenta à medida que observamos de mais perto esses dois projetos editoriais tão distintos. Finalmente, acreditamos ser possível conhecer aspectos explícitos e implícitos dos jornais, tomando como ponto de observação o que agora consideramos como sua principal marca: a primeira página.

Palavras-chave: Semiologia. Primeira página. Análise do discurso jornalístico. *Folha de S. Paulo*. *Le Monde*.

RÉSUMÉ

Dans cette recherche nous avons essayé de comparer la *UNE* de deux grands journaux, l'un brésilien, l'autre français, soit, *a Folha de S. Paulo* et *Le Monde*, en puisant dans des concepts issus de la Sémiolinguistique, de Patrick Charaudeau. Nous nous sommes ainsi dédiées à présenter cette théorie dans ce travail, en emphasiant les notions de contrat et des stratégies de communication et en survolant également la question du genre dans un contrat communicatif. Nous n'avons pas oublié non plus d'approcher le phénomène communicatif (comme un tout) et de raconter, tant soit peu, l'histoire du journal imprimé. La première page d'un journal où son *UNE* fonctionne à notre avis comme une sorte de vitrine où l'on expose le contenu offert par le journal (ce qui est dans ses autres pages ou à son intérieur). La *UNE* doit montrer au lecteur, de façon claire et précise, quel est le contrat et quelles sont les stratégies de communication qui s'établissent par le moyen de ce véhicule informatif. Ainsi, dans la comparaison proposée nous avons cherché des ressemblances et des différences entre les *UNES* du journal brésilien et celles du journal français déjà mentionnés; nous avons également cherché les caractéristiques les plus remarquables présentes dans la construction de chacune des ces premières pages. En ce qui concerne le contrat de communication, nous avons analysé l'identité des partenaires de l'échange langagier, c'est-à-dire, le journal et ses lecteurs; la finalité des échanges communicatives et les modes d'organisation du discours, plus particulièrement l'énonciation et l'argumentatif; la thématisation et les propos des premières pages des journaux cités; les stratégies de légitimation, crédibilité et captation y utilisées. Notre *corpus* a été recueilli le mois de février 2009 et nous avons analysé quinze (15) éditions consécutives de chaque journal. *Folha* et *Le Monde* ce sont des journaux qui ont réussi à avoir de nombreux lecteurs et nous pensons que leur *UNE* respective peut être considérée comme un lieu privilégié pour la captation de ces regards. Si les couleurs et les publicités nous ont semblé des traits communs entre les deux *UNES*, au fur et à mesure que l'on observait de plus près les deux projets éditoriaux on s'apercevait que la distance entre les deux premières pages était de taille: chacun de ces projets était en fin de compte, bien différent de l'autre. A la fin de cette recherche, nous pensons qu'il est

possible de reconnaître des aspects explicites et implicites des journaux examinés (et de bien d'autres) en prenant comme point d'appui ce que nous considérons maintenant comme une sorte de *griffe* du journal: la *UNE*.

Mots-clés: Sémiolinguistique. La *UNE*. Analyse du discours journalistique. *Folha de S. Paulo*. *Le Monde*.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Contrato de Comunicação do Jornalismo	54
FIGURA 2 - Gêneros jornalísticos	86
FIGURA 3 - Contrato de comunicação de Patrick Charaudeau aplicado à primeira página do nosso <i>corpus</i>	101
FIGURA 4 - Cabeçalho do jornal <i>Folha de S. Paulo</i>	103
FIGURA 5 - Primeira página da <i>Folha de S. Paulo</i>	105
FIGURA 6 - Chamadas de esporte	106
FIGURA 7 - Manchete do alto da primeira página.....	106
FIGURA 8 - Primeira página da <i>Folha de S. Paulo</i>	107
FIGURA 9 - Chamada com indicação de página interna da <i>Folha de S. Paulo</i> ...	108
FIGURA 10 - Chamada para o suplemento <i>Vitrine</i>	108
FIGURA 11 - Foto de esporte com alta qualidade.....	110
FIGURA 12 - Publicidade com foto	110
FIGURA 13 - Primeira página do <i>Le Monde</i>	112
FIGURA 14 - Nome no cabeçalho.....	113
FIGURA 15 - Chamada com indicação de página interna do <i>Le Monde</i>	113
FIGURA 16 - Manchetes do alto da primeira página do <i>Le Monde</i>	114
FIGURA 17 - Primeira página do <i>Le Monde</i>	115
FIGURA 18 - Segunda parte horizontal da primeira página do <i>Le Monde</i>	116
FIGURA 19 - Parte inferior da primeira página do <i>Le Monde</i>	117
FIGURA 20 - Primeira página da <i>Folha de S. Paulo</i>	118
FIGURA 21 - Primeira página do <i>Le Monde</i>	118
FIGURA 22 - Foto manchete incêndio na floresta.....	120
FIGURA 23 - Chamada com foto acidente aéreo.....	121
FIGURA 24 - Foto e ilustração editoria de ciência	122
FIGURA 25 - Foto manchete guerra urbana	123
FIGURA 26 - Foto manchete liberdade vigiada.....	123
FIGURA 27 - Foto manchete policial e crianças.....	124
FIGURA 28 - Chamadas de esporte da segunda-feira.....	125
FIGURA 29 - Chamada para o caderno <i>Ilustrada</i>	125

FIGURA 30 - Chamada para o caderno <i>Cotidiano</i>	126
FIGURA 31 - Foto manchete do Fórum Social Mundial	127
FIGURA 32 - Foto manchete dos presidentes do Congresso	127
FIGURA 33 - Foto manchete da crise nos EUA	128
FIGURA 34 - Foto e chamadas sobre o desemprego	130
FIGURA 35 - Foto e chamada sobre o emprego de jovens engenheiros.....	130
FIGURA 36 - Foto chamada do vencedor dos jogos de inverno	133
FIGURA 37 - Ilustração chamada de Darwin	134
FIGURA 38 - Foto chamada para a editoria <i>Sciences</i>	134
FIGURA 39 - Ilustração chamada da questão dos Direitos Civis	135
FIGURA 40 - Foto chamada sobre Lille	135
FIGURA 41 - Foto chamada do navio Clemenceau	137
FIGURA 42 - Charge, disputa política	138
FIGURA 43 - Foto chamada da Barbie	139
FIGURA 44 - Foto chamada de Java	140
FIGURA 45 - Foto chamada do político Besancenot.....	141
FIGURA 46 - Foto chamada do político Bertrand.....	142
FIGURA 47 - Foto chamada do esportista Thurau	142
FIGURA 48 - Foto chamada da italiana	145
FIGURA 49 - Chamada indicando a página para editorial	146
FIGURA 50 - Chamada com resultado de futebol	152
FIGURA 51 - Chamada prestação de serviço sobre o fim do horário de verão....	152
FIGURA 52 - Chamada prestação de serviço sobre o clima	152
FIGURA 53 - Primeira página da <i>Folha de S. Paulo</i>	156
FIGURA 54 - Foto chamada, jogos de inverno.....	158
FIGURA 55 - Charge, amigos políticos	159
FIGURA 56 - Chamada informativa do <i>Le Monde</i>	160
FIGURA 57 - Foto chamada, lançamento de filme.....	160
FIGURA 58 - Ilustração chamada para caderno <i>Argent</i>	161
FIGURA 59 - Chamada opinativa do <i>Le Monde</i>	162
FIGURA 60 - Chamada interpretativa do <i>Le Monde</i>	162
FIGURA 61 - Primeira página do <i>Le Monde</i>	163
FIGURA 62 - Foto chamada, esportista usa drogas.....	169
FIGURA 63 - Foto chamada, acidente aéreo	169

FIGURA 64 - Chamada com gráfico e dados oficiais	170
FIGURA 65 - Fotos chamadas no cabeçalho do <i>Le Monde</i>	173
FIGURA 66 - Fotos chamadas no cabeçalho do <i>Le Monde</i>	173
FIGURA 67 - Chamada com ilustração, saúde	176
FIGURA 68 - Chamada, enquete política	176
FIGURA 69 - Chamada com ilustração para o caderno de Ciência	178
FIGURA 70 - Foto informativa da <i>Folha de S. Paulo</i>	179
FIGURA 71 - Foto ilustrativa de desempregados.....	180
FIGURA 72 - Anúncio promocional	181
FIGURA 73 - Anúncio promocional	181
FIGURA 74 - Publicidade da <i>Folha de S. Paulo</i>	181
FIGURA 75 - Publicidade da <i>Folha de S. Paulo</i>	182
FIGURA 76 - Publicidade da <i>Folha de S. Paulo</i>	182
FIGURA 77 - Primeira página da <i>Folha de S. Paulo</i>	183
FIGURA 78 - Foto identificando personagem da chamada.....	186
FIGURA 79 - Chamada com ilustração, dossiê sobre economia	186
FIGURA 80 - Charge, briga entre políticos.....	187
FIGURA 81 - Charge, Sarkozy	187
FIGURA 82 - Chamadas para o dia seguinte, primeira página do <i>Le Monde</i>	188
FIGURA 83 - Chamada promocional do <i>Le Monde</i>	188
FIGURA 84 - Chamada promocional do <i>Le Monde</i>	188
FIGURA 85 - Chamada publicitária do <i>Le Monde</i>	189
FIGURA 86 - Chamada publicitária do <i>Le Monde</i>	189
FIGURA 87 - Chamada publicitária do <i>Le Monde</i>	190
FIGURA 88 - Chamada publicitária do <i>Le Monde</i>	190
FIGURA 89 - Primeira página do <i>Le Monde</i>	191
FIGURA 90 - Chamada assinada da <i>Folha de S. Paulo</i>	196
FIGURA 91 - Chamada assinada da <i>Folha de S. Paulo</i>	196
FIGURA 92 - Chamada assinada da <i>Folha de S. Paulo</i>	196
FIGURA 93 - Chamada de Acontecimento Provocado da <i>Folha de S. Paulo</i>	198
FIGURA 94 - Foto chamada, crise na educação.....	202
FIGURA 95 - Chamada assinada do <i>Le Monde</i>	207
FIGURA 96 - Chamada para <i>Acontecimento Provocado</i> do <i>Le Monde</i>	210
FIGURA 97 - Chamada para dossiê sobre as liberdades civis.....	210

FIGURA 98 - Chamada sobre debate cultural.....	211
FIGURA 99 - Foto chamada para novidades em Lille	214
FIGURA 100 - ilustração chamada para meio ambiente	217
FIGURA 101 - Foto chamada dos participantes do Fórum Social Mundial	223
FIGURA 102 - Foto chamada do desemprego	226
FIGURA 103 - Foto chamada do desemprego na China.....	228
FIGURA 104 - Foto chamada de funcionários de montadora	230
FIGURA 105 - Foto chamada da eleição em Israel.....	233
FIGURA 106 - Foto chamada de ex-refém das Farc.....	236
FIGURA 107 - Foto chamada do Irã.....	238
FIGURA 108 - Foto chamada de Khomeyni.....	248
FIGURA 109 - Chamada para a onda contra estrangeiros na Grã-Bretanha.....	253
FIGURA 110 - Foto chamada do fundador do novo partido de esquerda	261
FIGURA 111 - Foto chamada para programação de cinema	262
FIGURA 112 - Chamada para crítica televisiva.....	262

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Temas dos editoriais da <i>Folha de S. Paulo</i>	131
GRÁFICO 2 - Gêneros informativos da <i>Folha de S. Paulo</i>	155
GRÁFICO 3 - Gêneros informativos do <i>Le Monde</i>	161
GRÁFICO 4 - Número de chamadas na primeira página da <i>Folha de S. Paulo</i> ...	195
GRÁFICO 5 - Número de chamadas na primeira página do <i>Le Monde</i>	206
GRÁFICO 6 - Temas e número de chamadas na primeira página da <i>Folha de S. Paulo</i>	221
GRÁFICO 7 - Número de chamadas por tema no <i>Le Monde</i>	243

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Percurso metodológico.....	24
QUADRO 2 - Temas principais da primeira página da <i>Folha de S. Paulo</i>	119
QUADRO 3 - Temas principais da primeira página do <i>Le Monde</i>	132

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 HISTÓRIA DO JORNAL, DA FOLHA DE S. PAULO E DO LE MONDE	26
1.1 História do jornal e da primeira página no Ocidente.....	27
1.2 Breve história do jornal no Brasil.....	36
1.3 História do jornal <i>Folha de S. Paulo</i>	38
1.4 Breve história do jornal na França.....	39
1.5 História do jornal <i>Le Monde</i>	41
2 A COMUNICAÇÃO E A SEMIOLINGUÍSTICA.....	45
2.1 A comunicação e as noções de contrato e estratégias na semiolinguística ...	45
2.2 Contrato de comunicação: identidade, finalidade, tematização e dispositivo .	50
2.2.1 A identidade dos parceiros	51
2.2.2 A finalidade das trocas comunicativas.....	58
2.2.3 O propósito da troca comunicativa	74
2.2.4 Os gêneros em um contrato de comunicação	80
2.2.4.1 Os gêneros jornalísticos	84
2.2.5 O dispositivo numa troca comunicativa	87
2.3 Estratégias de comunicação: legitimidade, credibilidade e captação.....	92
3 IDENTIDADE, TEMATIZAÇÃO E PROPÓSITO DA PRIMEIRA PÁGINA DOS JORNAIS FOLHA DE S. PAULO E LE MONDE	100
3.1 Identidade dos parceiros de troca da primeira página dos jornais <i>Folha de S. Paulo e Le Monde</i>	100
3.1.1 Os sujeitos envolvidos no contrato de comunicação da <i>Folha de S. Paulo</i>	102
3.1.2 Os sujeitos envolvidos no contrato de comunicação do <i>Le Monde</i>	111
3.2 A tematização e o propósito das trocas comunicativas.....	118
3.2.1 A tematização e o propósito da <i>Folha de S. Paulo</i>	119
3.2.2 A tematização e o propósito do <i>Le Monde</i>	132
4 AS FINALIDADES DAS TROCAS COMUNICATIVAS.....	151
4.1 Finalidade das trocas comunicativas da <i>Folha de S. Paulo</i>	151
4.2 Finalidade das trocas comunicativas do <i>Le Monde</i>	157

5 ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO: LEGITIMIDADE, CREDIBILIDADE E CAPTAÇÃO	166
5.1 Estratégia de legitimidade da <i>Folha de S. Paulo</i>	167
5.2 Estratégia de legitimidade do <i>Le Monde</i>	167
5.3 Estratégia de credibilidade da <i>Folha de S. Paulo</i>	168
5.4 Estratégias de credibilidade do <i>Le Monde</i>	172
5.5 Estratégias de captação da <i>Folha de S. Paulo</i>	177
5.6 Estratégia de captação do <i>Le Monde</i>	184
6 O MODO DISCURSIVO ENUNCIATIVO	194
6.1 O modo enunciativo da primeira página da <i>Folha de S. Paulo</i>	194
6.2 O modo enunciativo da primeira página do <i>Le Monde</i>	205
7 O MODO DISCURSIVO ARGUMENTATIVO	220
7.1 O modo argumentativo da primeira página da <i>Folha de S. Paulo</i>	221
7.1.1 O modo argumentativo na editoria de economia da <i>Folha de S. Paulo</i>	221
7.1.2 O modo argumentativo na editoria internacional da <i>Folha de S. Paulo</i>	230
7.1.3 O modo argumentativo na editoria política da <i>Folha de S. Paulo</i>	238
7.2 O modo argumentativo da primeira página do <i>Le Monde</i>	243
7.2.1 O modo argumentativo na editoria internacional do <i>Le Monde</i>	244
7.2.2 O modo argumentativo na editoria política do <i>Le Monde</i>	256
7.2.3 O modo argumentativo na editoria de cultura do <i>Le Monde</i>	261
CONSIDERAÇÕES FINAIS	271
REFERÊNCIAS	282
ANEXOS	289
ANEXO A - 15 exemplares da primeira página da <i>Folha de S. Paulo</i>	290
ANEXO B - 13 exemplares da primeira página do <i>Le Monde</i>	305

INTRODUÇÃO

Analisar um discurso é sempre um desafio instigante. O pesquisador faz uma caminhada de retorno a um objeto/ato de comunicação que procura compreender. Ele busca os elementos sociais e linguageiros que constituem um discurso, elementos que, de alguma maneira, contribuíram para sua produção, apresentação e construção de sentidos. Sem essa inflexão, o pesquisador do discurso não pode avançar, ou seja, tentar revelar criticamente as relações estreitas entre as práticas sociais e as práticas discursivas.

Podemos dizer, então, que a tarefa do pesquisador da análise do discurso é ousada: afinal, ele quer entender um discurso constituído pela sociedade, sabendo que esse discurso também a constitui, num processo vivo e ininterrupto. Dito de outra maneira, o analista parte do discurso, mas o seu objetivo último é o de tentar conhecer os fragmentos sociais, psíquicos, situacionais dos sujeitos e da sociedade que estão presentes nesse discurso.

Tomando um discurso que circulou num dado momento, uma edição de jornal, por exemplo, o pesquisador tenta desvendar as circunstâncias mais amplas de sua produção, circulação e recepção, descobrir o lugar dos sujeitos envolvidos nessa troca, suas identidades, seus papéis linguageiros, suas intenções. Além disso, busca compreender as possibilidades oferecidas pelos dispositivos materiais da comunicação, as estratégias discursivas empregadas pelos sujeitos, as escolhas, conscientes ou não, das imagens e das palavras, e os modos de organização discursiva mais utilizados nesse texto.

A Teoria Semiolinguística, desenvolvida por Patrick Charaudeau no final dos anos 70, possibilita ao analista demonstrar, além dos aspectos lexicais de um discurso, as “pistas” da sua relação com os elementos sociais, históricos, antropológicos e psicológicos que o envolvem e o compõem. Para Machado (2007b, p. 105-113), a Semiolinguística oferece três recursos preciosos para quem quer entender as trocas semiolinguísticas: a análise dos sujeitos envolvidos numa enunciação, a análise da situação e do contrato de comunicação e os modos de organização do discurso.

Esses três eixos (o contrato, os sujeitos e os modos de organização do discurso) são uma base consistente e interessante para que o analista construa sua caminhada, observando, ao mesmo tempo, o contexto mais amplo onde o discurso foi produzido e os detalhes de sua materialização linguística e icônica. A partir dessa constatação apoiando-nos nas principais linhas de investigação abertas pela Análise do Discurso (AD), mais precisamente pela Semiologia, e queremos compreender o discurso do jornalismo impresso contemporâneo, nosso objeto de análise.

A Análise do Discurso nos ajuda a entender, em primeiro lugar, que o discurso jornalístico não se encerra nele mesmo. Cada página de jornal traz, impregnada em seu texto, fotos e títulos, uma vasta alegoria social. As múltiplas vozes que ecoam nos jornais os tornam um rico objeto de pesquisa, capaz de revelar as nuances da vida em sociedade, dos grupos que a compõem, dos temas e enfoques relevantes de uma época e de um lugar. Além disso, o discurso jornalístico deixa transparecer a história dessa atividade linguística, seus desafios éticos, profissionais, econômicos e tecnológicos. Melhor dizendo, analisar o discurso jornalístico é tentar entender os discursos e os modos operacionais que o atravessam.

Segundo Charaudeau (2006a, p. 33), se existe um fenômeno humano e social que dependa da linguagem é o fenômeno da informação. Sua análise, recomenda o teórico, não pode ser encarada de um ponto de vista preconcebido, segundo o qual sua principal finalidade seria a manipulação da opinião pública. Embora essa tentativa de manipulação possa existir em certos casos. Em algumas situações, principalmente políticas, a grande imprensa pode ser contra determinados interesses ligados a grupos políticos diversos. Podemos indagar, por exemplo, qual o comportamento da grande imprensa no Brasil durante as eleições de 2010, a favor de um candidato mais alinhado à direita. O mesmo ocorre na França atual, em que o presidente Sarkozy detém o “controle” da imprensa em geral. Diante disso, o pesquisador não pode abrir mão de um rigor e de uma metodologia que lhe permitam descobrir o dito, o não-dito, o explícito e o implícito, os processos de produção, de circulação e recepção das informações midiáticas.

Partindo-se do contrato de comunicação que funda esse discurso, o jornalismo pode ser analisado pelas relações entre os parceiros dessa troca comunicativa, pela finalidade e propósito dela e pelas maneiras como as tecnologias

envolvidas na produção do jornal moldam esse discurso. Além disso, toda comunicação conta com estratégias discursivas para melhor alcançar seus objetivos. Assim, a produção da informação implica, ao mesmo tempo, a construção de relações sociais entre os interlocutores (aquele que informa e aquele que deseja ser informado), bem como a construção de formas para apresentar essas notícias (gêneros mais ou menos estáveis que sustentam uma tipologia da notícia). Sendo assim, as notícias produzidas pelos jornais estão inseridas num contrato de comunicação que faz com que os parceiros dessa troca se reconheçam e reconheçam o produto jornal.

A Análise do Discurso permite compreender o jornal nessa sua dupla dimensão: a primeira, a produção verbal/visual em si de um jornal, sua materialidade, sua forma e seu texto; a segunda, a dimensão situacional que se interliga na produção de um jornal, ou seja, os parceiros dessa troca, o contexto, os aspectos econômicos, culturais, sociais e psicológicos que envolvem toda enunciação. A Análise do Discurso, especialmente a Semiologia, possibilita que o objeto de análise, a enunciação, não seja restrito apenas às marcas textuais, mas também aos aspectos situacional e psicossocial, ligando o sujeito falante, a língua, os interlocutores, o mundo e o próprio dito (MACHADO, 2001a, p. 67).

Na Análise do Discurso, como um todo, o discurso assume um sentido amplo, constituído por alguns elementos mais situacionais e outros, mais discursivos. De acordo com Maingueneau (2006, p. 170-172), quando se fala em discurso, acionam-se algumas ideias-força que sustentam esse conceito: (i) é uma organização transfrástica, quer dizer, um discurso não é um conjunto de frases, mas obedece a regras de organização dadas por uma comunidade; (ii) é orientado, ou seja, tem um propósito, uma finalidade; (iii) é uma forma de ação, pretendendo modificar uma situação original; (iv) é interativo, pressupondo sempre a presença do outro na enunciação; (v) é contextualizado, e esse contexto não é apenas uma moldura, mas faz parte do discurso, que inclusive pode modificar esse contexto; (vi) é assumido, quer dizer, algum sujeito assume a instância de produção, dando referências do seu lugar social, do seu ponto de vista; (vii) é regido por normas sociais mais gerais e por normas específicas de cada ato de linguagem; (viii) é assumido num interdiscurso, quer dizer, ele não existe sem referir-se a outros discursos que o precederam, sem apoiar-se em outros discursos.

Do mesmo modo, a comunicação de massa, instituída enquanto um campo de atividade sócio/econômica possui essas características da comunicação humana. Ou seja, todo discurso midiático traz fragmentos de outros discursos já proferidos, dialoga com eles, apresentando-os de forma explícita ou implícita (MAINGUENEAU, 2006, p. 286).

A Semiologia, enquanto metodologia de Análise do Discurso, propõe, assim, para a análise de qualquer objeto linguageiro, um cuidado com os dados externos (aspectos sociais, históricos, culturais e psicológicos da identidade dos parceiros, das finalidades, dos propósitos e dos dispositivos que baseiam o contrato de comunicação), bem como com os dados internos (o dito, os modos de organização do discurso e as estratégias discursivas) desse ato de comunicação.

Esta metodologia de Análise do Discurso pode nos ajudar a entender um pouco mais o modo de organização do discurso de um jornal de referência brasileiro e de um jornal de referência francês. Ou seja, ajudar a responder questões sobre como esses jornais abordam os temas, quais os discursos implícitos e explícitos, bem como as estratégias utilizadas para conquistar os leitores e aumentar as vendas, diante da crise dos jornais impressos.

Como questões secundárias e não menos importantes, buscaremos entender a história recente do jornalismo e dos jornais em questão. Quais as características comuns, constantes e variáveis do contrato e das estratégias discursivas dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Le Monde* presentes na primeira página de ambos? Quais as identidades dos parceiros dessa troca? Qual a finalidade que os une? Quais temas são tratados nos jornais? Que características o dispositivo da mídia impressa confere ao discurso? Como os modos de organização do discurso enunciativo e argumentativo são construídos em cada jornal? Quais as estratégias de captação, de legitimidade e credibilidade são comuns ou diferentes em cada jornal?

Sabemos que o discurso jornalístico faz parte das mudanças sociais, econômicas e tecnológicas de cada época. Os jornais atualizam-se e incluem novos cadernos (juventude, informática, veículos, meio ambiente); temas contemporâneos também são incorporados, como sexualidade, violência doméstica e urbana, entre outros. Vamos tentar descobrir quais são os temas mais importantes que frequentam as páginas de um jornal de referência e quais as principais diferenças e semelhanças na escolha desses temas entre os dois jornais.

É preciso analisar, ainda, qual o enfoque dado pelo jornal aos assuntos. Assim, investigamos como os dois jornais constroem o modo de expor a notícia, de apresentar os argumentos, o enfoque, o discurso implícito que conduz a cobertura. Enfim, procuramos conhecer quais as escolhas no modo de organização do discurso do jornal *Folha de S. Paulo* e no *Le Monde*. Quais as estratégias discursivas construídas por cada jornal? Em que ângulo, ou problematização, os jornais enquadram os acontecimentos?

O desenvolvimento tecnológico leva o jornal impresso, por exemplo, a comprometer-se cada vez menos com a busca das notícias “quentes” e cada vez mais a contextualizar os fatos para o leitor. Parte-se do pressuposto de que o leitor já tomou conhecimento da notícia pelo rádio, Internet ou TV. Caberia, então, ao jornal impresso, analisar as consequências desse acontecimento na vida do cidadão.

Todas essas questões, a nosso ver, podem ser analisadas na primeira página dos jornais, *la Une*, que é a vitrine, o principal contato do leitor com o conteúdo oferecido. A primeira página consagrou-se no jornalismo impresso como a apresentação das notícias consideradas mais importantes do dia. Há nela um condensamento do jornal, uma amostra representativa, um mosaico daquilo que o jornal contém. Por isso, escolhemos esse *corpus*. Quando se diz: “Saiu na primeira página!”, utiliza-se um argumento de autoridade e de credibilidade.

Nossa hipótese é de que a primeira página, em seu aspecto formal, tem suas restrições e seus dispositivos materiais próprios, que conferem certa regularidade a esse espaço, tornando-o especial. A primeira página deve, assim, respeitar a expectativa dos interlocutores, ou seja, manter um contrato que exige um quadro fixo, em que eles possam se situar, em que as cointencionalidades apareçam. Cada jornal impresso procura apresentar seu estilo, seu traço autoral, que o identifique e dê uma marca à sua primeira página, fazendo o leitor reconhecer, rapidamente, entre tantas ofertas, o jornal que procura. Construir uma primeira página de um jornal é correr o risco diário de ter que apresentar ao leitor novidades e apelos sedutores e, ao mesmo tempo, manter-se com uma identidade sólida que garanta a credibilidade. Ou seja, a primeira página de um jornal traz em si uma condensação do contrato de comunicação, uma essencialização temática.

Além disso, consideramos que cada transformação social, econômica ou

tecnológica reflete-se no jornalismo, de forma direta ou indireta, explícita ou implícita. A análise do discurso jornalístico, segundo Charaudeau (2006a, p. 17), é também uma análise do campo da enunciação, na qual aparecem os vários sentidos, valores, crenças e identidades dos sujeitos envolvidos no discurso.

A materialização da primeira página do jornal impresso - a sua formatação e o seu conteúdo - traz muito das características do contrato jornalístico estabelecido entre seus interlocutores. Para Mouillaud (1997b, p. 101), a primeira página é o espaço privilegiado do jornal, local de exposição e visibilidade, o contato mais imediato dos leitores com o veículo. A partir de uma análise mais descritiva da primeira página, queremos inferir sobre os rumos do discurso jornalístico impresso, sempre em mutação.

Nosso desafio é tentar conhecer o contrato e as estratégias de comunicação de dois jornais impressos de referência, um brasileiro e um francês. De acordo com Emediato (2007, p. 290-309), jornais de referência são aqueles que escolhem os temas para noticiar e problematizam esses assuntos escolhidos sob a perspectiva do leitor cidadão, de uma ética cidadã. A imprensa popular, geralmente, escolhe os temas e os enfoca numa perspectiva simbólica primitiva, apresentando “um real puro”. Um exemplo disso pode ser o tratamento dado a uma notícia sobre um assassinato. No jornal de referência, frequentemente, o assassinato é um problema de segurança pública, enquanto no jornal popular é a morte de alguém em seus detalhes.

Diante disso, escolhemos comparar dois jornais de relativo prestígio social em seus países: a *Folha de S. Paulo*, no Brasil, e o *Le Monde*, na França. Vamos analisar a primeira página, ou *la UNE*, da *Folha de S. Paulo* e do jornal *Le Monde*, para procurarmos evidências do contrato de comunicação e das estratégias discursivas nesse espaço privilegiado do jornalismo impresso. Queremos entender como cada jornal escolhe o que colocar na primeira página, ou seja, como é a essencialização do mundo noticioso. Pretendemos, ainda, tentar entender as singularidades que constituem esses dois jornais de referência.

Com uma análise que mostre cada jornal e os compare, num efeito de contraste interno e externo, tentaremos entender como cada um está construindo seus discursos, sua identidade, captando leitores, enfim, como cada jornal se coloca no mundo e coloca o mundo em suas primeiras páginas.

Como objetivo geral, pretendemos investigar, descrever e apresentar um contraste dos mecanismos discursivos que constituem o contrato e as estratégias de comunicação presentes na primeira página dos jornais impressos citados.

Quanto aos objetivos específicos, buscaremos observar e comparar, na primeira página desses jornais:

- a) os elementos que constituem o contrato de comunicação desses veículos de imprensa: os sujeitos comunicantes, a finalidade, o propósito e os dispositivos de comunicação;
- b) as estratégias discursivas, especialmente as estratégias de captação, legitimidade e credibilidade;
- c) os Modos de Organização do Discurso Enunciativo e Argumentativo;
- d) a apresentação das notícias (os argumentos, a problematização e os discursos implícitos das notícias);
- e) os projetos gráficos da primeira página.

Como *corpus* para esta pesquisa, tomamos 15 exemplares seguidos da primeira página de cada veículo, de 1º a 15 de fevereiro de 2009. Os dias de análise foram os mesmos, para permitir que comparássemos o modo como cada jornal abordou assuntos coincidentes.

Tal *corpus* nos permitiu realizar uma análise contrastiva entre os modos de se fazer jornalismo no Brasil e na França. Pesquisamos a história de cada um, o lugar social que ocupam em seus países, as perspectivas mercadológicas que os espreitam; enfim, comparamos a história e o funcionamento dos jornais. Percebemos como cada jornal estrutura sua apresentação, títulos, rubricas, fotos, etc. e, finalmente, pudemos comparar duas culturas e dois modos distintos de produção jornalística, apresentando as regularidades discursivas de cada jornal e país.

A escolha de um *corpus* midiático nos trouxe este duplo desafio: o de tentar compreender o discurso jornalístico em movimento, transformando-se com os avanços tecnológicos e sociais; e o de tentar compreender como a sociedade constrói, junto com a mídia, um modo próprio de falar de si, que não é nem um discurso sociológico, nem histórico. É um discurso do presente, polifônico e difuso. Essa polifonia de sujeitos, de sentidos e de modos de dizer faz do discurso midiático uma fonte privilegiada para o analista do discurso.

Apresentamos a seguir o nosso percurso metodológico, através de um quadro:

Objetivos	Metodologias
<p>Entender o contrato e as estratégias de comunicação da mídia, de um modo geral e do jornalismo impresso, em particular.</p>	<p>Pesquisa bibliográfica sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"> - as noções e as categorias de análise da Semiologia, especialmente as noções de contrato e estratégias discursivas. - a comunicação midiática. - a história do jornalismo.
<p>Descrever e apresentar um contraste dos mecanismos discursivos, constantes e variáveis, que constituem o contrato e as estratégias de comunicação dos jornais impressos <i>Folha de S. Paulo</i> e <i>Le Monde</i>, presentes na primeira página.</p>	<p>Pesquisa bibliográfica sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"> - a história da <i>Folha de S. Paulo</i>. - a história do <i>Le Monde</i>.
<p>Analisar os sujeitos comunicantes, a finalidade e os dispositivos presentes na primeira página dos jornais.</p>	<p>Descrição e análise dos 15 exemplares seguidos da primeira página do jornal <i>Folha de S. Paulo</i> e <i>Le Monde</i> de 2009.</p>
<p>Analisar as características linguísticas e os Modos de Organização do Discurso Enunciativo e Argumentativo dos dois jornais.</p>	<p>Análise da diagramação, do lugar da publicidade (anúncios, promoções, etc.) da construção da identidade visual de cada jornal.</p>
<p>Analisar as estratégias de credibilidade, legitimidade e captação dos dois jornais.</p>	<p>Comparação dos dois jornais, fazendo-se um contraste do conteúdo e do projeto gráfico.</p>
<p>Observar como os dois jornais constroem o modo de apresentar as notícias (os argumentos, a problematização e os discursos implícitos das notícias).</p>	

QUADRO 1 - Percurso metodológico

Fonte: elaborado pela autora, 2011.

Este trabalho está dividido em sete capítulos, além das considerações finais. No primeiro capítulo, desenvolvemos a história do jornalismo da primeira página, tanto o da *Folha de S. Paulo*, como do jornal *Le Monde*, para que o leitor deste trabalho conheça nosso objeto de pesquisa.

No segundo, discutimos as imbricações conceituais das áreas da

Comunicação e da Semiologia. Essas áreas têm muita afinidade e a comunicação, por sua dinâmica e proximidade com a vida social, é uma fonte de objetos de análise interessante. Para isso, nos apoiamos em autores da Sociologia, da Filosofia, da Comunicação e da Análise do Discurso Semiolinguística.

Ainda nesse capítulo, apresentamos noções desenvolvidas pela Semiologia, de Patrick Charaudeau, tais como: identidade, finalidade, modos de organização do discurso, tematização, gêneros, dispositivo e estratégias de legitimidade, credibilidade e captação.

No terceiro capítulo, analisamos a identidade dos parceiros, os temas e o propósito das trocas comunicativas presentes na primeira página dos dois jornais. No capítulo seguinte, o quarto, comparamos as finalidades comunicativas da primeira página da *Folha* e do *Le Monde*. No quinto capítulo, tentamos revelar as estratégias de legitimidade, credibilidade e captação dos jornais brasileiro e francês.

Os dois modos discursivos escolhidos para análise aparecem no capítulo seis, o enunciativo, e no capítulo sete, o argumentativo. Nestes últimos capítulos nos dedicamos a descobrir o lugar de fala de cada jornal e sua maneira de argumentar para convencer o leitor de suas teses.

Nossas conclusões nos levam a acreditar que a Análise do Discurso é um arcabouço teórico e metodológico que nos permite conhecer e comparar diversos discursos, inclusive o jornalístico, área que nos interessa. Os dois jornais de referência apresentam características distintas que revelam o contrato comunicativo e seus aspectos, especialmente o ponto de vista de cada veículo e como ele constrói sua relação com os leitores.

Além disso, a primeira página, mesmo guardando características próprias para a captação do leitor, mostra muito do conteúdo do jornal, de sua linha editorial, de suas coberturas, enfim, traz a essência do contrato de comunicação entre o jornal e seus leitores.

1 HISTÓRIA DO JORNAL, DA *FOLHA DE S. PAULO* E DO *LE MONDE*

Analisar o discurso de um jornal e as implicações de sua presença enquanto instância noticiosa nos ajuda a compreender, em primeiro lugar, os diversos elementos do contrato de comunicação e das estratégias discursivas que possibilitam a existência desse espaço comunicativo na sociedade. Esses elementos são separados para a análise por uma questão didática e metodológica, mas fazem parte de um todo que nos permite reconhecer um jornal em sua forma e conteúdo. Identificar o contrato e as estratégias do discurso jornalístico, mais particularmente da primeira página do jornalismo impresso, pode nos dar uma maior clareza sobre o discurso jornalístico.

Em segundo lugar, a Semiologia pode nos levar à compreensão das características discursivas do jornalismo que, assim como todo discurso, é poroso às mudanças sociais, culturais, políticas, econômicas e tecnológicas da sociedade. O jornalismo ajuda a construir os discursos que circulam no cotidiano, sobre os mais variados assuntos, mas também é moldado por essa mesma sociedade, seguindo os fluxos de opinião e as variações que dela advêm. Assim, o jornal, ao mesmo tempo, constitui e é constituído na sociedade.

O jornal tornou-se uma instância de comunicação cotidiana de referência na sociedade contemporânea, ou seja, faz parte das conversas, é citado como fonte de conhecimento, participa do jogo político, se constitui como espaço de denúncia, de entretenimento, de informação sobre os serviços públicos. Um espaço comunicativo importante como esse é objeto de pesquisa nas mais diversas áreas, especialmente na Análise do Discurso e na Comunicação.

Vamos aqui conhecer um pouco da história do jornalismo e suas principais articulações enquanto espaço de comunicação na sociedade. Precisamos dessa abordagem histórica por duas razões. A primeira, de cunho mais metodológico, tenta fazer aquilo que Charaudeau chama de “contexto social” do discurso. Existem aspectos externos, situacionais ao ato de comunicação que estão presentes no discurso de forma indireta e que se configuram como importantes na Análise do Discurso. O segundo aspecto, muito importante também para aqueles que pretendem analisar objetos da comunicação de massa, é que esse panorama histórico coloca o

jornalismo numa perspectiva mais relacional. Os jornais são vistos como parte de um processo e não como elementos externos ao mundo, manipuladores absolutos e poderosos. À medida que a sociedade muda, os jornais também mudam e se inserem na lógica própria que as relações sociais vão permitindo.

O jornal, tal qual o conhecemos, começou a circular no séc. XVI e já passou por várias transformações na forma e no conteúdo. A cada mudança social importante, o jornal assume um novo padrão para integrar-se ao contexto em que se apresenta. A percepção dessas transformações e do quanto o jornal tenta se adaptar aos novos contratos de comunicação pode revelar épocas e situações sociais específicas. A cada época histórica, o jornal se apresenta com outros modos de organização do discurso, outras finalidades, propósitos, estratégias de credibilidade, captação, formato.

Neste capítulo, começamos com a história geral da imprensa e passamos a contar a história dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Le Monde*, fazendo um caminho do mais geral para o mais específico. Nossas fontes são livros de historiadores e artigos de pesquisadores em Comunicação.

1.1 História do jornal e da primeira página no Ocidente

O surgimento do jornalismo, no Ocidente, pode ser datado desde a Antiguidade Clássica, dependendo do ponto de vista da análise. Afinal, a circulação de informações de interesse público acontecia já naquele período. Mas o jornalismo, enquanto atividade organizada, tal qual o conhecemos hoje, começa mesmo na Idade Moderna, na Europa, quando o poder político ainda estava nas mãos dos reis, o feudalismo declinava e o capitalismo surgia como uma nova ordem econômica.

Nessa época, a circulação das informações dependia da vontade real. Apenas pessoas autorizadas, geralmente ligadas à Igreja e à nobreza, podiam dispor das informações importantes sobre a política, a economia, as artes, a ciência. Nesse período, os poucos jornais circulavam com notícias sobre decretos reais, condecorações de senhores feudais, proibições, entre outros assuntos.

No entanto, esse modelo político/comunicacional centralizado contrariava os

interesses de uma nova classe econômica em ascensão: os burgueses. A eles interessava minar o poder político da nobreza e criar um regime que atendesse às trocas econômicas, em primeiro lugar, e também à livre circulação de informações. Para os burgueses era primordial a existência de uma esfera pública, para que as informações e os debates sobre política, economia, artes, literatura, ciências pudessem contar com a participação deles, que estavam alijados do poder político no Antigo Regime francês.

Mesmo antes da Revolução Francesa, marco da queda do Antigo Regime, os burgueses começaram a construir o que Habermas (1984, p. 42-74) chama de esfera pública burguesa. Esse espaço de debates, de comunicação livre, dava-se nos cafés, nos salões de literatura, nas trocas de cartas entre as associações comerciais.

A esfera pública burguesa, nos termos habermasianos, cria um novo lugar na sociedade para que as informações circulem mais livremente: a esfera pública literária, que inclui os clubes de literatura e a imprensa (em obras mais recentes, Habermas reconhece que a esfera pública é composta, desde seu início, por mais elementos, como os movimentos sociais, por exemplo). Aqui, destacaremos a imprensa como ponto importante da nova esfera pública. A imprensa não se dedicará mais a publicar as ordens do rei, mas tratará de divulgar assuntos de interesse mais amplo, como a economia e as datas das feiras de negócios, as ideias de democracia, a crítica literária e os conhecimentos científicos.

Essa esfera pública descentralizada e anônima, alimentada com a presença de panfletos e jornais opinativos, permitia a troca de informações e a construção da opinião pública sobre os acontecimentos políticos e econômicos. Na passagem do feudalismo para as economias capitalistas e do absolutismo para as democracias iniciais, o jornalismo foi um espaço para onde convergiram as opiniões que queriam aparecer, engrossar os debates, constituir-se como parte da construção da opinião pública que desembocaria, mais tarde, em decisão política importante.

Além da força política e econômica dos burgueses, outros fatores contribuíram enormemente para o florescimento do jornalismo: a criação da imprensa, por Johannes Gutenberg, em 1450, que possibilitou a impressão em série de livros, panfletos e jornais; a urbanização, que impeliu as pessoas a quererem saber o que se passava na cidade em que viviam, o que só era possível pelos jornais; e a alfabetização, processo que interessava aos protestantes e aos

capitalistas em ascensão.

Dessa maneira, podemos dizer que o jornalismo impresso contribuiu enormemente para a mudança do sistema político e econômico que se deu no século XVIII. Nessa época, os jornais eram opinativos e partidários, pois representavam os grupos sociais muito claramente. Mesmo com o aperfeiçoamento das democracias na Europa e EUA, os jornais mantiveram-se, até quase a segunda metade do século XX, essencialmente opinativos. Os recursos para a produção das notícias eram provenientes de contribuições daqueles que comungavam os mesmos ideais ou de apoio governamental.

Só recentemente, depois da Segunda Guerra Mundial, o jornalismo tornou-se uma atividade mais independente de patrocinadores idealistas e buscou uma abrangência de massa, vendendo seus exemplares a um maior número de pessoas. Essa decisão de tornar o jornalismo uma atividade industrial e de lucro trouxe algumas consequências:

- a) O texto torna-se mais informativo e menos opinativo. Aparecem os manuais de redação com as técnicas próprias do texto jornalístico. Uma dessas técnicas é a chamada pirâmide invertida, segundo a qual, o texto deve apresentar as informações principais no primeiro parágrafo. Desenvolve-se o *lead*, técnica americana da segunda metade do século XX, que lembra os jornalistas de responderem às seguintes perguntas ao leitor: “Quem?” “Fez o quê?” “Onde?” “Quando?” “Por quê?” “Com quais consequências?”
- b) A atividade jornalística procura apresentar-se como um ofício o mais neutro possível ou, pelo menos, as tomadas de posições devem basear-se em fatos. A profissão aparentemente assume um status de imparcialidade e investigação de fatos. Há uma crescente regulamentação na profissão, inclusive com a obrigatoriedade do diploma, em alguns países.
- c) Buscam-se anunciantes de vários setores, obrigando o jornal a articular as editorias, de forma profissional, a uma carteira de anunciantes. Assim, por exemplo, a editoria de turismo tem seus anunciantes, a editoria de esportes tem outros. Em datas especiais, o jornal também faz matérias para agregar anunciantes, como Natal, Dia das Mães, Dia dos Namorados e assim por diante.
- d) A necessidade de ampliação e manutenção do número e do perfil de leitores, obrigando os veículos de informação a conhecer melhor seu público receptor,

por meio de pesquisas mercadológicas. O jornal, seguindo uma tendência cada vez maior de segmentação do público, cria vários cadernos dedicados a públicos ou temas específicos (infantil, adolescente, saúde, esporte, moda, decoração, educação, informática). Além disso, as promoções se multiplicam na tentativa de manter os leitores.

O jornalismo depende muito das tecnologias para transformar-se, mas não apenas delas. O jornalismo está ligado diretamente ao desenvolvimento de outros campos, como a política, por exemplo. Com o avanço das democracias, pressupõe-se a participação de mais cidadãos nas decisões. Então, as informações, em princípio, devem circular livremente para que os cidadãos possam, a partir dos dados de que dispõem, debater, opinar, decidir. As decisões individuais e de grupos (políticos, sociais, culturais, econômicos) apoiam-se, muitas vezes, nas informações que circulam na mídia, ou seja, nos jornais impressos, na TV, no rádio, na Internet.

Nas democracias de massa, que contam com um número grande de participantes e de assuntos no processo de decisão política, a Instância Midiática (o jornalismo inclusive) torna-se muito importante para mediar as relações entre as outras instâncias, especialmente a política (RODRIGUES, 1990, p. 152-160). Desse modo, o jornalismo passa a ser um elemento central na constituição dessa nova sociedade capitalista, democrática, na qual a informação tem valor econômico e político. Muitas vezes, segundo Charaudeau (2006b, p. 280-297), o contato entre a Instância Política e a Instância Cidadã dá-se apenas pela Instância Midiática. Alguns autores concordam ser esta a maior característica da mídia hoje: ela funciona como um espaço de passagem das questões sociais, de comunicação entre uma instância e outra.

Numa sociedade fragmentada, plural e de massa, é quase impossível as pessoas saberem sobre o que se passa à sua volta, a não ser que o acontecimento se dê no âmbito íntimo e privado. No entanto, para que um campo saiba do outro e para que a sociedade saiba o que se passa nos diversos campos, é necessário um campo central de visibilidade, o campo midiático (RODRIGUES, 1990, p. 152-160). Todos os campos são convocados a enviarem suas questões e debates à mídia, para obterem apoio da opinião pública ou simplesmente conferirem valor simbólico às suas atividades. Para aparecer para um público amplo, as questões e os grupos precisam estar na mídia. A informação midiática constitui-se, assim, num primeiro momento, como instrumento privilegiado de visibilidade social, lembra Charaudeau (1994, p. 18-19).

Por outro lado, o campo midiático não é um campo neutro. Nesse sentido, Bourdieu (1989, p. 59-73) explica que a sociedade contemporânea é constituída de campos sociais e que cada campo tem seu próprio modo de funcionamento. Assim, o campo político tem um ritual e uma rotina, o campo escolar, uma outra e assim sucessivamente. O jornalismo tem regras de funcionamento que estabelecem quais e como os eventos vão aparecer.

Charaudeau esclarece que a mídia não é um espelho do real:

Se são um espelho, as mídias não são mais do que um espelho deformante, ou mais ainda, são vários espelhos deformantes ao mesmo tempo, daqueles que se encontram nos parques de diversão e que, mesmo deformando, mostram, cada um à sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo. (CHARAUDEAU, 2006a, p. 20).

Além disso, o autor explica que o dispositivo midiático reelabora o acontecimento bruto num espaço de transformação, no qual está inserida a instância midiática, até que esse acontecimento se apresente como uma notícia.

Assim, o jornalismo faz parte do processo de construção social dos saberes, das crenças, mas não determina essas crenças e esses saberes. O jornalismo traz, mesclados em suas páginas, os discursos mais ou menos conhecidos na sociedade, compartilhando o que Charaudeau (2002, p. 12) chama de “competência semântica”. Podemos dizer que, ao lermos um jornal, temos representado ali um mosaico da sociedade, mas um mosaico incompleto, cheio de buracos e alguns exageros. Essa falta e essa sobra de eventos se dão na medida em que os jornalistas, apoiados pela sociedade e de acordo com a dinâmica social, escolhem alguns acontecimentos para noticiar e deixam outros de fora.

O que torna um acontecimento noticiável não são as qualidades do acontecimento apenas, mas um conjunto de atributos técnicos, próprios do meio jornalístico, e de “olhares sociais” que tornam o fenômeno importante. A escolha do que é noticiável muda, inclusive, de uma época para outra. Aquilo que era digno de ser noticiado se torna insignificante, décadas depois, para a sociedade e para a cultura jornalística.

Por meio de estudos etnográficos compreende-se que o fazer jornalístico é uma forma de representar apenas alguns acontecimentos, escolhidos pela comunidade jornalística. Ou seja, o jornalismo seria mais uma forma, dentre tantas, de recontar, reconfigurar, de montar uma apresentação a partir de fragmentos

considerados importantes para serem estampados nas páginas dos jornais. Essas escolhas do que noticiar mostram que há uma prévia demarcação daquilo que se considera informação, notícia. Segundo Mouillaud, acontecimento e informação não são autônomos. Um tem a sombra do outro, um se desdobra no outro. “A informação, mantida discretamente atrás do acontecimento, permanece nele presente como uma filigrana” (MOUILLAUD, 1997c, p. 56).

Além da escolha dos acontecimentos, os jornais fazem um enquadramento, que é a possibilidade de se retirar um aspecto da experiência e transformá-lo num acontecimento transportável, que possa atender às redes de informação jornalísticas. O enquadramento delimita parte da experiência em um tempo e em um espaço, e assim pode servir para ser comentado, discutido e avaliado socialmente. Há uma relação entre a produção e a recepção na imprensa, estabelecida, especialmente, segundo Emediato, pela tematização e problematização que devem atender à perspectiva do leitor cidadão:

[...] uma produção jornalística movida por um imaginário segundo o qual a realidade social, em grande parte oculta, deve ser revelada ao público para servir ao ideal da democracia, e, de outro, uma instância de recepção vista como um leitorado figurado, como *instância cidadã* para a qual toda informação concernente ao espaço público é pertinente e vital para a ação cidadã. (EMEDIATO, 2007, p. 292).

Como sabemos, o jornalismo possui uma organização empresarial, com um corpo de profissionais especializados que têm códigos e regras de construção dos acontecimentos e critérios próprios de gerenciamento das notícias. Mesmo com estratégias de funcionamento que podem deixar a desejar para a constituição de um debate crítico racional, ideal para a democracia, o jornalismo tem oferecido uma oportunidade concreta de circulação de sentidos, de tematizações de questões vindas da sociedade.

Dessa forma, o *discurso jornalístico* é produzido com base no concurso e do efeito daquilo que lhe *ofertam* outros códigos, isto é, outras vozes e múltiplas *polifonias* provenientes de outros campos culturais ou que deles são tomadas por *empréstimo*: vozes *deontológicas* - que dão conta de um certo fazer discursivo; as vozes *da divisão social do trabalho* inerente ao jornalismo; as vozes *da pedagogia* - cada vez mais o *discurso jornalístico* se insinua como uma espécie de *saber explicativo* dos processos sociais. Também não podemos deixar de lado as vozes *internas* do próprio *discurso jornalístico*. São as técnicas que mobilizam as regras de vários campos: convenções audiovisuais, vocabulário, normas gramaticais, procedimentos profissionais, estilo, entre outros, para a produção das notícias. (VIZEU, 2007, p. 5).

Configura-se, assim, uma circularidade de sentidos e uma integração que torna jornalismo e sociedade constituintes e constituídos no processo de construção da cidadania.

Emediato (2008, p. 74) ressalta que o poder da mídia não é unilateral. Existe uma relação de poder entre a instância de produção jornalística e a instância de recepção das notícias, mas numa relação de troca social, de coenunciação dos emissores e receptores das notícias.

O jornal é apenas um operador entre um conjunto de operadores sócio-simbólicos, sendo, aparentemente, apenas o último: porque o sentido que leva aos leitores, estes, por sua vez, remanejam-no a partir do seu próprio campo mental e recolocam-no em circulação no ambiente cultural. (MOUILLAUD, 1997c, p. 51).

Para Emediato (2008, p. 74), o jornalismo tem o poder de escolher os temas que vão aparecer na cena pública, no espaço público de visibilidade. A imprensa tem a autoridade e a legitimidade para enquadrar os temas nas unidades culturais paradigmáticas do discurso (economia, política, cultura, tragédia, internacional).

Mas esse poder de apresentar os acontecimentos é conferido pelo “leitor cidadão”. Os leitores têm a crença de que há um mundo a ser revelado, de que o mundo não é transparente e cabe à instância jornalística descobrir e mostrar o oculto. Assim, o jornalismo atende a essa responsabilidade delegada de informar o cidadão, investido de uma autoridade de investigador do real, utilizando-se de técnicas como a fotografia, a entrevista e a observação. Mas, se a mídia tem o poder de tematização, o mesmo não pode ser dito sobre a problematização.

Ainda segundo Emediato (2008, p. 75), a ética cidadã, ou seja, o ponto de vista do cidadão é que deve orientar o enfoque da notícia. Nesse aspecto, o jornal tem que se colocar no lugar do leitor cidadão e orientar a notícia de modo a corresponder ao ideal de justiça, de igualdade, de ética que permeia a sociedade cidadã. Assim, há uma circularidade entre a produção e a recepção na imprensa, estabelecida, especialmente, pela tematização e problematização das notícias.

Lembramos que as notícias também se comportam como mercadorias de troca, têm valor no mercado capitalista. Assim, as informações alimentam uma rede de trocas econômicas, assegurando investimentos, planos, decisões. Essa mercadoria informacional pode fazer alguém desistir de uma viagem, por causa do

mau tempo, ou desfazer-se de um terreno, diante da notícia de que a região onde se situa o terreno vai abrigar uma fábrica de fogos de artifícios. As informações políticas têm impacto quase imediato nos negócios internacionais, nacionais e locais. Portanto, os leitores, sejam eles privados ou representantes de instituições, buscam as notícias também de forma estratégica, para agirem no mundo. Nesse sentido, tanto a produção quanto a recepção das notícias fazem parte de uma complexa rede de interesses, não só por parte das empresas de comunicação, como também dos leitores. Como diz Emediato (2005, p. 112): “A informação não é somente um alimento para o debate social do cidadão, é um produto ofertado ao seu consumo diário”.

Além disso, é preciso considerar que os jornais circulam dentro de uma lógica de concorrência, ou seja, eles se assemelham, se pautam uns pelos outros, mas ao mesmo tempo desenvolvem uma lógica própria que confere uma identidade a cada veículo.

Hoje nos deparamos com teorias sobre o jornalismo que partem de paradigmas que creditam mais força aos sujeitos da interação. As Ciências Sociais, a Comunicação e a Análise do Discurso levam o analista a discutir o modo como se apresenta o discurso jornalístico, como ele participa da construção social do sentido e como as mudanças tecnológicas transformam essa atividade, que é essencialmente discursiva.

Os jornalistas trabalham em instituições com o objetivo de: procurar e recolher as informações, através de enviados especiais, agências de notícias; elaborar critérios para selecionar, entre muitos acontecimentos, aqueles que serão publicados, atendendo à dupla finalidade de captar e informar; elaborar as informações selecionadas em função dos efeitos visados e da maneira própria do veículo de descrever e recontar os acontecimentos; comentar as informações, produzindo um discurso explicativo, estabelecendo relações de causas e consequências dos acontecimentos; provocar um debate entre os atores sociais envolvidos no acontecimento noticiado; manter-se com uma identidade, enquanto profissional ou empresa jornalística, para conseguir um público fiel num mercado concorrido; enfim, fazer os leitores acreditarem no que leem e apresentar uma problematização do acontecimento que esteja de acordo com a vida do leitor (CHARAUDEAU, 2006a, p. 127-152).

Quanto à primeira página, Freire (2006, p. 576-588) lembra que os primeiros jornais diários, surgidos na Europa, no final do século XVI, eram como livretos, com a primeira página trazendo apenas o nome do jornal, o do impressor e a data da publicação. Tanto os tipógrafos quanto o público estavam habituados ao formato de livros. Os jornais apresentavam apenas uma notícia na primeira página ou uma crônica literária.

Com o tempo e o avanço tecnológico, os jornais começaram a adquirir uma identidade visual diferente e própria. O nome do jornal passou a ter destaque e a periodicidade tornou-se uma característica importante para que o produto fosse reconhecido como um jornal. As notícias passaram a ocupar cada vez mais o lugar da literatura na primeira página. Além disso, ao longo do tempo, o jornal ganhou colunas, títulos e a primeira página, que começou a apresentar as chamadas para os conteúdos internos.

Os recursos visuais no início do período tipográfico eram poucos, e restringiam-se a filetes, variações na tipografia (fontes), a algumas ilustrações e, posteriormente, fotografias de baixa qualidade. O offset propiciou ainda mais agilidade ao jornalismo. Neste período, há um aumento na quantidade de informações, uma melhoria na reprodução de imagens e conseqüente aumento na demanda de fotografias e infográficos. Os textos passam a ser menores e mais objetivos e dividem cada vez mais o espaço com as imagens e demais elementos gráficos. (FREIRE, 2007, p. 580).

Com a chegada da internet, os jornais precisam aproximar-se do leitor com uma nova forma de apresentar as notícias. Módulos, caixas, janelas e infográficos são distribuídos de modo a chamar a atenção do público. Mais notícias, mais fragmentos, com indicações para as páginas *online* do jornal, onde a notícia e a análise são mais completas.

Os jornais impressos querem agradar os diferentes leitores, oferecendo legibilidade e visibilidade capazes de satisfazer as diferentes velocidades e níveis de profundidade de leitura: “O leitor com menos tempo (ou interesse) pode ser minimamente contemplado na sua necessidade por informação lendo os títulos, aberturas, olhos e peças: mais velocidade e leitura superficial” (FREIRE, 2007, p. 586).

A primeira página é a última a ser diagramada no jornal, pois depende da seleção das notícias que o editor irá fazer. É nela que o leitor vai tomar contato com as principais notícias e as chamadas dos cadernos internos.

1.2 Breve história do jornal no Brasil

A história do Brasil é marcada por idas e vindas de períodos ditatoriais e esse fluxo e refluxo das liberdades políticas reflete-se diretamente nas atividades da imprensa. As máquinas de impressão só puderam entrar no Brasil com a chegada da corte portuguesa, em 1808, ou seja, estávamos três séculos atrasados em relação ao Velho Continente no desenvolvimento da imprensa. Os dois primeiros jornais do Brasil colonial eram muito antagônicos. Um apoiava o governo, mas não era bem um jornal e, sim, um diário oficial da corte portuguesa. A *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808 a 1822) foi publicada em território brasileiro, mas noticiava a saúde dos príncipes da Europa. O outro, *Correio Braziliense* (1808-1822), falava dos problemas brasileiros e discutia a política da época, a corrupção, o comércio e outros assuntos. Mas era feito na Inglaterra, pois seu dono, Hipólito José da Costa, estava exilado.

No Brasil imperial, pode-se perceber um pouco mais de liberdade de imprensa, com o surgimento de vários pequenos jornais que lutavam pela independência da Colônia. Além disso, apareceram os jornais com notícias cotidianas, como furtos, assassinatos, diversões, espetáculos, observações meteorológicas, correios, anúncios de venda de escravos, leilões. As publicações mais importantes desse período são: a *Sentinelinha da Resistência* (1823 a 1835), que defendia a independência e era contra a escravatura e os inúmeros pasquins panfletário-partidários, de defesa dos ideais conservadores ou das esquerdas mais progressistas.

Depois da Proclamação da República e com a chegada de equipamentos de impressão mais modernos, a imprensa começou a diversificar-se. As publicações tornaram-se temáticas e tratavam desde as questões da abolição da escravatura, até as reformas das leis, a literatura e outros assuntos.

No século XX, os trabalhadores das cidades estimularam o aparecimento da imprensa operária e de esquerda. Além disso, ocupando um outro ponto no espectro editorial, o jornalismo de revista fez sucesso com *O Cruzeiro*, de 1928 a 1975. A revista fazia um resumo das notícias da semana e apostava nas fotografias para ilustrar e informar. A publicação trazia grandes reportagens sobre

assuntos diversos.

Com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, a imprensa sofreu pressões e censuras. Em 1937, foi instituída oficialmente a censura, por meio do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Por outro lado, os jornais e revistas que apoiavam o presidente, tanto no primeiro mandato, mas mais fortemente no segundo, recebiam apoio financeiro. Os que eram contrários ao governo sofriam a falta de verbas e ocupações policiais. O jornal emblemático de sustentação de Getúlio Vargas foi o *Última Hora*.

Durante o regime militar, a partir do golpe de 1964, e com o desenvolvimento da televisão, o jornalismo impresso foi duplamente afetado: com a censura e com o aparecimento das notícias rápidas e fragmentadas da TV. Mesmo assim, no final da década de 60, as revistas *Realidade* e *Veja* e o jornal *O Pasquim* marcaram a história do jornalismo. Apesar da censura, esses veículos realizaram reportagens memoráveis e eram aguardados ansiosamente pelo público a cada semana. Em 1968, foi instaurado o Ato Institucional 5, que colocava a imprensa sob censura. Os jornais tentavam mostrar como a censura afetava a produção dos conteúdos, mas, de modo geral, tinham que se submeter às imposições do Estado e não noticiar as greves, as torturas, os conflitos estudantis.

Desde 1985, a imprensa brasileira vem conhecendo uma ampla liberdade política, mas enfrentando graves problemas financeiros, o que a coloca muitas vezes refém de anunciantes, sejam eles estatais ou privados. Com o advento das tecnologias de computadores e digitais, o jornalismo tem experimentado a diversificação e explosão de provedores de conteúdos informativos, obrigando a grande imprensa, como a *Folha de S. Paulo*, a reverem suas plataformas tradicionais e a ofertarem mais opções aos leitores, mais cadernos, sites mais completos e serviços *online*. O jornal impresso, que chega às bancas todos os dias, não é mais a única opção de oferta de conteúdos informativos das empresas de notícias.

No Brasil, atualmente, concorrem no mercado nacional impresso de referência, por ordem de vendas diárias, a *Folha de São Paulo*, *O Globo*, o *Estado de S. Paulo* e o *Zero Hora*. Esses jornais alcançam os temas nacionais e superam as expectativas de serem jornais apenas locais.

1.3 História do jornal *Folha de S. Paulo*

Em 19 de fevereiro de 1921, Olival Costa e Pedro Cunha iniciaram a história do jornal *Folha de S. Paulo*, conforme histórico do círculo *Folha*.¹ O diário tinha o nome de *Folha da Noite*. Anos depois, a instituição criou uma edição matutina, a *Folha da Manhã*. No ano de 1931, o jornal foi vendido para Octaviano Alves Lima, cafeicultor, que aumentou a tiragem do jornal de 15 mil para 80 mil exemplares. Em 1945, o controle acionário passou para as mãos de Nabatino Ramos, que pretendia colocar o jornal em defesa da classe média. Em 1949, foi criada a *Folha da Tarde*. Em 1º de janeiro do ano de 1960, os três títulos da instituição foram agregados e surgiu o jornal *Folha de S. Paulo*. O nome *Folha de S. Paulo* trazia ainda o slogan: *Um jornal a serviço do Brasil*. Em 1962, os empresários Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho assumiram o controle acionário da empresa.

No ano de 1971, o jornal deixou a composição de chumbo e adotou o sistema de fotocomposição. Em 1974, todo o periódico passou a ser feito em máquinas de fotocomposição. Com os investimentos feitos em equipamentos, na primeira metade dos anos de 1980, a *Folha de S. Paulo* tornou-se o diário de maior circulação do Brasil.

Durante o regime militar, o jornal *Folha de S. Paulo* manteve-se cauteloso: não provocava e tentava manter-se distante de polêmicas políticas. Somente no governo do general Geisel (1974-1979), o jornal começou a apoiar as campanhas pela abertura política e, mais tarde, pelas eleições diretas para presidente.²

Em 1981, surgiu a ideia da sistematização do projeto editorial e, logo em 1983, já tínhamos a primeira redação informatizada na América do Sul. Em 1983, foi publicado o *Manual da Folha*, que traz uma ideia do jornal e da sua política editorial, sistematizando uma padronização de estilo.

¹ Disponível em: <<http://www1.Folha.uol.com.br/Folha/circulo/historia>>. Acesso em: 16 fev. 2008.

² A *Folha de S. Paulo* recebeu críticas veementes por seu editorial do dia 17/02/2009, em que qualificou a ditadura brasileira de “ditabranda”. Intelectuais de vários setores se manifestaram e alguns chegam a afirmar que a *Folha* apoiou a ditadura militar, inclusive emprestando carros da redação aos agentes da repressão.

No ano de 1992, o empresário Octávio Frias de Oliveira assumiu o controle acionário da empresa, que, logo no início do ano, já se consolidava como o jornal impresso de maior circulação paga aos domingos, com média de 552.215 exemplares. No mesmo ano, de acordo com a página do jornal na Internet, o impresso passou por uma reestruturação gráfica, em que a primeira página começou a circular em cores todos os dias. A partir de 1995, todas as páginas passaram a ser impressas em cores. Hoje, o número de impressões do jornal é em média de 299 mil exemplares em dias úteis e 370 mil aos domingos.

Em abril de 1996, entrou no ar o jornal *online*. Porém, antes de colocar na rede o Universo *online*, a empresa, em meados de 1990, tinha a *Folha Web*, na qual se veiculava o texto do jornal integral, editado anualmente. O jornal digital ficou acessível por completo somente para assinantes do jornal ou do provedor *Uol*.

A reformulação gráfica no jornal impresso aconteceu junto com a última mudança do *Folhaonline*. Conforme a apresentação do *site*, o projeto gráfico quer atender tanto o leitor que disponha de apenas 5 minutos, quanto aquele que tenha 50 minutos para se informar. Essas mudanças gráficas, segundo o designer Mario Garcia (2006, p. 1-5), responsável pelo projeto dos jornais impresso e eletrônico da instituição, levaram em conta os novos hábitos de leitura, sobretudo após a expansão da Internet. Além disso, foi lançada a *Folha Corrida*, uma página com o resumo das principais notícias do dia. A *Folha Corrida* vem impressa e na versão *online*. Em setembro de 2009, a *Folha* lançou a versão digital de seu jornal, dando aos leitores *online* a possibilidade de visualização do impresso, tal qual ele chega às bancas.

1.4 Breve história do jornal na França

Os primeiros jornais franceses apareceram um pouco antes da invenção da imprensa, produzidos por copistas, chamados novidades à mão. A maior parte era clandestina e tinha apenas uma página. O primeiro periódico semanal francês apareceu em 1631, *La Gazette*, com autorização e controle editorial feito pelo Estado. O jornal tinha o monopólio das informações oficiais e noticiava decretos, notícias de guerra e comentários da vida política. *La Gazette* tornou-se diário em

1792. Esse nome, gazeta, refere-se ao nome da moeda cujo valor equivalia a um exemplar do jornal. Théophraste Renaudot, editor do jornal, é considerado o fundador da imprensa francesa.

Em 1791, apareceu o segundo jornal e voz oficial da revolução vitoriosa francesa, *Le Bulletin des lois*. Esse jornal mudou várias vezes de nome, a depender da situação política do país. Emilie Girardin fundou em Paris o *La Presse*, primeiro diário a publicar anúncios pagos, em 1836. Em 1868, foi criado o *Jornal Oficial*, que dura até hoje, inclusive em formato eletrônico.

Hoje, os periódicos de circulação nacional mais relevantes da França, assim como o *Le Monde*, são: *Le Figaro*, *L'Humanité*, *Le Parisien*, *Libération*, *L'Echo* e *La Tribune*. O jornal *Le Figaro* é o jornal mais antigo em circulação. Fundado em 1826 como um jornal satírico, passou por diversas fases até tornar-se atualmente um representante influente do centro direita. Mais conservador, *Le Figaro* disputa vendas com o *Le Monde*. O jornal *L'Humanité*, ou *L'Huma*, como é também chamado, foi criado em 1904 pelo dirigente socialista Jean Jaurès. O jornal já foi a voz oficial do Partido Comunista, mas hoje se mantém mais independente. Contudo, defende ainda as ideias socialistas. O jornal *Le Parisien* foi fundado em 1944, com um apelo mais populista, dando ênfase a notícias sensacionalistas. Quer ser conhecido como o jornal dos franceses e não como um jornal com opinião política. Seu carro chefe continua sendo os *fait divers* e se encontra numa situação financeira tranquila, ao contrário da maioria dos jornais impressos do mundo. O *Libération*, fundado em 1973, com apoio de Jean-Paul Sartre, começou como uma voz da extrema esquerda e moveu-se para um posicionamento social-democrata. Chamado de *Libé* pelos leitores, o jornal é o que melhor se posiciona hoje na mídia digital. *L'Echo* e *La Tribune* são, respectivamente, o maior e o segundo maior diários especializados em economia e finanças da França. Na França, atualmente, disputam o mercado nacional impresso, de referência, por ordem de vendas diárias, *Le Monde*, *Le Figaro*, *Libération*, *L'Humanité* e *Le Monde Diplomatique*.

De modo geral, a imprensa francesa pensa em seu público alvo não por classe social, como é o caso do Brasil, mas por tipo de opinião política com que o público se identifica. Desse modo, por exemplo, o *Le Monde*, dirige-se ao público mais à esquerda e aos intelectuais.

1.5 História do jornal *Le Monde*

O jornal *Le Monde* saiu, com apenas uma página, pela primeira vez, em 18 de dezembro de 1944, mas datado de 19 de dezembro, já que circulou ao meio-dia. Até hoje, o fechamento da redação faz-se às 10h30, o que permite integrar informações da noite anterior ou do início da manhã. O jornal foi criado para ser uma importante voz francesa, muito influente e respeitada internacionalmente. *Le Monde* foi o sucessor do *Le Temps*, mas com uma linha editorial mais à esquerda. Segundo Molina (2008, p. 32), a venda do *Le Temps* e a criação do *Le Monde* foram um ato de vontade do general Charles de Gaulle, que inclusive orientou que o novo jornal fosse a voz oficial da política externa francesa e tivesse total liberdade nos assuntos internos. O jornal, desde o princípio, montou uma rede de correspondentes internacionais. Seu primeiro diretor foi Humbert Beuve-Méry, ex-correspondente do *Le Temps*, em Praga, que se orgulhava de afirmar que, atrás do jornal, não se encontraria nenhum banco, nenhuma igreja e nenhum partido político.

O jornal saía apenas com uma página, maior que o formato *standard*. Porém, com o racionamento de papel, dobrou a folha ao meio e passou a ser tablóide de quatro páginas. Seu estilo de diagramação era muito sério, sem fotos ou ilustrações, com letras miúdas. À medida que alcançava prestígio, o jornal era criticado pelos concorrentes de esquerda, que o consideravam defensor da burguesia intelectual, e pelos concorrentes de direita, que o acusavam de divulgar uma opinião distorcida da França.

Em 1951, Humbert Beuve-Méry ameaçou pedir demissão e houve uma grande mobilização de jornalistas e leitores para que ele permanecesse. A solução encontrada para a crise política e editorial foi a criação da sociedade dos redatores, que tem voto nas decisões e escolha do diretor geral do jornal.

Em 1956, o jornal apoiou o ataque da França, Reino Unido e Israel contra o Egito, quando esse país nacionalizou o canal de Suez. Os jornais que não apoiaram o ataque saíram com prestígio do episódio. Em 1958, o *Le Monde* apoiou o referendo que reconduziu De Gaulle ao poder. Esses dois acontecimentos e outros menores arranharam a imagem de independência do jornal.

Por outro lado, o jornal abriu campanha contra o colonialismo francês e

apoiou as lutas das colônias pela independência. O governo francês tentou enfraquecer o *Le Monde*, ajudando outros jornais a superá-lo em vendagem. O governo, inclusive, chegou a proibir o aumento do preço do jornal. Muitos leitores, sabendo das dificuldades do jornal, pagaram espontaneamente a diferença.

Em 1969, depois da efervescência política na França e de 25 anos à frente do jornal, o diretor Humbert Beuve-Méry deixou o cargo. O novo diretor, Jacques Fauvet, não tinha o mesmo pulso e enfrentou resistências entre os redatores. Os salários, antes os mais baixos dos jornais franceses, passaram a ser os mais altos, a redação cresceu e o grande número de funcionários desequilibrou as contas. A partir de 1980, o *Le Monde* teve sérios problemas econômicos. Além disso, os sindicatos de jornalistas e funcionários conseguiam aumentos e vetavam a criação de suplementos. Enquanto isso, os principais concorrentes diversificavam as publicações e ultrapassavam o *Le Monde* em vendagem. Mesmo assim, segundo Molina (2008, p. 32), o jornal é reconhecido como o melhor da Europa e o mais independente de todos os jornais do mundo.

Le Monde, por sua política em não contrair dívidas, demorou mais do que os outros jornais a modernizar suas redações e seu parque gráfico. Em 1972, por exemplo, enquanto todos estavam com impressoras *off-set*, *Le Monde* instalava máquinas ultrapassadas de impressão. O jornal, além da concorrência mais à direita do *Le Figaro*, passou a ter um concorrente à esquerda: o *Libération*.

Em 1982, depois de muita disputa pelo poder entre grupos de redatores rivais, André Laurens assumiu a direção do jornal. Essa instabilidade de poder e as contradições internas afetaram a imagem do jornal. Também, o apoio quase incondicional ao presidente Mitterrand fez com que o jornal perdesse sua posição de crítico distanciado e as vendas caíram ainda mais. O sucessor de Laurens, André Fontaine, tentou equilibrar as contas do jornal, vendeu o prédio da antiga redação, mas não interrompeu a construção de um superdimensionado parque gráfico. O jornal abriria *depois* seu capital para novos investidores. Entre os que hoje são acionistas do *Le Monde* estão: o jornal espanhol *El País*, o italiano *La Stampa* e a empresa *Lagardère*.

O diretor Jean-Marie Colombani assumiu o jornal em 1994 e empreendeu algumas mudanças significativas. Transformou o *Le Monde* em sociedade anônima, conseguiu novos sócios e investimentos. Propôs uma nova estratégia de leitura com

os leitores, dando mais ênfase às notícias exclusivas, aos furos e às grandes reportagens. Os títulos passaram a ser mais opinativos e dramáticos. Diminuiu o número de correspondentes internacionais e passou também a tratar de assuntos triviais.

Em 1995, depois de uma séria crise financeira, foi editado o *Le Monde.fr*, a versão *online* do jornal, com algumas diferenças em relação ao formato impresso. A plataforma *online* do jornal tem diversas opções de assinaturas e envia notícias durante o dia inteiro aos assinantes através de *email*.

O diretor do jornal, atualmente, é Eric Fottorino, que tem a ambição de ampliar as publicações e diversificar o jornal, tornando-o uma empresa de comunicação. Também apareceu a figura de *ombudsman*, ou mediador, em 1994. Hoje, a mediadora é Véronique Maurus, que responde às críticas dos leitores e trabalha no *Le Monde* há 30 anos. De acordo com Molina (2008, p. 67), o jornal era produzido para um público exigente e os outros leitores vinham por acréscimo. Agora, o jornal quer alcançar o grande público e vem perdendo seu público exigente.

Em março de 2005, o *Le Monde* passou por mudanças na diagramação, usando mais as imagens em cores, com destaque para o azul e o vermelho. Em março de 2009, outra reforma gráfica deixou o jornal mais atraente, com melhor aproveitamento do espaço gráfico.

Em 2008, os diretores do *Le Monde* apresentaram um plano de recuperação econômica que incluiu vender algumas de suas publicações deficitárias e demitir parte de sua equipe de jornalistas e funcionários. A reação foi uma greve dos jornalistas, que deixou *Le Monde* fora de circulação por um dia, em abril. Patrick Eveno (2004, p. 337), historiador e crítico do jornal, diz que *Le Monde* é um jornal de jornalistas que vive o impasse de, a cada crise econômica, buscar novos acordos comerciais. A independência editorial está diretamente ligada à independência financeira e vice-versa. *Le Monde* propaga uma autonomia de sua redação que, segundo Eveno (2004, p. 57), esconde suas crises tanto financeiras quanto políticas. O jornal hoje tem em média 28 páginas, sem contar com os suplementos, e vende cerca de 300 mil exemplares ao dia.

Após esta breve incursão, sem caráter exaustivo, pelo mundo da imprensa escrita e sobretudo pelas publicações que aqui mais nos interessam, *Folha de S. Paulo* e *Le Monde*, passamos para o segundo capítulo deste trabalho. Nele

tentaremos mostrar as imbricações de algumas das metodologias da Análise do Discurso, desenvolvidas por Patrick Charaudeau³ com o universo do jornalismo impresso.

³ Que é, sobretudo no Brasil, conhecida como “Teoria Semiolinguística”.

2 A COMUNICAÇÃO E A SEMIOLINGUÍSTICA

2.1 A comunicação e as noções de contrato e estratégias na semiolinguística

Gostaríamos de situar, ainda que brevemente, os princípios de comunicação que apoiam nosso trabalho de pesquisa, tentando dissipar as ideias de linearidade ou via de mão única e, conseqüentemente, a crença na manipulação, pressuposta normalmente quando se trata de analisar a comunicação de massa e o jornalismo.

A comunicação humana, incluindo a comunicação midiática, a nosso ver, está intrinsecamente ligada à ideia de relação social, de necessidade de vivermos juntos, de interação entre os sujeitos. O homem vem construindo sua história graças à sua capacidade de se relacionar, à sua experiência de ser coletivo, de ser social, de querer viver com os outros. Conviver requer dos homens o estabelecimento de um terreno comum para suas interações e o desenvolvimento da linguagem, para significar e ampliar essas interações. Este espaço de trocas comunicativas é o que Arendt (1995, p. 51-83) chama de mundo comum.

Se os homens querem trocar experiências, compartilhar projetos, ideias e fatos, eles devem torná-los aparentes. Apenas aquilo que é visível pode ser discutido, pode fazer parte de

[...] um mundo comum que articula o homem numa trama visível feita por fatos e eventos tangíveis no seu acontecimento e que se materializa na comunicação intersubjetiva, através da qual as opiniões se formam e os julgamentos se constituem. (TELLES, 1990, p. 28).

Estes elementos - aparência, visibilidade e divulgação dos fenômenos - fazem com que os homens tomem parte na mesma realidade. Viver com os outros requer referências concretas do mesmo mundo, o mesmo tempo. Compartilhar o mundo comum faz com que alguém se creia vivendo o mesmo real de seus semelhantes. Assim, a realidade da vida cotidiana já se apresenta para nós, em grande medida, numa ordem dada (BERGER; LUCKMANN, 1995, p. 35-68), e é a linguagem que fornece as objetivações e os significados para coordenarmos os elementos da vida diária.

É também por meio da linguagem que conseguimos dar sentido às ações e tornar públicos nossos projetos: “A linguagem nos permite sair de nossa subjetividade, encarnada, confusa, para uma via onde as coisas aparecem mais claramente, a via do mundo comum” (QUÉRÉ, 1991, p. 81). A linguagem é a forma de tornar visível o invisível: as palavras fazem do homem ator e autor. Por meio da comunicação, os sentidos compartilhados são continuamente modelados e mantidos como condição e resultado de ação. Nessa perspectiva, Arendt (1995, p. 51-83) e Quéré (1991, p. 81) se referem à comunicação não apenas como um indicador da ação, mas também como meio de construção da ação.

Essa estreita ligação entre a ação e o discurso é ressaltada por Herrero (1982, p. 94), que considera o surgimento da palavra fonte de todo um mundo humano que aparece com ela. “E assim, esse evento da palavra, como dizer referencial, põe em movimento o ser-com-os-outros no mundo, na aventura de uma história comum a ser feita e a ser dita” (HERRERO, 1982, p. 94).

No mundo comum, significado pela linguagem, os homens podem ver, ouvir e falar sobre as coisas que todos estão vendo, ouvindo e falando. É no espaço comum que confirmamos o real. Fora dele tudo pode ser fruto da imaginação, uma alucinação: “A presença de outros que veem o que vemos e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos” (ARENDR, 1995, p. 60). A presença dos outros é o que confere realidade aos acontecimentos e à nossa própria existência.

Assim, a linguagem permite a edificação de uma sociedade provida de memória e de símbolos expansivos. Desse modo, as interações não partem do nada, mas iniciam-se sempre a partir dos significados já existentes. A linguagem, aqui, não se refere somente a sistemas de signos internos de uma língua, mas a sistemas de valores que acomodam o uso desses signos a circunstâncias de comunicação particulares.

A confirmação dada pelo testemunho do outro, mesmo que numa outra versão, num outro olhar, certifica-nos de que o fato aconteceu para “nós” e não só para “mim”. Nesse aspecto, o jornalismo cumpre uma de suas principais funções na sociedade contemporânea, a de fazer circular elementos para construção do senso comum de realidade.

Unidos diante de fatos que são comuns, os homens podem apresentar seus diversos entendimentos a respeito deles, elaborando, assim, uma sociedade diferente a cada instante. A convivência, a experiência, a troca, as relações seriam

impossíveis sem este mundo comum, pois é nele que as pluralidades podem se apresentar e elaborar o novo. A comunicação possibilita o surgimento sempre de algo novo, imprevisível. A imprevisibilidade, característica marcante da comunicação, deriva dessa diferença entre os parceiros do processo discursivo, desse jogo sem final decidido.

A comunicação é a possibilidade da vida social do homem, para construir uma sociedade e nela viver. Ao mesmo tempo em que a comunicação é invenção do homem, ela o ajuda a torná-lo um ser social. Não há como ser social e viver com outros homens sem pertencer ao mundo da comunicação. É nesse mundo comum da comunicação que as pessoas apresentam as suas diferenças, os seus pontos de vista, as suas intenções.

Natureza dialógica da consciência, natureza dialógica da própria vida humana. A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo, o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 2003, p. 348).

Barros, na mesma linha de pensamento de Bakhtin, completa:

o diálogo é a condição da linguagem e do discurso, mas há textos polifônicos e monofônicos, conforme variem as estratégias discursivas empregadas. Nos textos polifônicos, os diálogos entre os discursos, mostram-se, deixam-se ver ou entrever [...]. (BARROS, 2006, p. 34).

Essa ideia de que o discurso traz à luz as diversas vozes, os variados sujeitos e seus pontos de vista é central para as atuais teorias da comunicação e para a Análise do Discurso. A polifonia, noção vinda da música e que ganhou um significado novo com Bakhtin, exprime essa profusão de sujeitos, suas vozes e sentidos num enunciado, num texto jornalístico, por exemplo (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 386).

Através do jogo “discurso na sociedade” e “sociedade no discurso” podemos elaborar um entendimento de como, através da comunicação de massa e do jornalismo, é possível conhecer um pouco da construção do mundo dos homens, suas diversas vozes. É o que afirma Machado:

A noção de polifonia nos permite compreender a imbricação de diferentes sujeitos no discurso, desmistificando a antiga ideia de um sujeito falante único. Assim, o texto pode tornar-se palco de encontro de diferentes vozes ou de diferentes sujeitos falantes/comunicantes/interpretantes. (MACHADO, 1998, p. 116).

É evidente que o jornalismo, assim como todos os outros campos sociais, não é neutro e tem um modo próprio de estabelecer hierarquias de pontos de vista, de notícias e de suas consequências. O jornalismo trabalha para dar mais visibilidade a algumas dimensões do social e manter na invisibilidade algumas vozes e atores sociais.

Comunicar é estar com o outro, relacionar-se, colocar-se numa interação, participar de um processo que, necessariamente, exige o reconhecimento mútuo dos parceiros de uma troca, dos sujeitos envolvidos num ato de comunicação. Ainda assim, segundo França (1998, p. 25-60), a comunicação não se explica somente pelo desejo das pessoas de estarem umas com as outras, mas também pela produção material de suas representações, construindo um tipo de ligação que é da natureza do simbólico e do real, do material e do imaginário, do objetivo e do subjetivo, do implícito e do explícito.

Essa relação entre os sujeitos, fundada num discurso e produzindo novos discursos, pode dar-se de forma presencial, em que os interlocutores compartilham o mesmo espaço (o “aqui” deles coincide) e o mesmo tempo (o “agora” de um é o mesmo que o “agora” do outro). Nessas trocas presenciais, há uma possibilidade maior dos parceiros da relação observarem o outro e regularem a cada instante o que é dito, retomarem algum ponto menos claro, enfatizarem outro ponto. Enfim, na comunicação presencial, potencialmente mais interlocutiva, os parceiros têm à sua disposição as possibilidades oferecidas pelo diálogo ao vivo.

Além da comunicação face a face, os homens desenvolveram, ao longo da história da comunicação, outras formas de interação, mediadas por tecnologias que permitem a troca não-presencial. Com o advento dos meios de comunicação, criaram-se novas formas de ação, de interação. Thompson (1999, p. 109-125) aponta três tipos: a interação face a face, a interação mediada e a quase-interação mediada. Na interação face a face, os participantes estão presentes e partilham de um mesmo sistema referencial de espaço e de tempo. Como exemplo, o autor cita o diálogo, em que as palavras trocadas pelos participantes podem vir acompanhadas de gestos, sorrisos, mudanças de entonação, entre outros.

As interações mediadas contam com o uso de um meio técnico para a transmissão do conteúdo simbólico. Os participantes podem estar em contextos espaciais ou temporais distintos. Por fim, temos a quase-interação mediada. Essa

interação se baseia nas relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação de massa (televisão, jornais, revistas, livros). Essas interações mediadas têm um potencial dialógico menor e tendem a ser mais monolocutivas.

Geralmente, nessas relações, o tempo e o espaço da produção são bem diferentes daquelas da recepção. Assim, fica mais lenta e difusa a tentativa de ajuste dos sentidos que circulam. Um mal-entendido, por exemplo, pode durar dias ou a ênfase que se pretendia dar a um aspecto pode não ser percebida pelos outros parceiros. Por outro lado, pode-se, com as tecnologias da comunicação, ampliar os lugares de alcance, o número de receptores e o tempo de circulação de um discurso.

Ao estudar a comunicação, Thompson (1998, p. 19-36) explica a expressão “comunicação de massa”. Segundo ele, o termo “massa” pode suscitar enganos, visto que induz o indivíduo a pensar em grandes audiências. Essa ideia pode servir para alguns produtos midiáticos, porém, ela não pode ser sempre reduzida ao significado de quantidade. O autor ressalta ainda: “[...] o que importa na comunicação de massa não está na quantidade de indivíduos que recebem os produtos, mas no fato de que estes produtos estão disponíveis em princípio para uma grande pluralidade de destinatários” (THOMPSON, 1998, p. 30).

Outra questão discutida é a que relaciona o termo “massa” com a passividade dos indivíduos perante as mensagens da mídia e a simples absorção de seu conteúdo. Os destinatários das mensagens midiáticas recebem os produtos da mídia de diferentes maneiras, além de interpretarem e incorporarem, cada um a seu modo, aquilo que recebem.

A mídia é heterogênea, uma vez que representa os diversos discursos dos campos da sociedade e tenta estabelecer uma relação entre eles. É necessário que a mídia crie um processo identitário com cada campo social e com os diversos grupos dentro dos campos. Por isso, ela vai desenvolver discursos e produtos específicos, a fim de contemplar os diversos subuniversos do meio social.

A própria noção de discurso leva à percepção da reflexividade⁴ entre o

⁴ Reflexividade vem do latim, *reflexus-a-um*, que quer dizer voltado para trás, revertido. Aquilo que evoca a realidade de maneira imprecisa ou incompleta. Manifestação indireta de uma circunstância, de um fato. Cópia, reprodução, imitação. Relação de elementos de um conjunto. Aqui, reflexividade diz respeito à ideia de que, em nosso cotidiano, consideramos não apenas as referências próprias mas também constituídas socialmente. A reflexividade está presente nos mais diversos fenômenos sociais, como as interações, os processos de formação de identidade e a visibilidade da mídia.

discurso e a sociedade. Entendemos o discurso, aqui, como uma comunicação tomada em sua totalidade, ou seja, levando-se em consideração seus aspectos textuais e contextuais ou situacionais.

Os sentidos do discurso produzido numa troca comunicativa, seja ela presencial ou mediada pelas tecnologias, só podem ser apreendidos se conhecermos as relações sociais que ligam os sujeitos nela envolvidos. Assim, os discursos estão ancorados numa determinada situação de comunicação e é ela que confere os sentidos ao produto material do discurso.

Dessa maneira, uma construção discursiva não pode ser feita fora de um quadro de referência que a oriente, pois as palavras ficariam sem sentido, totalmente opacas aos interlocutores: é necessário que haja, entre eles, um “contrato”.

2.2 Contrato de comunicação: identidade, finalidade, tematização e dispositivo

O contrato de comunicação é uma noção importante na Semiologia, porque nos lembra o quanto o discurso está vinculado às suas condições de produção e às suas visadas ou às visadas dos parceiros comunicativos.

O contrato de comunicação, para Charaudeau (2006a, p. 132), é o “conjunto de condições nas quais se realiza qualquer ato de comunicação”. Diz ele:

[...] o contrato de comunicação põe em ordem certo número de instruções discursivas. Instruções para a produção do ato de linguagem, instruções para a sua interpretação, que permitem aos parceiros co-construírem o sentido. (CHARAUDEAU, 2008b, p. 13, tradução nossa).

Ao nos comunicarmos, colocamo-nos num quadro de comunicação que, por si só, já diz muito. Assim, quando vamos ler um jornal, já sabemos parte do sentido que concerne a qualquer discurso jornalístico, antes mesmo de começarmos a lê-lo. Assim, “[...] uma parte do sentido é construída antes que entremos na especificidade de um texto, e é o contrato de comunicação que o aciona, sobre determinando os atos de trocas” (CHARAUDEAU, 2008b, p. 13).

Todo discurso, para Charaudeau (1994, p. 8-19, 2008a, p. 43-63), só toma significado em uma dada situação de comunicação, dentro de um contrato em que

os interlocutores reconheçam: (i) a identidade dos parceiros dessa troca, ou seja, quem são os sujeitos comunicantes, que papel eles desempenham nesse ato comunicativo; (ii) qual o objetivo dessa troca, ou seja, qual a finalidade que envolve os interlocutores; (iii) sobre o que os sujeitos falam, qual o propósito da comunicação; e (iv) quais os dispositivos materiais da troca comunicativa, ou seja, as circunstâncias materiais que englobam o discurso, as restrições dos suportes materiais que implicam numa adaptação do discurso a esses recursos. Vejamos cada um desses itens mais de perto.

2.2.1 A identidade dos parceiros

Durante muito tempo, a análise da comunicação de massa, de modo geral, e do jornalismo, mais especificamente, partia do pressuposto da manipulação de um receptor por um emissor. De acordo com essa premissa, os receptores eram passivos e estavam à mercê dos desígnios dados pelo emissor.

No entanto, a partir da década de setenta do século XX, com os novos paradigmas da comunicação, que pressupõem a sociabilidade e a participação ativa dos interlocutores, as pesquisas sobre o papel do jornalismo na sociedade têm tomado um novo rumo. Esses novos paradigmas apoiam os estudos sobre o jornalismo, que tentam mostrar como se dá a dinâmica de entrada dos acontecimentos nas páginas dos jornais, desde a escolha do assunto, dos entrevistados, até a impressão e distribuição. Além disso, outras áreas de conhecimento, como a Análise do Discurso, têm contribuído para entendermos melhor a relação entre emissores e receptores midiáticos.

A Teoria Semiológica, de certa forma, apresenta-se como um novo paradigma da relação entre os sujeitos emissores e sujeitos receptores, mostrando que eles estão mais integrados, que há uma circularidade entre eles, inclusive porque estão conectados de modo histórico, social e psicológico.

Um ato de comunicação é sempre uma troca entre sujeitos numa dada relação social, em que as cointencionalidades são consideradas por aqueles que interagem. Explicando melhor: a cada enunciação, o emissor se antecipa,

colocando-se no lugar do receptor e criando um dizer que ajuste o discurso ao interesse desse receptor ideal.

Assim, toda comunicação interliga os sujeitos no discurso, sujeitos que desempenham vários papéis sociais/linguageiros em cada interação. A percepção de que os sujeitos (tanto o receptor como o emissor, desdobrados em seus papéis) têm certas intenções, estão numa dada situação e a partir daí constroem os discursos, é fundamental para relativizarmos a ideia de manipulação e recolocarmos a interação dos sujeitos comunicantes em evidência no discurso. Esses sujeitos estão mais ou menos cientes dos acordos que envolvem um contrato de comunicação, inclusive da busca constante de influência mútua dos parceiros.

Machado (2007b, p. 105-113) acredita que a grande contribuição da Semiologia é justamente o retorno do sujeito para o centro da análise do discurso. Assim, o sujeito, numa relação de comunicação, tem um projeto de fala destinado a influenciar alguém: entender os conteúdos depende de compreender os papéis e intenções dos sujeitos que interagem numa situação de comunicação.

Para Charaudeau (2008a, p. 45) não há apenas dois sujeitos numa comunicação, reduzidos a um emissor e um receptor. Há um desdobramento de sujeitos que assumem diversos papéis sociais no momento da troca e da produção discursiva. Segundo o autor, numa situação de comunicação temos, no mínimo, quatro sujeitos envolvidos: (i) o sujeito comunicante (Sc), que tem uma intenção (selecionar os acontecimentos, entrevistar e editar uma notícia com uma finalidade), sendo responsável por ela; é o sujeito concreto, aquele que coloca a enunciação em marcha e corre os riscos desse aparecimento, dessa visibilidade com final imprevisível; (ii) o sujeito enunciador (Se), que assume o papel e o discurso esperado nesse contexto (escreve a notícia de acordo com as restrições e estratégias possíveis do jornal, pensando no seu público), que desempenha o papel adequado dentro da situação de comunicação; (iii) o sujeito destinatário idealizado (Sd), imagem que orienta o discurso do Se, para quem o discurso é hipoteticamente elaborado. Mas esse leitor imaginado não é o mesmo que, de maneira concreta, independente, lê a notícia e a interpreta; esse é (iv) o sujeito destinatário interpretante (Si), receptor real que está longe do processo de produção e interpreta a notícia de acordo com suas experiências de vida. Ele é responsável pelo ato de interpretação que produz, e que escapa, devido à sua posição, do domínio do Sc.

Desse modo, lembrando Machado (2007b, p. 105-113), o ato de linguagem envolve *n* estratégias do Sc e muitas possibilidades interpretativas do Si.

Tratando do campo do nosso objeto de estudo, por exemplo, o jornalista, pessoa real, com crenças e valores, desempenha um papel quando conduz uma entrevista. Ele representa o jornal, enquanto instituição social e econômica, e os profissionais de comunicação social, com seus padrões éticos e técnicos. Esse jornalista também imagina seus leitores, enquanto cidadãos que querem ser informados, e, ao escrever, usa estratégias discursivas para levá-los a ler determinada notícia e influenciá-los sobre esse conteúdo. Muitas vezes, os jornalistas assinam as matérias e revelam sua identidade real, mas podem também usar referências institucionais.

Os jornalistas, enquanto sujeitos enunciadorees, deixam entrever em seus escritos uma mescla das marcas individuais e coletivas, como esclarece Machado:

[...] há um sujeito que cria seu texto a partir de dados extraídos de sua cultura, de suas convicções e de seu *ethos*, enfim, do universo discursivo que lhe é próprio, a ele, sujeito-individual único. Mas, essas convicções vão encontrar eco no sujeito coletivo e social, cujos gestos e palavras são determinados por uma ideologia de vida ou, se preferirem, por contratos sociais dominantes. Nem completamente livre, nem completamente submisso, eis como vemos tal sujeito, evoluindo num mundo dominado pelas práticas e trocas linguageiras. (MACHADO, 2001b, p. 52).

Para que o ato de linguagem tenha sucesso junto ao sujeito interpretante (ser real) é preciso que haja, como diz Machado (2011, p. 4), uma certa “sintonia” entre ele e o sujeito destinatário, idealizado pelo Sc.

Este sujeito, nem livre e nem submisso, em uma situação de comunicação, naturalmente se desdobra em dois papéis para ocupar os espaços situacionais, um externo e outro interno. Vejamos, na esteira de Charaudeau (2008a, p. 52):

- i) no espaço externo, encontram-se os seres agentes que são instituídos como imagem do sujeito comunicante (Sc) e do sujeito interpretante (Si). Trata-se de um espaço do fazer, ligado ao “real”, ao psicossocial. É a instância situacional, o circuito externo da linguagem, onde devem ser analisados os parâmetros extralinguísticos da situação de comunicação, os aspectos culturais partilhados pelos parceiros do ato de linguagem. A análise dos elementos que compõem o espaço externo permite compreender o implícito e os sentidos dos enunciados.

- ii) no espaço, interno, encontram-se os seres de fala, instituídos pelo sujeito externo (Sc): o sujeito enunciativo (Se) e o sujeito destinatário (Sd).

A separação de espaço externo e interno da comunicação tem, para a Semiologia, um objetivo mais metodológico e formal, porque, na prática, tais espaços estão interligados e se influenciam mutuamente.

Vejamos o que foi dito através de um quadro, que ilustra a posição desses sujeitos e o contrato que os rege. Tentamos adaptar o esquema enunciativo de Patrick Charaudeau (2008a, p. 52) a uma situação jornalística de comunicação, demonstrada na FIG. 1, Contrato de Comunicação do Jornalismo:

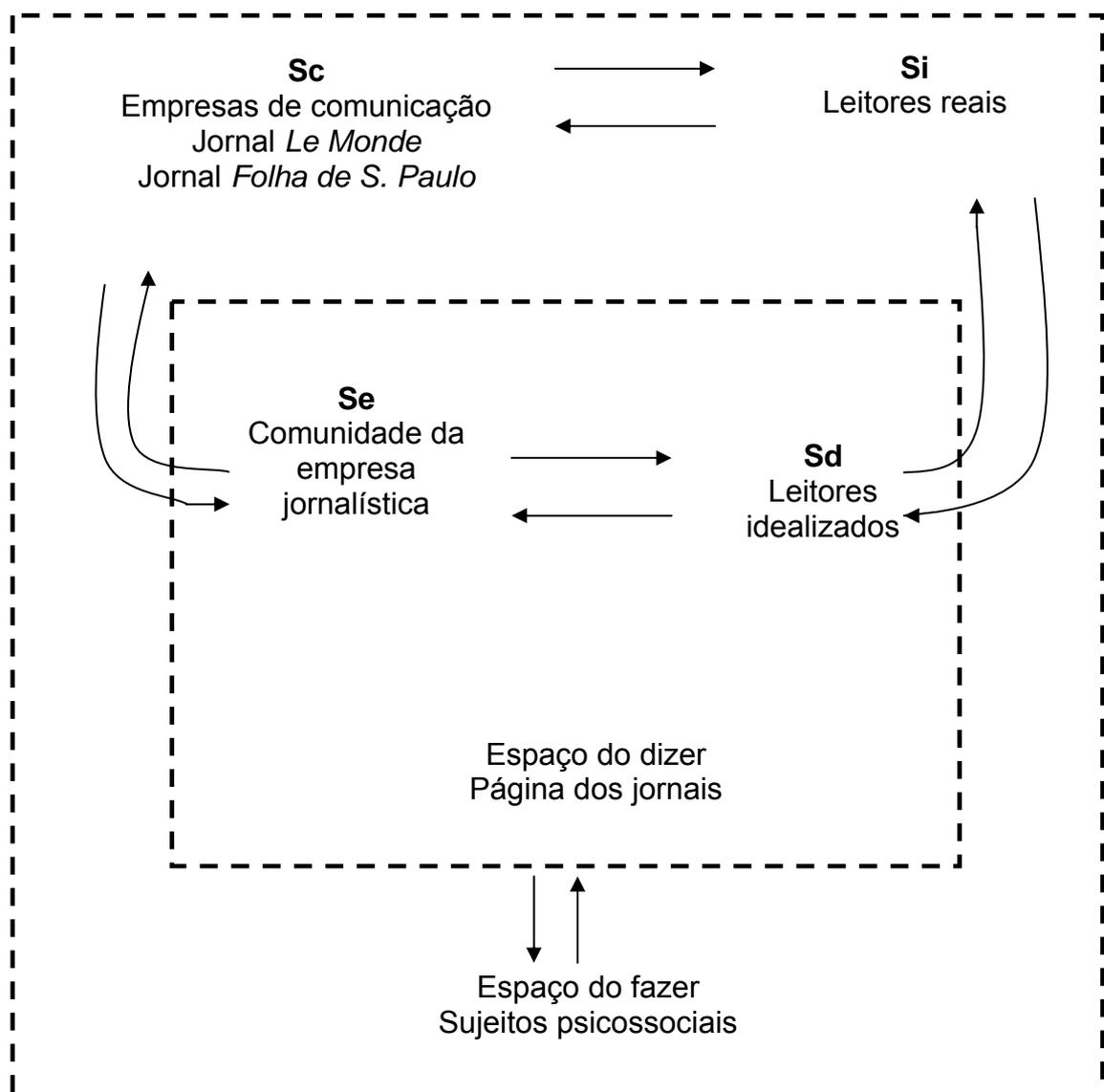


FIGURA 1 - Contrato de Comunicação do Jornalismo

Fonte: elaborado pela autora, 2011.

No quadro acima estão representados os parceiros de comunicação no

discurso jornalístico: de um lado, na instância de produção, temos os proprietários dos jornais (com interesses ligados ao lucro, aos anunciantes, aos acionistas e aos leitores) e os jornalistas.⁵ Esses são os sujeitos comunicantes, atuam no espaço do fazer, sujeitos reais. Ainda, no lado da produção, temos os sujeitos enunciadores, que desempenham seus papéis no campo jornalístico, na comunidade da empresa jornalística, no espaço interno ou espaço do dizer, o discurso que está impresso nas páginas do jornal. Do outro lado do quadro, estão representados os receptores. No espaço externo, atuam os leitores reais, que interpretam à sua maneira os discursos jornalísticos, chamados de sujeitos interpretantes. No espaço interno ao discurso, no espaço do dizer, estão os leitores idealizados pelos produtores das notícias, os Sujeitos destinatários.

O sujeito comunicante, o jornal real, pode ser reconhecido pelo seu registro formal, seu endereço, suas obrigações legais com seus funcionários e outras instâncias financeiras e burocráticas.

Tentar conhecer a identidade do sujeito enunciador, o jornal enquanto discurso sobre o mundo, é tarefa mais difícil, porque, segundo Leal (2009, p. 120), “não há uma essência imutável ou a-histórica de um veículo”. Diz o autor:

Se já aprendemos que identidade é algo de durabilidade relativa, por sua natureza circunstancial e performativa, a necessidade de coesão e coerência - e a investigação acerca desses elementos - se afrouxa um pouco. Na história dos veículos, existem certamente elementos de continuidade, mas também momentos de ruptura. (LEAL, 2009, p. 120).

O jornal busca, então, construir sua identidade para que os leitores a reconheçam sem estranhamento e sejam fiéis à sua leitura e a façam por hábito e repetição. O jornal é uma pessoa jurídica, mas também um sujeito semiótico, figurativamente reconhecível, segundo Landowski (1992, p. 116).

Ao mesmo tempo em que trazem notícias novas, os jornais as enquadram em modelos padronizados de apresentação dos discursos. Leal investiga como se constrói a identidade do jornal e lembra que a notícia em si é nova, mas que há um conjunto de informações repetidas em cada edição (colunas, classificados, rubricas).

⁵ Na mídia impressa, os jornalistas podem assumir funções diversas, entre elas, a de redator, repórter, repórter fotográfico, correspondente, colunista, editorialista e *ombudsman*.

Essas marcas envolvem uma série de elementos que vão desde a diagramação até um estilo de notícia, isto é, um padrão textual e jornalístico [...]. Dizendo de outra forma, observa-se que, ao constituir-se como produto, um jornal apresenta marcas que o distinguem dos outros veículos, e, dessa forma, consolida sua identidade e o seu público-leitor. (LEAL, 2009, p. 116-117).

Segundo o teórico citado, o jornal visa a criar raízes tanto num local, numa realidade, como em seu público, trazendo notícias novas, mas num espaço gráfico que permaneça sempre o mesmo.

O jornal, enquanto entidade que busca uma identidade, traz uma configuração do presente e congrega em suas páginas as histórias do cotidiano que, objetivas ou não, verdadeiras ou não, desenham um quadro daquilo que queremos chamar de “acontecimentos atuais”. Além disso, segundo Landowski, o jornal impresso tem o poder de integrar universos variados, desde a política, os *faits-divers*, a cozinha, passando pelo esporte e cotidiano, até a economia e a filosofia.

Todos os leitores o sentem e muitas equipes redacionais trabalham nesse sentido: cada jornal tem seu estilo, um tom, um ‘perfil’ que o define e que por vias cuja análise ainda está apenas esboçada, dele fazem uma *figura social* capaz de cristalizar duradouramente atitudes de atração ou de repulsão. (LANDOWSKI, 1992, p. 118).

Ainda tratando do quadro, na instância de recepção temos os Sujeitos interpretantes. A identidade dos leitores reais de jornais é heterogênea e representa o conjunto da opinião pública. Como diz Charaudeau (1994, p. 8-19), a instância de recepção faz parte de um processo de transação e tem por motivação saber o que se passa no mundo social. Os receptores são atores participantes da vida pública da sociedade. Os jornalistas escrevem, então, para um leitor imaginário, idealizado, que corresponderia ao “perfil” dos leitores do jornal.⁶ Assim:

O *outro*, que compôs a cadeia interativa da atividade *linguagem jornalística*, não é apenas uma personagem revestida com certos matizes de indicadores sociais, mas alguém que é construído na própria produção imaginária dos organizadores e enunciadorees do discurso. (VIZEU, 2007, p. 10).

⁶ Esse “perfil” médio dos leitores é conhecido pelos jornalistas por meio de pesquisas sobre o público alvo. Essas pesquisas geralmente revelam a idade, o sexo, a escolaridade e as preferências políticas e de consumo dos leitores.

Para ajudar os sujeitos produtores de notícia a conhecer seu público, os jornais têm uma radiografia socioeconômica de seus assinantes, leitores fiéis, tentando identificar suas preferências ideológicas e opiniões. Com a interatividade proporcionada pela Internet, os jornais em estudo relacionam-se com os leitores mais rapidamente: comentam as matérias e respondem a enquetes formuladas por aqueles que tentam, deste modo, mapear suas opiniões. Mesmo assim, as notícias circulam na formação da opinião pública de maneira difusa, misturando-se a outros conteúdos sociais.

Os jornalistas têm uma ideia de quem são seus leitores idealizados, os sujeitos destinatários, Sd. Tanto a *Folha* como o *Le Monde* colocam-se como jornais de referência de certa “elite” intelectual, formada por políticos, dirigentes sindicais, empresários e um público mais culto. Essa definição do público destinatário ajuda os jornalistas a construírem uma imagem do tipo ideal de leitor. Para Emediato (1996, p. 211-213), os jornais de referência se apresentam como porta-vozes do espaço público, guardiões da democracia. Tais jornais “imaginam” que seus leitores destinatários sejam cidadãos sérios, capazes de operar análises e de inferir conteúdos, dotados de um alto grau de escolaridade, de leitura, de engajamento social e político. Enfim, leitores interessados nos assuntos publicamente relevantes e conhecedores dos temas tratados no jornal.

O sentido dos atos de linguagem do discurso jornalístico resulta desta cointencionalidade: por um lado, a instância de produção só pode imaginar o receptor de maneira ideal, como um “destinatário-alvo”, e, ao visar produzir efeitos de sentido, não tem certeza se eles serão percebidos. Por outro lado, a instância de recepção constrói seus próprios efeitos de sentido. Assim, os textos jornalísticos têm efeitos de sentido possíveis, que surgem dos efeitos visados pela instância de enunciação e dos efeitos produzidos pela instância de recepção (CHARAUDEAU, 2006a, p. 27). Para outro estudioso do assunto,

[...] a ‘enunciação’ não será, pois, nada mais, porém nada menos tampouco, que o *ato pelo qual o sujeito faz o sentido ser*, correlativamente, o ‘enunciado’ realizado e manifestado aparecerá, na mesma perspectiva, como o *objeto cujo sentido faz o sujeito ser*. (LANDOWSKI, 1992, p. 167, grifos mantidos).

Este teórico mostra assim, de forma resumida, que a reflexividade faz parte do universo de comunicação em geral.

2.2.2 A finalidade das trocas comunicativas

Como foi dito, num quadro de comunicação, o sujeito comunicante e o sujeito interpretante têm objetivos que os unem. Essa finalidade discursiva, ou visada do ato comunicativo, faz com que a comunicação ligue as pessoas numa interação para um fim, orientando os sentidos que ali serão construídos.

Os produtores de notícias têm duplo papel, segundo Charaudeau (2006a, p. 72): (i) o de fornecer as informações, e para isso devem “saber fazer notícia” (tanto externamente, organizando o sistema de produção da notícia, como internamente, organizando a enunciação discursiva da informação); e (ii) o de provocar o desejo de consumir as informações, acionando as estratégias de captação do público.

A instância de produção tem um compromisso ético em manter a sociedade a par dos acontecimentos sociais, para que essa mesma sociedade possa participar do espaço público em nome de valores democráticos. Essa finalidade é conhecida como fazer-saber ou visada da informação.

Essas informações devem ter um tratamento o mais credível possível. Para Moirand (2006, p. 297), nas sociedades democráticas, as pessoas buscam os jornais impressos e os *sítes* de notícias não apenas para se informarem, mas também para compreenderem o tratamento que a mídia dá aos acontecimentos e para poderem assumir uma percepção crítica desses acontecimentos. A mídia informativa precisa fazer-crer (visada da credibilidade), dando provas de que o que é dito é verdadeiro. Para isso, a imprensa tem estratégias para transmitir os acontecimentos, narrar, revelar as intenções, fornecer provas, enfim, articular fatos e comentários.

Evidentemente, este lado positivo e idealista do jornalismo não funciona sem uma finalidade comercial, que busque uma audiência cada vez maior para garantir suas receitas. As informações devem, pois, captar o público. Assim, segundo Charaudeau (2006a, p. 58), o discurso jornalístico tem uma dupla finalidade: o fazer-saber (visada da informação, segundo uma lógica cívica para informar o cidadão) e o fazer-sentir (visada de captação, segundo uma lógica comercial para captar as massas e vencer os concorrentes).

A escolha dos assuntos que vão compor o repertório do espaço público noticioso segue alguns critérios. Entre eles, o mais importante é o da atualidade, do

tempo presente. Se uma notícia reportar um acontecimento antigo, deve ser de importância justificável e seu enfoque precisa ser atualizado. Segundo Traquina, o tempo é determinante para o trabalho jornalístico. Conforme afirma o autor, a atualidade “constitui o coração e a alma da atividade jornalística [...]. Os acontecimentos devem ser atuais; a própria atualidade constitui um fator de noticiabilidade” (TRAQUINA, 1993, p. 174).

Podemos observar duas notícias que partem desse critério de atualidade e aparecem na primeira página dos dois jornais analisados:

Le sauvetage des banques tourne au casse-tête mondial.⁷ (*Le Monde*, 12/02/09).

Governos gastam US\$ 1,9 tri para enfrentar a crise. (*Folha*, 08/02/09).

Na linha da Semiolinguística, podemos dizer que o sujeito comunicante (Sc) tem um projeto de fala e quer influenciar alguém, criando, fabricando a imagem de um destinatário ideal (Sd), ao mesmo tempo em que tenta estrategicamente atender às expectativas do destinatário real (Si). O sujeito comunicante (Sc), para alcançar seus objetivos, escolhe os recursos discursivos que considerar mais interessantes.

De acordo com Charaudeau (2008a, p. 109), um texto é sempre heterogêneo, no âmbito de sua organização. O que define um texto é basicamente a situação de comunicação, ou seja, o contrato/gênero desse texto. Os modos de organização do discurso atuarão segundo essa situação de comunicação.

No que diz respeito à primeira página dos jornais, acreditamos que tais modos estejam mais voltados para a descrição e para a narração. Evidentemente, pairando sobre todos os recursos discursivos utilizados está o modo de organização enunciativo, utilizado com o propósito de tornar possível a organização discursivo-argumentativa do texto.

Como os modos descritivo e narrativo estão mais evidentes no discurso jornalístico atual, na análise do nosso *corpus* privilegiaremos os modos de organização discursivos enunciativo e argumentativo, seguindo os conceitos de Charaudeau (2008a, p. 81-220). Acreditamos que esses modos revelem mais claramente as características de cada jornal e as diferenças entre as duas publicações.

Analisar o modo enunciativo é tentar colocar em evidência a posição que o locutor ocupa na relação com os outros interlocutores, seu ponto de vista, a maneira

⁷ Nossa tradução: O salvamento dos bancos vira um enigma mundial.

como esse locutor traz outras vozes para o discurso. Rodrigues (1994, p. 141-155) lembra que o processo enunciativo revela não só a posição dos interlocutores num discurso - ou seja, se são jornalistas e leitores de um jornal -, se são narradores e leitores de um romance, se são apresentadores e telespectadores de um telejornal, mas também diz muito sobre as relações sociais que existem entre os sujeitos envolvidos em uma comunicação. Assim, a enunciação dá certo limite, ou seja, ela sustenta, como uma moldura de um quadro, o que deve ser considerado fora e dentro do discurso a ser compreendido.

O locutor, no nosso caso jornal e jornalistas, se faz ver no discurso escrito. Os leitores percebem muitas vezes a posição de um sujeito enunciador em relação aos interlocutores (comportamento alocutivo), em relação ao que ele próprio diz e pensa (comportamento elocutivo) e em relação ao que os outros dizem ou pensam (comportamento delocutivo).

No comportamento alocutivo, o jornalista procura implicar o leitor e, de certo modo, lhe impor um comportamento. O leitor é instado a ter uma reação: saber quais são as novidades, indignar-se, concordar, etc.

No comportamento elocutivo, o jornalista revela seu ponto de vista numa tomada de posição que diz respeito a ele, ao que ele pensa sobre determinado assunto. O jornalista enuncia seu ponto de vista partindo de um conhecimento que o leitor talvez não tenha, estabelecendo uma relação de saber/não saber; ou assume uma postura de avaliação, apreciação e julgamento. O jornalista pode, ainda, mostrar a sua motivação e as razões que o levam a ter tal ponto de vista, motivado por obrigação, possibilidade ou simples querer; o jornalista pode apresentar engajamento numa notícia, mostrando promessas, aceitação ou recusa, acordo ou desacordo, declarando explicitamente sua posição. Por fim, o jornalista pode manifestar-se explicitamente, ou seja, pode assumir uma posição bastante subjetiva, a respeito de algum assunto. Vejamos o exemplo seguinte, de uma chamada para o artigo do jornalista Clóvis Rossi, sobre a favela de Paraisópolis, em São Paulo:

Paraisópolis é mais um produto clássico do *apartheid* social brasileiro. Combater o tráfico não é trivial, as autoridades são eleitas para fazer mais que o trivial. De repente, um estopim qualquer põe fogo na área e há um corre-corre. Extinto o incêndio, as Paraisópolis, que são muitas, voltam a ser Gaza em fogo brando. (*Folha*, 06/02/09).

No comportamento delocutivo, o jornalista tenta se apagar de seu ato de

enunciação e também não implicar nele o interlocutor. É como se um terceiro apresentasse o discurso sobre os acontecimentos do mundo. O ponto de vista de um sujeito, exterior à troca comunicativa, é trazido e colocado no ato de linguagem desse jornalista. No jornalismo, a delocução é largamente utilizada como forma de dar características mais “objetivas” ao texto, de demonstrar uma certa imparcialidade opinativa, e também como forma de aumentar a credibilidade do jornal, especialmente quando testemunhos e opiniões são provenientes de pessoas representativas na vida em sociedade. É o que diz Motta:

O jornalista é, por natureza, um narrador discreto. Utiliza recursos de linguagem que procuram camuflar seu papel como narrador, apagar a sua mediação. É um narrador que nega até o limite a narração. Finge que não narra, apaga a sua presença. Faz os fatos surgirem no horizonte como se estivessem falando por si próprios. (MOTTA, 2007, p. 156).

Mas nem sempre isso acontece, como vimos acima. De todo modo, a utilização da modalidade delocutiva em um jornal coloca o acontecimento relatado como independente dos interlocutores. Os interlocutores apenas constataam o fato noticiado ou o esclarecem, o evidenciam, o confirmam. O discurso relatado pelo ato de linguagem delocutivo é muito utilizado no jornalismo, que retoma o discurso proferido por outro e tenta reproduzi-lo dentro da notícia. Assim, a polifonia é bem evidente neste caso, o que possibilita observar as várias vozes que compõem um discurso.

O discurso de origem pode ser citado ou integrado ao texto (estilo direto), narrativizado ou evocado (estilo indireto). Vejamos algumas dessas formas de relato em atos de linguagem de nosso *corpus*:

a) uso da citação;

Demissão cresce; governo amplia seguro-desemprego

O ministro, que chegara a prever geração de empregos no mês, estima que o corte atinja “menos que a metade do que ocorreu em dezembro (655 mil postos). (*Folha*, 12/02/09).

Gilles Bernheim, le nouveau grand rabbin de France, critique le pape Benoît XVI

A propos de la guerre à Gaza, le nouveau grand rabbin réaffirme la position des institutions juives de France. Pour elles, il ne s’agit pas «d’un conflit contre un autre peuple ou une autre religion, mais d’un conflit entre Israël et le Hamas». (*Le Monde*, 02/02/09).⁸

⁸ Nossa tradução: Gilles Bernheim, o novo rabino-chefe da França, critica o papa Bento XVI Sobre a guerra na Faixa de Gaza, o novo rabino-chefe reafirma a posição das instituições judaicas da França. Para estas, não se trata de “uma guerra contra outro povo ou outra religião, mas de um conflito entre Israel e o Hamas”.

b) uso de um tom integrado;

Chefe da merenda da capital migrou para fornecedora

Em fevereiro de 2007, o então diretor da merenda da Prefeitura de São Paulo, Sérgio Ramos Júnior, foi contratado pela empresa que, três meses depois, venceu a licitação na área. Ele nega conflito ético. (*Folha*, 06/02/09).

c) emprego da narrativização;

Chine - Etats-Unis: le grand refroidissement?

La Chine perçoit la nouvelle administration américaine avec un mélange d'inquiétude et de perplexité. Fin janvier 2009, Barack Obama a voulu rassurer Pékin en téléphonant à son homologue chinois, Hu Jintao. Le président américain a évité d'aborder de front les sujets qui fâchent, comme pour atténuer les effets de la "sortie" un peu rude du nouveau secrétaire au Trésor, Timothy Geithner. (*Le Monde*, 04/02/09).⁹

d) emprego da evocação ou alusão;

Guerrilha solta reféns com apoio brasileiro

A tensão instalou-se após um jornalista dizer à TV Telesur, chavista, que a entrega correu o risco de ser abortada porque militares colombianos sobrevoaram "insistentemente" a área. As Farc dizem que um guerrilheiro morreu na operação. (*Folha*. 02/02/09).

No jornalismo, o locutor tenta se apresentar como aquele que esclarece, explica e informa. Para Vizeu (2007, p. 1-10), os jornalistas enunciam o discurso como sujeitos autônomos do acontecimento, na medida em que dependem das fontes de informação e de opinião, isso faz com que o discurso jornalístico seja marcado pela intercalação entre *discurso narrativo* e *discurso citado*.

Esse jogo delocutivo de apagamento do relato busca aparentar ao leitor a existência de um mundo objetivo, a ideia de que o jornal apenas retrata a realidade. No entanto, sabemos que a presença e a opinião da instância jornalística e dos jornalistas, enquanto sujeitos enunciadore, aparecem implícitas, inclusive na escolha do entrevistado, daquele outro que fala e opina sobre o acontecimento.

Mas Charaudeau (2006a, p. 152-200) lembra que o jogo da busca de credibilidade (com a aparente utilização da objetividade e da imparcialidade) e de captação (com tomada de posição e dramatização) exige do enunciador jornalista

⁹ Nossa tradução: China - Estados Unidos: o grande "gelo" entre os dois países?

A China considera a nova administração dos EUA com uma mistura de ansiedade e perplexidade. No fim de janeiro de 2009, Barack Obama tentou tranquilizar Pequim, telefonando a seu homólogo chinês Hu Jintao. O presidente dos EUA evitou abordar face à face temas sensíveis, para atenuar os efeitos da "saída" um pouco dura do novo secretário do Tesouro, Timothy Geithner.

mais do que reportar os fatos e as declarações. O papel do jornalismo é também explicar e comentar os acontecimentos para esclarecer o cidadão. Para isso, o jornalismo parte sempre de um quadro de questionamento e tenta apresentar diferentes posições sobre os problemas. Charaudeau (2008a, p. 112) explica que “os três próximos modos de organização do discurso contribuem igualmente para construir textos, contar o fato testemunhando uma experiência, argumentar demonstrando relações, descrever identificando e qualificando os seres”.

O segundo modo de organização que vamos abordar, o descritivo, pode dar sustentação ao relato jornalístico e o aproximar do efeito de real. Ainda de acordo com Charaudeau, o modo descritivo:

[...] expande para fora do tempo (o que explica que o presente e o imperfeito sejam os tempos privilegiados da descrição). Descrever é uma forma de fixar imutavelmente lugares (Localização) e épocas (Situação), maneiras de ser e de fazer das pessoas, características dos objetos. O modo descritivo pretende apresentar, mostrar o mundo tal qual ele é. (CHARAUDEAU, 2008a, p. 116).

Uma descrição pode ser mais ou menos subjetiva, mas sua função é sempre a de apresentar uma cena, uma situação. O modo descritivo é acionado para nomear, identificar, localizar, situar e qualificar os seres, atribuindo-lhes qualidades que os singularizam. Vejamos com mais detalhes esses processos, tão caros ao jornalismo:

- a) Nomear é dar existência a um ser, classificando-o, dentre tantos outros seres, com suas particularidades e semelhanças. Os seres são colocados em grupos por suas características constitutivas. Essa nomeação atende, evidentemente, aos conhecimentos do mundo, que o sujeito que nomeia tem, e à finalidade comunicativa. Afinal, essa é uma construção simbólica, pois o mundo a nomear não existe *a priori*. A descrição ajuda o locutor a construir um lugar-comum, a partir do qual impele o leitor a acompanhar sua argumentação. Descrever é tentar identificar as coisas e os seres do mundo.

No jornalismo, em que se atende à finalidade de informar, a nomeação/identificação aparece como imprescindível para que se compreenda a narrativa e a argumentação, é necessário que as citações de entrevistas ou depoimentos explicitem nomes próprios, nomes comuns. Além disso, no jornalismo, os seres e os acontecimentos são agrupados em editoriais e classificados, ou localizados, por ordem de importância.

- b) Para melhor descrever os sujeitos e os objetos faz-se, além da nomeação, a sua qualificação. Na qualificação, os sujeitos são mais particularizados,

singularizados, especificados. A qualificação é subjetiva, mas obedece a um acordo mais ou menos implícito da sociedade, das normas da prática social. A classificação precisa ser aceita como válida por todos os interlocutores. Podem ser usadas construções mais “objetivas” do mundo (descrição física, idade, sexo, profissão, endereço) ou mais subjetivas (analogias, apreciações positivas ou negativas). No jornalismo, a qualificação mais subjetiva atende a uma estratégia de sedução, de captação dos receptores.

- c) Ao localizar ou situar, ao enquadrar espacial e temporalmente, o modo descritivo pretende ajudar a construir as características dos seres e dos acontecimentos. Afinal, precisamos saber a posição espaço-temporal dos sujeitos e das ações para atribuir-lhes sentido. A descrição pode ser mais fria, tentando situar de forma mais precisa, e com detalhes, a identificação dos lugares e da época, ou pode ser mais subjetiva, deixando vagas tais identificações. O desejo de “ser objetivo” é, afinal de contas, um recurso muito utilizado no jornalismo e ajuda, inclusive, a construir imagens do mundo a significar. Podemos verificar esses procedimentos nos jornais:

Le scrutin régional en Irak marque un pas vers la normalisation dans le pays

Le premier ministre irakien, Nouri Al-Maliki, pouvait se targuer, lundi 2 février, d'avoir fait franchir à l'Irak un pas important vers la normalisation. Pour au moins deux raisons. La première est la tenue sans accroc notable samedi 31 janvier d'élections régionales dans 14 des 18 provinces d'Irak. (*Le Monde*, 03/02/09).¹⁰

Queda de avião em rio no AM mata 20; quatro sobrevivem

A queda de um avião ontem no rio Manacapuru (a 85 km de Manaus) deixou 20 mortos, segundo o Centro de Operações Integradas de Segurança de Manaus. (*Folha*, 08/02/09).

O discurso jornalístico parece tender para a descrição, na medida em que sua tentativa de ser uma forma direta, clara, precisa e concisa cria efeitos de real. No entanto, o jornalismo conta histórias do presente, acontecimentos que estão, de alguma forma, num quadro de significações. Desse modo, o jornalismo, além de descrever, é também uma atividade de contar histórias, de narrar acontecimentos do presente.

¹⁰ Nossa tradução: As eleições regionais do Iraque marcam um passo no sentido da normalização no país

O primeiro-ministro iraquiano, Nouri al-Maliki, gabou-se, na segunda-feira, 2 de fevereiro, de ter dado um passo importante no sentido da normalização. Ao menos por duas razões. A primeira é a realização, sem problemas significativos, sábado, 31 de janeiro, das eleições regionais em 14 das 18 províncias do Iraque.

Um terceiro modo de organização do discurso, preconizado por Charaudeau, é o narrativo, é a maneira de se contar uma história colocando os personagens e os fatos em posições, em hierarquias, moldados por juízos de valor compartilhados numa comunidade. Para o teórico:

[...] a narrativa só tem sentido por estar relacionada a um encadeamento de motivos dirigidos a um fim, o qual se inscreve num projeto humano. É por essa razão que esses acontecimentos se organizam segundo um princípio de intencionalidade (ou de motivação). (CHARAUDEAU, 2008a, p. 166).

Motta (2007, p. 144-167), analisando especificamente o jornalismo, partilha do pressuposto de que a narrativa é a base da linguagem humana e das relações sociais:

as narrativas são formas de relações que se estabelecem por causa da cultura, da convivência entre seres vivos com interesses, desejos, vontades e sob os constrangimentos e as condições sociais de hierarquia e de poder. Quem narra tem algum propósito ao narrar, nenhuma narrativa é ingênua. (MOTTA, 2007, p. 147).

Ainda complementando esse argumento, Motta (2004, p. 11) acredita que o jornalismo se apresenta no mundo contemporâneo como uma grande narrativa de experimentação ética e moral. Os leitores de jornais reinterpretem, sob o mesmo fundo cultural dos jornalistas, os dramas e as tragédias do homem moderno. Mesmo se um texto jornalístico for mais descritivo e objetivo, pode ser considerado como uma narrativa, porque a subjetividade está impregnada nesses fragmentos de texto que vão construindo, cotidianamente, a narrativa da sociedade atual.

Mas não se pode confundir narrativa com modo de discurso narrativo. Narrativa é mais abrangente e o próprio Charaudeau (2008a, p. 154) adverte que contar não é somente descrever uma sequência de ações, de fatos e de acontecimentos. Narrar é uma atividade humana que tem por finalidade buscar respostas às perguntas fundamentais do homem: “Quem somos? Qual é a nossa origem? Qual é nosso destino?”

Alguns estudiosos do jornalismo concordam com a perspectiva de se ampliar o entendimento acerca da narrativa (Nelson Traquina, Adriano Rodrigues, Luiz Gonzaga Motta). Segundo eles, o jornalismo faz parte dessa construção incessante dos homens em tecer uma rede de significações para colocar um pouco de ordem

na vida coletiva, individual e nos fenômenos da natureza, que são plurais, fragmentados e muitas vezes desconexos. Os homens viveriam, segundo Charaudeau (2008a), divididos entre duas crenças: por um lado, a de que temos uma unidade homogênea e universal e precisamos recuperá-la e, por outro, a de que somos mesmo uma realidade fragmentada e particular:

O discurso informativo tem uma finalidade externa ou instrumental, precisa ajustar-se ao mundo real, o conhecimento e o fato conhecido são distintos e o sujeito falante é empírico desde uma situação determinada, se dirige a alguém com a finalidade de comunicar informação. É um ato político e social. O discurso literário, por outro lado, só se compara consigo mesmo, cria o que diz, o sujeito é universal em uma situação eterna, não se dirige a nada, mas a todos indiferenciadamente em todos os tempos. É um discurso absoluto. Já as narrativas históricas e jornalísticas, embora diferentes, têm para ele inúmeras semelhanças e dessemelhanças dependendo do grau de rigor, do uso de fontes, tentativa de isenção, tratamento das personagens e linguagem (MOTTA, 2004, p. 6).

No modo de organização do discurso narrativo, o sujeito enunciador procura encadear os acontecimentos numa sequência temporal e/ou numa sequência de ações, levando o receptor a perceber que há uma ordem lógica entre um fato e suas consequências. Para Charaudeau, (2008a, p. 111), “Contar consiste em expor o que é da ordem da experiência e do desenvolvimento das ações no tempo, e cujos protagonistas são os seres humanos”. O modo narrativo vai descortinando o mundo à medida que a narrativa avança, ou seja, à medida em que se encadeiam progressivamente, o princípio e o fim em um dado contexto.

O pensamento de Motta neste ponto encontra-se, de certo modo, com o de Charaudeau:

A narrativa traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, as identidades, as crenças, valores e mitos, etc.) em relatos. A partir dos enunciados narrativos, somos capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras em uma ordem e perspectiva, em um desenrolar lógico e cronológico. É assim que compreendemos a maioria das coisas do mundo (MOTTA, 2007, p. 144).

O fato é que, no discurso jornalístico, o modo narrativo aciona a ideia de que os acontecimentos têm uma causa e uma consequência.

Vejamos um exemplo, no qual colocamos em **negrito** os actantes da narrativa e, em *itálico*, o processo que desencadeia a narrativa e sublinhamos as sequências do modo narrativo:

Senado italiano aprova projeto anti-imigração

O governo do premiê **Silvio Berlusconi** *aprovou no Senado italiano projeto de lei do grupo **direitista** Liga Norte, integrante da coalizão majoritária, que altera lei sobre imigração e permite que médicos delatem à justiça pacientes estrangeiros em situação irregular.* (Folha, 06/02/09).

Na estrutura do modo de organização do discurso narrativo, os parceiros da troca comunicativa assumem identidades de acordo com o lugar que ocupam nessa troca. O autor pode estar ausente ou presente na narrativa, mas existe como indivíduo social: ele é o Sc do quadro que demonstramos na FIG. 1.

O narrador é aquele que assume o projeto de fala e pode não deixar transparecer sua identidade real, ele é o Se. No caso do jornalista, o narrador prepara uma narrativa, dando-lhe um aspecto o mais “neutro” possível, ou seja, aproximando-se dos fatos que aconteceram no mundo real. Ele é o narrador-jornalista, que escreve para um leitor-destinatário-ideal do jornal. Mas o leitor real, o indivíduo social, se quiser, poderá verificar a veracidade dos fatos, criticar a notícia, etc.

O narrador pode ter uma presença na narração, colocando-se como participante e até mesmo convocando o leitor. Essa intervenção do narrador está mais presente nas crônicas e artigos de opinião. De modo geral, a narrativa jornalística é baseada em relatos mais “secos”, em que o narrador utiliza-se de dados para contar o que aconteceu, como se sua presença fosse a de um narrador-historiador, fora do processo. Os jornalistas, neste caso, posicionam-se como narradores de histórias, das quais não são personagens.

Às vezes, para aumentar o efeito de real, o jornalista se coloca como testemunha do acontecimento, como observador que relata o que vê e ouve. Ainda assim, ele continua a assumir o papel de um narrador que tem um ponto de vista exterior ao acontecimento, isso lhe daria uma visão de fora, ou por trás do evento como diz Charaudeau (2008a, p. 197).

No jornalismo, as estratégias para o convencimento de veracidade vão desde a presença do repórter no local onde o fato se passou, até entrevistas com pessoas que dão o testemunho do ocorrido. O narrador deve, assim, construir efeitos de verdade para convencer os interlocutores de que o que ele narra aconteceu realmente.

A narrativa apresenta, ainda, de acordo com Charaudeau (2008a, p. 151-200)

quatro princípios. O princípio da coerência exige que o discurso narrativo tenha uma ação que lhe dê início, faça uma abertura, seja a origem do processo narrativo. Da mesma maneira, é necessária uma ação de fechamento, com um resultado que pode ser negativo ou positivo e se relacione com a ação inicial. Podemos observar essa característica da narrativa no exemplo abaixo:

PMDB vence na Câmara e no Senado

Com o apoio do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o PMDB reconquistou, após 16 anos, as presidências da Câmara e do Senado. As vitórias dão ao partido poder para avançar na busca de mais espaço no governo, no qual já tem seis ministros, e influir na eleição de 2010. (*Folha*, 03/02/09).

O segundo princípio é de intencionalidade, que faz com que sejam percebidas as motivações das ações. A finalidade atribui sentido à sequência das ações humanas. De acordo com o exemplo acima, a motivação está muito clara. Os arranjos políticos para a eleição do Presidente da República em 2010 começam a surtir efeitos.

O princípio de encadeamento, o terceiro, é a combinação do princípio de coerência e do princípio de intencionalidade, construindo quatro tipos de encadeamentos: (i) sucessão (sequências lineares e consecutivas), (ii) paralelismo (cada sequência com um actante-agente diferente), (iii) simetria (duas sequências paralelas, mas que se interferem) e (iv) encaixe (micro-sequências incluídas numa maior).

Por fim, o quarto e último princípio é o da localização, que oferece pontos de referência à organização da narrativa, quais sejam: espaço, tempo e caracterização dos actantes.

Percebemos que os modos enunciativo, descritivo e narrativo têm pontos de contato. A enunciação delocutiva confere um toque de neutralidade ao texto informativo. Além disso, os profissionais jornalistas aprendem a construir um texto que responda às perguntas-chave que orientam a descrição e a narração: quem fez o quê, quando, onde, por quê e qual a consequência. É claro que o texto jornalístico está mais próximo da descrição, mas não se restringe a ela. Motta resume bem essa questão:

A força narrativa dos enunciados jornalísticos estaria menos nas qualidades narrativas intrínsecas do texto das notícias e reportagens ou no confronto entre o estilo descritivo e o narrativo, mas principalmente no entendimento da comunicação jornalística como uma forma contemporânea de domar o tempo, de mediar a relação entre um mundo temporal e ético (ou intratemporal) pré-figurado e um mundo refigurado pelo ato de leitura (MOTTA, 2004, p. 11).

Nesse sentido, o jornalismo, para alcançar sua finalidade de informar, utiliza-se da enunciação, da descrição e da narração, buscando, é claro, influenciar as relações sociais e participar da configuração do mundo dos homens. Afinal, quando tomamos a palavra, de alguma maneira, queremos influenciar o outro, levá-lo a partilhar do nosso ponto de vista, mudar ou construir uma opinião, reforçar seu conceito sobre um tema ou um produto, fazê-lo refletir ou simplesmente aceitar nossas colocações. Sendo assim, o quarto modo de organização do discurso, a argumentação, está presente, em maior ou menor grau, em qualquer interação comunicativa.

A argumentação, segundo Charaudeau (2008a, p. 205), implica a existência de uma proposta, um questionamento e uma verdade sobre o mundo; de um sujeito provocador, engajado, a partir de uma convicção; e de um sujeito alvo dessa proposta, que pode ou não aceitar a argumentação. Para alcançar a persuasão, ou seja, o convencimento, o sujeito comunicante busca o uso da lógica e da sedução, tentando provar a verdade. Para Charaudeau (2008a, p. 112), “argumentar consiste em efetuar operações abstratas de ordem lógica, destinadas a explicar ligações de causa e efeito entre fatos ou acontecimentos”.

Na chamada abaixo, o jornal fala dos primeiros problemas do presidente americano com o partido de oposição e de como ele parece tentar resolvê-los com apelos de comunicação usados em campanha:

Plan de relance américain: Barack Obama se fâche

Barack Obama a repris un ton de campagne pour obtenir le vote de son plan de relance au Sénat, où il est l'objet d'une attaque en règle de la part de l'opposition républicaine. Trop cher, trop dispendieux, pas assez généreux pour les contribuables, trop orienté vers l'investissement «vert», etc.: la charge républicaine a commencé à porter dans l'opinion. (*Le Monde*, 07/02/09).¹¹

Nesse exemplo, vemos ligações de causa e efeito entre o que fez Barack Obama e a reação que seu desejo de fazer passar um plano (democrático) causou nos seus opositores (republicanos).

¹¹ Nossa tradução: Plano de recuperação americano: Barack Obama fica irritado

Barack Obama retomou o tom de campanha para a votação do seu plano de recuperação no Senado, onde tal plano é objeto de ataques regulares por parte da oposição republicana. Muito caro, muito dispendioso, pouco generoso para os contribuintes, orientado para o investimento “verde”, etc. A carga republicana começa a pesar na opinião pública.

Mas além do tipo de argumentação considerado por Patrick Charaudeau, existe outro tipo, que é explicado por Amossy (2000, p. 2-32). Para a teórica, existem discursos com visada argumentativa, ou seja, em que há uma intenção clara de convencimento, de persuasão, de pedido de apoio a uma causa, a uma pessoa.

No jornalismo, a visada argumentativa é mais perceptível em artigos de opinião e nos editoriais. Vejamos um caso:

Novas medidas não são resposta para os problemas

O programa de socorro aos bancos parece ser mais uma vez filho das fracassadas intervenções dos últimos 18 meses: otimista e ineficiente. Agora é o momento de ações certas para o problema. As medidas propostas definitivamente não aparentam ser a resposta. (*Folha*, 11/02/09).

Nessa chamada para um artigo de Martin Wolf, do *Financial Times*, vemos uma crítica imbuída da tal visada argumentativa.

Certos discursos oferecem informações e/ou reafirmam laços entre os interlocutores. Ainda esses discursos, em que a argumentação lógica e racional não é a expressão mais forte, contêm uma dimensão argumentativa para Amossy (2000, p. 26). A autora vê no jornalismo, em geral, um discurso com uma dimensão e não com uma visada argumentativa.

O jornalismo aparece frequentemente como uma tentativa de dar um panorama sobre os acontecimentos do mundo real, mas, mesmo assim, orienta o olhar e confere aos acontecimentos ou aos personagens um sentido particular. Explícita ou implicitamente, a notícia segue uma linha de argumentação e pretende levar o leitor a compartilhar as ideias que sustentam o jornal, desde a escolha do tema até problematização que orienta a notícia e sua forma de apresentação, proposta pelo jornal. Vejamos outro exemplo de notícia com dimensão argumentativa:

Plus de 6 milliards d'euros d'aide pour Renault et PSA Automobiles

Le gouvernement devait annoncer lundi un plan d'aide de 6,5 milliards d'euros pour Renault et PSA Peugeot Citroën. En contrepartie de ce prêt sur cinq ans, les deux groupes ont pris plusieurs engagements sociaux. (*Le Monde*, 10/02/09).¹²

¹² Nossa tradução: Mais de 6 bilhões de euros em ajuda à Renault e PSA Automóveis: O governo deverá anunciar na segunda-feira um pacote de ajuda de 6,5 bilhões de euros destinados a Renault e PSA Peugeot Citroën. Em troca deste empréstimo de cinco anos, ambos os grupos assumiram vários compromissos sociais.

A notícia refere-se ao dilema do Estado em ajudar bancos e empresas, que continuavam demitindo trabalhadores. O que está em jogo nessa chamada não é apenas a ajuda do governo às montadoras, mas o enfoque no compromisso que as empresas deveriam ter para manter os empregos. Esse enfoque da notícia revela um ponto de vista do jornal.

A argumentação, então, na perspectiva da Análise do Discurso, constitui-se num quadro mais amplo das relações comunicativas e não se apresenta apenas em suas marcas linguísticas próprias e tradicionais. A argumentação é uma modalidade de discurso mais complexa e sutil, que pode vir implícita no modo narrativo e descritivo de um discurso, por exemplo.

Por isso, a análise do modo de organização argumentativa requer, segundo Amossy (2000, p. 23), uma aproximação: (i) linguageira (o discurso argumentativo se constrói a partir das escolhas lexicais, dos quadros formais da enunciação, das preposições, dos subentendidos, etc.); (ii) comunicacional (o discurso argumentativo visa a um auditório, a uma situação de comunicação na qual a argumentação deverá surtir efeito); (iii) dialógica e interacional (o discurso argumentativo participa de uma interação entre os interlocutores, em que a imagem do auditório e o *ethos* do locutor aparecem no discurso); (iv) genérica (o discurso argumentativo se inscreve sempre num tipo e num gênero de discurso, determinando os fins, os quadros de enunciação, os papéis); (v) estilística (o discurso argumentativo vai recorrer aos efeitos e às figuras que vão ter impacto sobre o receptor); e (vi) textual (o sentido de um conjunto coerente de enunciados, silogismos e analogismos, estratégias de dissociação e associação).

Além disso, os discursos argumentativos devem ainda apresentar as três provas da argumentação: o *logos*, o *pathos* e o *ethos*. Os conceitos de *ethos*, *pathos*, *logos* e *doxa* se devem à Antiguidade Clássica. Eles foram introduzidos ou re-introduzidos nos estudos discursivos através de teóricos que viam na argumentação algo mais amplo que o que Patrick Charaudeau apresenta em sua “Grammarie”. Dentre esses teóricos, voltamos a destacar Ruth Amossy e seu grupo de pesquisadores.

O *logos* é a razão persuasiva, é a apresentação de dispositivos intelectuais convincentes. As premissas apresentadas e o desenvolvimento do discurso tentam levar o interlocutor a uma conclusão. Vejamos um exemplo do que foi dito:

Crise provoca maior corte na indústria em 8 anos

Emprego caiu 1,8% em dezembro; foi 3º recuo seguido, aponta IBGE

Sob o impacto da crise, o emprego na indústria brasileira registrou a pior queda em oito anos: 1,8% em dezembro, na comparação livre de influências sazonais com novembro. Foi a maior retração da série histórica do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que começou em 2001. (*Folha*, 10/02/09).

Graças às porcentagens, aos cálculos, à presença da entidade (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE) que funcionam como argumento de autoridade, essas “linhas” fecham ou reduzem as possíveis conclusões do leitor a uma só: houve aumento do desemprego.

Como dissemos anteriormente, nenhum modo de organização do discurso está separado do outro. Há uma interligação entre eles, se Charaudeau (1992, 2008a) os dividiu em categorias, foi apenas para melhor explicar seu funcionamento. Assim, ele lembra que o modo descritivo está relacionado ao narrativo e ao argumentativo:

Assim sendo, o Descritivo não se contenta em servir o Narrativo, como se diz frequentemente, mas dá sentido a este último [...] descrever e argumentar são atividades estreitamente ligadas, na medida em que a primeira toma emprestado à segunda um certo número de operações lógicas para classificar os seres (por exemplo, sinônimos e antônimos), e a segunda só pode exercer-se a respeito de seres que têm uma certa identidade e qualificação. (CHARAUDEAU, 2008a, p. 112).

De forma sintética, diremos que o *pathos* provoca um efeito emocional sobre o auditório e demonstra a paixão e o afeto no discurso. A emoção se apoia em valores morais amplos, em sentimentos compartilhados socialmente, na *doxa*. A *doxa* indica as representações de mundo, suas imagens compartilhadas; é dela que parte a construção do raciocínio, da emoção e da imagem dos interlocutores (a ideia de justiça, solidariedade, igualdade, etc.). O *pathos* está mais presente na problematização, na tematização das notícias. No exemplo a seguir, o *pathos* é alcançado por duas razões: trata-se da condição de vida e de morte de crianças, tema sempre comovente, já que o bom senso comum acredita que crianças não devem participar de guerras:

Il y a moins d'enfants-soldats dans *Le Monde*, constate l'ONU

En 2007, plus de 300 000 mineurs étaient enrôlés dans *Le Monde* par des troupes armées. Il en reste 250 000. Le phénomène touche 15 pays, contre 27 il y a deux ans. (*Le Monde*, 06/02/09).¹³

¹³ Nossa tradução: Existem menos crianças soldados no mundo, diz ONU

Em 2007, mais de 300.000 crianças estavam inscritas no mundo por tropas armadas. Restam 250.000. O fenômeno afeta 15 países, contra 27 há dois anos.

Quanto ao *ethos*, diríamos, de forma simplificada, que ele é a imagem que o locutor tenta passar de si, através do discurso, para os receptores. Essa imagem é construída no nível discursivo e também no nível pré-discursivo (imagem anterior ou prévia do locutor, de sua função e de sua posição, enquanto ser do mundo). Essa imagem pré-discursiva está associada à legitimidade dos interlocutores. A *Folha*, por exemplo, mostra-se preocupada com a situação do emprego e faz uma pesquisa para os leitores:

Desemprego atinge 31% dos lares de São Paulo

Data*Folha* revela que 47% aceitariam reduzir salário para manter vaga e 19% culpam o governo federal por cortes.

Pesquisa Data*Folha* feita em 3 e 4 de fevereiro mostra que, em 31% dos domicílios paulistanos, pelo menos um trabalhador perdeu o emprego nos últimos seis meses. (*Folha*, 09/02/09).

Dessa forma, a publicação demonstra um *ethos* jornalístico imbuído de uma “ética cidadã”, como diria Machado (2011, no prelo), na esteira de Charaudeau.

Muitas vezes, o que é notícia não é apenas o acontecimento em si, mas o significado que ele alcança quando identificamos, qualificamos e localizamos os protagonistas e suas ações. Quando isso acontece, pode-se perceber um elo entre a descrição, a narração e a argumentação, como vemos no exemplo abaixo:

Après trente ans de révolution, l’Iran, puissance régionale, s’interroge

Désillusion économique et sociale à quelques mois des élections

Il y avait, avant lui, une boutique de photo qui a fait faillite. Reza Taffeschi n’a pas jugé utile de changer l’enseigne. A quoi bon: dans ce quartier populaire de Téhéran, c’est fréquent. Lui, fait dans l’alimentaire: à même le sol, bidons d’huile, céréales, graines. Un bric-à-brac odorant, qui, espère-t-il, le fera vivre. Au moins un moment. Les étiquettes sont instructives: riz pakistanais, conserves chinoises et italiennes, thé indien. (*Le Monde*, 11/02/09).¹⁴

Numa mistura de descrição e narração, o jornalista tenta mostrar a decadência do Irã, associando essa situação aos erros da revolução.

Os jornais devem, ao elaborar uma matéria, levar em consideração que estão

¹⁴ Nossa tradução: Após 30 anos da revolução, o Irã, potência regional, se questiona
Desilusão econômica e social a alguns meses antes das eleições

Antes, ele tinha uma loja de fotos, que faliu. Reza Taffeschi nem pensou em trocar sua placa por outra. Para que fazer isso: neste bairro popular do Teerã, isso sempre acontece. Agora ele vende alimentos; espalhados no chão, latas de óleo, cereais, grãos. Uma mistura de cheiros, cujo comércio o fará viver, pelo menos é o que ele pensa. As etiquetas são bem elucidativas: arroz do Paquistão, conservas chinesas e italianas, chá indiano.

acionando públicos distintos. Para cada público, os jornalistas fazem um “cálculo” de como alcançar melhor seus objetivos, se devem usar um discurso mais emocional, mais racional, com mais dados, menos dados, e assim por diante.

Então, sendo assim, a finalidade e a organização discursiva, no jornal, dependem do público receptor. Para a instância de recepção jornalística, a finalidade está em querer a informação para decidir sobre a vida, confirmar valores ou modificá-los, ter um repertório de temas para as trocas de comunicação ou para sentir-se parte de um todo, de uma sociedade configurada simbolicamente pelas notícias.

Outro aspecto da finalidade dessa comunicação é o de que, ao mesmo tempo em que buscam e produzem informação, os jornais devem provocar, nos leitores, o desejo de consumir notícia. Para provocar nos leitores esse desejo, evidentemente, apelam para estratégias menos racionais, de dramatização e de ludismo. Desse modo, a finalidade da mídia, em geral, e do jornalismo, em particular, apresenta uma dupla visada: informar e captar os leitores. Veremos melhor esse aspecto mais adiante, quando discutirmos as estratégias de captação dos leitores.

2.2.3 O propósito da troca comunicativa

O contrato de comunicação pressupõe que os parceiros da troca comunicativa saibam qual o propósito do discurso, sobre o que os sujeitos vão falar, qual tema será colocado na cena, enfim, a qual assunto o discurso vai se referir. O contrato de comunicação, que emoldura a relação entre os produtores de notícia e os leitores do jornal, estabelece os temas e a perspectiva sob a qual eles devem ser apresentados. Dito de outra maneira: os leitores, ao comprarem um jornal de referência, como *Folha de S. Paulo* e *Le Monde*, esperam ler notícias atuais sobre política, economia, cultura, comportamento, esportes, educação, para citar apenas alguns temas dentre outros. Mas essas notícias precisam ser recortadas, ou seja, tematizadas, seguindo a ótica do cidadão leitor desses jornais.

O propósito, segundo Charaudeau (2006a, p. 94), está relacionado ao universo discursivo dos parceiros da troca. O mesmo acontecimento/discurso

noticioso, por exemplo, poderá ser enquadrado para a construção de sentidos diferentes. Os trinta anos da revolução islâmica, por exemplo, foram notícia tanto na *Folha* quanto no *Le Monde*. No jornal brasileiro, o enfoque foi a festa de comemoração e a tentativa de aproximação da comunidade islâmica do presidente americano, Barack Obama. No jornal francês, o enfoque foi a decadência social e econômica daquele país.

O que foi dito acima ilustra um pensamento de Charaudeau (2006a, p. 94): “Desse modo, o mundo-objeto é construído em objeto-sentido, o propósito, objeto de compartilhamento do ato de comunicação”. Um fato só ganha sentido a partir do momento em que é incluído num universo discursivo que o referencia, que o enquadre em categorias de análise. Logo, o jornal precisa escolher, dentre tantos acontecimentos do mundo, quais serão notícia e com que enfoque, para que a notícia adquira sentido num contrato de comunicação entre produtores e leitores de jornais.

Essa escolha dos assuntos que serão notícia responde a critérios construídos, na redação, por um grupo de profissionais que levam em conta: os leitores, a política editorial do jornal, os concorrentes, as questões técnicas e econômicas de cobertura dos eventos e os interesses de sobrevivência econômica do jornal. Para definir o que vai ser ou não notícia, os jornalistas utilizam-se de critérios de noticiabilidade ou valor-notícia. Diante de um acontecimento, os profissionais de informação fazem um cálculo do valor que ele tem como notícia e decidem se vão ou não publicá-lo. Esses critérios de noticiabilidade variam de um veículo para outro, mas vamos apresentar alguns que tendem a se repetir nos jornais objeto desta pesquisa.

A noticiabilidade é assim definida por Wolf:

[...] conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de factos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias. (WOLF, 1995, p. 190).

Vemos, então, que ela é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos - do ponto de vista profissional dos jornalistas - para adquirirem a existência pública de notícias. Tudo o que não corresponde a esses requisitos é “excluído”, por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional. Não adquirindo o estatuto de notícia, o acontecimento

permanece simplesmente como mais um que se perde entre a “matéria-prima” que o órgão de informação não consegue transformar e que, por conseguinte, não irá fazer parte dos conhecimentos de mundo adquiridos pelo público através das comunicações de massa. Nessa ótica, a instância de produção

[...] se trouve engagée dans un processus de transformation, dans lequel elle joue un rôle de médiateur, et parfois de constructeur d'événement, entre *le monde* extérieur où se trouve le fait à l'état brut, et monde médiatique, scène sur laquelle doit apparaître l'événement médiatisé. (CHARAUDEAU, 1994, p. 10).¹⁵

A partir desses critérios, de modo rápido e rotineiro, os jornalistas operam um processo de seleção dos acontecimentos. Caso contrário, seria inviável produzir um jornal. Os critérios de noticiabilidade, ou de valores notícia, não estão escritos e são apreendidos de forma natural pelos produtores desse tipo de discurso. Para Garbarino:

Na produção de informações de massa, temos, portanto, por um lado, a cultura profissional, entendida como um inextricável emaranhado de retóricas de fachadas e astúcias táticas, de códigos, estereótipos, símbolos, tipificações latentes, representações de papéis, rituais e convenções, relativos às funções dos *mass media* e dos jornalistas na sociedade, à concepção do produto-notícia e às modalidades que superintendem à sua confecção. A ideologia se traduz, pois, numa série de paradigmas e de práticas profissionais adotadas como naturais (GARBARINO *apud* WOLF, 1995, p. 189).

Wolf (1995, p. 195) esclarece então: “Esses valores constituem a resposta à pergunta seguinte: quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?” Para este autor, os valores-notícia atuam de maneira peculiar:

[...] a seleção das notícias é um processo de decisão e de escolha *realizado rapidamente* [...]. Os critérios devem ser fáceis e rapidamente aplicáveis, de forma que as escolhas possam ser feitas sem demasiada reflexão [...]. Por outro lado, os critérios devem ser *flexíveis* para poderem adaptar-se à infinita variedade de acontecimentos disponíveis [...]. Os critérios devem também ser facilmente *racionalizados* para que, no caso de uma notícia ser substituída por outra, haja sempre disponível um motivo aceitável para tal substituição. Finalmente, mas não menos importante, os critérios são *orientados para a eficiência*, de forma a garantirem o necessário reabastecimento de notícias adequadas, com o mínimo dispêndio de tempo, esforço e dinheiro (GANS, 1979, p. 82 *apud* WOLF, 1995, p. 197).

¹⁵ Nossa tradução: [...] se encontra engajada em um processo de transformação, no qual ela desempenha um papel de mediadora, e às vezes de construtora do acontecimento, entre o mundo exterior onde se encontra o fato em seu estado bruto, e o mundo midiático, cena sobre a qual deverá aparecer o acontecimento midiaticizado.

Os valores-notícia não são apenas qualidades do acontecimento. Em outras palavras, o que dá a um acontecimento um potencial de se transformar em notícia não são apenas qualidades intrínsecas ao evento, mas a construção social do grupo de jornalistas, que vê no fato um fenômeno interessante para o público leitor do jornal. Desse modo, os valores-notícia mudam com o tempo. Um acontecimento que era considerado importante numa época pode não se configurar como notícia décadas depois. E novos interesses dos leitores fazem com que os jornais prestem mais atenção a alguns aspectos sociais e os transformem em notícia. Essa dinâmica, mesmo lenta, revela a relação estreita e de troca entre produtores e receptores de jornais. O contrato de comunicação mantém os parceiros da troca comunicativa atentos aos interesses mútuos.

Os acontecimentos chegam ao conhecimento dos jornalistas por meio de fax, telefone, *email*, agências de notícias, contato com as fontes oficiais, (gabinetes de governantes, polícias, bombeiros, câmaras legislativas, assessorias de imprensa de órgãos públicos e privados), as agendas de planejamento de coberturas (datas comemorativas, agendas de autoridades e celebridades), além de um imenso material enviado pelas assessorias de imprensa da área cultural, política, econômica, científica. Ainda é preciso lembrar, é claro, que os leitores também enviam sugestões de coberturas, muitas vezes aceitas pela redação.

Os jornais de referência tendem a seguir um mesmo padrão de noticiabilidade, baseado em alguns aspectos que vamos apresentar agora. É preciso entender, antes de tudo, que os jornais são estruturas organizacionais que trabalham com planejamento. Caso contrário, seria impossível circular todos os dias com a quantidade de textos e imagens disponíveis aos leitores. Esse planejamento é baseado principalmente em dois aspectos: o tempo e o espaço. As circunstâncias de tempo e espaço se apresentam como um quadro fixo no contrato de comunicação entre os jornais e os leitores.

Para impor-se na ordem do espaço, as empresas jornalísticas dividem o mundo em áreas de responsabilidade territorial e indicam profissionais especializados em determinadas regiões. Assim, os jornais organizam coberturas nessas regiões, com correspondentes, agências de notícias ou enviados especiais ocasionalmente. Os jornais não podem estar em todos os lugares ao mesmo tempo, portanto, privilegiam certos pontos de maior atenção. Isso cria, naturalmente, uma distorção.

Alguns lugares têm mais jornalistas do que outros e são mais evidenciados no noticiário. O jornal *Le Monde* apresenta muito mais matérias sobre a região do Oriente Médio do que a *Folha*, por exemplo. Além disso, a *Folha* lança duas edições diárias: uma que circula em São Paulo e outra nacional, além de cadernos especiais para duas cidades do interior. *Le Monde* também tenta atender os leitores de regiões distintas da França e de outros países, com o jornal *Le Monde Diplomatique*.

O espaço interno de apresentação do jornal também é dividido. As notícias apresentam-se enquadradas em temas para o leitor, como se o jornal organizasse a fragmentada realidade. Assim, o mundo da notícia é dividido em política, economia, cidade, cultura, polícia, esportes, veículos, informática, saúde, beleza, moda, dentre outros temas. Para cada editoria (espaço temático), há um contrato próprio dentre os jornalistas e leitores, que estabelece parâmetros mais ou menos fixos de títulos, fotos, estilo.

O tempo é outra característica que marca o planejamento jornalístico. Em primeiro lugar, o tempo atual é que dá sentido a essa atividade. O tempo do acontecimento, da elaboração da notícia, da distribuição do jornal e do consumo é diferente. No entanto, os jornais devem fazer de tudo para apagar essas diferenças e fazer com que o leitor perceba tudo como atual. Para Traquina (1993, p. 174), a atualidade “constitui o coração e a alma da atividade jornalística [...]”. Os acontecimentos devem ser atuais; a própria atualidade constitui um fator de noticiabilidade”.

Diferentemente da história, a narrativa jornalística, em primeiro lugar, refere-se ao presente, ao momento contemporâneo. Um momento fugaz, fugidio, sempre provisório. Em segundo lugar, o tempo é inerente ao processo de fechamento dos jornais e controla o nível de informação que o público recebe. Os jornalistas sabem que as máquinas rotativas não os esperam, que a hora de entrada no ar não muda. Traquina afirma que, devido à tirania do relógio, as respostas que o público mais deseja poderão ser as que ele menos encontra: “Exigir isso é talvez pedir demasiado a estes profissionais inundados pela cheia de acontecimentos e assediados pela hora do fecho” (TRAQUINA, 1993, p. 176). Para impor-se na ordem do tempo, as empresas planejam o futuro por meio do agendamento dos acontecimentos previsíveis, baseando-se em datas comemorativas, dias de luta ou reuniões de entidades marcadas previamente. As notícias que surpreendem os jornalistas são

em menor número que aquelas que fazem parte de um rigoroso planejamento de cobertura antecipada.

Outro critério de noticiabilidade, além do tempo e do espaço, diz respeito a acontecimentos que envolvam personagens com nível hierárquico social mais alto. Assim, há uma maior probabilidade de políticos, artistas, esportistas, presidentes de empresas e líderes religiosos serem notícia. Também, se o número de pessoas envolvidas num acontecimento é muito grande, há um destaque para esse fato, como, por exemplo, o número de mortos em terremotos, ou o público recorde num evento.

Outro critério decorre do fato de os jornais de referência preferirem entrevistar e obter informações de fontes que representem alguma instituição, que falem não apenas em seu próprio nome, mas que assumam a fala de uma instituição: as chamadas fontes institucionais. Traquina (1993, 176) destaca a importância do relacionamento entre o jornalista e a fonte de informação. Segundo o autor, é importante que o jornalista cultive suas fontes e que não as revele, que ele tenha consciência de que a fonte não é desinteressada. Se essa entrevista ou declaração for exclusiva, a probabilidade de ser publicada aumenta, já que, para os jornais, a exclusividade é um evento que os destaca das concorrentes.

Além da exclusividade, os jornais buscam antecipar-se a seus concorrentes apresentando notícias inéditas, chamadas de furos. Esses furos, se bem sucedidos, podem ser usados como propaganda positiva do jornal. Além disso, os jornais pautam-se uns pelos outros. Muitas vezes, os jornais são levados a tratar de um tema porque os concorrentes o estão fazendo.

Outro valor-notícia importante é a proximidade geográfica e cultural de um fato. No nosso *corpus* de análise, acreditamos que esse será um diferencial marcante, já que assuntos de interesse dos franceses certamente não são os mesmos dos brasileiros. Assim, os jornais têm que atender ao interesse de proximidade cultural e geográfica de seus leitores.

Temos ainda a escolha de acontecimentos relacionados ao impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional. Assim, assuntos que dizem respeito a um número maior de pessoas, e que possam alterar suas vidas, serão notícias nas páginas dos jornais. Por exemplo, decisões econômicas e políticas que afetem os salários, os rumos das eleições, greves, conflitos fronteiriços, novas descobertas científicas, previsão do tempo.

Como os jornais trabalham com planejamento para que não haja falta de notícias, as redações selecionam acontecimentos que têm mais chances de continuar sendo notícia por mais tempo. Sendo assim, entre um assunto que se esgota em um dia e outro que ainda promete render notícias por mais alguns dias, os jornalistas preferem os acontecimentos que têm chance de evolução futura, denominada de *suíte*.

Outro critério de noticiabilidade diz respeito aos fatos insólitos, incomuns, associados ao improvável. Rodrigues (1993, p. 27-33) considera esse o principal valor-notícia. Nessa categoria, temos as trocas de papéis ou inversões (quando um policial rouba, por exemplo); os feitos excepcionais, heróicos, de superação, tanto de autoridades como de pessoas comuns; histórias comoventes, engraçadas ou surpreendentes.

Por fim, os jornalistas precisam atentar para os aspectos técnicos ao escolher uma notícia. Um assunto pode atender a vários critérios de noticiabilidade. No entanto, o jornal pode estar na sua hora de encerramento da redação. Ou não há como enviar um jornalista ao local do evento ou o jornalista não conseguiu falar com a fonte a tempo. Ou seja, há limitações técnicas, de tempo ou de qualidade da notícia, que podem fazer com que a matéria seja excluída.

Esses critérios de noticiabilidade ou de “valor-notícia” vão caracterizar o jornal e seus temas, possibilitando a sensação de familiaridade aos leitores. No capítulo três, tentaremos mapear os temas mais frequentes da *Folha* e do *Le Monde*, construindo um elenco de valores-notícia de cada jornal. Esse é um aspecto comum na confecção dos dois jornais, apesar de suas diferenças geográficas.

2.2.4 Os gêneros em um contrato de comunicação

Para contribuir ainda mais com a noção de contrato, recorreremos a outra noção importante, a de gênero. É necessário que os interlocutores de uma dada situação de comunicação entendam em qual gênero os enunciados estão colocados, para compreenderem o mais plenamente possível a comunicação.

A nosso ver, o contrato de comunicação é uma noção mais ampla do que a

de gênero. Por exemplo, o gênero reportagem pode ser usado num contrato de comunicação de sala de aula ou pode ser fonte de um historiador alguns séculos depois. O gênero continua o mesmo, mas a situação onde o contrato de comunicação ocorre foi mudada.

Para cada situação de troca comunicativa, os seres humanos buscam as formas de linguagem mais adequadas. Um conjunto de características dá ao discurso uma identidade partilhada com outros discursos, tornando-os do mesmo gênero. Entre essas características estão o suporte (livro, jornal, televisão, tela de cinema, computador), as marcas textuais (títulos, fotos, legendas de fotos, notícias em colunas), a situação de interação (leitura de jornal, consulta médica, entrevista de emprego, realização de prova) para citar apenas algumas.

Mari e Silveira (2004, p. 59-86) acrescentam que o gênero se constitui como um dispositivo de sentido, que nos encaminha e nos ajuda a transformar os discursos em ação. Assim, o leitor de um jornal aprende a diferenciar a publicidade, a manchete, a coluna de opinião, a reportagem, a charge. O leitor aciona as regularidades dos gêneros para compreender cada texto. Portanto, estamos o tempo inteiro interagindo e ajudando a construir gêneros e, muitas vezes, fazemos isso quase sem perceber. Geralmente, preocupamo-nos com um gênero quando vamos manejá-lo pela primeira vez ou ainda não nos familiarizamos com seus aspectos sociais, textuais, psicológicos.

O estudo dos gêneros não é novo. Já na Antiguidade clássica distinguiram-se o gênero retórico (discursos políticos e jurídicos), que era subdividido em epidíctico (cerimônias ou celebrações), deliberativo (assembleias ou conselhos) e judiciário (tribunais), e o gênero poético, que era subdividido em lírico, épico e dramático. Esses gêneros diziam respeito a situações restritas e formais de comunicação. Na Teoria Literária, o gênero tornou-se uma importante categoria de classificação das obras, dos autores e das épocas. Assim, temos, por exemplo, os gêneros autobiográficos, a epopeia, o conto, os romances, os vários tipos de poemas, a tragédia, a comédia, o drama, que se estendem pelas várias épocas.

A Análise do Discurso recupera a noção de gênero trabalhada por vários autores a partir da década de 60, especialmente após a divulgação das obras de Mikhail Bakhtin. É ele quem começa a dar importância às trocas linguageiras cotidianas e a considerar que os gêneros estão relacionados a elas. Para Bakhtin (1997, p. 261-276), desenvolvemos competências sociocomunicativas que nos

fazem diferenciar os gêneros, que nos fazem reconhecer as estratégias de construção e interpretação de um texto. Segundo Bakhtin, todas as esferas da atividade humana estão sempre relacionadas com a língua e os enunciados refletem essa diversidade, as condições e as finalidades dessas esferas. Assim como as atividades humanas são variadas, os gêneros também o são e estão em constante transformação. Bakhtin (1997, p. 261-276) distingue os gêneros primários dos secundários. Os primários estariam relacionados às interações cotidianas e os secundários derivam do primário, mas podem ser mais rígidos em sua estrutura, muitas vezes padronizada. Os gêneros, para Bakhtin, são tipos relativamente estáveis, com características temáticas, composicionais e estilísticas próprias (MACHADO, 2005).¹⁶

Com a inovação realizada por Bakhtin, o estudo dos gêneros ganhou novo fôlego, mais livre das abordagens tipológicas, classificatórias e categorizantes. Santos ressalta o dialogismo bakhtiniano no estudo dos gêneros:

Dessa maneira, o gênero deixa de ser apenas uma compilação de atributos, denominações e designações imputadas à materialidade linguística dos discursos e passa a representar um espaço referencial de vozes e sentidos para os mesmos. (SANTOS, 2003, p. 74).

Assim, pode-se dizer que existem gêneros mais flexíveis, pois é da sua natureza surpreender, inovar, como, por exemplo, o publicitário e o artístico. Existem outros que são mais heterogêneos, misturados, mixados. Há ainda aqueles que, de forma proposital, assumem-se como outro gênero, apesar de, na verdade, estarem transgredindo, brincando, parodiando.

Cada setor de atividade, por exemplo, a política, a religião, a mídia, a educação, constitui-se como uma força reguladora que orienta o discurso e a constituição de seus gêneros. Segundo Emediato (2003, p. 65): “Não há produção de texto que não se encontre mais ou menos refém das determinações impostas pelo domínio social onde ela se processa”.

Essas determinações impostas pelo domínio social não se dão de forma absoluta. A construção simbólica da linguagem e seu uso impõem aos sujeitos uma aderência inicial às regras, mas dão, ao mesmo tempo, um espaço para a criação e

¹⁶ Essas noções nos foram transmitidas pela professora Dra. Ida Lucia Machado, em curso sobre “Gêneros”, realizado no Pós-graduação em Letras/FALE/UFMG em 2005.

inovação nas interações e na produção de discurso.

Segundo Matêncio (2006, p. 223), “os gêneros de discurso emergem em razão de certas condições históricas, em que o real e o simbólico resistem ao sujeito que, por sua vez, age sobre o real e o simbólico”. Vemos, assim, que, para a Análise do Discurso, o gênero traz referências da situação de comunicação, por exemplo, para um determinado contrato de comunicação um discurso é sagrado, dentro de outro contrato, o mesmo discurso pode ser ofensivo. Emediato (2003, p. 64) defende que o gênero, antes de ser um tipo textual, é um tipo situacional, um “produto de uma interação complexa entre as condições de produção dos textos e das variantes textuais e as competências que estariam na base da produção dos discursos sociais”.

Dessa forma, o estudo dos gêneros impele o pesquisador a percorrer dois caminhos: um em direção à estrutura do texto, incluindo seu suporte; outro em direção às condições que envolvem a produção desse texto, especialmente o contrato estabelecido entre os produtores e receptores. O estudo pode partir do gênero, mas não se encerra nele mesmo, abrindo-se para uma multiplicidade de elementos da vida humana. Nas palavras de Matêncio (2006, p. 222), estudar os gêneros significa “considerar a um só tempo as instâncias sociais, as práticas de produção discursivas e os processos de textualização”. Assim, o estudo do gênero contribui enormemente para que os objetivos da Análise do Discurso sejam alcançados, quer dizer, contribui com a pesquisa sobre a articulação entre as condições sociais e históricas em que um texto foi produzido, como se dão as práticas dos produtores e como são as regras e as restrições dessa produção.

Os gêneros seriam esse ponto de articulação entre “coerções situacionais determinadas pelo contrato global de comunicação, as coerções da organização discursiva e as características das formas textuais, localizáveis pela recorrência das marcas formais” (CHARAUDEAU, 2006a, p. 251). Os gêneros estariam, assim, muito ligados à situação mais ampla de comunicação, que abarca o contrato que se dá entre os interlocutores, mas estariam também associados às marcas palpáveis do texto, àquilo que se vê. Ao mesmo tempo em que o gênero impõe certas regras e restrições que devem ser observadas pelos sujeitos comunicantes, fazendo-os perceber sua instância social e textual, ele permite também que esses sujeitos produzam enunciados de forma criativa e única. Matêncio (2006, p. 218) considera

que, na perspectiva bakhtiniana, “o gênero é uma realidade ao mesmo tempo social e cognitiva, coletiva e individual”. Os sujeitos compreendem os variados gêneros e seus usos na vivência social e manejam esse conhecimento de acordo com as finalidades de suas interações comunicativas.

A noção de gênero leva em consideração o fato de que os sujeitos constroem, histórica, social e individualmente, certos padrões recorrentes de produção discursiva.

O jornalismo impresso, por exemplo, tem um padrão. Segundo Moirand (2008, p. 9), o leitor tem uma noção da heterogeneidade dos assuntos, das questões, mesmo sem ler os artigos. Pelas imagens, títulos, chamadas, intertítulos e aspas, o leitor tem uma ideia da pluralidade genérica que se expressa numa página de jornal. Para a autora, a diversidade de gêneros no jornalismo impresso se explica pela própria evolução da imprensa escrita (com os artigos mais breves e infografias, por exemplo) e não apenas pelo aparecimento da Internet e sua linguagem. Não haveria apenas uma categoria que reunisse satisfatoriamente os discursos jornalísticos em gêneros, porque as fronteiras são tênues e os gêneros servem principalmente para marcar as relações entre os interlocutores, ou seja, para que os jornalistas e leitores reconheçam antecipadamente em qual perspectiva está assentado o discurso.

Moirand (2008, p. 11) fala da dificuldade em se categorizar os discursos jornalísticos justamente por sua heterogeneidade textual, semiótica e enunciativa. No entanto, os leitores são capazes de reconhecer o conjunto que se constitui como o espaço da página do jornal. A autora prefere falar em classes de gêneros jornalísticos, que apresentam uma enunciação mais *subjetivizada* (editoriais, crônicas, charges, comentários) ou mais *objetivizada* (infográficos, glossários, quadros, artigos informativos).

2.2.4.1 Os gêneros jornalísticos

Alguns importantes teóricos tentaram classificar os gêneros jornalísticos. A maior dificuldade é que as páginas de jornais permitem a entrada de vários gêneros,

desde uma nota pequena, passando por artigos e crônicas, até publicidade das mais diversas. Os gêneros no jornalismo já foram divididos, grosso modo, por suporte técnico (impresso, televisivo), por tamanho do texto (nota, notícia), por maior ou menor envolvimento dos enunciadores (informativo, opinativo) ou por assuntos (serviços, publicidade). Além disso, a entrevista, por exemplo, que é um recurso técnico da atividade jornalística, pode configurar-se como gênero para alguns autores quando aparece em forma de pergunta e resposta, na chamada entrevista “pingue-pongue”.

Bonini (2003, p. 205-231) e Bertocchi (2005, p. 1287-1299) fazem uma revisão das discussões sobre os gêneros jornalísticos e organizam os principais aspectos levantados até agora pelos autores da área da comunicação. Segundo eles, há uma divisão em jornalismo informativo (nota, notícia, reportagem, entrevista, foto informativa, títulos e chamadas); jornalismo opinativo ou interpretativo (editorial, artigo, comentário, resenha, coluna, crônica, opinião, charge, carta, *ombudsman*); jornalismo utilitário ou prestação de serviço (previsão de tempo, cotações, obituários, roteiros, campanhas educacionais, apostilas e indicadores); e o diversional e visual (tiras, palavras cruzadas, humor, gráficos, mapas, ilustrações e fotografias). Ainda há os assuntos periféricos, como horóscopo, publicidade, anúncios, edital, balancete, receitas.

Ampliando um pouco a noção de gêneros para o jornalismo, Bertocchi (2005, p. 1287-1299) defende que os gêneros estão mais relacionados à função que o jornalismo exerce em relatar ou comentar os acontecimentos: “De forma sucinta, diz-se que as espécies do gênero informativo contam o que ocorreu, as do interpretativo explicam os porquês e as do opinativo valoram o sucedido” (MESA, 2004, p. 23 *apud* BERTOCCHI, 2005, p. 1293).

Charaudeau inova o conceito, tentando mostrar que um gênero jornalístico não é um marco rígido, mas o resultado do cruzamento entre um tipo de instância enunciativa (origem do sujeito falante, que se dá na instância interna, com o editorial ou um depoimento de jornalista, por exemplo, ou externa, com a fala de um político ou de um especialista); um tipo de dispositivo (impresso, radiofônico, televisivo, digital); um tipo de conteúdo temático (caderno, editoria e rubrica); e um tipo de modo discursivo (acontecimento relatado, comentado ou provocado).

Para o teórico supracitado, temos três “modos discursivos que correspondem

à especificidade das instruções dadas por cada situação de comunicação midiática”: (i) o Acontecimento Relatado, que seriam as notícias mais breves e com caráter mais informativo, constituído por fatos e ações de atores implicados, com declarações e reações verbais de atores da vida pública; (ii) o Acontecimento Comentado, que seriam as editoriais, as críticas e análises; o porquê e o como dos acontecimentos são destacados, as explicações e pontos de vista de especialistas aparecem e, por vezes, o próprio jornalista justifica seu posicionamento; (iii) o Acontecimento Provocado, que são as entrevistas, especialmente as do tipo pergunta e resposta, e debates ou eventos em que o jornalismo promove o confronto de idéias (CHARAUDEAU, 2006a, p. 206).

Os gêneros no jornalismo estariam assim, segundo este autor, em graus de proximidades dos dois eixos de tipologização, sistematizados na FIG. 2:

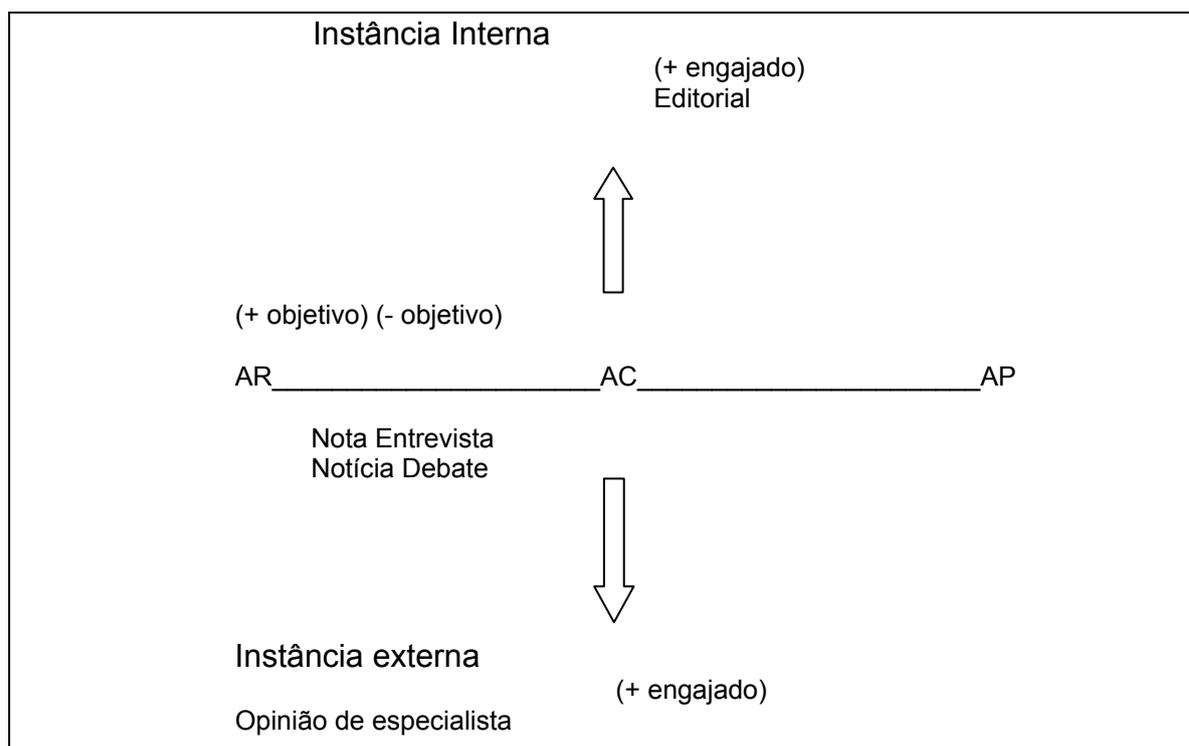


FIGURA 2 - Gêneros jornalísticos

Fonte: Charaudeau, 2006a, p. 235.

Este quadro é uma tentativa de visualização do grau de objetividade e subjetividade, de engajamento do jornal com as instâncias externas e internas. As notícias mais objetivas, ou os Acontecimentos Relatados em notas e notícias, tendem a não revelar de forma explícita o posicionamento editorial do veículo noticioso. Ao contrário, uma entrevista, uma opinião, ou um debate, tendem a revelar

o lugar de enunciação do jornal e de seus entrevistados, no que Charaudeau denomina de Acontecimento Provocado. O Acontecimento Comentado estaria entre a objetividade e a subjetividade mais aparente. Além disso, o jornal pode aproximar-se da Instância Externa, quando dá voz a especialistas ou a envolvidos num acontecimento, ou pode aproximar-se da Instância Interna, quando apresenta seu editorial, por exemplo.

A primeira página tende a ser mais objetiva, com acontecimentos relatados apresentando os fatos como notas e notícias. No entanto, a primeira página revela de uma maneira condensada a identidade editorial do jornal, trazendo um mosaico da suas páginas internas. Assim, encontramos na primeira página fragmentos de editorial, opinião de especialistas, Acontecimentos Relatados, Comentados e Provocados. No nosso *corpus* tentaremos verificar as diferenças entre a *Folha de S. Paulo* e *Le Monde* na construção da primeira página.

2.2.5 O dispositivo numa troca comunicativa

Um contrato de comunicação implica o reconhecimento da identidade dos parceiros envolvidos, o entendimento de qual a finalidade e o tema dessa comunicação, a identificação dos gêneros que se apresentam na troca comunicativa e, junto a isso, um aprendizado quase naturalizado do uso dos meios logotécnicos de comunicação. Os parceiros precisam: saber comunicar-se oralmente ou por escrito; compreender se os interlocutores estão num ambiente dialógico ou não (relação distanciada ou não e quais os tempos de produção, distribuição e recepção das mensagens); conhecer os suportes técnicos que vão configurar essas trocas languageiras.

Segundo Charaudeau (2006a, p. 104), todo ato de comunicação se realiza em um determinado ambiente físico que impõe algumas “restrições” para a realização desse ato. Cada situação de comunicação associa-se a um dispositivo particular que constitui as condições materiais *ad hoc* de realização do contrato como um todo.

O dispositivo constitui o ambiente, o quadro, o suporte físico da mensagem, mas não se trata de um simples vetor indiferente ao que veicula, ou de um meio de transportar qualquer mensagem sem que esta se ressinta das características do suporte. (CHARAUDEAU, 2006a, p. 105).

Mouillaud (1997c, p. 84), de certa forma, anuncia essa tese de Charaudeau quando diz que os dispositivos não são apenas aparelhos tecnológicos de natureza material, eles representam o lugar onde o enunciado toma forma. Os dispositivos do jornal impresso, por exemplo, são o material (escrita e ícone), o suporte (o papel) e a tecnologia (computadores, máquinas fotográficas, gravadores, rotativas). Nesse sentido, o dispositivo, para Mouillaud (1997c, p. 30), prepara o sentido.

Leal (2009, p.113-122) lembra que o termo “dispositivo”, tratado por Mouillaud (1997c), supera as noções tradicionais que apresentam uma dicotomia entre forma e conteúdo. O dispositivo organiza as condições de enunciação, relaciona o discurso do jornal a outros discursos e confere uma voz própria a cada jornal.

No jornalismo impresso, os dispositivos conferem diferentes modos de interpretação, com seus diversos códigos semiológicos. O papel e a tinta, as colunas e os cadernos, as fotos e os títulos, todos esses elementos, chamados de “dispositivos” por Charaudeau, são um dado fixo do contrato de comunicação que devem ser levados em conta quando buscamos entender um determinado discurso. Para Mouillaud (1997c, p. 35): “O dispositivo não é um ‘suporte’, mas uma ‘matriz’ que impõe suas formas aos textos (uma conversação ‘informal’ se inscreve nas formas de conversação, como variante de um paradigma)”.

Charaudeau (2006a, p. 23) detalha ainda mais o contrato de comunicação informativa. Segundo ele, a máquina midiática apresenta três lugares que colaboram para a construção de sentido no ato da comunicação: (i) a produção e seus efeitos visados, (ii) o produto e seus efeitos possíveis e (iii) a recepção e seus efeitos produzidos.

Mas isso não basta para se chegar ao sentido. Segundo Freire (2006, p.1-15), os jornalistas têm que se preocupar não apenas com a qualidade do texto verbal, mas com o uso de recursos não-verbais (fotografias, linhas, cores, tipologia, diagramação), ou seja, com o *layout*. Seguindo essa ideia, Silva (2007, p. 64) afirma que o *layout* é a concepção geral da página do jornal. O *design* é a representação objetiva, na forma das palavras e imagens, do *layout* idealizado.

O *design* gráfico dos jornais e revistas está inserido num contexto maior de comunicação visual da sociedade. O *design* gráfico tem interfaces com a arquitetura, as artes plásticas e a comunicação. A maioria dos profissionais dessa área, inclusive, além do próprio *design*, da comunicação ou das artes plásticas. Mas os

jornais de hoje são influenciados especialmente pelo próprio *design* das cidades, a partir da industrialização e, conseqüentemente, da urbanização. As cidades apresentam inúmeros signos, em sua paisagem, que nos educam para um tipo de configuração gráfica, a ser transposta, de alguma forma, para as páginas dos jornais. Circulamos na cidade e somos “educados” a reconhecer os produtos de comunicação visual dos *outdoors*, cartazes, placas, faixas, para-brisas traseiros de ônibus, paredes de prédios, letreiros luminosos, diz Ferreira Júnior (2003, p. 53-63). Essa diversidade foi transportada para as páginas de jornal.

Na segunda metade do século XX, no Brasil, os jornais passaram por transformações no conteúdo, valorizando o esquema de notícia mais seca e informativa, com menos opinião. Além disso, os jornais iniciaram as grandes reformas gráficas, inclusive anunciando com alarde a contratação de diagramadores importantes. Dois jornais no Brasil marcaram esse período e foram seguidos por outros veículos: os jornais cariocas *Última Hora* e *Jornal do Brasil*. O famoso diagramador paraguaio André Guevara mudou o *design* do jornal *Última Hora* e o artista plástico Amílcar de Castro reformulou o *Jornal do Brasil*. O projeto de Amílcar de Castro foi tão inovador que influenciou não apenas os diários brasileiros, mas os do mundo inteiro. Sua maior contribuição, em vigor até hoje, são as fotos maiores, o esquema em L, ou seja, uma coluna na esquerda do jornal que continua no rodapé, conforme nos diz Bahia (1990, p. 434-440).

Antes de Amílcar de Castro, os jornais apresentavam uma primeira página por demais “cheia”, com colunas apertadas, separadas por fios, vários anúncios misturados a charges, um aspecto carregado e de difícil compreensão. A partir das reformas gráficas, em meados do século XX, a primeira página passou a ser mais leve, com uma hierarquia jornalística decidindo o que deveria ali aparecer como chamada. Além disso, houve uma tentativa de equilíbrio entre fotos, títulos e textos.

Essas mudanças na forma trouxeram também mudanças no conteúdo. Até o projeto gráfico ser valorizado, o jornal mudava de diagramação todos os dias, dependia do tanto que cada repórter escrevesse. Não havia um planejamento prévio, inclusive porque os jornalistas escreviam à mão. A partir de 1950/60, as redações começaram a receber máquinas de escrever e verificou-se uma tentativa de padronização do número de linhas para cada editoria. Houve, assim, uma integração maior entre conteúdo e forma, aperfeiçoada ainda mais com o advento

dos computadores, tecnologia que permite ao repórter visualizar a página e o espaço destinado à sua matéria.

Com o surgimento dos computadores e os avanços dos *softwares* gráficos, novas possibilidades de configuração da página foram criadas. Pode-se misturar cores, fotos, recortar formas. Não há limite técnico para a criatividade do diagramador. Além disso, não é necessário esperar a impressão do jornal para atestar o efeito visual pretendido. Tudo pode ser visto e modificado na tela do computador.

A revolução gráfica racionaliza a produção editorial e torna mais dinâmica a notícia. Tudo no jornal é afetado por novas formas de edição que visam valorizar o conteúdo e o leitor ao mesmo tempo. Não é só a aparência que está em causa, mas formalmente a mensagem, basicamente o meio, essencialmente o produto. (BAHIA, 1990, p. 382).

A moderna arte do *design* foi influenciada por vários artistas e correntes artísticas. Silva destaca, dentre estas, o cubismo, iniciado por Picasso, Braque, Cézanne e Matisse, que dá novo impulso à forma e aos objetos:

O movimento cubista não apenas rompeu com o comportamento do plano tridimensional da pintura, mas, sobretudo, resgatou a sua forma bidimensional, mostrando o objeto sob vários ângulos, simultaneamente, determinando forte influência no desenho da página impressa. (SILVA, 2007, p. 58).

Além disso, a escola alemã de *design Bauhaus*, com professores como Paul Klee e Kandinsk, completou o desenvolvimento do moderno *design*, mais assimétrico, objetivo e estruturado, que ajudaria na composição das páginas dos jornais dos dias de hoje.

A forma retangular do papel em branco do jornal já indica um *layout* geométrico cubista, em que são explorados os retângulos, os quadrados, os pedaços de textos e fotos. Além disso, essa disposição dos conteúdos deve obedecer às regras do movimento do olhar ocidental, dado pela escrita: da direita para a esquerda e de cima para baixo. Assim, os leitores percorrem a página do canto esquerdo superior para o canto direito inferior. A diagramação, diz Silva (2007, p. 89), precisa compor a página de modo a colocar o mais importante nesses espaços e levar o leitor a completar o percurso na página inteira, de forma rápida e confortável.

Ferreira Júnior acredita que a arte visual no Brasil difere da arte da Europa, especialmente por conta da influência das cores da natureza nos trópicos. A

exuberância das cores e formas aparece com vigor na arte barroca. O autor, apoiando-se na obra de Aleijadinho, fala da diferença entre o barroco americano e o barroco europeu:

[...] a mistura de elementos da cultura africana com a magnificência hispânica (entendida como a representação da península Ibérica, cuja formação mestiça - arabizada, africanizada e judaizante - antecede profeticamente e esplendorosamente a miscigenação, sem a qual os esforços para a inteligibilidade do que é a América Latina ficam seriamente comprometidos). (FERREIRA JÚNIOR, 2003, p. 28).

Assim, os jornais e revistas no Brasil tendem a ser mais coloridos, assumem um visual mais exuberante e valorizam a arte gráfica como uma expressão artística. A cor não é apenas um elemento decorativo e sedutor: é também um recurso de linguagem e de expressão cultural.

Essa via dupla do *design* em arte e produto reflete-se na maior valorização de espaços em branco, visto em cadernos especiais, em que o branco traz um contraponto artístico ao tumultuado mundo urbano contemporâneo. A arte também tenta impor-se nas capas-cartazes.

Com a velocidade da vida moderna e a concorrência acirrada entre os veículos de imprensa, as capas dos jornais tornam-se um importante espaço de comunicação, com equipes formadas especialmente para formatá-las.

Para Moirand (2006, p. 295-320), o dispositivo do jornal impresso tem, como aliada, a primeira página, *La UNE*. Nela, as notícias aparecem como uma prévia, oferecendo informações essenciais. Assim, o leitor é orientado a escolher as leituras possíveis e é enviado às páginas interiores do jornal. Esses textos breves, as fotos e os títulos, são como uma janela da primeira página, uma tribuna de apresentação.

Existem diferenças entre as primeiras páginas dos jornais. Em alguns, o texto pode ser mais longo. Moirand (2006, p. 295-320) chama esses textos mais longos da primeira página, com 20 a 60 linhas, de “artigos de apresentação ou introdução resumida”, pois atendem aos leitores que não dispõem de muito tempo: o jornal já os situa sobre a informação. Esse “artigo de apresentação” é diferente da “cabeça”, que é o começo de um texto publicado na primeira página, cuja continuação se dá numa página interior.

Uma “capa poster”, para Ribeiro (2003, p. 10), pode ser considerada uma obra de arte, “dependendo de variáveis aleatórias como a circunstância do dia, a

ocorrência de um fato-síntese, a existência da imagem forte. Não é toda hora que isso acontece”.

Para Hoeltz “a primeira página de um veículo impresso funciona como a ‘embalagem’ do produto e, portanto, precisa reunir elementos de identificação atrativos que façam com que o leitor a veja e reconheça em meio às demais ‘embalagens’” (HOELTZ *apud* BENIGNO NETO, 2007, p. 3). Já Silva (2007, p. 76) entende a primeira página de um jornal como uma vitrine, onde devem ser expostos os destaques informativos da edição.

2.3 Estratégias de comunicação: legitimidade, credibilidade e captação

Mesmo em um jogo comunicativo marcado por regras mais ou menos preestabelecidas no contrato de comunicação, há sempre espaços para que os sujeitos encontrem a melhor maneira de influenciar e seduzir seu interlocutor.

Machado¹⁷ explica que o discurso tem sempre dois aspectos, duas realidades languageiras distintas e complementares. O primeiro corresponde à *mise en scène* da linguagem, às regras de um gênero. O segundo, às representações de sistemas de valores que circulam em um dado grupo social. Portanto, todo discurso é encenação e representação de sistemas de valores e há uma circularidade entre esses dois aspectos.

As estratégias são essa parte mais flexível de um espaço de manobra de que as instâncias de comunicação dispõem. Para Emediato, a estratégia discursiva não é obra de um indivíduo estrategista, mas

um conjunto de procedimentos (linguístico-discursivos, icônicos, kinésicos, proxêmicos) previstos no sistema de parâmetros de uma certa prática discursiva [...] Nesse sentido, a estratégia não é, de modo algum, um ponto onde o sujeito individual emerge e surge com sua espontânea individualidade, mas, ao contrário, o modo particular como o indivíduo se assujeita e ocupa o seu lugar na ordem do discurso. Sua margem de manobra é, justamente, uma margem que segue o curso de um mesmo rio e não uma via paralela que dele se desvia. (EMEDIATO, 2007, p. 292).

¹⁷ Estas noções nos foram transmitidas pela professora Dra. Ida Lucia Machado, em curso sobre a Análise do Discurso, realizado no Poslin/FALE/UFMG em 2008.

O discurso jornalístico, assim como todo discurso, está inserido num contrato de comunicação que envolve os sujeitos produtores da notícia e os sujeitos receptores na troca do produto noticioso, ou seja, a própria notícia. Para melhor alcançar seus objetivos, a notícia baseia-se nas estratégias de legitimidade, de credibilidade e de captação, com seu conjunto de procedimentos aceitáveis.

A primeira estratégia que vamos discutir é a de legitimidade, que é predeterminada e não-negociável. Ela é dada ao sujeito, a partir da posição que ele ocupa nas diferentes redes de práticas sociais. Assim, o jornalista e seus leitores compartilham uma legitimidade dada *a priori*, que estabelece a legitimidade do jornalista em estar apto a captar as informações e a transmiti-las a seu público leitor.

A estratégia de legitimidade, segundo Charaudeau (2006a, p. 127-131), é externa ao sujeito falante e se origina do estatuto mais ou menos institucional do locutor. É a legitimidade que dá o poder de dizer. Ela não pode ser o objeto de uma avaliação ou de uma gradação. Resulta da constatação de uma adequação entre um ato de fala, uma situação e a posição social de seu autor. Essa legitimidade, no jornalismo, geralmente é explicitada com a publicação do nome da empresa de comunicação, dos diretores do jornal, dos editores, do repórter, tanto na primeira página dos jornais como no corpo de algumas matérias.

Já a credibilidade, a segunda estratégia do discurso, de acordo com Charaudeau (1995, p. 20), é uma estratégia que vai sendo adquirida ao longo do processo de trocas languageiras. Para ser ouvido, o locutor deve ser julgado como aquele que diz a verdade. Encontram-se, nesse espaço, as estratégias que tendem a comprovar a habilidade do locutor em “saber dizer”. Tal comprovação é direcionada para uma busca de racionalidade que fundamente as teses defendidas. Na visão de Charaudeau (1994 p. 8-19), a credibilidade representa uma capacidade de capitalizar uma autoridade de fato pela apresentação de um saber-fazer, de uma competência: a credibilidade funda o direito à fala. A instância midiática precisa parecer credível para poder concorrer com as demais e, em nome do lugar que ocupa no espaço público, informar o conjunto dos cidadãos.

Segundo Charaudeau (1995, p. 21), para que a comunicação aconteça, é preciso conquistar o direito à palavra, mostrando-se ao interlocutor que existimos e podemos ser reconhecidos como parceiro da comunicação e sujeito competente para manter uma conversação. Esse direito à palavra tem quatro princípios: (i) o da

alteridade, que coloca os parceiros como reconhecidamente iguais no processo comunicativo, mas diferentes em suas intencionalidades e papéis, pois ora são produtores, ora, receptores; (ii) o da pertinência, que afirma que os interlocutores devem compartilhar certo número de saberes e normas que regulam a sociedade; os enunciados devem ser reconhecidos num contexto e numa finalidade; (iii) o da influência, que lembra que todo locutor pretende influenciar seu parceiro e para isso é preciso saber adotar estratégias diferentes, de acordo com o interlocutor e a finalidade; (iv) o da regulação, que obriga os sujeitos falantes a tentarem controlar os riscos da comunicação, evitando a ruptura do jogo, a rejeição de um argumento, a valorização ou desvalorização da palavra.

O jornalismo deve ter competência para colocar em cena certas informações, levando o leitor a acreditar que o fato aconteceu, é verdadeiro, que a interpretação dada pelo jornal é autêntica e que as causas e consequências estão relacionadas. Para isso, o jornal usa diversos recursos, como detalhamento do local, fotos, números, nomes, testemunhas, apresentação do saber de especialistas, entrevistas.

Para Charaudeau (2006a, p. 48), as provas de veracidade de uma informação são da ordem do imaginário, baseadas nas representações de um grupo social. Portanto, os meios discursivos empregados devem tender a provar a autenticidade ou a verossimilhança dos fatos e o valor das explicações dadas. Os recursos discursivos para isso são de:

- 1) Autenticidade - caracteriza-se pela possibilidade de atestar a própria existência dos seres do mundo. Trata-se de um real de transparência, ontológico, prova concreta. Os meios discursivos utilizados para entrar nesse imaginário incluem o procedimento de *designação*: “o verdadeiro eu mostro a vocês”. O jornalismo reproduz documentos, mostra objetos e imagens.
- 2) Verossimilhança - caracteriza-se pela possibilidade de se reconstruir analogicamente, quando o mundo não está presente e os acontecimentos já ocorreram, a existência possível do que foi ou será. Trata-se de um real de suposição, da ordem do possível. Os meios discursivos remetem à *reconstituição*: “eis como isso deve ter acontecido”. Constituem-se de sondagens, testemunhos, investigação para restabelecer o acontecimento.
- 3) Explicação - caracteriza-se pela possibilidade de se determinar o “porquê” dos fatos, o que os motivou, as intenções e finalidades. Tenta remontar à origem

dos fatos. Os meios discursivos utilizados para entrar nesse imaginário remetem ao procedimento de *elucidação*: “eis porque as coisas são assim”. Recorre-se a especialistas, peritos, intelectuais, provas científicas, técnicas, opiniões diversas, entrevistas, debates.

O verdadeiro seria dizer o que é exato, dizer o que aconteceu, dizer a intenção oculta, fornecer a prova das explicações. Deve haver, no discurso informativo, condições de veracidade, em que se poderia testar, de alguma maneira, se o fato ocorreu

Há, segundo Charaudeau (2006a, p. 55), uma diferença entre: (i) dizer o exato, o que aconteceu - fazer uma reconstituição, ouvir testemunhos, aparecer ao vivo, aparecer direto do local onde aconteceu o fato; construir a memória dos homens, permitindo-lhes apropriar-se do passado; (ii) dizer a intenção - mostrar-se transparente, mostrar o que está oculto, desvendar o oculto, apresentar uma denúncia ou uma confissão; triunfo sobre as forças do poder que se apoiam no segredo e na mentira; (iii) fornecer a prova - explicar os motivos, as razões de ser, o raciocínio, o encadeamento causal dos fatos; apresentar provas inteligíveis, provas fortes, por meio de demonstração, por exemplo, a entrevista com especialistas, as análises, as imagens, a investigação; triunfo da razão, do poder da inteligência humana. Sem essas provas, a descrição não tem nenhuma validade.

O discurso de informação midiática joga com essa influência, pondo em cena, de maneira variável e com consequências diversas, efeitos de autenticidade, de verossimilhança e de explicação. Na visada da informação, em que o objetivo é fazer saber ao cidadão o que aconteceu no mundo, os jornais utilizam-se de dois tipos de atividades languageiras: a descrição-narração, reportando os fatos do mundo, e a explicação, para esclarecer o destinatário da informação sobre as causas e as consequências do surgimento desses fatos.

Então, para a construção da credibilidade, diretamente ligada ao problema da verdade, o importante é dizer o que aconteceu, é revelar a intenção oculta e fornecer a prova das explicações. No jornalismo, o falso seria dizer o que não aconteceu, inventar o que não aconteceu, mascarar a intenção, fornecer explicações sem provas, tornando impossível a verificação. Como lembra Traquina:

Lemos as notícias acreditando que elas são um índice do real; lemos as notícias acreditando que os profissionais do campo jornalístico não irão

transgredir a fronteira que separa o real da ficção. E é a existência de um 'acordo de cavalheiros' entre jornalistas e leitores pelo respeito dessa fronteira que torna possível a leitura das notícias enquanto índice do real e, igualmente, condena qualquer transgressão como 'crime'. (TRAQUINA, 1993, p. 168).

Por isso, uma das principais preocupações do jornalismo é a de informar o leitor com dados sobre acontecimentos considerados relevantes publicamente e que atendam aos aspectos ligados ao *logos*, à racionalidade da demonstração.

Essa busca pela credibilidade é mais contundente porque, de acordo com Charaudeau (2006a, p. 33), a notícia deve problematizar o fato sob o ponto de vista da ética cidadã, ou seja, espera-se uma argumentação mais próxima do estado de ânimo dos que consomem a notícia.

Segundo Emediato, o contrato de informação prevê:

uma produção jornalística movida por um imaginário segundo o qual a realidade social, em grande parte oculta, deve ser revelada ao público para servir ao ideal da democracia, e, de outro, uma instância de recepção vista como um leitorado figurado como *instância cidadã* para a qual toda informação concernente ao espaço público é pertinente e vital para a ação cidadã. (EMEDIATO, 2007, p. 292).

Assim, a credibilidade é uma estratégia que vai sendo adquirida ao longo do processo de trocas linguageiras, ou seja, deve ser construída. O jornalismo deve ter a competência de colocar em cena certas informações para que o leitor acredite que o fato aconteceu, é verdadeiro, que a interpretação dada pelo jornal é autêntica e as causas e consequências estão de fato relacionadas.

A terceira estratégia do discurso é a de captação, que faz um uso mais frequente do *pathos*, da emoção. Conforme Charaudeau (1995, p. 1-20), a estratégia de captação consiste em tocar o afeto do auditório, em provocar nele certo estado emocional que seja favorável a uma visada de influência do sujeito falante. Segundo este autor, a instância midiática precisa procurar emocionar seu público, mobilizar sua afetividade, a fim de desencadear o interesse e a paixão pela informação. A informação, sem a estratégia de captação, pode alcançar um público muito pequeno, tornando inviável economicamente a atividade jornalística.

Plantin (1999, p. 1-30) apresenta algumas possibilidades de se utilizarem técnicas de análise discursivas que permitam recuperar a emoção nas argumentações explicitadas em certos dados lexicais e sintáticos, em termos

comuns, que evocam manifestações emocionais relativamente fixas numa cultura. Alguns assuntos já trazem em si um forte apelo emocional: infância, vitimização de pessoas inocentes, catástrofes, perdas, mortes, piedade, caridade e medo.

As estratégias que tendem a emocionar o interlocutor partem de procedimentos como: entonação da voz, sugestões de convivência, de humor, entre outras.

A finalidade do homem, ao falar, não é a de recortar, descrever, estruturar o mundo; ele fala, em princípio, para se colocar em relação com o outro, porque disso depende a própria existência, visto que a consciência de si passa pela tomada de consciência da existência do outro, pela assimilação do outro e ao mesmo tempo pela diferenciação do outro (CHARAUDEAU, 2006a, p. 41).

No jornalismo, Charaudeau (2006a, p.31) distingue três objetivos que atendem à estratégia de captação: (i) o objetivo informativo, que tem o princípio da novidade, ou seja, o de transmitir fragmentos de saber que o leitor parece ignorar; (ii) o objetivo persuasivo, que consiste em fazer crer alguma coisa ao outro, com argumentos não-contraditórios, com rigor lógico, levando o outro a aderir a seu universo de discurso; e (iii) o objetivo sedutor, que pretende o controle do outro, agradando-o, fazendo-o sentir prazer, emoções, pelo uso dos discursos não-rationais, da verossimilhança com o ficcional, do imaginário mítico, dos jogos de palavras. Assim, o jornalismo pode utilizar-se dos efeitos da dramatização e do ludismo. A dramatização, no discurso jornalístico, é aparente nos relatos de tragédias, medos, grandes e pequenas histórias do cotidiano. O lúdico é conseguido através de recursos jornalísticos misturados à poesia, à aventura, à ficção, ao cinema, por exemplo.

A argumentação patêmica tenta levar o interlocutor a construir hierarquias (maior, menor, mais justo, menos justo), a estabelecer lugares-comuns de quantidade (tudo, nada, alguns, nenhum, eventualmente) e de qualidade, a enaltecer os sacrifícios e a entender os sentidos pretendidos por analogias e metáforas. Ou seja, as emoções, de um modo geral, seguem regras racionais de acionamento, com causas e consequências mais ou menos bem definidas. As marcas linguísticas e culturais da emoção podem, então, ser reconstruídas e analisadas.

Esses efeitos emocionais de captação devem basear-se nos discursos e apelos que prevalecem em cada comunidade sociocultural e no conhecimento dos

universos de crenças que circulam nessas comunidades. Isso requer dos jornalistas uma fina sintonia com seu tempo, com o senso comum de sua comunidade e com os enfoques que tal comunidade daria a cada evento escolhido pelos jornalistas para tornar-se notícia.

Além da narração do fato, a notícia pode agregar, ou até mesmo exigir, um tratamento sensacionalista para interessar quem vai comprá-la. Bicudo afirma que o sensacionalismo é

uma forma de comunicação que apela às emoções primitivas por meio de apresentação de fatos que têm características incomuns, místicas ou sádicas, idealísticas ou monstruosas, fatos que são ao mesmo tempo desejados, temidos e repelidos. (BICUDO *apud* LUSTOSA, 1996, p. 32).

A comunicação midiática estaria, assim, marcada pela tensão entre os polos da credibilidade (austeridade racionalizante, o *logos*) e da captação (imaginação dramatizante, o *pathos*), segundo Charaudeau (2006a, p. 93). Quanto mais bem sucedida fosse a estratégia de captação, menor seria a credibilidade; quanto maior fosse a credibilidade, menor seria a audiência. Esse equilíbrio é um desafio para os jornais de referência, que estabelecem um contrato de credibilidade, mas ao mesmo tempo estão num mercado editorial concorrente.

Para Charaudeau (2006a, p. 91), toda visada de captação está orientada para o parceiro da troca. É necessário instituí-lo como destinatário de uma mensagem, não passivo, possuidor de suas faculdades de interpretação, que precisa ser seduzido.

A mídia encontra-se engajada na busca do maior número de cidadãos consumidores de informação, e, quanto maior o número a atingir, menos meios racionalizantes serão acionados. A instância midiática encontra-se “condenada” a procurar emocionar seu público, a mobilizar sua afetividade, a fim de desencadear o interesse e a paixão pela informação. A mídia deve proceder a uma encenação sutil do discurso da informação baseando-se: 1 - em apelos emocionais que prevalecem em cada comunidade sociocultural; 2 - no conhecimento dos universos de crenças que aí circulam. A comunicação midiática é marcada pela contradição entre: (a) - finalidade de fazer saber, seriedade, credibilidade e (b) - finalidade de fazer sentir, estratégias de encenação da informação, produção de emoção, efeitos de dramatização.

No campo da política, a mídia promove a captação com denúncias. No campo econômico, a mídia dramatiza. No campo da cidadania, a mídia tenta ser credível. Na tensão dos polos da credibilidade (austeridade racionalizante) e da captação (imaginação dramatizante), quanto mais credível, menos toca o público, quanto mais dramatizante, menos credível. O equilíbrio entre credibilidade e captação é pois uma aposta diária nos jornais de referência.

A primeira página do jornal tem muito a dizer dele. O leitor, ao ver o jornal, deve ser capaz de reconhecê-lo entre tantos outros e esse reconhecimento vem da: (i) identidade dos parceiros do contrato de comunicação; (ii) da finalidade e do propósito e (iii) das estratégias de comunicação presentes no discurso jornalístico.

Vamos, nos próximos capítulos, estudar o contrato de comunicação e as estratégias discursivas da primeira página dos dois jornais de referência de nosso *corpus*.

3 IDENTIDADE, TEMATIZAÇÃO E PROPÓSITO DA PRIMEIRA PÁGINA DOS JORNAIS *FOLHA DE S. PAULO* E *LE MONDE*

Analisaremos neste capítulo os aspectos presentes na primeira página dos jornais, que revelam, direta ou indiretamente, a identidade dos parceiros, os temas e o propósito das trocas comunicativas entre os produtores e receptores de notícias. A partir dos conceitos discutidos nos capítulos anteriores, vamos tentar desvendar estes elementos do contrato de comunicação na primeira página da *Folha* e do *Le Monde*. Lembramos que nosso *corpus* é constituído por 15 exemplares da *Folha de S. Paulo* e 13 exemplares do jornal *Le Monde* (já que este não circula às segundas-feiras). A data de construção do *corpus* vai de 1º a 15 de fevereiro de 2009. Usaremos uma metodologia de análise de conteúdo do nosso *corpus*, utilizando as categorias de análise à medida que se fizer necessário.

3.1 Identidade dos parceiros de troca da primeira página dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Le Monde*

Como vimos, a comunidade produtora do jornal, enquanto sujeito enunciador, apresenta nas matérias uma enunciação que é uma mescla das marcas individuais e coletivas.

Tomaremos o quadro de contrato de comunicação de Charaudeau e vamos usá-lo para representar a primeira página dos jornais. Esse quadro, embora assim representado, não é fixo: deve ser visto como um quadro em movimento, onde os quatro sujeitos da comunicação estão em constante troca, não só os emissores, como também os receptores. Além disso, a multiplicidade de sujeitos contida em cada sigla (Sc/Si; Se/Sd) pode atuar em uníssono ou um desses “sujeitos” pode sobrepujar os outros, segundo as diferentes circunstâncias de comunicação. Vejamos a FIG. 3, representando os sujeitos em interação num contrato de comunicação da primeira página de um jornal de referência:

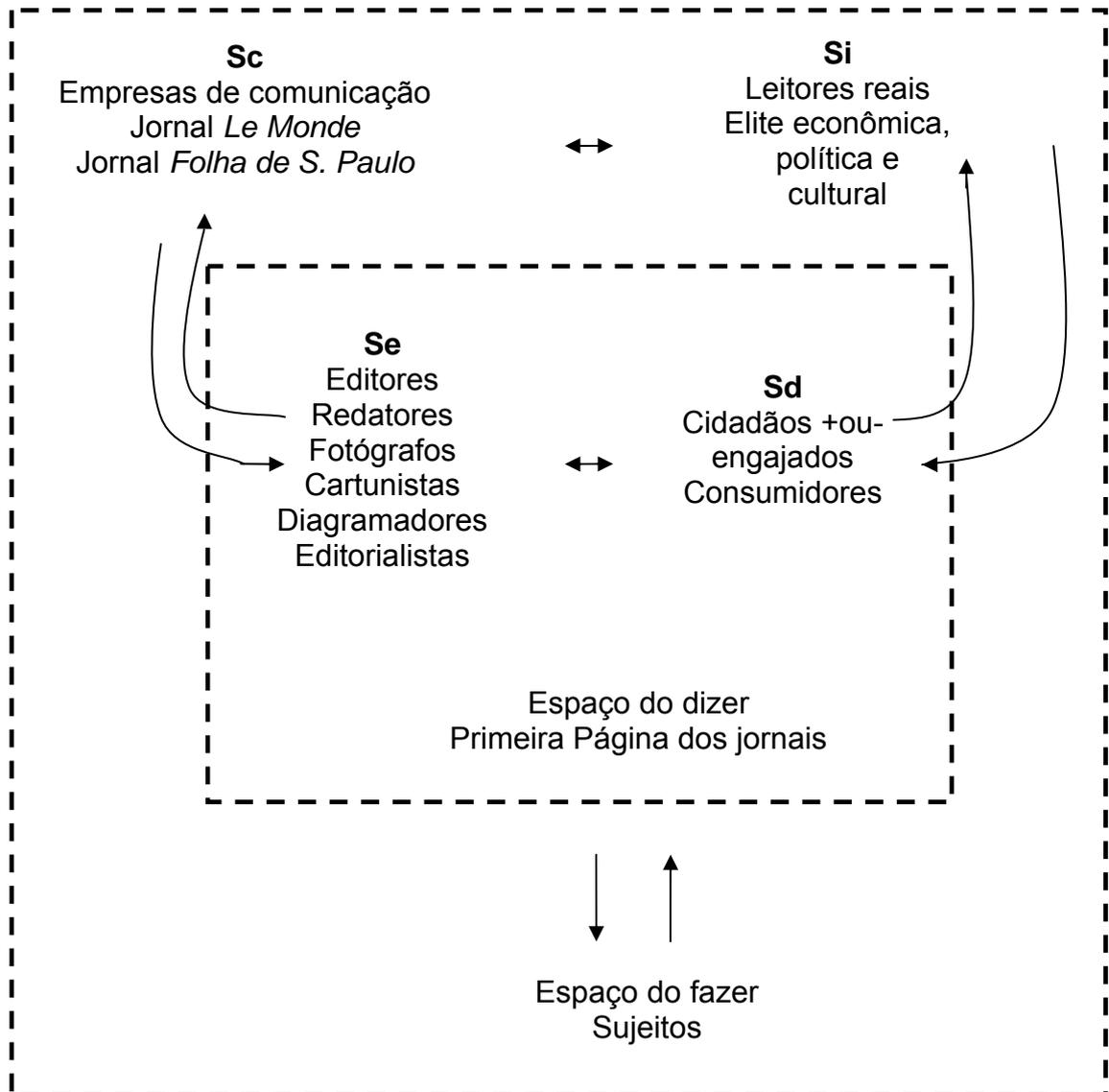


FIGURA 3 - Contrato de comunicação de Patrick Charaudeau aplicado à primeira página do nosso *corpus*

Fonte: elaborado pela autora, 2011.

O jornalismo impresso é, antes de tudo, alguma coisa que se vê: da percepção do conjunto se parte para os grandes títulos e para as ilustrações. Para transmitir visualmente a mensagem da página, o designer conta com quatro elementos básicos: as letras, agrupadas em palavras, frases e períodos; as imagens, sob forma de fotos ou ilustrações; os brancos da página, os fios tipográficos e as vinhetas.

Aqui também vamos nos aproximar das características da visibilidade da primeira página dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Le Monde*. Segundo Charaudeau (2006a, p. 233), a visibilidade obriga a imprensa a compor as páginas de seu jornal de maneira que as notícias possam ser facilmente encontradas e apreendidas pelo leitor. Isso é feito através da paginação: primeira página, rubricas, fotos, desenhos,

gráficos, tabelas, tipos de colunas, molduras, etc. Tais elementos têm tripla função: fática (de tomada de contato com o leitor), epifânica (de anúncio das notícias) e sinóptica (de orientação ao percurso visual do leitor no espaço informativo do jornal).

3.1.1 Os sujeitos envolvidos no contrato de comunicação da *Folha de S. Paulo*

Em 19 de fevereiro de 1921, Olival Costa e Pedro Cunha iniciaram a história do jornal *Folha de S. Paulo*, que então se chamava *Folha da Noite*. A edição matutina, *Folha da Manhã*, veio posteriormente e, em 1949, surgiu a *Folha da Tarde*. Os três títulos da instituição foram agregados, originando o jornal *Folha de S. Paulo*. Em 1995, o *Grupo Folha* criou a *PubliFolha*, uma editora da empresa que lança coleções e títulos diversos. Em 1996, foi colocado no ar o provedor de internet *UOL*, possibilitando, aos assinantes do provedor, acesso ao conteúdo integral do jornal.

A empresa *Folha de S. Paulo* é hoje controlada pela família Frias Filho e é rigorosa com suas regras de redação, mantendo ao máximo um padrão de produção, apuração e apresentação das matérias. O jornal pretende representar as novas classes econômicas urbanas e rurais do Brasil, especialmente os industriais do Sudeste. Reconhecemos que o jornal tem tentado construir uma identidade diante de seus leitores, especialmente aqueles das chamadas classe A e B. Apresenta-se contra as oligarquias e a favor do liberalismo econômico. Sua linha editorial tende a exigir ações do governo em prol do cidadão comum, mas é contra vários movimentos sociais. Politicamente, o jornal está mais alinhado ao centro/ direita, geralmente criticando governos e candidatos de esquerda. O jornal anuncia como princípios editoriais o pluralismo, o apartidarismo, o jornalismo crítico e a independência.

A *Folha* foi o primeiro jornal brasileiro a instituir o *ombudsman*, o ouvidor do jornal, que responde às sugestões e reclamações dos leitores, e além disso, faz a crítica o próprio jornal e de suas coberturas.¹⁸

¹⁸ O *ombudsman* tem mandato de um ano, renovável por mais dois. O ocupante do cargo tem estabilidade de emprego por até seis meses depois de deixar a função. Essa liberdade foi colocada em questão, em 2008, quando o *ombudsman* da época, Mário Magalhães, criticou e comparou as coberturas do jornal às de seus concorrentes e foi impedido de fazer as colunas diárias. De qualquer maneira, o jornal, ao instituir a ouvidoria, constrói uma imagem de preparo para a autocrítica e disposição para aperfeiçoar o relacionamento com seus leitores. A coluna do *ombudsman* não tem chamadas na primeira página.

Na primeira página, o sujeito enunciador da *Folha de S. Paulo* busca construir uma identidade, no seu modo de se apresentar aos leitores. Começamos analisando esse espaço de discurso pelo ícone mais importante de reconhecimento do jornal: o seu nome. O nome de um jornal, segundo Mouillaud (1997a, p. 191-202), remete quase a uma entidade, um ser que existe, apagando por instantes o fato de que são pessoas que o fazem. A *Folha de S. Paulo* refere-se, em seu nome, ao estado mais rico do Brasil, à “locomotiva econômica” do país. Para a *Folha*, há um Brasil pujante, que quer crescer e desenvolver-se, e outro Brasil, atrasado e subdesenvolvido. A *Folha* diz representar essa face moderna e desenvolvimentista do país. Seu *slogan* é: *um jornal a serviço do Brasil*.

Acima do nome do jornal, do lado esquerdo, em vermelho, encontra-se o *slogan*. No centro, na mesma linha, aparecem três estrelas em vermelho, azul e preto (elas remetem às cores da bandeira do estado de São Paulo e à junção dos três títulos: *Folha da Noite*, *Folha da Manhã* e *Folha da Tarde*). Estas estrelas separam o *slogan* do endereço eletrônico www.Folha.com.br.



FIGURA 4 - Cabeçalho do jornal *Folha de S. Paulo*

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 19 fev. 2009, p. 1.

Na parte inferior do cabeçalho, está o nome do diretor de redação, Otavio Frias Filho. No centro, a data atual (dia, mês e ano), o número de anos de circulação do jornal e o número da edição. Um fio vermelho, na horizontal, separa o cabeçalho do restante da página. Do lado direito, a informação sobre a hora do fechamento da edição nacional. A *Folha de S. Paulo* tem o formato *standard*, adotado por 83 jornais entre os 96 filiados à Associação Nacional dos Jornais (ANJ). A tipografia “*FolhaSerif*” do título foi criada pelos designers Eric Spiekerman (alemão) e Lucas de Groot (holandês), especificamente para o jornal.

As cores e a qualidade das fotos são um diferencial da *Folha* em relação aos outros jornais de referência do Brasil. O jornal destaca-se pela paleta de cores, que

tem como objetivo a distinção dos vários cadernos. Conforme o próprio *site* da *Folha*, essa paleta serve para facilitar a busca do leitor no documento impresso e para promover a identificação das principais notícias. Além das rubricas coloridas, há ainda espaços reticulados, ou seja, com cores, no fundo do texto, que marcam bem as diferentes manchetes de primeira página. No domingo, as fotos e ilustrações podem aumentar em número e tamanho.

A primeira página do jornal, em geral, tem de duas a cinco fotos ou ilustrações. Elas devem ser as melhores que o jornal possui, tanto em termos de conteúdo informativo quanto de qualidade técnica. Por ser mais vertical em sua diagramação, especialmente os textos que estão estruturados em colunas estreitas (o jornal tem seis colunas), na *Folha de S. Paulo* as fotos e ilustrações tendem a aparecer com formatos mais horizontais, buscando dar equilíbrio ao jornal. Esses elementos gráficos contribuem para a construção da identidade da *Folha*, como podemos verificar no exemplo abaixo, do dia 12 de fevereiro de 2009.

FOLHA DE S. PAULO

DEBETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FREIAS FILHO

QUINTA-FEIRA, 12 DE FEVEREIRO DE 2009
ANO 108 • Nº 20170

EDIÇÃO NACIONAL, CONCLUÍDA ÀS 20H36 • R\$ 2,30

Israel enfrenta indefinição sobre governo após eleições

MARCELO MENO
ENVIADO ESPECIAL DE JERUSALÉM

Pela primeira vez nos 61 anos de Israel, o partido com o maior número de votos nas eleições parlamentares poderá ficar fora do poder. O centrista Kadima tem a maioria baseada (28 deputados). Mas o conservador Likud, com 27, diz que formará o governo. Ambos buscam apoio no ultranacionalista Israel Beiteira. **Pág. A33**

Brasileira é alvo de skinheads na Suíça e perde bebês gêmeos

Uma advogada brasileira de 26 anos foi espancada e cortada com estileto por skinheads perto de Zurique, na Suíça. Grávida de gêmeos, Paula Oliveira, noiva de um suíço, perdeu os bebês. Segundo o Itamaraty, Paula está no país legalmente e é funcionária de um grupo dinamarquês. O ataque ocorreu em estação de trem perto de Zurique, enquanto ela falava ao celular em português com a mãe. **Pág. C3**

PF prende 55 acusados de vender droga pela internet

A Polícia Federal prendeu 55 acusados de tráfico, a maioria no Rio, que têm como traço comum a idade (média de 26 anos), serem esportistas, moradores de bairros nobres e usarem a internet para vender drogas. Segundo a PF, os presos integram duas quadrilhas cariocas com ramificações em outros oito Estados, que movimentam cerca de R\$ 1 milhão por mês. Os acusados negam tráfico. **Pág. C1**

Helipontos de SP funcionam com irregularidades

A Anac (Agência Nacional de Aviação Civil) abriu investigação para apurar como helipontos irregulares de São Paulo obtiveram de autoridades aeronáuticas permissão para funcionar. Segundo a Anac, vistoria em 100 dos 234 helipontos da cidade achou irregularidades em 40%. As principais são falta de licença da prefeitura e conflito entre rampas de aproximação. **Pág. C3**

dinheiro Aposentadorias acima do salário mínimo são reajustadas em 5,9%

EDITORIAIS Pág. A2
Leis "Reforma em Faltas", sobre mudança de regras no político "Lacustri direita", acerca de estação no país.



Funcionários da Volkswagen em São Bernardo do Campo (Grande SP) bloqueiam a via Anchieta por cerca de 20 minutos em manifestação contra demissões no setor



Ilustrada
Sommeliers contam quais os vinhos dos sonhos **Pág. E3**

CONTARDO CALLIGARIS
Ao castigar os filhos, pais temem perder seu amor **Pág. E12**



equilíbrio
10 receitas saudáveis ajudam a variar o cardápio no escritório **Pág. 4**

turismo
Confira opções para passar o Carnaval na Argentina ou em Salvador **Pág. F2 a F10**

Demissão cresce; governo amplia seguro-desemprego

Ministro prevê saldo de vagas negativo em janeiro pela 1ª vez em 10 anos

O mercado de trabalho no Brasil deverá enfrentar o pior janeiro desde, pelo menos, 1999 — ano da desvalorização do real. Com base em dados preliminares, o ministro Carlos Lupi (Trabalho) disse que o saldo de vagas no mês foi negativo.

A última vez que isso ocorreu foi há dez anos, quando o mercado perdeu 41.221 vagas. O ministro, que chegou a prever geração de empregos no mês, estima que o corte atinja "menos que a metade do que ocorreu em dezembro" (665 mil postos).

O Codelfat (Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador) aprovou as regras para estender em duas parcelas o seguro-desemprego para setores da economia e Estados em que haja desemprego em massa. Hoje, são até cinco parcelas.

Segundo Lupi, se a crise se agravar, sua pasta poderá recomendar ao Faltalto que amplie o seguro-desemprego para até dez parcelas. Ele afirmou que o governo está permitindo saque de parte do FGTS para complementar a renda perdida. **ISSAAS**



30 CARA NA PORTA
Aluna vai a escola na Barra Funda, região oeste de SP, sem saber de adiamento de início das aulas; o governo José Serra (PSDB) não enviou projeto de lei de criação de vagas para professores **Pág. C4**

Supremo tira Dilma e Tarso de apuração sobre dossiê

Os ministros Dilma Rousseff (Casa Civil) e Tarso Genro (Justiça) foram excluídos da lista de possíveis investigados do inquérito aberto pela Polícia Federal sobre o dossiê de gastos do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. A decisão é do ministro do STF Ricardo Lewandowski — que, no entanto, determinou que as investigações prossigam. "Não há até este momento fatos que justifiquem a investigação de autoridades em instância superior", declarou Lewandowski. **Pág. A4**

Declaração de IR não precisará do recibo anterior

A Receita não exigirá mais o número do componente de entrega da declaração anterior na declaração deste ano. Quem tem dívida com o fisco receberá aviso ao declarar pela internet. Os contribuintes poderão fazer a declaração do Imposto de Renda de 2009 de 2 de março até 30 de abril. **Pág. B6**

ATMOSFERA Pág. C2
Parcelas de crédito para pagar...
Cachibós...
Rio de Janeiro...
Luz...
Inteligência tem 72 páginas...
ISSAAS

FIGURA 5 - Primeira página da Folha de S. Paulo
Fonte: Folha de S. Paulo, 12 fev. 2009, p. 1.

A *Folha* traz, em média, 15 chamadas na primeira página. Essas chamadas, além de condensarem as principais informações do jornal, hierarquizam, segundo critérios do enunciador, aquilo que é mais importante para compor essa “vitrine”. Essa hierarquia é destacada pelo tamanho da fonte, pela localização nos espaços altos da capa e pelas cores. Vejamos como são destacadas as escolhas de manchetes da *Folha*, nos nossos corpora.

No primeiro exemplo, do dia 02 de fevereiro de 2009, vemos que o esporte domina as chamadas das segundas-feiras, no alto da página.



FIGURA 6 - Chamadas de esporte

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 02 fev. 2009, p. 1.

Outra maneira de dar destaque a um assunto é colocar a manchete em letras grandes, como podemos ver no exemplo do dia 3 de fevereiro de 2009.



Com apoio de Lula, Michel Temer e José Sarney são eleitos pela 3ª vez para as presidências das duas Casas

FIGURA 7 - Manchete do alto da primeira página

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 03 fev. 2009, p. 1.

A *Folha* também usa as fotos como manchete, como podemos observar no exemplo do dia 4 de fevereiro:

FOLHA DE S. PAULO

DETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

QUARTA-FEIRA, 4 DE FEVEREIRO DE 2009
ANO 108 • Nº 29.162

EDIÇÃO NACIONAL, CONCLUÍDA ÀS 21H45 • R\$ 2,50

Indústria tem maior queda desde 91

Puxado pelo setor automotivo, recuo em dezembro foi de 12,4%; governo destina mais R\$ 130 bi ao PAC



LIBERDADE VIGIADA
PM em uma das entradas da favela Paraisópolis (zona sul de SP), vigiada por mais de 300 homens armados após confrontos que feriram três policiais; segundo o governo, o Batalhão de Choque fará operação para identificar e prender os responsáveis **Pág. C4**

Em dezembro, a crise fez a produção industrial brasileira registrar queda de 12,4% na comparação com novembro, livre de efeitos sazonais. Foi a maior queda desde o começo da série histórica do IBGE, em 1991. Em novembro, já tinha havido recuo de 7,2%; em outubro, no início da crise, a queda ficara em 1,4%. A retração verificada em dezembro foi ainda pior comparada ao mesmo mês de 2007: 14,5%, também a maior interna em 17 anos. O setor fechou 2008 com expansão de 3,3%. Antes da crise, de janeiro a setembro, o crescimento foi de 6,4%.

Segundo o IBGE, o recuo foi geral, mas afetou mais os ramos ligados às exportações e dependentes de crédito, como veículos, máquinas e equipamentos e indústria extrativa — com destaque para o minério de ferro. Os veículos lideraram a queda em dezembro (-39,7%).

A ministra Dilma Rousseff (Casa Civil) anuncia hoje a ampliação em R\$ 130 bilhões do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), alta de 26% em relação às previsões iniciais. **Debate**

Preços spot de petróleo: \$ 41,5 em junho de 2008; \$ 39,5 em julho de 2008; \$ 38,5 em agosto de 2008. **Pág. B2**



Apesar da crise, Lula tem popularidade recorde

A piora da situação da economia e as demissões não afetaram a popularidade do presidente Lula, que obteve em janeiro novo recorde de aprovação. Pesquisa CNT/Secom mostra que 72,5% consideram o governo ótimo ou bom. A avaliação positiva sobre o desempenho do petista chegou a 84%.

O levantamento ouviu 2.000 pessoas logo após o anúncio do fechamento de quase 655 mil vagas com carteira assinada no país.

A pesquisa aponta que 51% dos entrevistados disseram acreditar na melhoria do emprego nos próximos seis meses — em dezembro, o índice era de 47%. **Pág. A8**



VOLTA PARA CASA
Abrçado pelo filho e pela mulher, o ex-governador Alan Jara acesa após ser libertado em Villavieja (Colômbia); ele ficou oito anos na selva como refém de guerrilheiros das Farc **Pág. A13**

Desempenho das fábricas lembra piores fases da nossa economia

Imaginava-se que a produção das fábricas havia afundado em dezembro de 2008. Mas os resultados dão mais a impressão de que a indústria foi varrida da Terra sem clique alienígena.

O desmaio industrial foi de grandeza semelhante aos piores momentos da nossa história econômica — como o conflito de Colômbia, em 1990, ou a crise do início dos anos 1980. **Pág. B4**

Produção menor nas montadoras faz faltar carro nas revendas

Com o corte na produção das fábricas e o mercado ensaiando um reaquecimento após a queda do IPI, faltam carros para pronta entrega nas revendas de São Paulo.

Modelos na lista dos mais vendidos demoram até 30 dias para ser entregues. Para a Fenabrave (associação das concessionárias), as férias coletivas nas montadoras foram necessárias, mas houve "descompressão". **Pág. B4**

ciência
Astrônomos descobrem o menor planeta fora do Sistema Solar
Pág. A12

COROT-EXO-7B	TERRA
Cerca de 25.000 km	12.756 km
20 horas	24 horas
Entre 1.000°C e 1.500°C	15°C
Transporte médio	Transporte médio

Concepção artística do planeta extrassolar

mundo
Trã diz ter lançado o primeiro satélite construído no país **A8**

cotidiano
Acidente com caminhão deromeiros mata 9 em Serra Talhada (PE) **C4**

EDITORIAIS **Pág. A2**
Leia "Perlo do apogio", sobre queda na produção industrial; e "Ensaio superior e distante", acerca de ensino escolar.

Nota editorial
20162
9 771545 172048

AMANHÃ >>
VEJA A LISTA DOS APROVADOS NA FUVEST

informática
Brasil recebe "lixo eletrônico" dos EUA; saiba como tratar o seu **Pág. F1 a F6**

saúde
Pela 1ª vez, cirurgiões retiram pela vagina um rim para transplante **Pág. C3**

Problemas com impostos abalam equipe de Obama

O escolhido para a secretaria da Saúde da gestão Obama, o democrata Tom Daschle, desistiu do cargo por problemas com Imposto de Renda. Pelo mesmo motivo, Nancy Killefer, convidada para fiscalizar gastos governamentais, cargo subordinado à Casa Branca, retirou a candidatura. **Pág. A8**

ATMOSFERA **Pág. C2**
Furacões de chumbo em todo o país
Ondas mín. 14°C
Máx. de chuvas mín. 30°C

HYUNDAI. UNIVERSAL EM QUALIDADE E BELEZA.

50% DE ENTRADA + 36X SEM JUROS

VEJA NA PÁGINA 5

HYUNDAI

FIGURA 8 - Primeira página da Folha de S. Paulo
Fonte: Folha de S. Paulo, 04 fev. 2009, p. 1.

Podemos observar que duas manchetes são construídas com fotos: os conflitos na favela de Paraisópolis (zona sul de São Paulo), em que um policial é fotografado com parte da favela ao fundo, e a libertação de um refém das Farc, abraçado pela família. Essas duas chamadas não têm títulos e suas fotos e legendas constroem o destaque ao assunto.

Uma maneira de o jornal ter uma marca própria e reconhecível é o modo particular de apresentar o tema e apontar em qual página o leitor encontrará a notícia. Vejamos o exemplo em que, ao final da chamada, é indicado: “Pág. A4 e A5”.

Eleição na Câmara pode virar guerra judicial

Os deputados federais elegem hoje seu novo presidente em meio a um clima tenso e ameaça de guerra judicial. PP e PSOL pretendem reclamar vagas na Mesa Diretora diretamente no STF (Supremo Tribunal Federal), pois consideram-se excluídos do processo sucessório.

Embora o PMDB continue sendo apontado como favorito com a candidatura de Michel Temer (SP), não há certeza sobre sua vitória na Câmara. No Senado, José Sarney (PMDB-AP) enfrenta agora o suposto avanço da candidatura do petista Tião Viana (AC).

Pág. A4 e A5

FIGURA 9 - Chamada com indicação de página interna da *Folha de S. Paulo*

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 02 fev. 2009, p. 1.

A letra indica o caderno e o número, a página deste. A *Folha* é encadernada de modo a permitir ao leitor separar o que lhe interessa. Cada bloco de encadernamento tem uma letra: A, B, C, D e F, além dos suplementos. Para indicar os suplementos, as chamadas trazem o nome do suplemento e o número da página, como vemos nos exemplos abaixo, de *Vitrine*:



FIGURA 10 - Chamada para o suplemento *Vitrine*

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 07 fev. 2009, p. 1.

Quanto ao sujeito interpretante real, sobre ele é possível conhecermos alguns dados através das pesquisas sobre o público-alvo do jornal. O grupo *Folha* tem um instituto de pesquisa, o *DataFolha*, que fez um perfil do leitor do jornal. Segundo essa pesquisa, os leitores da *Folha* têm idade média de 40 anos, há um equilíbrio entre homens e mulheres, a renda e a escolaridade são altas, ou seja, fazem parte das classes A e B. Em São Paulo, estão os leitores mais ricos e com maior formação universitária. Para o diretor de Redação da *Folha*, Otavio Frias Filho, o fato de o leitor estar ficando mais velho e mais instruído reflete a inserção do jornal no *establishment* da opinião pública brasileira.¹⁹ Outra característica importante do perfil do leitor da *Folha* é sobre seu posicionamento quanto a algumas questões polêmicas.

O sujeito destinatário, para o qual o jornal se direciona, parece aproximar-se do cidadão engajado politicamente, que quer compreender as questões de forma mais ampla e fica indignado com os abusos do Estado. Para esse leitor, o jornal deve cumprir a função de vigiar, investigar e tornar público os problemas do Brasil. Além disso, é um leitor interessado em algumas áreas: cultura, economia, política internacional e questões cotidianas.

Percebemos a identidade desse leitor ideal na primeira página, quando vemos o cuidado visual do jornal: sua diagramação, suas cores, o cuidado plástico das fotos, o tipo de letra e os espaços em branco, que dão leveza à página. Vejamos algumas fotos:

¹⁹ Disponível em: <http://www1.Folha.uol.com.br/Folha/80anos/quem_e_o_leitor.shtml>.

pesquisados, foram de carros de luxo, com texto e imagens bem elaborados. Sempre no lado direito inferior, com a finalidade de seduzir ao apresentar o produto, o anunciante se utiliza do espaço jornalístico com argumentos lógicos de comparação entre carros e resultados de pesquisas de revistas especializadas em automóveis.

3.1.2 Os sujeitos envolvidos no contrato de comunicação do *Le Monde*

Como já dissemos, o jornal *Le Monde* saiu com apenas uma página, pela primeira vez, em 18 de dezembro de 1944, mas datado de 19 de dezembro de 1944, já que a circulação deste jornal obedece a este ritual.²⁰

A identidade do jornal é construída para um público letrado, mais culto e politizado. O jornal foi criado para que a França tivesse uma imprensa que falasse do mundo para os franceses. Ele manifesta sensibilidade de esquerda, ou de esquerda reformista. Em maio de 2007, o então diretor do jornal, Jean-Marie Colombani, em editorial, pediu apoio à eleição da candidata socialista Ségolène Royal. Em dezembro de 2009, o *Le Monde* instaurou o prêmio personalidade do ano e o primeiro a ganhá-lo foi o então presidente do Brasil, Luis Inácio Lula da Silva. Vamos tentar entender a identidade gráfica e editorial do *Le Monde*.

O jornal *Le Monde* tem uma mancha gráfica (onde começa de fato a marca da tinta) um pouco maior que a do tablóide, o que influencia na diagramação do jornal. O jornal parece mais equilibrado em sua forma horizontal e vertical do que os jornais de tamanho *standard* (*Folha de S. Paulo*, por exemplo, que é mais vertical). A qualidade do papel e da tinta é muito boa e há uma excelente definição nas cores e no texto, como podemos ver no exemplar do dia 04 de fevereiro de 2009.

²⁰ O jornal *Le Monde* sai todos os dias às 12h ou 13h (Paris) e sempre com a data do dia seguinte. Até hoje, o fechamento da redação faz-se às 10h30, o que permite integrar informações da noite anterior ou do início da manhã.

Le Monde



Lilian Thuram :
« La politique, un jour peut-être... »
Page trois



Encyclopédie Universalis Nouvelle édition
Tome 4 - Histoire
14,90€ en plus du « Monde »
Uniquement en France métropolitaine

Spécial Lille
Une nouvelle technopole
Pages 18-19



Mercredi 4 février 2009 - 65^e Année - N°19915 - 1,30 € - France métropolitaine - www.lemonde.fr

Fondateur : Hubert Beuve-Méry - Directeur : Eric Fottorato

Grande-Bretagne : grèves contre les ouvriers étrangers

Energie. « Les jobs britanniques pour les Britanniques » : les grèves sauvages contre l'emploi de main-d'œuvre étrangère dans les raffineries et les centrales prennent de l'ampleur en Grande-Bretagne. P. 9 et l'éditorial page 2

Au cinéma :
né vieux, mort jeune, Brad Pitt remonte le temps

Sorties. Tiré d'une nouvelle de Scott Fitzgerald, *L'Étrange Histoire de Benjamin Button* part à la rencontre du temps perdu. Et tous les autres films de la semaine P. 21-23

Mgr Vingt-Trois :
« Le pape doit veiller à l'unité de l'Eglise »

Polémique. Dans *Le Monde*, l'archevêque de Paris approuve le geste du pape en direction des intégristes. Mais il attend de ceux qui « prônent le négationnisme » qu'ils y renoncent « réellement ». P. 17

Chine - Etats-Unis : le grand refroidissement ?

■ Sur fond de crise, Washington dénonce la faiblesse de la devise chinoise
■ Pékin redoute le protectionnisme du Congrès, mais finance le déficit américain

New York, Pékin
Correspondants

La Chine perçoit la nouvelle administration américaine avec un mélange d'inquiétude et de perplexité. En fin de semaine dernière, Barack Obama a voulu rassurer Pékin en téléphonant à son homologue chinois Hu Jintao. Le président américain a été d'aborder de front les sujets qui fâchent, comme pour atténuer

les effets de la « sortie » peu ruidieuse du nouveau secrétaire au Trésor, Timothy Geithner. Ce dernier, avant sa prise de fonctions, a dit que M. Obama soupçonnait la Chine de « manipuler » le cours du yuan, et averti : « Washington entend amener la Chine à modifier ses pratiques monétaires ».

L'accusation n'est pas neuve. L'administration Bush n'y avait eu, elle aussi, de cesse de demander à Pékin d'apprécier le cours du yuan. Washington estime que la monnaie chinoise est maintenant artificiellement basse afin de favoriser les exportations de la République populaire. Selon l'analyse du directeur de l'Institut américain des études américaines Ding Xinghao, ces désaccords sur les questions monétaires démontrent « le manque d'expérience » de l'équipe Obama « dans le domaine des relations internationales ».

Sylvain Cypel et Bruno Philip
Lire la suite page 6

Les syndicats exigent un changement de cap, MM. Sarkozy et Fillon le refusent toujours

■ Le chef de l'Etat intervient le 5 février pour tenter de désarmer les critiques

Impact. L'emot appliqué à la gestion de la crise financière, économique et sociale que la France traverse comme le reste du monde, va faire florès pendant plusieurs jours. Les mille chantiers et projets du plan de relance de 26 milliards détaillé lundi 2 février à Lyon par le premier ministre, François Fillon, auront « un fort impact économique et social ». C'est en tout cas la conviction de M. Fillon. Elle n'est pas partagée par les organisations syndicales. Et ce ne sont pas les derniers chiffres du chômage qui entameront leur fort scepticisme : 45 800 demandeurs

d'emploi supplémentaires inscrits en décembre 2008, ce qui porte l'augmentation du nombre de chômeurs, sur l'ensemble de l'année dernière, à 217 000.

Les syndicats gardent au chaud un autre impact : celui des grèves et manifestations du 30 janvier. Ils s'efforcent de le faire prospérer au lendemain du long entretien radio-télévisé que Nicolas Sarkozy doit consacrer à la crise, jeudi 5 février, si le chef de l'Etat ne renonce pas le changement de cap qu'ils exigent. Au-delà des divergences de fond sur la « philosophie » de l'action anticrise défendue par le prés-

dent de la République et le gouvernement, ils ont en quelque sorte un plan d'avance : ils en réclament d'ores et déjà un deuxième, qui serait axé sur la défense de l'emploi et du pouvoir d'achat.

Dans ce contexte, la protestation des enseignants du supérieur ajoute une difficulté à toutes celles qu'affronte le gouvernement. Leur opposition aux modalités de la réforme du statut d'enseignant chercheur est résolue et presque unanime. Leur grève pourrait s'installer. Chacun cherche son impact. ■

Lire page 10 Lire la suite page 6 et l'analyse page 2



Le regard de Plantu



Le procès de l'Angolagate, sous l'œil de Pierre Falcone

Yves Bertrand, l'ancien directeur des Benettonnais généraux et le magistrat Philippe Courroye, qui a instruit l'affaire de l'Angolagate, doivent témoigner le 4 février devant le tribunal correctionnel de Paris, qui juge ce dossier de « vente d'armes, trafic d'influence et corruption ».

Cités à la demande de plusieurs avocats, ils devront s'expliquer sur les relations qu'ils entretenaient pendant l'instruction. La défense entend s'appuyer sur les carnets de Bertrand, dans lesquels le nom de M. Courroye apparaît. Ce dernier sera interrogé sur une note de l'EST relative au rôle de deux des prévenus-Arcadi Gaydamak et Jean-Charles Marchiani - dans la libération des pilotes français retenus en Bosnie en 1995. Ce document ne figure pas au dossier, alors que le magistrat avait sollicité et obtenu à son propos la levée du secret-défense.

Depuis le début du procès, M. Courroye est mis en cause par la défense, qui lui reproche une instruction à charge. Best-of d'entretiens dominés par la personnalité de Pierre Falcone. ■

Monteverdi
Teatro d'amore
Philippe Jaroussky
Nuria Rial
L'Arpeggiata
Christina Pluhar

L'Arpeggiata explore la musique de Monteverdi avec sensualité, mêlant musicologie et improvisation dans une envoiement jan-cession baroque !

Edition exclusive Fnac comprenant un Livre Disque de 80 pages + un DVD étonnant : "Ohime ch'io cado" en concert avec Philippe Jaroussky

radioclassique

Demain dans Le Monde
Dossier spécial
Les libertés publiques en France - état des lieux. Quatre pages

d'enquête et d'entretiens sur un sujet au cœur du débat.

Lire page 16

Appartenance à l'Union européenne... (small print text)

FIGURA 13 - Primeira página do *Le Monde*
Fonte: *Le Monde*, 04 fev. 2009, p. 1.

O nome *Le Monde* traz em si uma audaciosa pretensão de “falar do mundo”. Segundo Mouillaud (1997b, p. 85-98), o ícone mais importante de reconhecimento do *Le Monde* é seu nome: ele é impresso em letras góticas, sombreadas, mantendo uma marca tradicional em relação aos modismos tipográficos que condenam esse modelo desenhado demais, quase uma caligrafia manual. O uso da sombra dá uma dimensão mais tradicional ainda, como se o nome *Le Monde* fosse uma peça em alto relevo, reminiscência da época em que a impressão era feita com tipos móveis. Nessa tecnologia, cada letra de metal era colocada num tabuleiro, montando-se as palavras e a tinta “sujava” a lateral da letra, o que causava um aspecto borrado ao final da impressão.



FIGURA 14 - Nome no cabeçalho

Fonte: *Le Monde*, 04 fev. 2009, p. 1.

O logotipo *Le Monde*, apesar de adotar um estilo antigo, tem um movimento que direciona o olhar do leitor para o interior do jornal, pois as letras são elegantemente esguias. Os finais das letras *Me* *n*apontam em direção ao jornal e as letras *L* e *d* fecham o logotipo, criando a impressão de que o leitor deve ficar nessa página.

Os temas noticiados no *Le Monde* são distribuídos em 20 editorias. Normalmente encontramos de 10 a 13 chamadas de notícias na primeira página, com uma ou nenhuma foto, mas sempre com a charge. O jornal usa a rubrica cinza no início da matéria como forma de identificar o assunto. As notícias principais não têm rubrica. Os assuntos das chamadas são os mais diversos, por exemplo, esporte, *fait-divers*, cultura, série de televisão, economia, ciências, política nacional e internacional. Vejamos um exemplo do dia 10 de fevereiro de 2009, com as rubrica *Catastrophe*:



FIGURA 15 - Chamada com indicação de página interna do *Le Monde*

Fonte: *Le Monde*, 10 fev. 2009, p. 1.

Observamos que no final da chamada, há a indicação da página onde se encontra a matéria completa.

Com a reforma gráfica de 2009, a área no logotipo do jornal cresceu e é aproveitada para chamadas e promoções do jornal. Um discreto pontilhado preto separa o título dessas chamadas. Mas sempre algum elemento vaza para cima, integrando-se ao logotipo. Geralmente uma parte da foto ou ilustração quase encosta no nome do jornal. Vejamos o exemplo abaixo.



FIGURA 16 - Manchetes do alto da primeira página do *Le Monde*

Fonte: *Le Monde*, 6 fev. 2009, p. 1.

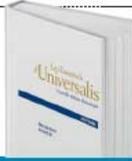
Depois dessas pequenas chamadas no cabeçalho do jornal, uma linha grossa azul separa as informações. À esquerda temos: data, ano do jornal, número, preço, edição e endereço eletrônico. À direita: os nomes do fundador, Hubert Beuve-Méry, e do diretor, Eric Fottorino. Outro pontilhado dá início à diagramação das notícias de primeira página do dia.

A primeira página está dividida em cinco colunas verticais e três partes horizontais, separadas por fios pretos. O jornal aparece, assim, mais equilibrado, nem muito vertical, nem muito horizontal. O jornal estrutura uma apresentação delimitada por fios, não permitindo que o leitor se perca, separando nitidamente quando um assunto termina e outro começa. Os títulos principais vêm acompanhados de subtítulos. Os textos das matérias principais sempre começam com letra capitular, ocupando três linhas. Ao final das chamadas, há a indicação da página onde a notícia será encontrada. O jornal adota tons mais cinzas e azuis nas cores e mesmo as fotos coloridas são mais sóbrias. Vejamos essas características no exemplar do dia 11 de fevereiro de 2009:

Le Monde



Ski
Julien Lizeroux,
celui qu'on
n'attendait pas
& Sport Page 24



Encyclopédie
Universalis
Nouvelle édition
Tome 5 - Histoire
14,90 € en plus du « Monde »
Uniquement en France métropolitaine



Cinéma
Le bébé
qui vole
Culture Page 21

Mercredi 11 février 2009 - 65^e année - N°19921 - 1,30 € - France métropolitaine - www.lemonde.fr -

Fondateur : Hubert Beuve-Méry - Directeur : Eric Fottorino

Visite surprise de Nicolas Sarkozy à Bagdad

Irak Le président de la République s'est rendu à Bagdad, mardi matin 10 février, première étape de du voyage qui le mènera dans trois pays du Golfe. Cette visite n'avait pas été annoncée pour des raisons de sécurité. P. 7

Les désordres du climat semblent s'accroître dans le monde

Météorologie Nouvelle tempête sur la France, incendies gigantesques en Australie, sécheresse en Chine et en Argentine... La faute au réchauffement ? P. 4

M. Obama : mon plan de relance ou la catastrophe

Economie Barack Obama a dramatiquement insisté sur la nécessité pour le Congrès d'adopter rapidement son plan de relance. Sinon, a-t-il dit, « la catastrophe sera plus grande encore ». P. 8

Le gouvernement peine à faire face aux conflits

- Social : les enseignants-chercheurs en grève de nouveau dans la rue
- Politique : la popularité du chef de l'Etat et du premier ministre en forte baisse

Avant de gros temps persistant dans le ciel social et politique français. Les nuages s'y bousculent, grève des enseignants-chercheurs du supérieur, opposés aux projets de la ministre de l'enseignement supérieur, Valérie Pécresse, crise en Guadeloupe et en Martinique, annonce par l'ensemble des syndicats d'une deuxième journée d'action, le 19 mars. De nouvelles manifestations d'universitaires étaient prévues mardi 10 février dans

la capitale et plusieurs villes. Ni la nomination d'une médiatrice ni l'annonce par M^{me} Pécresse que le projet de décret sur le statut des enseignants-chercheurs allait être « retravaillé » n'ont désamorcé le conflit. En Guadeloupe, paralysée depuis trois semaines, et à la Martinique, au cinquième jour d'une grève générale, des manifestations rassemblant des milliers de personnes ont eu lieu lundi 9 février. Une réunion interministérielle était pré-

vue mardi à Paris pour tenter de mettre au point le projet d'accord négocié en Guadeloupe.

En chute dans les sondages, le chef de l'Etat et le premier ministre ne peuvent contempler qu'un horizon où ne point pour le moment aucune lueur : la tentative, à partir du 18 février, de donner une tournure sociale au traitement français de la crise mondiale s'annonce délicate. ■

Lire pages 10 et 19

Europe : un sommet pour apaiser les tensions

De la cacophonie - absence totale de coordination des réponses à la crise - on est passé aux réactions négatives presque à l'échange de noms d'oiseau. Face à la pire récession qu'on ait connue le Vieux Continent depuis 1945, l'Union européenne se divise chaque jour un peu plus. Elle n'arrive à développer ni analyse ni réponses communes ; elle ne fait entendre que récriminations d'un pays contre l'autre.

C'est ce constat qui a conduit la présidence tchèque de l'Union à convoquer, sous l'insistante pression de l'Allemagne et de la France, un conseil des chefs d'Etat et de gouvernement des Vingt-Sept d'ici la fin du mois - sans doute le 25 février, dit-on à Bruxelles. Il aura sans doute lieu dans un climat de tension que la langue de bois diplomatique n'arrive pas à masquer.

Un jour, c'est la chancelière Angela Merkel qui s'oppose au projet du président Nicolas Sarkozy de réunir les dirigeants de la zone euro. La première redoute d'être mise à contribution pour sauver les équilibres d'une union monétaire que le second voit fragilisée par la permanence de la crise bancaire. La veille, c'était M. Sarkozy qui accusait Gordon Brown d'avoir tout faux dans son projet anticrise - et le chef de l'Etat de pointer le triste état, selon lui, de l'économie britannique.

Allemands et Néerlandais s'en prennent eux aussi au mauvais exemple britannique, tandis que les Tchèques apprécient modérément d'être soupçonnés d'espérer une présidence paresseuse de l'Union. A la discrétion de la Commission, on peut ajouter les tentations protectionnistes qui émergent ici et là au sein de l'Union. ■

Lire pages 9, 13, 14, 7 analyse et l'édition page 2

Après trente ans de révolution, l'Iran, puissance régionale, s'interroge

■ Désillusion économique et sociale à quelques mois des élections

Téhéran
Envois spéciale

Il y avait, avant lui, une boutique de photo qui a fait faillite. Beza Taffeshi n'a pas jugé utile de changer l'enseigne. A qu'on bon - dans ce quartier populaire de Téhéran, c'est fréquent. Lui, fatigué de l'alimentaire à même les bidons d'huile, les céréales, les grains. Un bric-à-brac odorant, qui, espère-t-il, le fera vivre. Au moins un moment. Les étiquettes sont instructives : riz pakistanais, conserves chinoises et italiennes, thé indien. Rien

d'Iranien ! Perlez-vous, il se gratte le crâne et finit par dénicher un sac de riz. « Il m'est resté ça, et aussi un peu de sucre. On ne trouve plus à vendre que du thé darjeeling, du Nescafé, on importe tout. Notre production se fait rare ». Une femme en tchador marchande des subergimes, il pleure. « Laisse-moi/te, elles ont augmenté. Prends plutôt des tomates, elles ont un goût peut-être pas... ». Elle portera sans rien. « Tout le monde se plaint les prix zigzaguent, commente Beza, fataliste. Je ne sais pas de quoi demain sera fait... »

Dans un quartier chic au nord de Téhé-

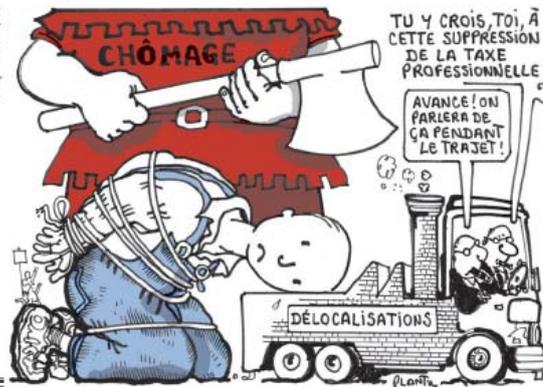
ran, un petit supermarché affiche un air de prospérité : caisses «registreuses éclairées élégantes et même réalité. Le proposé du rayon frais nous confirmera à voix basse, comme si les clients ne l'avaient pas déjà noté, que « le boeuf a augmenté de 25 %, le poulet de 20 % et le poisson de 40 %. Beaucoup n'achètent plus qu'une fois par semaine ». A trois rues de là, Abol-Hassan, grand adepte de Beethoven, écoute une sonate et fait ses comptes dans sa petite librairie-papeterie.

Lire la suite page 6 et Enquête page 18



Le regard de Plantu

UK price € 1,40



Demain dans Le Monde

Enquête Les as de l'Internet de l'équipe Obama s'installent à la Maison Blanche.

Europe Le livre-bilan de l'ancien ministre des affaires européennes, Jean-Pierre Jouyet.



A Nazareth-Ilit, vitrine du phénomène Lieberman

Reportage

Nazareth-Ilit
Envois spécial

Bienvenue à « Lieberman City ». Pour la troisième fois en trois scrutins, la ville de Nazareth-Ilit, dans le nord d'Israël, s'appuie à plebisciter le chef du parti Israël Beiteinu (« Israël, notre maison »), le populiste Avigdor Lieberman. Après les législatives de 2006 (34 % des voix), après les municipales de 2008, où ses partisans se sont imposés, ce politicien célèbre pour sa rhétorique antiarabe, né en 1958 dans une famille juive russophone de Moldavie, devait l'emporter haut la main à Nazareth-Ilit, mardi 10 février, jour d'élections à la Knesset.

Bâtie en surplomb de la Nazareth arabe et peuplée de 50 000 habitants, dont la moitié issue de l'ex-URSS, la ville est désormais la vitrine du phénomène Lieberman, auquel les sondages promettent jusqu'à vingt députés.

Benjamin Barthe
Lire la suite page 6

Andrey Dana
Claude Dégliane
Sarah Grappin
Anna Mihalea

Narré par
François Lelann
Daniel Martin
Jérôme Robert

An! la libido

Une comédie de Michèle Rosier

Sortie le 18 février

www.filmbypublie.com

Observateur

FIGURA 17 - Primeira página do Le Monde

Fonte: Le Monde, 11 fev. 2009, p. 1.

A primeira parte horizontal, já apresentamos, é o cabeçalho. A segunda área horizontal abriga a principal chamada, como também outras, e vai até 1/3 da parte inferior, separada por dois fios grossos, pretos, e um fio cinza. O jornal usa uma chamada dentro de uma retícula rosa, ou em outra cor, para destacar o assunto. Além disso, os subtítulos das principais chamadas têm um traço rosa forte no início. O *Le Monde* não usa o recurso da foto legenda. A cartela de cores do jornal é sóbria.

Mercredi 11 février 2009 - 65^e année - N°19921 - 1,30 € - France métropolitaine - www.lemonde.fr - Fondateur : Hubert Beuve-Méry - Directeur : Eric Fottorino

Visite surprise de Nicolas Sarkozy à Bagdad

Irak Le président de la République s'est rendu à Bagdad, mardi matin 10 février, première étape de du voyage qui le mènera dans trois pays du Golfe. Cette visite n'avait pas été annoncée pour des raisons de sécurité. P. 7

Les désordres du climat semblent s'accroître dans le monde

Météorologie Nouvelle tempête sur la France, incendies gigantesques en Australie, sécheresse en Chine et en Argentine... La faute au réchauffement ? P. 4

M. Obama : mon plan de relance ou la catastrophe

Economie Barack Obama a dramatiquement insisté sur la nécessité pour le Congrès d'adopter rapidement son plan de relance. Sinon, a-t-il dit, « la catastrophe sera plus grande encore ». P. 8

Le gouvernement peine à faire face aux conflits

■ Social : les enseignants-chercheurs en grève de nouveau dans la rue
■ Politique : la popularité du chef de l'Etat et du premier ministre en forte baisse

Après trente ans de révolution, l'Iran, puissance régionale, s'interroge

■ Désillusion économique et sociale à quelques mois des élections

Europe : un sommet pour apaiser les tensions

De la cacophonie – absence totale de coordination des réponses à la crise –, on est passé aux réactions négatives presque à l'échange de noms d'oiseau. Face à la pire récession qu'ait connue le Vieux Continent depuis 1945, l'Union européenne se divise chaque jour un peu plus. Elle n'arrive à développer ni analyse ni répliques communes; elle ne fait entendre que récriminations d'un pays contre l'autre.

C'est ce constat qui a conduit la présidence tchèque de l'Union à convoquer, sous l'insistance pressante de l'Allemagne et de la France, un conseil des chefs d'Etat et de gouvernement des Vingt-Sept d'ici à la fin du mois – sans doute le 25 février, dit-on à Bruxelles. Il aura sans doute lieu dans un climat de tension que la langue de bois diplomatique n'arrive pas à masquer.

Un jour, c'est la chancelière Angela Merkel qui s'oppose au projet du président Nicolas Sarkozy de réunir les dirigeants de la zone euro; la première redoute d'être mise à contribution pour sauver les équilibres d'une union monétaire que le second voit fragilisée par la permanence de la crise bancaire. La veille, c'était M. Sarkozy qui accusait Gordon Brown d'avoir tout faux dans son projet anticrise – et le chef de l'Etat de pointer le triste état, selon lui, de l'économie britannique.

Allemands et Néerlandais s'en prennent eux aussi au mauvais exemple britannique, tandis que les Tchèques apprécient modérément d'être soupçonnés d'assurer une présidence paresseuse de l'Union. A la discrétion de la Commission, on peut ajouter les tentations protectionnistes qui émergent ici et là au sein de l'Union. ■

Lire pages 9, 13, 14, l'analyse et l'éditorial page 2

Téhéran
Envoyée spéciale

Il y avait, avant lui, une boutique de photo qui a fait faillite. Reza Tafeschi n'a pas jugé utile de changer l'enseigne. A quoi bon, dans ce quartier populaire de Téhéran, c'est fréquent. Lui, fait dans l'alimentaire – à même les ol bidons d'huile, céréales, graines. Un brio-à-brac odorant, qui, espère-t-il, le fera vivre. Au moins un moment. Les étiquettes sont instructives : riz pakistanais, conserves chinoises et italiennes, thé indien. Rien d'iranien ? Perplexe, il se gratte le crâne et finit par dénicher un sac de riz. « Il me reste ça, et aussi un peu de sucre. On ne trouve plus à vendre que du thé *darjeeling*, du Nescafé ou *importé* tout. Notre production se fait rare. ». Une femme en tchador marchande des aubergines, il plaide : « Laisse, ma fille, elles ont augmenté. Prends plutôt des tomates, elles ont un tout petit peu baissé. ». Elle partira sans rien. « Tout le monde se plaint les prix *zigzaguant*, commente Reza, fataliste. Je ne sais pas de quoi demain sera fait... »

Dans un quartier chic au nord de Téhéran, un petit supermarché affiche un air de prospérité : caisses enregistreuseuses éclairées élégantes et même réalité. Le préposé du rayon frais nous confirmera à voir basse, comme si les clients ne l'avaient pas déjà noté que « le boeuf augmenté de 25 %, le poulet de 20 % et le poisson de 40 %. Beaucoup n'achètent plus qu'une fois par semaine ». A trois rues de là, Abol-Hassan, grand adepte de Beethoven écoute une sonate et fait ses comptes dans sa petite librairie-papeterie.

Lire la suite page 6 et Enquête page 18

FIGURA 18 - Segunda parte horizontal da primeira página do *Le Monde*

Fonte: *Le Monde*, 11 fev. 2009, p. 1.

A terceira parte horizontal traz a coluna *Le regard de Plantu*, duas chamadas para o jornal do dia seguinte, no *Demain dans Le Monde*, uma notícia e uma publicidade.

A charge ocupa a parte inferior da primeira página e, normalmente, dá destaque aos assuntos políticos. O chargista Jean Plantu, que ilustra a primeira página desde 1972, tem um traço característico.

A publicidade tem destaque no canto direito ou esquerdo final e ocupa toda a altura e duas colunas desse espaço. Os temas publicitários giram em torno de lançamentos de livros, estreias musicais, fundações de pesquisa, mas também há, muito esporadicamente, publicidade de relógios e hidratantes.

Exemplo da parte inferior da primeira página, com charge, chamadas e uma publicidade de livro.



FIGURA 19 - Parte inferior da primeira página do *Le Monde*

Fonte: *Le Monde*, 11 fev. 2009, p. 1.

O jornal *Le Monde* não divulga nenhuma informação sobre seus assinantes, ou seja, os sujeitos interpretantes reais. O sujeito destinatário pode ser avaliado pela própria configuração da primeira página. O leitor médio do *Le Monde* conhece minimamente os assuntos tratados, é intelectualizado, quer discutir o papel do Estado e valoriza a cultura. Para este leitor, o jornal deve apresentar argumentos para o debate político, econômico, social e cultural. O leitor do *Le Monde* prefere a diagramação mais sóbria e as chamadas menos sensacionalistas. Além disso, a publicidade voltada para produtos culturais indica o interesse desses leitores.

A primeira página da *Folha de S. Paulo* e do *Le Monde* são construídas dentro de padrões mais ou menos estáveis e previsíveis de diagramação, com a apresentação do tradicional logotipo e das molduras com os espaços onde deverão ficar as chamadas, as fotos, a charge, a publicidade, etc. Dentro desses espaços, o jornal estabelece formas de visibilidade das informações, que, mesmo sendo um pouco diferentes em cada número, são sempre reconhecíveis pelos leitores como primeira página (títulos, subtítulos, rubricas, letra capitular).

Além disso, cada veículo procura apresentar seu estilo, seu traço único, que o identifique e caracterize suas primeiras páginas, possibilitando que o leitor reconheça rapidamente, entre tantas ofertas, o jornal que procura. Construir a primeira página é correr o risco diário de ter que apresentar ao leitor novidades e apelos sedutores e, ao mesmo tempo, manter-se igual para construir uma identidade sólida que garanta a credibilidade.

A identidade da *Folha* e do *Le Monde* também aparece na formatação constante do seu modo de apresentar as chamadas, ou, como nos diz Leal (2009, p. 113-122), na forma de trazer notícias novas numa identidade facilmente reconhecida sempre como igual.

Colocamos juntas as páginas do dia 14 de fevereiro de 2009 dos dois jornais para termos uma ideia geral.



FIGURA 20 - Primeira página da *Folha de S. Paulo*
 Fonte: *Folha de S. Paulo*, 14 fev. 2009, p. 1.



FIGURA 21 - Primeira página do *Le Monde*
 Fonte: *Le Monde*, 14 fev. 2009, p. 1.

Vemos, assim, que o dispositivo da primeira página dos jornais estabelece um contato com o leitor, apresentando-se como instância noticiosa (função fática); anunciando os assuntos do dia (função epifânica); e orientando o percurso visual do leitor, ao deixar claro quais os espaços mais valorizados e a ordem de importância dos assuntos (função sinóptica).

3.2 A tematização e o propósito das trocas comunicativas

Folha de S. Paulo e *Le Monde*, em suas chamadas de primeira página, constroem um modo de noticiabilidade, uma tematização própria dos acontecimentos, valorizando mais um ou outro acontecimento da realidade. Essa

escolha, de acordo com Charaudeau (2006a p. 94-104), é o propósito do contrato comunicativo do jornalismo, qual seja, o de noticiar novidades sobre aquilo que interessa aos leitores. A construção da primeira página exige que os editores saibam escolher aquilo que vai aparecer nesta vitrine para chamar a atenção e, de certa forma, satisfazer o leitor. Desse modo, a primeira página torna-se uma condensação temática do jornal para atrair e satisfazer seus leitores com algumas informações. Vamos conhecer um pouco essas janelas temáticas.

3.2.1 A tematização e o propósito da *Folha de S. Paulo*

A *Folha* tem 12 editorias diárias: *Capa, Opinião* (editoriais, tendências/ debates, painel do leitor, e erramos), *Brasil, Mundo, Ciência, Dinheiro, Cotidiano, Esporte, Ilustrada, Acontece, Folha corrida* e *Ombudsman*, aos domingos. Além disso, publica os suplementos: *Empregos, Equilíbrio, Folhateen, Folhinha, Fovest, Imóveis, Informática, Mais!, Moda, Negócios, Turismo, The New York Times, Veículos e Vitrine. Circulando* apenas em São Paulo: *Guia da Folha SP, Revista da Folha, Serafina e Construção*.

Mesmo com esse grande número de editorias e suplementos, há uma regularidade temática na primeira página, como mostramos abaixo, de acordo com nosso *corpus*. Observemos, em números, os temas principais no QUAD. 2:

Número de chamadas	Tema
50	Economia nacional
39	Internacional (política, economia, comportamento)
27	Política nacional
18	Cultura
13	Esporte
13	Educação
12	Saúde
8	Violência urbana
8	Comportamento
7	Ciências
6	Acidentes aéreos e segurança nos voos: 4 nacionais e 2 internacionais
3	Turismo
3	Informática
2	Prestação de Serviço
2	Meio ambiente

QUADRO 2 - Temas principais da primeira página da *Folha*

Fonte: elaborado pela autora, 2011.

A *Folha* tem o compromisso de ser um jornal de alcance nacional, uma referência jornalística que disputa com poucos essa posição. Seu forte é falar de assuntos que interessem ao leitor brasileiro e não apenas ao leitor paulista, ainda que tenha espaço para esse receptor local. Em função disso, percebemos uma predominância de assuntos nacionais. Vamos apresentar, a seguir, essas janelas temáticas tratadas na primeira página da *Folha*, para conhecermos um pouco os tipos de assuntos selecionados para a capa.

Nos quinze dias analisados, percebe-se que meio ambiente não é um critério de notícia muito utilizado para a primeira página. Apenas duas chamadas se enquadram nessa temática. Uma, na editoria *Veículos*, que informa que carros sem catalisadores poluem 20 vezes mais; e outra, na editoria *Mundo*, sobre um grande incêndio. Vejamos a foto, que saiu na primeira página.



FIGURA 22 - Foto manchete incêndio na floresta

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 09 fev. 2009, p. 1.

A foto, publicada dia 09/02/09, mostra um incêndio ou o resultado deste. Ela veio acompanhada desta legenda:

Fogo Morto. Vista da floresta atingida pelo pior incêndio da história da Austrália, que se espalha pelo sudeste do país desde sábado; ao menos 104 pessoas morreram em razão das labaredas, que destruíram 700 casas e deixaram 340 mil hectares de terra queimados. (*Folha*, 09/02/09).

A editoria de *Turismo* da *Folha* é muito conhecida e seus guias turísticos podem ser inclusive acessados pela Internet ou comprados diretamente pela editora

da *Folha*. Nos nossos *corpora*, temos três chamadas, relacionadas ao Carnaval: lugares para onde ir durante o feriado, viagens para a Argentina ou para Salvador e como arrumar uma mala para o Carnaval. Percebe-se uma ligação entre o caderno de turismo e os eventos da época.

Com o aumento do número de passageiros no transporte aéreo e com a crise aérea com a qual o Brasil conviveu em 2008, a imprensa tem voltado seu interesse para a questão da segurança nos voos. A *Folha* dedica seis chamadas para o tema, entre segurança aérea e acidentes envolvendo aviões. Duas denunciam, na editoria *Cotidiano*, os fatos de pilotos sem licença estarem em atividade no Brasil e de muitos heliportos terem problemas de segurança. As outras quatro chamadas referem-se a acidentes aéreos no Brasil e em outros países, nas editorias *Mundo* e *Cotidiano*. Vejamos o exemplo:



FIGURA 23 - Chamada com foto acidente aéreo

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 09 fev. 2009, p. 1.

A chamada acima é do dia 09 de fevereiro de 2009 e trata de um acidente no interior do Brasil.

A editoria de *Ciências* apresenta assuntos variados: a ajuda do Chile à astronomia brasileira; a descoberta de um novo planeta; o achado de um fóssil da maior cobra do mundo, na Colômbia; os extremos do clima; os dois séculos de Darwin; e como os restos de satélite podem ameaçar as estações espaciais. Além disso, há um editorial sobre a importância de Darwin. Vejamos uma chamada do dia 02 de fevereiro de 2009, com uma foto ilustrativa do telescópio chileno:

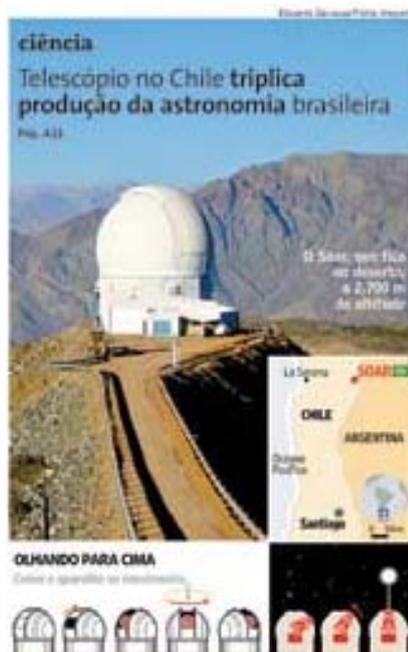


FIGURA 24 - Foto e ilustração editoria de ciência

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 02 fev. 2009, p. 1.

Alguns assuntos poderiam ser listados como comportamento, e estão nas rubricas, *Folhateen*, *Comportamento*, *Ilustrada* e *Mais*, com chamadas na primeira página. No *Folhateen*, a chamada é sobre a falta de educação de jovens que ouvem música em ambientes públicos sem fones de ouvidos. No caderno *Mais!*, uma entrevista com uma socióloga, que analisa o comportamento das prostitutas. No caderno *Folhinha*, os pais que tentam convencer os filhos a tomar banho e as crianças que treinam artes marciais com espadas. Já na editoria *Equilíbrio*, o psicanalista Contardo Calligaris fala de pais que temem perder o amor dos filhos ao castigá-los, e há receitas para o cardápio no escritório. Na editoria *Comportamento*, o Conselho de Autorregulação Publicitária (Conar) eleva o rigor para publicidades destinadas às crianças.

A *Folha*, em sua primeira página, dá destaque aos temas relacionados à Educação. Na editoria *Cotidiano*, está a maioria das notícias: curso para professores perde alunos; lista dos aprovados da Fuvest e Unicamp; Promotor investiga fraude na merenda; estudantes são acusados de agredir morador de rua; adiado início das aulas em São Paulo; aluno diz que foi chicoteado em trote; Kassab cancela contratos de merenda; reitores se dividem quanto à punição ao trote. Além disso, a editoria *Equilíbrio* traz um artigo de psicóloga Rosely Sayão sobre a adaptação das crianças de volta às aulas. A *Folha* traz também um guia especial sobre pós-graduação. Há três editoriais sobre educação: “Ensino superior e a distância”; “Cartel da merenda”; “Nota zero para professores estaduais”.

A *Folha de S. Paulo* não poderia furtar-se a apresentar um dos mais sérios problemas brasileiros: a violência urbana. Em três dias consecutivos, a primeira página trouxe fotos e legendas destacando os conflitos entre moradores de favela e policiais de São Paulo e Rio de Janeiro. O jornal relata, ainda, que um casal é assaltado e morto no Paraná; que um preso que se dizia mineiro é estrangeiro e foragido; e que há policiais suspeitos de participar de grupo de extermínio. Vejamos as três fotos que foram destaques desse assunto: a primeira foto é do dia 03/02/09 e ilustra a Guerra Urbana na favela Paraisópolis.



FIGURA 25 - Foto manchete guerra urbana

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 03 fev. 2009, p. 1.

A próxima foto é do dia 04/02/09, ainda sobre a situação tensa em Paraisópolis.

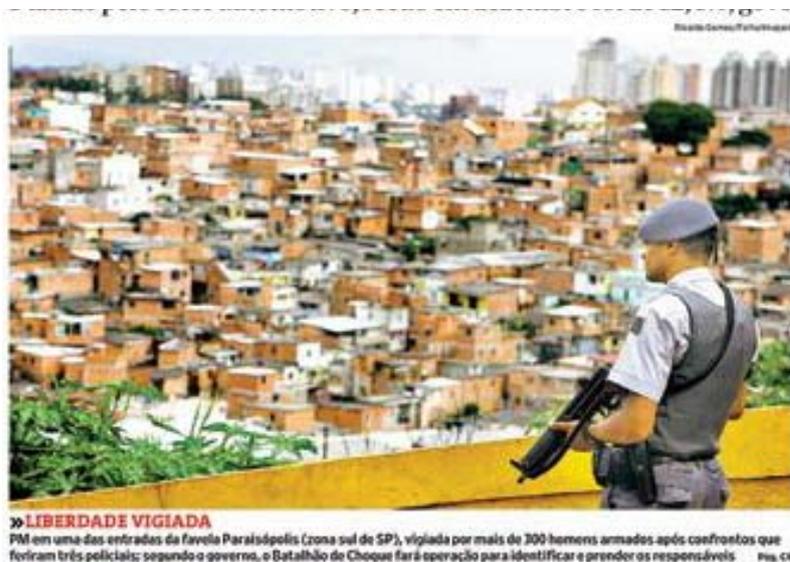


FIGURA 26 - Foto manchete liberdade vigiada

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 04 fev. 2009, p. 1.

Agora, uma foto sobre a violência urbana no Rio de Janeiro, no dia 05/02/09.



FIGURA 27 - Foto manchete policial e crianças

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 05 fev. 2009, p. 1.

Com chamadas na primeira página, a editoria de *Saúde* abrange principalmente temas ligados à área médica: problemas e mortes com lipoaspiração; novas técnicas de transplantes de rins; cirurgia de transexuais; jovens e uso de anabolizantes; hepatite em manicures; saúde de recém nascidos; velhice; diabete; antibióticos sem receita médica; cirurgia de mama e o *ranking* dos dezesseis melhores médicos do Brasil.

Mesmo pretendendo ser um jornal de alcance nacional, a *Folha* se revela paulista em sua primeira página, especialmente em algumas editorias, como a de *Esportes*. Entre treze dessas chamadas, seis se referem ao futebol paulista. E há o comentário de Juca Kfour²¹ sobre um clássico paulista. Embora haja mais chamadas ligadas ao futebol, aparecem outras sobre tênis e uso de drogas por nadador. As chamadas são mais informativas e, inclusive, dão resultados que a maioria dos leitores já conhece. Vejamos os exemplos de uma segunda-feira, quando há grande destaque para a editoria de *Esportes*, no dia 02 de fevereiro de 2009:

²¹ Colunista esportivo da *Folha de S. Paulo*.



FIGURA 28 - Chamadas de esporte da segunda-feira

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 02 fev. 2009, p. 1.

Na área da cultura, as chamadas normalmente estão na rubrica da editoria *Ilustrada* e parecem mais ligadas a assuntos factuais. As temáticas vão desde a chegada ao Brasil do astro de Hollywood, Tom Cruise, passando por assuntos variados, como lançamentos de filme, estreias de grupos de teatro, centenário de Carmem Miranda, volta de guitarrista aos palcos, exposição em museus na Europa, moda, vinhos dos sonhos dos *sommeliers*, chegando até ao diretor brasileiro Daniel Filho e sua crítica sobre a mania de favelas no cinema brasileiro.



FIGURA 29 - Chamada para o caderno *Ilustrada*

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 01 fev. 2009, p. 1.

Temos aqui chamada para a visita que Tom Cruise fez ao Brasil, ainda que com receio de “nossa violência”, no dia 01/02/09.

Além da editoria *Ilustrada*, o caderno *Mais!* apresenta, aos domingos, debates e opiniões sobre diversos temas, inclusive cultura. Nas chamadas do nosso *corpus*, o caderno traz o cientista político Francis Fukuyama e o historiador Luiz Felipe Alencastro discutindo a desglobalização e a abordagem de uma socióloga sobre a prostituição.

A editoria *Cotidiano* fala da crise da Orquestra Sinfônica de São Paulo, das obras antigas de João Gilberto que circulam na internet, dos segredos das escolas de carnaval e dos gostos dos frequentadores das noites paulistas. Traz, ainda, entrevistas exclusivas com o arquiteto Oscar Niemeyer e com o ator de cinema Daniel Raddcliffe. Vejamos um exemplo do dia 07/02/09:



FIGURA 30 - Chamada para o caderno *Cotidiano*

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 07 fev. 2009, p. 1.

A foto é para ilustrar a matéria sobre a obra João Gilberto que está disponível na Internet.

Na terceira posição dos assuntos mais citados na primeira página, se contarmos estritamente os temas nacionais, está a política, com 27 chamadas. A cobertura política da *Folha* encontra-se na editoria *Brasil*, no primeiro caderno do jornal.

Quanto às chamadas de primeira página de política, temos os assuntos: “Fórum Social Mundial” em Belém; brigas e intrigas pela eleição no congresso; PMDB assume as duas casas com apoio de Lula; caso Battisti; popularidade em alta de Lula; deputado dono de castelo deixa corregedoria; deputado se diz alvo de perseguição; Supremo tira Dilma e Tarso do dossiê; Dilma viaja mais que o dobro.

Apesar de sua importância na *Folha* e na primeira página, a editoria de política conseguiu colocar apenas duas fotos²² na primeira página:

²² A princípio, durante a pesquisa, achou-se que eram poucas fotos e talvez isso se devesse ao fato de fevereiro ser um mês “morno” na política brasileira. Fizemos uma pesquisa teste sobre o número de fotos de política em outros meses e constatamos que, de fato, a política não tem a maioria das fotos. Geralmente a primeira página coloca de 8 a 10 fotos ao mês. Em fevereiro, esse número foi ainda menor devido ao recesso parlamentar e ao Carnaval.



FIGURA 31 - Foto manchete do Fórum Social Mundial

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 02 fev. 2009, p. 1.

Esta foto, FIG. 31, é do dia 02/02/09 e retrata participantes do “Fórum Social Mundial” em Belém.

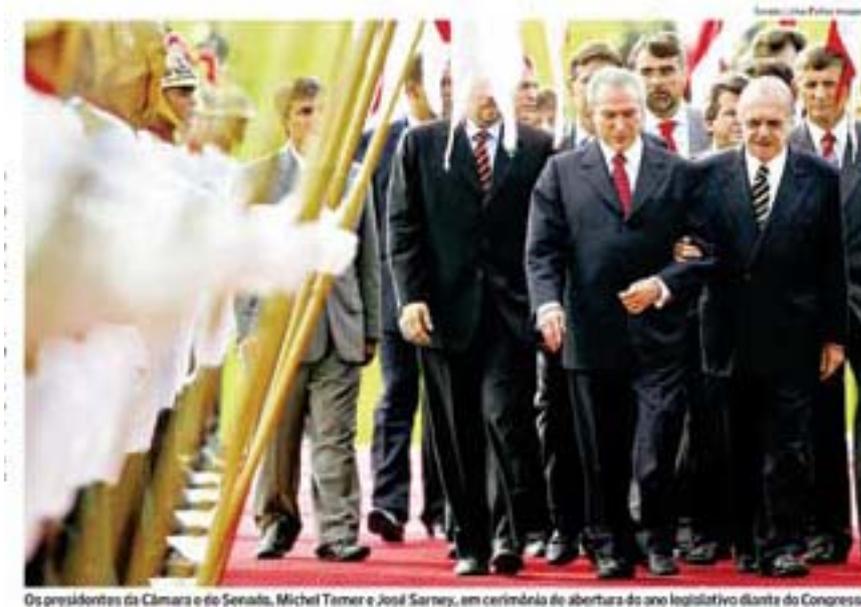


FIGURA 32 - Foto manchete dos presidentes do Congresso

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 03 fev. 2009, p. 1.

Esta, do dia 03/02/09, FIG. 32, refere-se à eleição dos presidentes do Senado e da Câmara dos Deputados.

A *Folha* traz também chamadas de artigos assinados do governador do Rio de Janeiro, César Maia: “Democracia precisa do legislativo”; do editor Fernando Rodrigues: “Crítica a Lula e seu apoio ao PMDB”; da colunista Eliane Castanhêde:

“Resultado da eleição no congresso”; da senadora Marina Silva: “PT e PSDB devem se unir” e do jornalista Elio Gaspari: “Jockey Club não paga IPTU”.

A *Folha* dedica boa parte de seus editoriais à política: 11 ao todo, dos 30 editoriais. Em ordem de aparecimento, tais editoriais: cobraram prestação de contas do governo; cobraram investimento do governo; comentaram a crise do judiciário no caso Battisti; comentaram a força do PMDB no Congresso; criticaram os deputados; criticaram o lulismo; criticaram a impunidade; discutiram a reforma política; criticaram a promoção de Dilma; pediram transparência à Câmara e denunciaram o uso das obras do Plano de Aceleração Econômica (PAC) nos palanques eleitorais.

O segundo tema mais citado na primeira página da *Folha* refere-se ao noticiário internacional. A maioria das chamadas é sobre os conflitos no Oriente Médio: “Túneis na Faixa de Gaza são pontos de contrabando”; “Israel avisa que vai dar resposta a ataque palestino”; “Irã diz ter lançado satélite”; “Palestinos e Israel vivem desconfiança mútua”; “Eleições no Iraque”; “Direita em Israel se fortalece”; “Conservadores lideram pesquisas de voto em Israel”; “Direita tem maioria em Israel”; “Irã se dispõe a dialogar com EUA”; “Israel tem indefinição nas eleições”; “Em Israel, a direita vence as eleições” e “Como vive o Irã 30 anos depois da revolução”.

Outra área geográfica com bastantes chamadas de primeira página são os EUA: “Problemas com imposto abalam a equipe de Obama”; “Crescem nos EUA as ações contra os imigrantes”; “Obama limita o salário de executivos”; “A luta pelo poder na Casa Branca”; “Obama lança ofensiva com plano econômico”; “Obama pede apoio ao plano”; “Calote dispara nos EUA; desemprego nos EUA”. Vejamos esta foto premiada:



FIGURA 33 - Foto manchete da crise nos EUA

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 14 fev. 2009, p. 1.

A foto é de uma desapropriação nos EUA, dia 14/02/09, e revela o drama de muitas famílias que são retiradas por policiais que executam a ação de despejo.

A Europa também merece atenção: “França ajuda as montadoras”; “Recessão na Europa”; “Senado italiano lança plano anti-imigração”; “Europa pede que Brasil reveja caso Battisti”; “Berlusconi tenta barrar a eutanásia”; “Morre italiana depois de 17 anos em coma”; “Para Berlusconi, vida é simulacro”; “Brasileira é alvo de *skinheads* na Suíça”; “Brasileira não estava grávida” e, “Para pai, brasileira é vítima de qualquer maneira”. Há também um editorial sobre o risco de xenofobia.

Outros países têm chamadas na primeira página, a Suíça, por exemplo, por conta de uma brasileira residente naquele país, que disse ser vítima de violência, e ter sido atacada por *skinheads*. A versão da brasileira foi desmentida posteriormente pela polícia suíça.

A China é destaque em economia, em função do alto desemprego, e teve publicada uma foto de incêndio em prédios comerciais em Pequim. A Austrália também tem duas chamadas, uma de acidente aéreo e outra de fogo nas florestas.

A França tem uma chamada econômica, sobre ajuda do governo às montadoras de veículos. O Iraque foi destaque de um editorial, sobre as eleições naquele país. O Chile e a Bolívia foram temas para o caderno de turismo. Nenhum país da África apareceu em nosso *corpus*.

Com menor destaque, aparece a América Latina nas matérias: “As atrações turísticas no Chile e Bolívia”; “Refém das Farc volta para casa”; “Venezuela vota o fim do limite de reeleição”; A ela foram dedicados dois editoriais: “O fim das Farc” e “Chávez na encruzilhada”.

A economia tem o maior número absoluto de chamadas da primeira página da *Folha de S. Paulo* e a maioria é sobre a crise econômica mundial, que também afetou o Brasil. Acerca desse tema, mais diretamente, temos: “BNDES faz investimento demais”; “Balança comercial em déficit”; “Indústria tem queda”; o colunista Vinicius Torres Freire comenta que o desempenho das fábricas lembra pior fase da economia; “Lojas de carros usados receberão 200 milhões”; “Crise e corte na indústria”; o jornalista Martin Wolf acha que novas medidas não são resposta; “protecionismo”; “Serra anuncia pacote”; “Infraestrutura afasta crise em regiões do Brasil”. Foram também cinco editoriais sobre esse assunto: “Tempo de pacotes”; “Na alça da mira”; “Crise econômica”; “Apagão industrial” e “Protecionismo”.

Também com relação à crise econômica mundial, mas com foco na questão do emprego e da renda, a *Folha* traz os seguintes destaques: “Desemprego segundo IBGE”; “Desemprego atinge lares de São Paulo”; Kennedy Alencar²³ e Jullianna Sofia²⁴ informam que o Planalto estuda reduzir jornada de trabalho e salários; “Jovens geólogos à frente do pré-sal”; “Crise trava ganho do trabalhador”; “Mercedes dá férias coletivas”; “Indústria corta vagas”; “Reajustes da aposentadoria”; “GM fecha postos de trabalho”; “Demissão cresce”; “GM propõe demissão voluntária”; “Indústria paulista corta vagas”; “Cargos com maiores e menores aumentos” e dois editoriais: “Estágios em queda” e “Pequenas finanças e crédito”.



FIGURA 34 - Foto e chamadas sobre o desemprego

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 07 fev. 2009, p. 1.



FIGURA 35 - Foto e chamada sobre o emprego de jovens engenheiros

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 08 fev. 2009, p. 1.

Nos exemplos acima, as fotos chamadas são para a questão do desemprego e para os jovens engenheiros que trabalham no Pré-sal: dias 1º e 8 de fevereiro de 2009.

Sobre os bancos, os destaques são: “Bancos brasileiros têm lucros maiores do mundo”; “Banco Central dá visibilidade aos juros bancários”; “Caixa vai reduzir juros”; “Banco público se previne contra calote”; “Banco que lidera impõe *spread*”; e um editorial sobre juros bancários.

O tema da economia esteve presente em nove editoriais ao todo: “*Tempo de pacotes*”, sobre prestação de contas; “*Na alça da mira*”, acerca de investimentos públicos; “*Piora de cenário*”, sobre projeções do FMI; “*Perto do apagão*”, sobre a queda da produção industrial; “*A batalha do spread*”, acerca dos juros bancários; “*Pequenas finanças*”, sobre o crédito; “*Fiscalização genérica*”, sobre farmácias;

²³ Colunista político da *Folha de S. Paulo*.

²⁴ Repórter da *Folha de S. Paulo*.

“Evitar o retrocesso”, acerca do risco do protecionismo comercial e “Estágio em queda”, acerca do desestímulo legal. A maioria trata da crise e há os temas correlacionados, como os altos juros bancários e o protecionismo.

Os outros temas em destaque são: “Call center tem problemas de atendimento”; o jornalista Clóvis Rossi critica reunião de Davos; “Serra propõe pedágio em ruas de cidades”; “Receita vai tirar declarações da malha fina”; “Shopping paga pouco IPTU”; “Governo estuda facilitar compra de imóvel”; “Programas de fidelidade”; o economista Albert Fishlow fala do protecionismo; “Serra volta atrás sobre pedágio”; “Planos de saúde são mal avaliados”; Postos que vendiam gasolina irregular são reabertos”. Temos ainda um debate no caderno *MAIS!* sobre a desglobalização e dois editoriais: “Fiscalização de farmácias” e “Inabilidade de gestão”.

Vamos agora nos deter um pouco nas chamadas para os dois editoriais diários da *Folha*, que contribuem para a construção de um cenário temático do jornal. Das 30 chamadas para editoriais estudadas, 11 referem-se à política; 9, à economia; 5, a assuntos internacionais; 3, à educação e os outros tratavam de violência urbana e ciências.

Vemos essa distribuição temática dos editoriais da *Folha* em suas chamadas de primeira página no GRAF. 1:

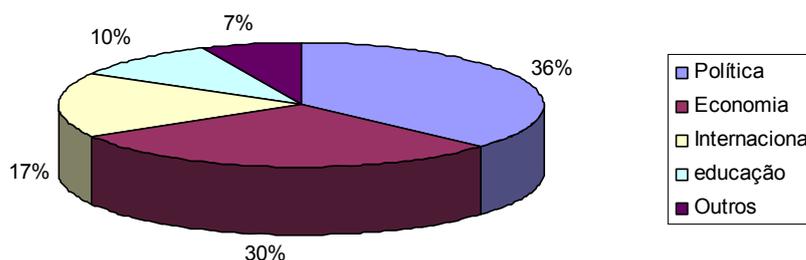


GRÁFICO 1 - Temas dos editoriais da *Folha de S. Paulo*

Fonte: elaborado pela autora, 2011.

Como vemos, há um espaço privilegiado para política, economia e assuntos internacionais na *Folha*, que pretende ser um jornal de referência do Brasil. Parece

que, pelo menos em termos de tema, a *Folha*, ainda que falando mais da perspectiva do Sudeste e de São Paulo, consegue oferecer uma razoável cobertura dos assuntos, tornando a primeira página atraente para alguns dos leitores que prestigiam este veículo de imprensa, que pretende ser nacional.

3.2.2 A tematização e o propósito do *Le Monde*

Os temas do jornal *Le Monde* são distribuídos em 20 editorias. Essas editorias aparecem na primeira página do *Le Monde* em chamadas que, ao longo do tempo, constroem uma identidade temática para o leitor. No nosso *corpus*, os seguintes temas construíram a primeira página, como mostramos no QUAD. 3:

Número de chamadas	Tema
39	Internacional
29	Política
22	Cultura
20	Classificados
16	Economia
13	Charge
5	Meio Ambiente
5	Educação
5	Religião
4	Sociedade
3	Cidade
3	Direitos Humanos
3	Ciências
2	Violência Urbana
2	Esportes
2	Saúde
1	Tecnologia

QUADRO 3 - Temas principais da primeira página do *Le Monde*

Fonte: elaborado pela autora, 2011.

O jornal *Le Monde* tem um compromisso de falar da França para o mundo e do mundo para a França, como se fosse um espaço de “debate diplomático”. Além disso, o jornal pretende retratar a França e sua vocação histórica para a política e para a cultura. O jornal é nacional e não se detém muito em assuntos sobre Paris, preocupa-se com várias regiões francesas. Vamos conhecer um pouco mais os temas apresentados na primeira página, *L'UNE*.

Nos 15 dias analisados, os temas referentes à tecnologia, saúde, esportes e violência urbana foram os menos citados. Na editoria *Planète*, uma chamada dá conta de um assunto tecnológico atual, a presença de equipamentos no espaço e a colisão de dois satélites: “*Quand un satellite rencontre un autre satellite [...]*” (*Le Monde*, 15/02/09).²⁵ Na área da saúde, dois temas referentes ao interesse público são destaque: a venda livre de medicamentos para emagrecer deixa a sociedade médica perplexa. A chamada é para a editoria *& vous*: “*La controverse sur le médicament qui fait maigrir pourrait enfler*” (*Le Monde*, 07/02/09).²⁶ O jornal discute também a situação da saúde e sua mercantilização, na editoria *Horizons*: “*Débats: l’hôpital est-il malade?*” (*Le Monde*, 14/02/09)²⁷. O esporte aparece apenas nas referências aos jogos mundiais de inverno em *Val-d’Isère* e ao desempenho do esquiador francês, ganhador de duas medalhas de prata (*Le Monde*, 11/02/09)²⁸:



FIGURA 36 - Foto chamada do vencedor dos jogos de inverno

Fonte: *Le Monde*, 11 fev. 2009, p. 1.

Sobre a violência urbana na França, apenas uma pequena chamada para a *Page Trois*:

Recrudescence dos homicidas en Corse. Banditisme. En 2008, pas moins de 28 homicides ou tentatives ont été dénombrés sur l’île de Beauté. Plusieurs membres supposés du groupe de la Brise de mer ont été victimes de tueurs très professionnels. (*Le Monde*, 13/02/09).²⁹

Na editorial *International*, há uma chamada sobre o aumento da violência em Caracas e a falta de investimento na segurança pública da Venezuela. Segundo o

²⁵ Nossa tradução: Quando um satélite encontra um outro satélite [...].

²⁶ Nossa tradução: A controvérsia sobre a venda de medicamento para emagrecer pode aumentar.

²⁷ Nossa tradução: Debate: o hospital está doente?

²⁸ Nossa tradução: Julien Lizeroux. Vence aquele que não se esperava.

²⁹ Nossa tradução: Aumento dos assassinatos na Córsega. Banditismo. Em 2008, nada menos que 28 homicídios ou tentativas foram contados na Ilha da Beleza. Vários supostos membros do grupo da Brisa do Mar foram vítimas de assassinos muito profissionais.

Le Monde, a oposição usa o aumento da criminalidade para tentar vencer Hugo Chávez no referendo sobre a reeleição ilimitada do presidente.

O bicentenário de Darwin foi assunto das duas chamadas da editoria de *Sciences*, no *Le Monde*. Os títulos das chamadas na primeira página no interior enaltecem o cientista: “*L’héritage de Darwin. Il y a 200 ans naissait le père de la théorie de la sélection naturelle*” (*Le Monde*, 06/02/09).³⁰ Esta é a chamada com ilustração (*Le Monde*, 07/02/09)³¹:



FIGURA 37 - Ilustração chamada de Darwin

Fonte: *Le Monde*, 14 fev. 2009, p. 1.

A outra chamada, na editoria *Planète*, é sobre a cidade Maia: “El Mirador, a mãe das cidades Maias” (*Le Monde*, 14/02/09)³²:



FIGURA 38 - Foto chamada para a editoria *Sciences*

Fonte: *Le Monde*, 14 fev. 2009, p. 1.

A perspectiva do *Le Monde* é mais humanitária e não é de se estranhar que traga chamadas mais ligadas aos Direitos Humanos na primeira página. A primeira trata das liberdades civis na França, especialmente em época de ameaças terroristas e internet, na editoria *Dossier* (05/02/09)³³:

³⁰ Nossa tradução: A herança de Darwin. Há 200 anos nascia o pai da teoria da seleção natural.

³¹ Nossa tradução: Darwin 200 anos e ainda bem vivo.

³² Nossa tradução: Arqueologia: Mirador, a mãe das cidades Maias.

³³ Nossa tradução: Liberdades civis. Estado das coisas. Antiterrorismo e política de segurança. 1% da população em custódia em 2008. Os internautas sob alta vigilância.



FIGURA 39 - Ilustração chamada da questão dos Direitos Civis

Fonte: *Le Monde*, 05 fev. 2009, p. 1.

A segunda, da editoria *International*, informa que há menos crianças soldados no mundo, segundo constatação da Organização das Nações Unidas (ONU) (*Le Monde*, 06/02/09).

Dois chamadas referem-se a aspectos das cidades da França. A primeira, da editoria *Décryptages*, é um especial sobre a cidade do norte, Lille, e seu potencial como polo tecnológico (*Le Monde*, 04/02/09)³⁴:



FIGURA 40 - Foto chamada sobre Lille

Fonte: *Le Monde*, 04 fev. 2009, p. 1.

A segunda é uma reportagem da editoria *Horizons*, que pretende fazer um retrato mais humano da estação Saint-Lazare, onde 450 mil pessoas circulam por dia: “*Reportage: la gare Saint-Lazare, haut lieu de colères, de conflits et de miracles. En plein Paris, 450 000 voyageurs par jour, un train toutes les 28 secondes*” (*Le Monde*, 08/02/09)³⁵.

Consideramos, como tema *sociedade*, as notícias que tratam do cotidiano e que, de alguma maneira, podem interessar aos leitores. Na editoria *Le Monde 2*, o jornal apresenta uma pesquisa sobre os gauleses: “*Des Gaulois pas si rustres. Dossier. De récentes découvertes montrent que «nos ancêtres» étaient loin d’être*

³⁴ Nossa tradução: Especial Lille. Um novo pólo tecnológico.

³⁵ Nossa tradução: Reportagem: Estação Saint-Lazare, meca de conflitos, raivas e milagres. Em Paris, 450 mil passageiros por dia, um trem a cada 28 segundos.

frustes et batailleurs” (*Le Monde*, 14/02/09).³⁶ A outra chamada, também da editoria *Le Monde 2*, é sobre um professor de matemática e um politécnico que decidem integrar um centro de formação de aprendizes. Ainda sob o tema *société*, o jornal acompanha o primeiro dia de um detento na prisão, na editoria *Décryptages*: “*A Douai, les premiers pas d’un prisonnier*” (*Le Monde*, 13/01/09).³⁷

As principais chamadas sobre educação dizem respeito à crise provocada pelo governo, ao apresentar proposta para modificar o sistema educacional secundário e superior. São três notícias, da editoria *France*, que tratam dos protestos dos professores universitários contra a reforma e do impasse político entre o governo e a comunidade acadêmica. Vejamos dois títulos: “*La contestation enfle dans les universités contre les réformes du gouvernement. Mme Péresse refuse de revenir sur Le statut des enseignantes-chercheurs*” (*Le Monde*, 10/02/09).³⁸ Outra notícia de educação, na editoria *Planète*, fala dos problemas do ensino superior na África, e a última, na editoria *Décryptage*, refere-se às críticas pela indicação, feita pelo presidente Sarkozy, do novo professor de criminologia no Cnam, Conservatório Nacional de Artes e Ofícios, por este ser de direita, como o presidente.

Le Monde dá destaque aos assuntos religiosos na primeira página, tratando as instituições religiosas como entidades que fazem parte do cenário político. As notícias que vimos referem-se: ao novo rabino chefe da França, suas ideias e conflitos com o papa Bento XVI; à luta do Papa para unificar a Igreja católica; à crise na Igreja católica provocada pelo retorno dos integralistas e pela declaração do monsenhor, negando o Holocausto; e à tentativa da Rússia para controlar as igrejas ortodoxas. Vejamos um título da editoria *Décryptages*: “*Le pape Benoît XVI peine à apaiser le trouble des catholiques*”. “*Le Vatican exige que Mgr Williamson retire «sans équivoque» ses propos sur la Shoah. Les conséquences d’un retour des intégristes dans l’Eglise déconcertent la communauté des croyants*” (*Le Monde*, 06/02/09)³⁹.

³⁶ Nossa tradução: Gauleses não tão grosseiros. Dossiê. Descobertas recentes mostram que “nossos antepassados” estavam longe de ser rudes e briguentos.

³⁷ Nossa tradução: Em Douai, os primeiros passos de um prisioneiro.

³⁸ Nossa tradução: A mobilização das universidades contra a “reforma Péresse” continua. A manifestação nacional de terça, 10 de fevereiro, preocupa o governo.

³⁹ Nossa tradução: O papa Bento 16 tem dificuldade para acalmar os católicos. O Vaticano exige que o Bispo Williamson retire “definitivamente” suas ideias sobre o holocausto. As consequências de um retorno dos integralistas na igreja desconcertam a comunidade cristã.

O meio ambiente aparece como uma preocupação e uma opção econômica na cobertura do jornal. As notícias são sobre o desmantelamento do navio *Clemenceau* e o destino de suas peças poluentes, na editoria *Planète* (*Le Monde*, (1º/02/09)⁴⁰:



FIGURA 41 - Foto chamada do navio Clemenceau

Fonte: *Le Monde*, 01 fev. 2009, p. 1.

Na editoria *Planète*, temos chamadas para o alerta da poluição das águas causada por dejetos farmacêuticos; para uma empresa de telefonia condenada a retirar uma antena para se prevenir do surgimento de problemas de saúde; para os incêndios sem precedentes na Austrália; para a desordem do clima no mundo e para uma barragem na China que pode ser a causa dos tremores de terra que mataram 88 mil pessoas. A editoria *Économie* fala do crescimento da economia verde.

O jornal publica todos os dias sua charge na primeira página, no espaço denominado *Le regard de Plantu*. Os principais temas das charges são políticos e o presidente Sarkozy e seus auxiliares estão na maioria delas. Os assuntos tratados foram: a visita de Sarkozy e da primeira dama Carla Bruni à exposição *Picasso e suas mulheres*; o livro publicado pela ex-candidata à Presidência da República, Ségolène Royal, atacando vários políticos, inclusive o presidente Sarkozy; o impasse entre o presidente e o prefeito da capital de Madagascar e as manifestações violentas nas ruas; o pronunciamento de Sarkozy nas redes de comunicação e as greves na França; a reforma nas universidades proposta pelo governo, chamada lei Pécresse, e as manifestações contrárias; as estratégias políticas de Sarkozy e do presidente do Novo Partido Anticapitalista; a situação política de Guadalupe e os interesses contraditórios da população e do governo francês; a tentativa de Sarkozy de intermediar os conflitos no Oriente Médio; a taxa de desemprego e o descaso dos industriais; os problemas enfrentados pelo papa Bento XVI; a declaração de amor da

⁴⁰ Nossa tradução: Clemenceau. Última viagem.

ministra do ensino superior, Valérie Pécresse, às universidades e a continuação das manifestações; Sarkozy e suas ideias de protecionismo que desagradam à Europa.

Na charge abaixo, do dia 15/02/09, *Le Monde* ironiza a disputa entre as socialistas Ségolène Royal e Martine Aubry, pela liderança do Partido Socialista, que adota a rosa como símbolo.⁴¹

Le regard de Plantu



FIGURA 42 - Charge, disputa política

Fonte: *Le Monde*, 15 fev. 2009, p. 1.

A economia nacional é o quarto assunto mais citado no *Le Monde*. O jornal aborda a crise econômica, as saídas encontradas pelo governo francês e os pontos de vista sobre o assunto. Na editoria *Europa*, a chamada explica que a França está preocupada: “Paris s’inquiète de la fragilité de la zone euro. M. Sarkozy veut une réunion rapide des chefs d’État de l’Eurogroupe. La France juge passives la Commission et la présidence tchèque de l’Union” (*Le Monde*, 1º/02/09).⁴² A editoria *France* traz: François Fillon, primeiro ministro, que detalha e defende o plano de recuperação da economia; sindicatos que exigem mudanças de rumos da economia.

Na editoria *Economie*, temos: “A França tenta comercializar a segunda geração de reator nuclear”; “Alemanha e Rússia criticam reator francês de energia nuclear”; “A vida dos fundos especulativos”; “O economista Daniel Cohen defende uma economia organizada que privilegie quem observa as regras”; “Os planos de recuperação vão funcionar?” “Os esforços são heterogêneos e os resultados

⁴¹ Nossa tradução: Ah! Você está vendo, elas se falam! “Me passe o sal!” “De jeito nenhum!”

⁴² Nossa tradução: Paris se inquieta com a fragilidade do Euro. Sarkozy quer uma reunião. A França acha que a comissão e a presidência tcheca da União estão passivas.

incertos”; “A França vai supervisionar os bônus dos operadores”; “O governo ajuda as montadoras de automóveis com mais de 6 bilhões de Euros”; “Montadoras vão suprimir 10 mil vagas”; “Desacordos entre Berlim e Paris sobre a crise”; “Lista de empresas endividadas”. Vejamos esta chamada:

Crise: faut-il privilégier la relance par la consommation? La chute du PIB français au quatrième trimestre 2008 confirme les prévisions pessimistes pour 2009. Cette conjoncture ravive le débat sur la pertinence d'une politique de reprise par l'investissement. (*Le Monde*, 14/02/09).⁴³

Ainda sobre economia, uma chamada para o caderno semanal *Le Monde Argent* fala das tarifas bancárias em tempo de crise. Na editoria *Demain dans Le Monde*, um debate sobre como repartir o crescimento mundial. Na editoria *Décryptages*, o resgate dos bancos tornou-se um problema mundial e o jornal pergunta: “É possível criar bancos pobres?” E a editoria *Horizons* fala do corretor Jérôme Kerviel, que deu um golpe nos bancos.

Temas relacionados à Cultura são um dos pontos fortes do *Le Monde*, presentes inclusive em suas publicidades. No dia primeiro de fevereiro, o jornal anuncia sua nova editoria, *& Vous*, com dicas de livros, filmes, espetáculos, exposições, lazer, etc. Vejamos um exemplo do dia 15/02/09⁴⁴:



FIGURA 43 - Foto chamada da Barbie

Fonte: *Le Monde*, 15 fev. 2009, p. 1.

As chamadas nessa área apresentam um pouco de análise, mas algumas são apenas informativas, como, por exemplo, a chamada que revela que o desenhista Blutc é o vencedor do festival de quadrinhos. O *Le Monde des Livres* fala do lançamento de dois livros inéditos de Roland Barthes; informa que há uma exposição

⁴³ Nossa tradução: Crise: é necessário privilegiar a recuperação pelo investimento? A queda do PIB francês no quarto trimestre de 2008 confirma as previsões pessimistas para 2009. Esta conjuntura revive os debates sobre a pertinência de uma política de recuperação pelo investimento.

⁴⁴ Nossa tradução: Barbie: 50 anos, 29 centímetros [...].

de figuras tailandesas em Paris; anuncia o lançamento do filme francês *O bebê que voa*; a editoria *Télévisions* fala de um seriado sobre o romance de Anne d'Autriche com o cardeal Mazarin; e a editoria *& vous*, que a boneca Barbie faz 50 anos.

As chamadas que vão um pouco além da informação na primeira página são: “As variedades televisivas musicais não são mais seguidas”; “O chefe de Estado deve ter controle sobre o audiovisual”; “A ministra da cultura e das comunicações, Christine Albanel, reafirma as missões do Estado”; o filme estrelado por Brad Pitt é notícia na editoria *Cinéma*: “Nascido velho, morto jovem, Brad Pitt remonta o tempo”; Mickey Rourke e seu retorno são destaque do *Le Monde 2*. A editoria *& vous* fala de um roteiro de viagem a Java (*Le Monde*, 12/02/09):⁴⁵



FIGURA 44 - Foto chamada de Java

Fonte: *Le Monde*, 12 fev. 2009, p. 1.

O segundo tema mais recorrente no *Le Monde*, e de certa forma presente em todas as outras editorias, é a Política. A principal editoria que aborda política é *France*. O tema que marca a quinzena analisada são os conflitos entre o governo e a população: “*Nicolas Sarkozy explique son plan de relance et veut calmer les inquiétudes des Français. Le Président de la République justifie la priorité accordée à l’investissement*” (*Le Monde*, 06/02/09)⁴⁶. Outros problemas do presidente são: “*Le gouvernement peine à faire face aux conflits. Social: les enseignants-chercheurs en grève de nouveau dans la rue. Politique: la popularité du chef de l’Etat et du premier ministre en forte baisse*” (*Le Monde*, 11/02/09)⁴⁷. Diante da pressão, Sarkozy coloca o projeto de reforma da educação em discussão, de acordo com a chamada política.

Além dos problemas dentro da França, vários setores trabalhistas de

⁴⁵ Nossa tradução: Java segue a moda *Hip-Hop*.

⁴⁶ Nossa tradução: Nicolas Sarkozy explica seu plano de recuperação e quer acalmar as inquietudes dos franceses. O Presidente da República justifica a prioridade ao investimento.

⁴⁷ Nossa tradução: O governo se esforça para lidar com os conflitos. Social: os professores-pesquisadores novamente em greve nas ruas. Política: a popularidade do chefe de Estado e do primeiro ministro em queda.

Guadalupa, território francês nas Antilhas, entram em greve por melhores salários e diminuição no custo de vida: “*Un ministre à l’écoute tardive de la colère de la Guadeloupe*” (*Le Monde*, 06/02/09)⁴⁸ sobre a reunião do secretário em Guadalupa com os representantes dos grevistas. Numa dessas reuniões, o ministro Yves Jégo foi criticado pela população por ter voltado rapidamente a Paris. No dia seguinte, retorna a Guadalupa: “*Recadré’ à Paris, M. Jégo est de retour aux Antilles. Deux médiateurs sont chargés des négociations*” (*Le Monde*, 12/02/09)⁴⁹. O jornal entrevista o secretário: “*Selon Yves Jégo, la crise aux Antilles illustre les difficultés d’une «société déchirée». Dans un entretien au «Monde», le secrétaire d’Etat à l’outre-mer s’explique*” (*Le Monde*, 14/02/09)⁵⁰.

Outras notícias tratam de personagens políticos e partidos: na editoria *Horizons* temos chamadas sobre a saída de Olivier Besancenot da Liga Comunista Revolucionária e a criação do Novo Partido Anticapitalista (*Le Monde*, 1º/02/09)⁵¹:



FIGURA 45 - Foto chamada do político Besancenot

Fonte: *Le Monde*, 01 fev. 2009, p. 1.

Em outra chamada, no *Demain dans Le Monde*, o jornal fala da esquerda radical na França com esse novo partido. “A chamada para este assunto no dia seguinte é: “*Le NPA pourra-t-il doubler la gauche sur sa gauche?*”(Le Monde, 07/02/09)⁵². Ainda a respeito de partidos e seus líderes temos uma notícia sobre o partido de direita, a UMP (Movimento Popular) (*Le Monde*, 03/02/09)⁵³.

⁴⁸ Nossa tradução: Um ministro escuta à noite a ira de Guadalupa.

⁴⁹ Nossa tradução: Enquadrado em Paris, o ministro Jégo retorna às Antilhas. Dois mediadores são encarregados das negociações.

⁵⁰ Nossa tradução: Segundo Yves Jégo, a crise nas Antilhas ilustra as dificuldades de uma “sociedade esgarçada”. Numa entrevista ao “*Monde*”, o secretário de Estado para o Ultramar se explica.

⁵¹ Nossa tradução: Olivier Besancenot. Adeus LCR, bom dia NPA.

⁵² Nossa tradução: O NPA poderá dobrar a esquerda sobre sua esquerda?

⁵³ Nossa tradução: Nos passos do patrão da UMP.



FIGURA 46 - Foto chamada do político Bertrand

Fonte: *Le Monde*, 03 fev. 2009, p. 1.

O ex-jogador da seleção francesa de futebol, Lilian Thuram, é indagado sobre suas pretensões políticas, pela editoria *Page Trois* (*Le Monde*, 04/02/09)⁵⁴:



FIGURA 47 - Foto chamada do esportista Thuram

Fonte: *Le Monde*, 04 fev. 2009, p. 1.

Um escândalo político abalou a França na década de 90, o “Angolagate”, envolvendo empresários que venderam armas para a guerra civil em Angola. A editoria *Décryptages* chama para uma reportagem com um dos acusados, o empresário Pierre Falcone, e a editoria *France* noticia que outro acusado, Yvan Colonna, será julgado em apelação por uma corte de inquérito especial (*Le Monde*, 4 e 10/02/09). Ainda na editoria *France*, o jornal noticia que o ministro das relações exteriores, Bernard Kouchner, responde com firmeza ao livro do jornalista Pierre Péan, que o acusa de tráfico de influência no governo.

Por fim, o tema principal do *Le Monde*, e que justifica seu próprio nome, são os assuntos internacionais. Estas chamadas falam sobre o Oriente Médio e, em seguida, sobre os Estados Unidos, Europa, África e América Latina.

No entanto, duas notícias políticas, que dizem respeito diretamente à França, estão na editoria *International*: o presidente francês se apresenta como um mediador no Oriente Médio: “*Visite surprise de Nicolas Sarkozy à Bagdad*” (*Le Monde*,

⁵⁴ Nossa tradução: Lilian Thuram: “A política, quem sabe, um dia [...]”.

11/02/09),⁵⁵ e a França completa seu retorno ao grupo de comando da Otan: “*La France parachève son retour dans l’OTAN. M. Sarkozy et Mme Merkel veulent rapprocher l’OTAN et l’Union européenne. Dans «Le Monde», ils saluent les «avancées» de l’Europe de la défense»* (Le Monde, 05/02/09).⁵⁶

As eleições em Israel e no Iraque e os 30 anos de revolução islâmica no Irã foram os principais assuntos das manchetes internacionais do *Le Monde*. O Iraque elege seus representantes regionais e o jornal ressalta essa tentativa de normalização democrática. No *Demain dans Le Monde*, vemos a chamada para o dia seguinte: “*Enquête - Nouri Al-Maliki dirige l’Irak depuis près de trois ans, avec bonhomie et brutalité*” (Le Monde, 1º/02/09).⁵⁷ No dia seguinte, na editoria *Enquete*: “*Le scrutin régional en Irak marque un pas vers la normalisation dans le pays. Succès pour le premier ministre Al-Maliki; montée des partis non religieux*” (Le Monde, 03/02/09)⁵⁸.

Em Israel, as eleições parlamentares, que iriam decidir quem seria o primeiro ministro, também são foco do *Le Monde*. O jornal ressalta a tendência eleitoral em eleger candidatos da direita: “*Un parti ultranationaliste israélien perce dans les sondages*”⁵⁹; “*A la veille des élections législatives, la société israélienne penche à droite*” (Le Monde, 08/02/09)⁶⁰ “*Les Israéliens votent: priorité à la sécurité. Sur fond de droitisation du pays, aucun parti ne domine le jeu politique. Les électeurs paraissent en proie à un réflexe de crispation sécuritaire*” (Le Monde, 10/02/09)⁶¹. O jornal retrata uma cidade que vota majoritariamente no candidato da direita: “*A Nazareth-Illit, vitrine du phénomène Lieberman*” (Le Monde, 11/02/09)⁶². Os resultados das eleições aparecem também em destaque à *L’UNE*: “*En Israël, la centriste Tzipi Livni arrive en tête du scrutin législatif. La prochaine coalition gouvernementale devrait être marquée par la poussée à droite de l’électorat. Le chef*

⁵⁵ Nossa tradução: Visita surpresa de Sarkozy a Bagdá.

⁵⁶ Nossa tradução: A França completa seu retorno à Otan. Sarkozy e Merkel querem aproximar a Otan da União Européia. No “*Le Monde*”, eles “saúdam” os avanços da defesa europeia.

⁵⁷ Nossa tradução: Nouri Al-Maliki dirige o Iraque há três anos com bonomia e brutalidade.

⁵⁸ Nossa tradução: A eleição regional no Iraque marca um passo em direção à normalização no país. Mérito do primeiro ministro Al-Maliki: crescimento de partidos não religiosos.

⁵⁹ Nossa tradução: Um partido ultranacionalista avança nas sondagens em Israel.

⁶⁰ Nossa tradução: À véspera das eleições legislativas, a sociedade israelense se inclina à direita.

⁶¹ Nossa tradução: Os israelenses votam: prioridade à segurança; em Israel, sob um fundo direitista do país, nenhum partido domina o jogo político. Os eleitores parecem presos a um temor sobre a segurança.

⁶² Nossa tradução: Nazareth-Illit (Israel), vitrine do fenômeno Lieberman.

du Likoud, Benyamin Nétanyahou, arrivé deuxième, brigue le poste de premier ministre” (*Le Monde*, 12/02/09)⁶³.

O Irã é destaque por seus 30 anos de revolução islâmica, em reportagens sobre a vida no país e sobre o cotidiano do líder Khomeyni: “*Après trente ans de révolution, l’Iran, puissance régionale, s’interroge. Désillusion économique et sociale à quelques mois des élections*” (*Le Monde*, 11/02/09)⁶⁴. Uma chamada para a editoria *Page Trois* (*Le Monde*, 08/02/09)⁶⁵.

Em segundo lugar, em número de chamadas, estão os Estados Unidos, com enfoque na crise econômica. A editoria *Économie* lança o debate sobre a hipótese da nacionalização dos bancos, com o socorro dado pelo governo americano, e sobre a difícil relação entre a China e os Estados Unidos. A editoria *International* apresenta, ainda, o desempenho do presidente para colocar em prática seu plano econômico: “*Plan de relance américain: Barack Obama se fache. Le président exhorte le Congrès a agir vite*” (*Le Monde*, 07/02/09)⁶⁶. O jornal noticia, ainda, que o Senado americano reduz as ambições de Obama, aprovando menos do que ele propôs. Além disso, Barack Obama faz apelo para os congressistas: “*M. Obama: mon plan de relance ou la catastrophe*” (*Le Monde*, 11/02/09)⁶⁷ e “*Quand Barack Obama repart en campagne*” (*Le Monde*, 12/02/09)⁶⁸. Além disso, uma chamada diz que os craques da Internet, que trabalharam para Obama durante a campanha, se instalaram na Casa Branca.

A Europa aparece com notícias sobre economia, política e comportamento. A crise econômica foi sentida fortemente na Europa: “*La chute sans fin du rouble inquiète la Russie*” (*Le Monde*, 02/02/09).⁶⁹

Ainda sobre a Rússia, o jornal informa que milhares de manifestantes se reuniram para protestar contra os efeitos da crise, a queda do rublo e as medidas do

⁶³ Nossa tradução: Em Israel, a centrista Tzipi Livni chega em primeiro na eleição legislativa. A próxima coalizão governamental deverá marcar a virada à direita do eleitorado. O chefe do Likud, Benyamin Nétanyahou, que chegou em segundo, briga pelo posto de primeiro ministro.

⁶⁴ Nossa tradução: Depois de 30 anos de revolução, o Irã, potência regional, se interroga. Desilusões econômicas e sociais a poucos meses das eleições.

⁶⁵ Nossa tradução: Khomeyni no cotidiano: os testemunhos de seus parentes.

⁶⁶ Nossa tradução: Plano de recuperação americano: Barack Obama se irrita com o Congresso. O presidente insta o congresso a agir rápido.

⁶⁷ Nossa tradução: Obama: meu plano de recuperação ou a catástrofe.

⁶⁸ Nossa tradução: Quando Barack Obama sai em campanha.

⁶⁹ Nossa tradução: A queda sem fim do rublo preocupa a Rússia.

governo. Na editoria *Europe*, uma chamada fala sobre as greves na Grã-Bretanha contra os trabalhadores estrangeiros e que a Europa precisa de uma armadura para acalmar as tensões. Um tema econômico mais específico trata do posicionamento dos acionistas da Fortis, que impediram a venda do banco belga a um grupo francês, o que fragilizou o governo belga; outro tema detém-se sobre a crise política entre a Turquia e Israel afluída na reunião em Davos. E, por fim, uma polêmica na Itália sobre a eutanásia, no *Le Monde* do dia 07/02/09⁷⁰.



FIGURA 48 - Foto chamada da italiana

Fonte: *Le Monde*, 07 fev. 2009, p. 1.

Relativamente à África, o *Le Monde* traz chamadas sobre os violentos protestos em Madagascar, onde o prefeito apoia as manifestações contra a legitimidade do presidente da república; a crise do ensino superior, que está sobrecarregado; o reencontro com os rebeldes hutus no Congo e o processo, na Corte Internacional, que condenou à prisão o presidente do Sudão por crimes de guerra.

A América Latina tem o menor número de chamadas internacionais, com notícias sobre política: “Colombie: un ancien mediateur avec les FARC parle” (*Le Monde*, 07/02/09)⁷¹; e “Hugo Chavez se verrait bien président à vie” (*Le Monde*, 11/02/09)⁷². A última chamada é sobre a violência urbana em Caracas.

A Ásia não aparece na primeira página do *Le Monde*, com exceção do problema econômico envolvendo a China e os EUA, que apresentamos anteriormente, com foco nos EUA.

O editorial do *Le Monde* não aparece na primeira página no período estudado. O jornal indica, ao final da chamada, que o assunto também será objeto do editorial,

⁷⁰ Nossa tradução: Eutanásia. Polêmica italiana.

⁷¹ Nossa tradução: Colômbia: um velho mediador com as FARC fala.

⁷² Nossa tradução: Hugo Chávez gostaria de ser presidente pelo resto da vida.

como no exemplo da FIG. 49:

Grande-Bretagne : grèves contre les ouvriers étrangers

Energie. « Les jobs britanniques pour les Britanniques » : les grèves sauvages contre l'emploi de main-d'œuvre étrangère dans les raffineries et les centrales prennent de l'ampleur en Grande-Bretagne.
P. 9 et l'éditorial page 2



FIGURA 49 - Chamada indicando a página para editorial

Fonte: *Le Monde*, 4 fev. 2009, p. 1.

O jornal não faz chamada para o editorial todos os dias. No nosso *corpus*, apenas as editorias *International* e *France* aparecem no destaque da *L'UNE*.

Os temas da editoria *International* foram: os conflitos violentos em Madagascar; as eleições regionais no Iraque; as greves contra trabalhadores estrangeiros na Grã-Bretanha; os resultados da eleição em Israel, que levariam a uma coalizão à direita, e a falta de coordenação política da Europa para enfrentar a crise.

Já a editoria *France* apresentou as seguintes indicações para o editorial: a reposta do ministro das relações exteriores, Bernard Kouchner, às acusações do livro do jornalista Pierre Péan; as medidas contra a crise econômica anunciadas por Sarkozy; e, a limitação dos bônus dos operadores financeiros, na França.

Outros assuntos, como esportes, violência urbana, ciências e tecnologia, têm um tratamento mais esporádico. O *Le Monde* privilegia os temas relacionados à política, tanto internacional como nacional, e à cultura. O leitor francês é satisfeito na sua busca de uma visão política e cultural dos principais assuntos que, de alguma maneira, interessam à França e que relacionam a sua posição no mundo. A economia e as charges são o segundo aspecto mais relevante do jornal, sempre com um viés político. Outros dois temas que merecem destaque no *Le Monde* são religião e direitos humanos.

Neste capítulo, em que analisamos a identidade dos sujeitos comunicantes e a tematização presentes nas primeiras páginas dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Le*

Monde, já podemos perceber algumas semelhanças e diferenças entre esses dois jornais de referência. Nosso objetivo, ao fazer esta descrição minuciosa, foi observar o funcionamento interno dos dois jornais.

Na construção da identidade icônica, os jornais são distintos no tamanho, na diagramação, no uso das cores e das fotos. No entanto, buscam uma regularidade na apresentação das notícias e apresentam publicidade na primeira página.

Os dois jornais, pela sua história e pelos temas que escolhem, dirigem-se a públicos um pouco diferentes e assumem uma identidade também singular.

Os leitores da *Folha* são das classes A e B, têm em média 40 anos e são divididos igualmente entre homens e mulheres. Eles se interessam tanto por questões gerais, como política e economia, quanto por assuntos que dizem respeito aos pequenos problemas do cotidiano e do consumo.

Os leitores reais do *Le Monde* não são conhecidos pela classe social, mas por seu alto nível cultural. Os interesses dos leitores são política nacional e internacional, cultura e economia, que devem ser discutidos na perspectiva política, especialmente quanto à responsabilidade do Estado em regular e gerenciar crises, por exemplo. O leitor não está preocupado com as questões privadas do cotidiano, mas com temas mais amplos e humanitários.

A *Folha* é mais ligada ao mercado e aos empresários do Sudeste do Brasil e escolhe temas que agradem leitores consumidores de produtos e serviços. O jornal *Le Monde* apresenta-se como de esquerda e escolhe temas relacionados à vida política dos cidadãos e à cultura.

Como vimos, os principais temas dos dois jornais são: economia, assuntos internacionais, política e cultura. O *Le Monde* é mais diversificado em sua primeira página, mostrando mais editoriais e temas. A *Folha* aposta em temas factuais, como acidentes aéreos e assuntos ligados à vida privada, como comportamento.

Na *Folha*, economia é o tema mais citado, com destaque no *corpus* estudado para a crise econômica mundial. O jornal fala da tendência dos trabalhadores em aceitar a redução dos salários para manter os empregos, da má situação financeira das empresas e dos bancos que, inclusive, aumentam os juros para se prevenir dos calotes. Além disso, a *Folha* aborda temas de interesse de consumidores, como atendimentos em *call centers* e pedágios.

Os temas econômicos no *Le Monde* também tratam da crise mundial e de suas repercussões na Europa e na França, os prós e contras dos planos do governo e a pressão dos sindicatos na França. No entanto, o jornal discute o modelo econômico que levou à crise e questiona se a recuperação não se daria por outras vias, que não a do socorro aos bancos e às montadoras. A crise econômica prevaleceu na editoria econômica dos dois jornais, mas com enfoques bem diferentes.

Para o *Le Monde*, os assuntos internacionais são o carro chefe, o que justifica seu próprio nome. O Oriente Médio é o destaque da *L'UNE*, com especial atenção para as eleições em Israel e no Iraque, bem como para a situação atual do Irã. O jornal mostra-se preocupado com o avanço da direita em Israel, elogia as eleições no Iraque e discute a crise econômica no Irã. Com relação aos EUA, as notícias tratam do início do governo Barack Obama e de sua forma de enfrentar a crise econômica. Sobre a Europa, os temas são principalmente relacionados à crise econômica e à eutanásia de uma jovem mulher italiana. A África é tema político, assim como as manifestações violentas em Madagascar e a condenação do presidente do Sudão pela Corte Internacional. A América Latina é pouco abordada, com matérias sobre a violência urbana, o referendo na Venezuela e as Farc na Colômbia.

A editoria internacional da *Folha*, que ocupa o segundo lugar entre os temas que mais aparecem na primeira página, destaca as eleições em Israel e o impasse com a Palestina, as eleições no Iraque e a situação atual do Irã. Os EUA aparecem com manchetes e fotos que falam da crise, do desemprego, das tentativas de Obama para recuperar a economia e suas dificuldades no início do governo. A crise na Europa, o caso do italiano Battisti, preso no Brasil, e a eutanásia da jovem italiana são os temas do continente europeu. A *Folha* também trata dos indícios de xenofobia na Europa, por causa da crise. Os reféns libertados pelas Farc e o referendo na Venezuela são as notícias da América Latina.

Comparando-os, percebemos que os dois jornais destacam a crise econômica, os países do Oriente Médio e EUA. Os dois falam da Europa. A *Folha* faz pouca cobertura da América Latina e nenhuma da África.

Outro tema relevante nos dois jornais é a política. O *Le Monde* trata da crise política francesa, especialmente das manifestações contra o plano econômico de

Sarkozy e da reforma universitária, além das manifestações em Guadalupe. Essas crises obrigaram o governo a demitir vários ministros e secretários. O jornal discute, ainda, os caminhos dos partidos de esquerda na França e o livro de um jornalista que acusa o ministro do exterior de tráfico de influência. Além disso, o *Le Monde* traz, todos os dias, as charges de *Plantu*, abordando os temas políticos. Se contarmos as charges, a editoria de política seria, sem dúvidas, a mais citada no *Le Monde*, em sua *L'UNE*.

A *Folha* também coloca o tema da política dentre os principais, especialmente se contarmos com as chamadas para os editoriais. O jornal fala das eleições para o Congresso e da possível interferência disso na futura eleição presidencial; da popularidade de Lula, da corrupção de um deputado; das viagens de Dilma Rousseff e do Fórum Social Mundial, em Belém. A *Folha* apresenta artigos opinativos assinados, na primeira página, de alguns políticos e colunistas do jornal.

Na área da política, o *Le Monde* dá destaque aos conflitos enfrentados pelo governo, a posição dos sindicatos e manifestações populares, além de tratar das personalidades políticas e dos partidos. A *Folha* ressalta a eleição no Congresso e os movimentos de Lula e Dilma Rousseff. O jornal se mostra preocupado com a eleição presidencial de 2010.

A cultura também é um tema importante para os dois jornais, ainda que com mais ênfase no *Le Monde*, inclusive na publicidade. O jornal francês informa as programações de cinema, de exposições, de mostra da cultura hip hop, de teatro; faz crítica a artistas, a colecionadores e a programas de TV; entrevista a ministra da cultura e discute a ampliação do acesso a exposições.

A *Folha de S. Paulo* também apresenta a programação de filmes, teatros, escolas de samba e museus, além de fazer críticas televisivas. A *Folha* dá atenção para o consumo de vinhos e endereços de bares no espaço cultural.

O *Le Monde* dedica mais espaço à cultura, inclusive com análise do mercado de artes e do papel do Estado na cultura. A *Folha* dedica-se mais à programação cultural da região Sudeste, especialmente focada em artistas televisivos e hollywoodianos.

Os temas comuns aos dois jornais, mas com números de chamadas bem diferentes, são: educação, meio ambiente, violência urbana, ciências e informática

ou tecnologia, esportes e saúde. O *Le Monde* privilegiou o meio ambiente, enquanto a *Folha* destacou mais a educação e os problemas nas escolas. As chamadas de esportes e saúde são destaque na *Folha* e quase inexpressivas no jornal francês.

Como temas exclusivos, a *Folha* tem chamadas para comportamento, moda, acidentes aéreos e turismo, que não aparecem na primeira página do *Le Monde*. Em comportamento, por exemplo, a *Folha* trata de assuntos como o amor entre pais e filhos, a educação de jovens, a maneira de convencer os filhos a tomarem banho e receitas leves para comer no escritório. Já o *Le Monde* tem charge, religião, sociedade, cidades e direitos humanos, que não constam como destaque no jornal brasileiro. Por exemplo, sob tema da religião, o *Le Monde* entrevista o novo rabino chefe da França, analisa as igrejas ortodoxas na Europa e os problemas que o Papa vem enfrentando para tentar unificar a Igreja católica e minimizar as declarações de um monsenhor sobre o Holocausto. O *Le Monde*, apesar de ser um jornal de referência, não trata de temas sobre os costumes dos franceses, comportamento e moda, este último importante para a economia daquele país.

Nos capítulos posteriores, em que verificaremos as finalidades e os modos discursivos enunciativo e argumentativo dos dois jornais, vamos nos ater a mais detalhes que diferenciam essas publicações.

4 AS FINALIDADES DAS TROCAS COMUNICATIVAS

A instância de produção jornalística tem um compromisso ético de manter a sociedade a par dos acontecimentos sociais, para que essa mesma sociedade possa participar do espaço público em nome de valores democráticos. Para Moirand (2006, p. 297), nas sociedades democráticas, as pessoas buscam os veículos noticiosos não apenas para se informarem, mas também para compreenderem o tratamento que a mídia dá aos acontecimentos e para terem uma percepção do senso comum e do senso crítico social sobre esses acontecimentos.

Além disso, há uma finalidade comercial das empresas de comunicação, que buscam uma audiência cada vez maior para garantir suas receitas. As informações devem, assim, captar o público. Segundo Charaudeau (2006a, p. 91-94), o discurso jornalístico tem algumas finalidades: o fazer-saber (visada da informação, segundo uma lógica cívica, para informar o cidadão. Esta é a principal finalidade do jornal), o fazer-criar (visada de credibilidade), o fazer-sentir (visada de captação, segundo uma lógica comercial, para captar as massas e vencer os concorrentes) e o mandar-fazer (objetivo mais presente na publicidade). O fazer-criar, o fazer sentir e o mandar-fazer, serão vistos nos itens posteriores, quando discutiremos a credibilidade e a captação.

A finalidade do fazer saber segue a lógica jornalística da novidade e da atualidade. Se uma notícia reportar um acontecimento antigo, deve ser de importância justificável e seu enfoque precisa ser atualizado. Alguns acontecimentos novos são provocados pelo jornalismo, como entrevistas, debates e especulações sobre acontecimentos futuros. Neste capítulo vamos conhecer as finalidades das trocas comunicativas presentes na primeira página da *Folha* e do *Le Monde*, utilizando nosso *corpus*.

4.1 Finalidade das trocas comunicativas da *Folha* de S. Paulo

O contrato de comunicação entre a *Folha* e seus leitores prevê que a primeira página traga um recorte dos principais acontecimentos do dia. O compromisso do

jornal em suas chamadas é o de apresentar informações de assuntos atuais. Percebemos essa finalidade informativa em várias chamadas, inclusive em assuntos que já seriam de amplo conhecimento, como os resultados de disputas esportivas. Vejamos o exemplo esportivo do dia 2 de fevereiro, de um assunto atual.

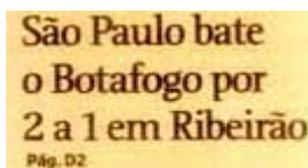


FIGURA 50 - Chamada com resultado de futebol

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 02 fev. 2009, p. 1.

Este exemplo de informação sem a pretensão de interpretação ou análise, mas com a intenção, principalmente, de colocar o leitor a par das novidades aparece em diversas áreas. Na pauta internacional, por exemplo, lemos, no dia 5 de fevereiro de 2009: “Obama limita a U\$\$ 500 mil por ano salários de executivos”. Essa informação teve muita repercussão nos meios eletrônicos de notícia. Para chamar o leitor a ler a editoria econômica *dinheiro*, temos, no dia 9 de fevereiro de 2009: “Desemprego atinge 31% dos lares de SP”, mas a chamada não aprofunda os motivos ou soluções.

Como exemplos mais contundentes do compromisso que o jornal estabelece com seus leitores de mantê-los atualizados, temos as prestações de serviço, como, por exemplo, o lembrete na primeira página do fim do horário de verão, no dia 14 de fevereiro de 2009, e as informações diárias sobre o clima:



FIGURA 51 - Chamada prestação de serviço sobre o fim do horário de verão

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 02 fev. 2009, p. 1.



FIGURA 52 - Chamada prestação de serviço sobre o clima

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 02 fev. 2009, p. 1.

As chamadas de primeira página da *Folha* são mais ligadas a um presente noticioso, ou seja, o jornal normalmente não se reporta à análise de consequências futuras ou a episódios passados.

Vejamos o exemplo de atualidade em notícia sobre as eleições na Venezuela:

Venezuela vota hoje sobre fim do limite para reeleição

Fabiano Maisonave de Caracas

Eleitores venezuelanos decidem hoje, pela segunda vez, se o presidente Hugo Chávez poderá concorrer ao cargo que ocupa há dez anos. O “sim” lidera pesquisas. Chávez disse querer governar até 2049. (*Folha*, 15/02/09).

Já o exemplo abaixo destaca, com enfoque no futuro, estudos do governo para financiamento de imóveis:

Governo estuda facilitar financiamento de imóvel

O governo estuda conceder a famílias com renda de até cinco mínimos (R\$ 2.325) um prazo de 24 a 46 meses no qual elas poderão deixar de pagar financiamentos habitacionais sem ser consideradas inadimplentes, informa Sheila D’Amorim. Essas parcelas só seriam cobradas no final do contato. O objetivo das medidas em estudo é tentar estimular o setor imobiliário e contornar os efeitos da crise. (*Folha*, 07/02/09).

A finalidade informativa pode ainda vir acompanhada de um texto interpretativo, opinativo ou didático. Vejamos um exemplo de chamada interpretativa, que contextualiza as dificuldades do novo presidente americano em compor sua equipe:

Problemas com imposto abalam equipe de Obama

O escolhido para a secretaria da Saúde da gestão Obama, o democrata Tom Daschle, desistiu do cargo por problemas com Imposto de Renda. Pelo mesmo motivo, Nancy Killefer, convidada para fiscalizar gastos governamentais, cargo subordinado à Casa Branca, retirou a candidatura. (*Folha*, 04/02/09).

A primeira página da *Folha* tem como objetivo informar os principais acontecimentos do dia, e também fazer o leitor conhecer a interpretação e a opinião desse locutor autorizado do espaço público. Apresentamos dois exemplos de chamadas opinativas na primeira página: da jornalista Eliane Castanhêde, sobre o resultado das eleições no Congresso, e do jornalista Vinícius Torres Freire, sobre a situação econômica.

Resultado eleitoral no Congresso não incomoda Lula

Eliane Castanhêde

Lula jamais deu bola para o Congresso, mesmo quando deputado constituinte. Vencesse o PMDB nas duas Casas, ou o PT no Senado e o PMDB na Câmara, tanto fez como tanto faz. Lula ganharia de qualquer modo. Serra e o PSDB perderiam de qualquer modo. (*Folha*, 03/02/09).

Desempenho das fábricas lembra piores fases da nossa economia

Vinicius Torres Freire

Imaginava-se que a produção das fábricas havia afundado em dezembro de 2008. Mas os resultados dão a impressão de que a indústria foi varrida da Terra num clique alienígena.

O desmaio industrial foi de grandeza semelhante aos piores momentos da nossa história econômica - como o confisco de Collor, em 1990, ou a crise do início dos anos 1980. (*Folha*, 04/02/09).

No gênero informativo didático, o jornal informa e apresenta um modelo, um guia que orienta o leitor. Por exemplo, no início do período escolar, a chamada no alto da página é para um guia que ajuda na escolha de uma pós-graduação:

Especial

Guia de 40 págs. Traz: como financiar os estudos com bolsa ou linhas de crédito; que carreiras estão em alta no mercado; quem são os pós-graduados mais bem remunerados; da especialização até o pós-doutorado. (*Folha*, 01/02/09).

A *Folha* constrói sua primeira página com muitas informações e com algumas chamadas mais interpretativas, opinativas ou didáticas. Se considerarmos quantitativamente os destaques, teremos, num total de 229 chamadas de primeira página, 7 chamadas no gênero informativo didático; 52 no gênero informativo opinativo; 75 no gênero informativo interpretativo e 95 chamadas apenas no informativo. A primeira página da *Folha* é, em suas chamadas, mais informativa e interpretativa. Vejamos o GRAF. 2 a seguir:

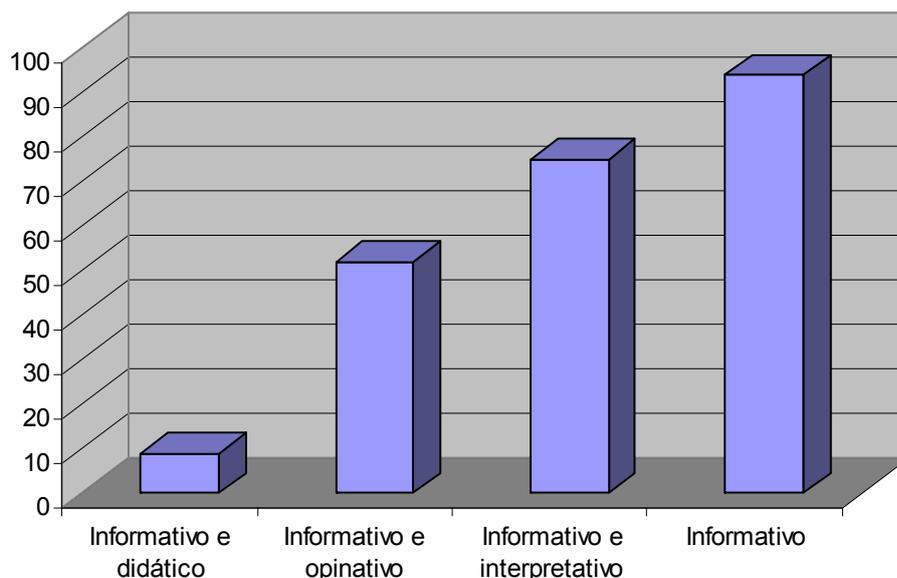


GRÁFICO 2 - Gêneros informativos da *Folha de S. Paulo*

Fonte: elaborado pela autora, 2011.

Outra finalidade do jornal, além de informar, é a de apresentar aos leitores uma hierarquia daquilo que considera mais relevante entre os destaques. O leitor sente-se confortável quando seu jornal apresenta a agenda de acontecimentos devidamente hierarquizada. Assim, há uma expectativa de que ele compreenda o que, aparentemente, é mais relevante para a opinião pública.

Como sabemos, essa hierarquia pode ser facilmente identificada pelo leitor pelo modo como a primeira página é construída: as manchetes no alto e à direita são as mais importantes. Além disso, o tamanho das fontes, o tamanho das fotos, e o uso de cores também colaboram para representar essa hierarquia.

A *Folha*, normalmente, usa o alto da página, o cabeçalho, para as chamadas de suas editorias, cadernos internos e suplementos. A manchete principal vem logo abaixo do nome do jornal, com destaque, em títulos grandes e/ou fotos. Como pode ser observado no exemplo abaixo, do dia 13 de fevereiro de 2009, as chamadas de cima são realçadas pela localização e uso de cores: *ilustrada*, *ciência* e *cotidiano*. A principal delas, com foto, é o lançamento do filme *O lutador*. Há três manchetes principais relacionadas à crise econômica mundial, uma com título, subtítulo e texto e outra com foto e legenda: indicam, respectivamente, que bancos se previnem de calote e Obama discursa a respeito do plano americano de ajuda econômica e *spread* bancário.

FOLHA DE S. PAULO

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

SEXTA-FEIRA, 13 DE FEVEREIRO DE 2009
ANO 108 * Nº 20.271

EDIÇÃO NACIONAL, CONCLUÍDA ÀS 20H56 * R\$ 2,50



Ilustrada
Mickey Rourke
está de volta às telas no premiado "O Lutador"
Pag. 12

Ciência
Restos de satélites podem ameaçar a Estação Espacial Internacional
Pag. 112

Genoma
oferece novas pistas sobre os neandertais
Pag. 117

cotidiano
HORÁRIO DE VERÃO ACABA À MEIA-NOITE DE AMANHÃ
Pag. 10

OCIMAR VERSOLATO RESSURGE NA MODA COM PRODUTOS DE BELEZA
Pag. 13

Banco público se previne contra aumento do calote

Temor de inadimplência eleva reserva da Caixa e do BB em R\$ 2,335 bi

O medo do crescimento do calote em 2009 com a retração econômica fez os dois principais bancos públicos, Caixa Econômica Federal e Banco do Brasil, elevarem em R\$ 2,335 bilhões, no final do ano passado, a reserva para cobrir eventuais perdas com inadimplência. Esse montante equivale a todo o gasto do governo com compra de merenda escolar e livros didáticos em 2008. A decisão, que reduz o lucro dos bancos, tem sido tendência no sistema financeiro desde o último trimestre de 2008, período de agravamento da crise. No caso dos bancos públicos, a reserva extra é feita num momento em que eles são usados pelo governo para tentar minimizar a crise de crédito. Desde o final de setembro, Caixa e BB têm comprado carteiras de bancos em dificuldade e elevado a concessão de crédito. Segundo o Banco Central, as instituições privadas também aumentaram provisões, mas reduziram crédito —ao contrário das públicas. Ganhos proporcionados pelas operações da Caixa caíram 93% no quarto trimestre de 2008 em relação ao terceiro trimestre. Pag. 10



▶ AJUDA Diante de estátuas de Abraham Lincoln e em celebração dos 200 anos de seu nascimento, Barack Obama discursa no Capitólio e se apoia na imagem do ex-presidente para enfrentar recepção morna a planos econômicos e mais uma desistência na equipe Pag. 10

Instituição que lidera impõe 'spread' maior

Bancos líderes nos setores em que atuam estão entre os que conseguem impor a seus clientes os maiores "spreads" (diferença entre o custo do dinheiro para as instituições e a taxa de juros cobrada dos clientes), segundo estudo de consultoria baseado na lista das taxas de cada banco divulgadas até ontem pelo Banco Central. Nos "spreads" do cheque especial, os mais altos, o Banco Schahin lidera (9,13 pontos para juro de 10,13% ao mês), seguido por HSBC (8,96) e Santander (8,80). Schahin e HSBC atribuíram as taxas a juros altos e encargos; o Santander não se manifestou. A Febraban (associação dos bancos) critica a lista do BC. Pag. 10

GM faz plano de demissão voluntária para 62 mil pessoas

A General Motors nos EUA confirma que está oferecendo um programa de demissão voluntária para os 62 mil funcionários filiados a um sindicato de mecânicos. De acordo com a montadora, 22 mil já estão em condições de se aposentar. Com perdas de US\$ 127 bilhão no segundo semestre de 2008, a Renault prevê piora no cenário, segundo seu presidente, o brasileiro Carlos Ghosn. A montadora, porém, diz que não pretende fazer mais cortes. Pag. 10

Governo Serra anuncia pacote de R\$ 21 bi para economia de SP

O governador José Serra anunciou pacote de medidas tributárias e de aceleração do gasto de R\$ 20,6 bilhões em investimentos públicos para tentar segurar o nível da atividade econômica no Estado de São Paulo. Dos 33 pontos incluídos no pacote, apenas 17 são novos. Entre as principais medidas estão desoneração de ICMS para investimentos de Tesouro paulista em 2009, expansão do crédito para as pequenas e médias empresas e incentivos à qualificação profissional. Pag. 10

Amorim vê sinais de xenofobia em ataque a brasileira na Suíça
Chanceler brasileiro pediu que investigações sejam rígidas; pai de Paula Oliveira, 26, criticou a polícia suíça e disse temer nova agressão à filha. Pag. 11

Cirurgias estéticas de mama superam lipoaspirações no país
Pesquisa Datafolha mostra que, em 2008, foram 151 mil plásticas nos seios (a maioria de las, 96 mil, para aumentá-los) contra 91 mil lipoaspirações. Pag. 11

BARBARA GANCIA
Crise despertou intolerância que estava dormente entre os europeus
A Europa não digere bem o diferente, não gosta nem mesmo dos seus. Na Itália e na Suíça, cidades próximas falam dialetos ou línguas totalmente diferentes e, muitas vezes, se odeiam. Em Zurique, a advogada Paula foi espancada e cortada. A crise econômica é como um bafo rançoso no cachote. Com ela, a intolerância e a xenofobia que estavam dormentes na Europa acordaram. De mau humor. Pag. 12

Irmão de Battisti diz que terrorista foi agredido em prisão no Brasil
Em entrevista a revista italiana, o irmão mais velho de Cesare Battisti, Vincenzo, 68, disse que o terrorista foi agredido na prisão no Brasil. Condenado na Itália por quatro homicídios, Battisti obteve refúgio, concedido pelo ministro Tarso Genro. Segundo Vincenzo, seu irmão foi espancado e queimado com cigarros. O governo do DF, responsável pela penitenciária onde Battisti está, diz não haver indícios de maus-tratos. Pag. 11

Atentado a Mumbai foi planejado no Paquistão, reconhece governo
EDITORIAIS Pág. A2
Leis "Campesinárias", sobre concessão de Dilma Rousseff: "Transparência devida", acessado-Cinema.
ATMOSFERA Pág. C2
Precipitação de chuva pelo país
Ceará min. 13°C
Vitória máx. 30°C
São Paulo
Inteligência 42 páginas
R\$ 2,50 (convencional)

HYUNDAI E SUBARU.
AS DUAS ÚNICAS MARCAS COM CRESCIMENTO DE VENDAS ESTE ANO NO MUNDO.

Subaru, com alta de 8%, e Hyundai, com crescimento de 14% nas vendas, foram os únicos pontos positivos no setor.

Fonte: JORNAL FOLHA DE S. PAULO - 4/2/2009 - CADERNO DINHEIRO, PÁG. 18

HYUNDAI SUBARU

VEJA NA PÁGINA 5

FIGURA 53 - Primeira página da Folha de S. Paulo
Fonte: Folha de S. Paulo, 13 fev. 2009, p. 1.

A primeira página da *Folha* traz normalmente 15 chamadas, com quatro mais destacadas. Os assuntos que mais mereceram destaque, com títulos grandes, fotos ou localização no alto da página, são os relacionados à economia (crise econômica e desemprego), educação, política, acidentes aéreos, assuntos internacionais (crise econômica e eleições), esportes, cultura (cinema e música), ciências, violência urbana, carnaval e turismo. Esses temas mereceram, nos dias analisados, destaque maior na primeira página.

Além de hierarquizar os acontecimentos noticiosos, a *Folha* parece pretender que os leitores conheçam minimamente o assunto já na primeira página. Para isso, além do título informativo, a maioria das chamadas apresenta de um a quatro parágrafos com dados suficientes para que o leitor se inteire do tema. Nos dois exemplos que veremos, o jornal começa a informar o assunto já no título, mas os parágrafos seguintes ampliam o entendimento do leitor com dados e breve contextualização, tentando satisfazê-lo com mais informações. No primeiro exemplo, o caso da mulher que está há 17 anos em estado vegetativo na Itália:

Berlusconi tenta barrar eutanásia e gera crise na Itália

O primeiro-ministro Silvio Berlusconi tenta interromper a eutanásia da italiana Eluana Englaro, em coma há 17 anos. Ele fez passar decreto-lei que proibia interromper a alimentação de pacientes em estado vegetativo, mas o presidente se negou a assiná-lo. Depois apresentou o texto no legislativo como projeto de lei. (*Folha*, 07/02/09).

A finalidade da primeira página, de informar minimamente o leitor, mantê-lo ciente da hierarquia proposta pelo jornal e oferecer-lhe uma interpretação e uma opinião, quando possível, parece ser alcançada pela *Folha*.

4.2 Finalidade das trocas comunicativas do *Le Monde*

O contrato de comunicação entre o *Le Monde* e seus leitores prevê que a primeira página traga uma análise dos acontecimentos atuais, não apenas a informação dos fatos do dia. Como o jornal sai ao meio dia, o compromisso do jornal em suas chamadas é o de apresentar uma contextualização dos assuntos do momento, dos quais o jornal pressupõe que o leitor já conheça os dados principais.

Poucas vezes o jornal dá uma informação factual, como, por exemplo, resultados de eleições ou jogos. Sua perspectiva é de, já na primeira página, analisar os acontecimentos.

No dia 3 de fevereiro de 2009, por exemplo, numa chamada para matéria sobre os jogos mundiais de inverno, não aparecem os resultados:



FIGURA 54 - Foto chamada, jogos de inverno

Fonte: *Le Monde*, 03 fev. 2009, p. 1.

Vejamos o exemplo em que o fato é subentendido. Espera-se que o leitor saiba das eleições em Israel. O jornal analisa e opina sobre a possível vitória de um candidato, considerado pelo *Le Monde* como ultranacionalista, de direita e racista:

Un parti ultranationaliste israélien perce dans le sondages

Est-ce une conséquence de la guerre contre le Hamas ou la traduction d'un courant radical de droite au sein de la société israélienne ? Toujours est-il qu'un nom est sur toutes les lèvres à moins d'une semaine du scrutin du 10 février: celui d'Avigdor Lieberman. A tel point que, selon les sondages, son parti, Israel Beitenou ("Israël, notre maison"), pourrait devenir la troisième formation de l'État juif, devançant les travaillistes. "Si cela continue, ce sera la plus grosse surprise des élections", prédit Rafti Smith, directeur de l'institut de sondages du même nom. Fort de seulement trois députés en 2005, puis onze lors de la dernière législature, Israel Beitenou pourrait conquérir au moins seize sièges et devenir un allié exigeant du Likoud en cas de victoire de Benyamin Nétanyahou, le favori de cette consultation.

A 51 ans, cet ultranationaliste est devenu, par ses accents racistes, ses positions radicales et son franc-parler, une sorte de nouveau "tsar". D'origine moldave, le visage rond cerné par un collier de barbe poivre et sel impeccablement taillé, celui que l'on surnommait "Raspoutine" à l'époque où il était le chef de cabinet du premier ministre Benyamin Nétanyahou, entre 1996 et 1997, a ensuite créé sa propre formation en cultivant la communauté d'origine russe, forte de plus d'un million de personnes.

Emigré à l'âge de 20 ans, cet ancien videur de boîte de nuit à la carrure imposante s'est fait le champion des solutions radicales et des formules à

l'emporte-pièce. (*Le Monde*, 07/02/09).⁷³

Também a charge publicada na primeira página, apesar de tratar de assuntos do momento, exige um conhecimento prévio do leitor. Por exemplo, a charge do dia 07 de fevereiro de 2009 apresenta o presidente do Novo Partido Anticapitalista e seus ideais contra o poder, bem como o presidente da França, e seu amor pelo poder. No fundo os dois são parecidos, são um pouco semelhantes, pois ambos querem o poder, cada um a seu modo⁷⁴:

Le regard de Plantu

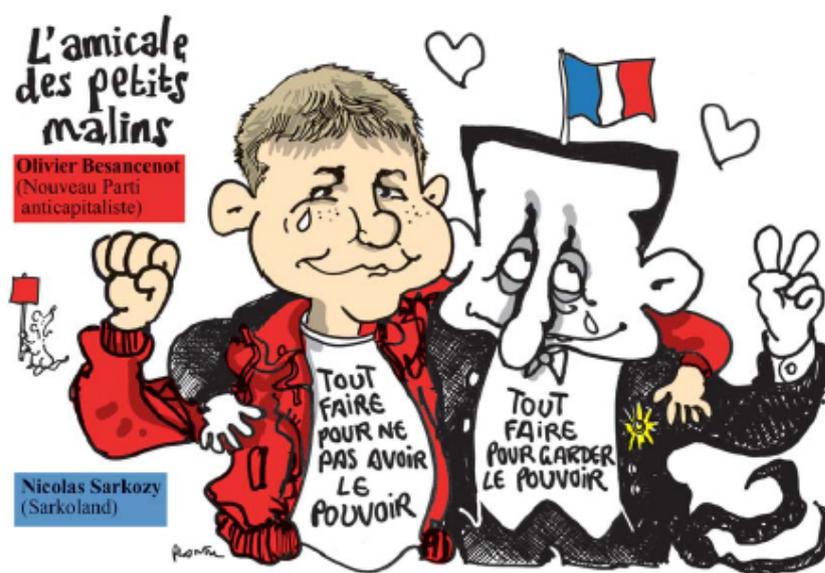


FIGURA 55 - Charge, amigos políticos

Fonte: *Le Monde*, 07 fev. 2009, p. 1.

⁷³ Nossa tradução: Um partido ultranacionalista israelita sobe nas pesquisas

Será este um resultado da guerra contra o Hamas ou a tradução de uma corrente de direita radical na sociedade israelita? Ainda assim, um nome está na boca de todo mundo, pelo menos, a uma semana das eleições em 10 de fevereiro: o de Avigdor Lieberman. Tanto assim que, de acordo com as pesquisas, seu partido, o Israel Beiteinu ("Israel Nosso Lar"), poderia se tornar o terceiro do Estado judeu, atrás do partido trabalhista. "Se isso continuar, vai ser a maior surpresa das eleições", previu Rafti Smith, diretor do instituto de pesquisa de mesmo nome. Com apenas três membros, em 2005, onze anos depois da última legislatura, Israel Beiteinu poderia ganhar, pelo menos, seis cadeiras e se tornar um aliado exigente do Likud, no caso de vitória de Binyamin Netanyahu, o favorito da consulta.

Aos 51 anos, este ultranacionalista tornou-se, por suas posições racistas, suas posições radicais e sua franqueza, uma espécie de novo "czar". Originário da Moldávia, com um rosto redondo rodeado por uma franja de barba grisalha bem aparada, ele foi apelidado de "Rasputin" no momento em que foi chefe de gabinete do primeiro-ministro Binyamin Netanyahu, entre 1996 e 1997, em seguida criou sua própria formação na crescente comunidade de origem russa, com mais de um milhão de pessoas.

Emigrante aos 20 anos, este ex-segurança de discoteca, com estatura forte, tornou-se símbolo de soluções radicais e de fórmulas de destruição.

⁷⁴ Nossa tradução: O clube dos malandrinhos. (Nas camisetas): Fazer tudo para não ter o poder. Fazer tudo para manter o poder.

Vejamos um exemplo de chamada mais factual, do *Le Monde*, 01/02/09⁷⁵:

Le coup de colère de M. Erdogan à Davos fait de lui un héros

Turquie A Davos, le premier ministre turc s'en est pris aux propos de l'Israélien Shimon Pérès avant de quitter la tribune. La population est venue en foule l'acclamer à son retour à Istanbul. P. 6

FIGURA 56 - Chamada informativa do *Le Monde*

Fonte: *Le Monde*, 01 fev. 2009, p. 1.

Nesta chamada sobre as manifestações na Turquia, não há nenhum tipo de análise, apenas o relato de um acontecimento. De qualquer maneira, *Le Monde* dá espaço para os que discordam de Israel.

Outro tema que tem um tratamento mais factual é o lançamento de filmes, como o exemplo do dia 7 de fevereiro, sobre o retorno do ator Mickey Rourke,⁷⁶ como vemos no exemplo a seguir:



FIGURA 57 - Foto chamada, lançamento de filme

Fonte: *Le Monde*, 07 fev. 2009, p. 1.

Como sabemos, a finalidade informativa pode vir acompanhada de um texto interpretativo, opinativo ou didático. A primeira página do *Le Monde* tem esses quatro gêneros de chamadas jornalísticas. São 71 chamadas mais exclusivamente

⁷⁵ Nossa tradução: Acesso de raiva de Erdogan em Davos fez dele um herói. Turquia - Em Davos, o primeiro ministro turco mostrou seu desagrado em relação aos propósitos israelenses de Shimon Peres, antes de deixar a tribuna. A população veio em multidões aclamá-lo em seu retorno a Istambul. p. 6.

⁷⁶ *Mickey Rourke: o triunfo de um ator destruído*

informativas, 59 chamadas mais interpretativas, 25 com enfoque opinativo e apenas uma com viés didático. No GRAF. 3 vemos essa distribuição.

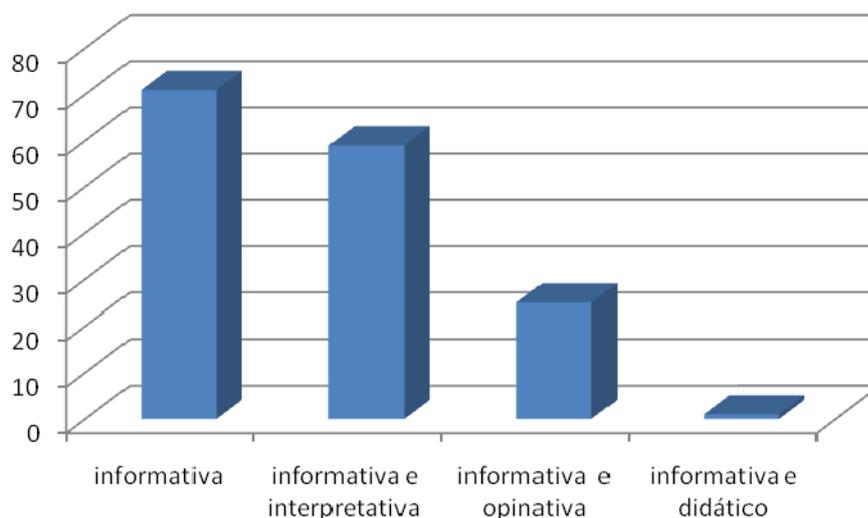


GRÁFICO 3 - Gêneros informativos do *Le Monde*

Fonte: elaborado pela autora, 2011.

Nosso único exemplo de chamada um pouco mais didática é a do dia 8 de fevereiro de 2009, no suplemento dinheiro⁷⁷:



FIGURA 58 - Ilustração chamada para caderno *Argent*

Fonte: *Le Monde*, 08 fev. 2009, p. 1.

As chamadas mais opinativas são relacionadas às charges, às chamadas para editorial e a alguns temas, como a política. Por exemplo, dia 04 de fevereiro de 2009 vemos uma crítica ao presidente e ao primeiro ministro franceses⁷⁸:

⁷⁷ *Le Monde Argent*. Seu banco e os outros

⁷⁸ Nossa tradução: Os sindicatos exigem uma mudança de rumo. Sarkozy e Fillon recusam este fato. O chefe de Estado intervém dia 5 de fevereiro para tentar responder às críticas.

Les syndicats exigent un changement de cap, MM. Sarkozy et Fillon le refusent toujours

■ Le chef de l'Etat intervient le 5 février pour tenter de désarmer les critiques

FIGURA 59 - Chamada opinativa do *Le Monde*

Fonte: *Le Monde*, 04 fev. 2009, p. 1.

Quanto ao gênero interpretativo, podemos exemplificá-lo com uma chamada do dia 13 de fevereiro de 2009, sobre a crise da educação na França, quando o jornal aponta os problemas a serem enfrentados⁷⁹:

Affaiblis, plusieurs ministres s'essoufflent

■ Education : Xavier Darcos et Valérie Pécresse sont en mauvaise posture
 ■ Des médiateurs ont été nommés dans les dossiers les plus chauds

FIGURA 60 - Chamada interpretativa do *Le Monde*

Fonte: *Le Monde*, 13 fev. 2009, p. 1.

Outra finalidade da primeira página é fazer o leitor perceber qual a hierarquia das notícias apresentadas, ou seja, quais as notícias mais importantes do dia. Essa hierarquia é conseguida com a posição das chamadas e o tamanho da fonte da manchete. Lembramos que, quanto mais alta e à direita, mais importante é a manchete. No entanto, o *Le Monde* é bastante equilibrado e, mesmo tendo uma manchete principal, consegue destacar assuntos com cores e distribuição mais horizontal da página. Vejamos o exemplo do dia 11 de fevereiro de 2009.

⁷⁹ Nossa tradução: Enfraquecidos, vários ministros perdem o fôlego. Educação: Xavier Darcos e Valérie Pécresse estão numa má situação. Mediadores foram nomeados nos mais problemáticos dossiês.

Le Monde



Ski
Julien Lizeroux, celui qu'on n'attendait pas & Sport Page 24



Encyclopédie Universalis
Nouvelle édition
Tome 5 - Histoire
14,90 € en plus du « Monde »
Uniquement en France métropolitaine



Cinéma
Le bébé qui vole
Culture Page 21

Mercredi 11 février 2009 • 65^e année • N°19921 • 1,30 € • France métropolitaine • www.lemonde.fr • Fondateur : Hubert Beuve-Méry - Directeur : Eric Fottorino

Visite surprise de Nicolas Sarkozy à Bagdad

Irak Le président de la République s'est rendu à Bagdad, mardi matin 10 février, première étape de du voyage qui le mènera dans trois pays du Golfe. Cette visite n'avait pas été annoncée pour des raisons de sécurité. P. 7

Les désordres du climat semblent s'accroître dans le monde

Météorologie Nouvelle tempête sur la France, incendies gigantesques en Australie, sécheresse en Chine et en Argentine... La faute au réchauffement ? P. 4

M. Obama : mon plan de relance ou la catastrophe

Economie Barack Obama a dramatiquement insisté sur la nécessité pour le Congrès d'adopter rapidement son plan de relance. Sinon, a-t-il dit, « la catastrophe sera plus grande encore ». P. 8

Le gouvernement peine à faire face aux conflits

- Social : les enseignants-chercheurs en grève de nouveau dans la rue
- Politique : la popularité du chef de l'Etat et du premier ministre en forte baisse

À vis de gros temps persistant dans le ciel social et politique français. Les nuages s'y bousculent : grève des enseignants-chercheurs du supérieur, opposés aux projets de la ministre de l'enseignement supérieur, Valérie Pécresse ; crise en Guadeloupe et en Martinique ; annonce par l'ensemble des syndicats d'une deuxième journée d'action, le 19 mars. De nouvelles manifestations d'universitaires étaient prévues mardi 10 février dans

la capitale et plusieurs villes. Ni la nomination d'une médiatrice ni l'annonce par M^{me} Pécresse que le projet de décret sur le statut des enseignants-chercheurs allait être « retravaillé » n'ont désamorcé le conflit. En Guadeloupe, paralysée depuis trois semaines, et à la Martinique, au cinquième jour d'une grève générale, des manifestations rassemblant des milliers de personnes ont eu lieu lundi 9 février. Une réunion interministérielle était pré-

vue mardi à Paris pour tenter de mettre au point le projet d'accord négocié en Guadeloupe. En chute dans les sondages, le chef de l'Etat et le premier ministre ne peuvent contempler qu'un horizon où ne point pour le moment aucune lueur : la tentative, à partir du 18 février, de donner une tournure sociale au traitement français de la crise mondiale s'annonce délicate. Lire pages 10 et 19

Après trente ans de révolution, l'Iran, puissance régionale, s'interroge

- Désillusion économique et sociale à quelques mois des élections

Téhéran Envoyée spéciale. J'y avais, avant lui, une boutique de photo qui a fait faillite. Reza Tafesschi n'a pas jugé utile de changer l'enseigne. A quoi bon : dans ce quartier populaire de Téhéran, c'est fréquent. Lui, fait dans l'alimentaire : à même le sol, bidons d'huile, céréales, graines. Un bric-à-brac odorant, qui, espère-t-il, le fera vivre. Au moins un moment. Les étiquettes sont instructives : riz pakistanais, conserves chinoises et italiennes, thé indien. Rien

d'iranien ? Perplexe, il se gratte le crâne et finit par dénicher un sac de riz : « Il me reste ça, et aussi un peu de sucre. On ne trouve plus à vendre que du thé darjeeling, du Nescafé, on importe tout. Notre production se fait rare. » Une femme en tchador marchande des aubergines, il plaide : « Laissez, ma fille, elles ont augmenté. Prends plutôt des tomates, elles ont un tout petit peu baissé... » Elle partira sans rien. « Tout le monde se plaint, les prix zigzaguent, commente Reza, fataliste. Je ne sais pas de quoi demain sera fait... » Dans un quartier chic au nord de Téhé-

ran, un petit supermarché affiche un air de prospérité : caisses enregistrées, éclairages élégants, et même réalité. Le préposé du rayon frais nous confirmera à voix basse, comme si les clients ne l'avaient pas déjà noté, que « le bœuf a augmenté de 25 %, le poulet de 20 % et le poisson de 40 %. Beaucoup n'achètent plus qu'une fois par semaine ». A trois rues de là, Abol-Hassan, grand adepte de Beethoven, écoute une sonate et fait ses comptes dans sa petite librairie-papeterie. Lire la suite page 6 et Enquête page 18

Europe : un sommet pour apaiser les tensions

De la cacophonie - absence totale de coordination des réponses à la crise - on est passé aux réactions négatives, presque à l'échange de noms d'oiseau. Face à la pire récession qu'ait connue le Vieux Continent depuis 1945, l'Union européenne se divise chaque jour un peu plus. Elle n'arrive à développer ni analyse ni répliques communes ; elle ne fait entendre que récriminations d'un pays contre l'autre.

C'est ce constat qui a conduit la présidence tchèque de l'Union à convoquer, sous l'insistance pressante de l'Allemagne et de la France, un conseil des chefs d'Etat et de gouvernement des Vingt-Sept d'ici à la fin du mois - sans doute le 25 février, dit-on à Bruxelles. Il aura sans doute lieu dans un climat de tension que la langue de bois diplomatique n'arrive pas à masquer.

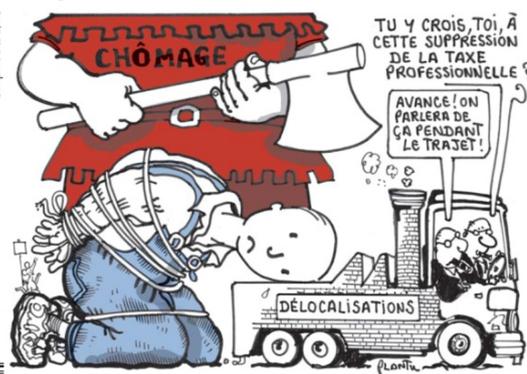
Un jour, c'est la chancelière Angela Merkel qui s'oppose au projet du président Nicolas Sarkozy de réunir les dirigeants de la zone euro : la première redoute d'être mise à contribution pour sauver les équilibres d'une union monétaire que le second voit fragilisée par la permanence de la crise bancaire. La veille, c'était M. Sarkozy qui accusait Gordon Brown d'avoir tout faux dans son projet anticrise - et le chef de l'Etat de pointer le triste état, selon lui, de l'économie britannique.

Allemands et Néerlandais s'en prennent eux aussi au mauvais exemple britannique, tandis que les Tchèques apprécient modérément d'être soupçonnés d'assurer une présidence paresseuse de l'Union. A la discrétion de la Commission, on peut ajouter les tentations protectionnistes qui émergent ici et là au sein de l'Union. Lire pages 9, 13, 14, l'analyse et l'éditorial page 2



UK price £1,40

Le regard de Plantu



Demain dans le Monde
Enquête Les as de l'Internet de l'équipe Obama s'installent à la Maison Blanche.

Europe Le livre-bilan de l'ancien ministre des affaires européennes, Jean-Pierre Jouyet.

A Nazareth-illit, vitrine du phénomène Lieberman

Reportage
Nazareth-illit
Envoyé spécial

Bienvenue à « Lieberman City ». Pour la troisième fois en trois scrutins, la ville de Nazareth-illit, dans le nord d'Israël, s'apprête à plébisciter le chef du parti Israël Beitenou (« Israël, notre maison »), le populiste Avigdor Lieberman. Après les législatives de 2006 (24 % des voix), après les municipales de 2008, où ses partisans se sont imposés, ce politicien célèbre pour sa rhétorique antiarabe, né en 1958 dans une famille juive russophone de Moldavie, devait l'emporter haut la main à Nazareth-illit, mardi 10 février, jour d'élections à la Knesset.

Bâtie en surplomb de la Nazareth arabe peuplée de 50 000 habitants, dont la moitié issue de l'ex-URSS, la ville est désormais la vitrine du phénomène Lieberman, auquel les sondages promettent jusqu'à vingt sièges. Benjamin Barthe Lire la suite page 6

Andry Dana
Claude Degliame
Sarah Grappin
Anna Mihaleva

scénario
Françoise Lefran
Daniel Martin
Jérôme Robart

Ah! la libido

Une comédie de Michèle Rosier

Sortie le 18 février

www.theatredesquintaux.com

Observateur

FIGURA 61 - Primeira página do Le Monde

Fonte: Le Monde, 07 fev. 2009, p. 1.

Percebemos, na “*UNE*” acima, duas manchetes principais, quatro outras distribuídas ao seu lado, uma delas com fundo rosa. Duas chamadas logo abaixo do logotipo do jornal e toda a parte inferior bem equilibrada. Além disso, o jornal traz na primeira página, para as chamadas mais relevantes, o texto inicial da matéria que está no interior do jornal. Assim, o leitor pode conhecer o tom e a profundidade que serão dados ao tema. Este é o padrão observado no nosso *corpus*, que dá ao leitor um sentido de hierarquia: de cima para baixo e da esquerda para a direita. Esse padrão mantém sempre duas manchetes em destaque principal, sem fotos.

Na primeira página, o jornal apresenta as chamadas da atualidade que considera mais relevantes, e tenta mostrar um mosaico dos cadernos internos e dos temas da edição. No domingo, a chamada vai para os assuntos de *Week-end* (programação de cinema, *Le Monde Argent* e *Télé Visions*: na terça, para *Le Monde Economie*; na sexta, *Le Monde des Livres*. O jornal apresenta também alguns destaques da edição do dia seguinte e os temas dos dossiês. Ele traz, todos os dias, uma charge relacionada aos acontecimentos do momento, nem sempre referentes aos fatos noticiados na primeira página.

A finalidade da primeira página do *Le Monde* é manter o leitor informado dos acontecimentos do momento, mantê-lo ciente da hierarquia proposta pelo jornal e oferecer ao máximo uma interpretação e uma opinião sobre os fatos atuais. Podemos considerar que o jornal é mais interpretativo e opinativo em suas chamadas de primeira página, escolhendo assuntos da atualidade, mas não preso a factuaisidades.

Quisemos mostrar, neste capítulo, como os jornais se comportam, no que diz respeito à primeira página ou à “*UNE*”, quando submetidos a uma análise que leve em conta as noções da Semiologia de finalidade.

Os dois jornais tentam fazer com que o leitor compreenda rapidamente a hierarquia dos acontecimentos colocados na sua primeira página. A diagramação, o tamanho das matérias, as cores e, no caso da *Folha*, o tamanho das fotos fazem com que o leitor perceba o que é mais importante em cada edição.

A *Folha* é mais informativa, às vezes tornando-se óbvia ao noticiar assuntos já amplamente divulgados e não partir para a análise e contextualização que se esperaria de um jornal de referência de seu porte.

O jornal *Le Monde*, por outro lado, exige que seus leitores tenham conhecimento prévio para compreenderem as notícias e as charges. Raramente este jornal apresenta uma notícia puramente informativa, sem viés interpretativo. Como podemos observar, o jornal francês prefere as análises e críticas mais contextualizadas.

A *Folha* utiliza a primeira página também como espaço de prestação de serviço, com informações sobre a temperatura e o fim do horário de verão em alguns dos estados brasileiros, por exemplo.

Vamos ver, no próximo capítulo, como os dois jornais constroem suas estratégias de legitimidade, credibilidade e captação e se elas são distintas também em cada veículo.

5 ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO: LEGITIMIDADE, CREDIBILIDADE E CAPTAÇÃO

A primeira estratégia que vamos discutir neste capítulo é a de legitimidade, que é predeterminada e não-negociável. Ela é dada ao sujeito, a partir da posição que ele ocupa nas diferentes redes de práticas sociais. Assim, o jornal e seus leitores compartilham uma legitimidade dada *a priori*, que estabelece a legitimidade do veículo de estar apto a captar as informações e transmiti-las a seu público leitor. Esta legitimidade resulta da constatação de uma adequação entre um ato de fala, uma situação e a posição social de seu autor. Geralmente ela é explicitada com a publicação do nome da empresa de comunicação, dos diretores do jornal, dos editores e dos repórteres, dos fotógrafos, etc.

A segunda estratégia do discurso, a credibilidade, de acordo com Charaudeau (1995, p. 1-13), é uma estratégia que vai sendo adquirida ao longo do processo de trocas linguageiras, em que há uma confiança de que os interlocutores falam a verdade. Para Charaudeau (2006a, p. 45-50), as provas de veracidade de uma informação, num dado discurso, são da ordem do imaginário, baseadas nas representações de um grupo social. Portanto, os meios discursivos empregados devem tender a provar a autenticidade, ou a verossimilhança, dos fatos e o valor das explicações dadas, para aquele grupo social.

A terceira estratégia do discurso é a de captação, que faz uso mais frequente do *pathos*, da emoção. Conforme Charaudeau (1995, p. 1-13), a estratégia de captação consiste em tocar o afeto do auditório, em provocar nele certo estado emocional que seja favorável a uma visada de influência do sujeito falante. Segundo Charaudeau (2006a), a instância midiática precisa procurar emocionar seu público, mobilizar sua afetividade, a fim de desencadear o interesse e a paixão pela informação e pelo veículo. Em nosso *corpus* buscaremos evidências dessas estratégias de comunicação.

5.1 Estratégia de legitimidade da Folha de S. Paulo

O jornal *Folha de S. Paulo*, enquanto empresa de comunicação, tem legitimidade constituída para produzir e vender notícias e anúncios publicitários. A legitimidade é explicitada, na primeira página, pelo nome da empresa e do diretor do jornal pelo endereço eletrônico, pelas informações sobre a hora do fechamento das notícias na gráfica, o ano, o número do exemplar e o preço.

Além disso, o jornal refere-se a si mesmo nas chamadas. Por exemplo: “*disse à Folha*”, “*em entrevista à Folha*”, como se o jornal fosse uma entidade. O jornal apresenta, ainda, nomes de jornalistas, colunistas e personalidades para assinar algumas matérias e artigos.

Os nomes dos jornalistas, colunistas e convidados que dão legitimidade à primeira página do nosso *corpus* são: editores e repórteres (Eliane Castanhêde, Fernando Rodrigues, Raphael Gomide, Alan Gripp, Verena Fornetti, Andréa Murta, Cláudia Collucci, Marcelo Ninio, Sheila D’Amorim, Fernando Canzian, Mário Magalhães, Paulo Vinicius Coelho, João Pereira Coutinho, Sérgio D’Ávila, Raul Juste Lores e Fabiano Maissonavi, Fátima Fernandes); jornalistas colunistas (Elio Gaspari, Ruy Castro, Clóvis Rossi, Juca Kfourir, Mônica Bergamo, Vinicius Torres Freire, Martin Wolf - do *Financial Times* - e Bárbara Gancia); especialistas (Contardo Calligaris, Rosaly Sayão, Rubem Alves, Marcelo Gleiser, Moacir Scliar e Marcelo Leite) e políticos (Marina Silva e César Maia). Esses profissionais são referências em suas áreas e conferem legitimidade ao tema apresentado.

5.2 Estratégia de legitimidade do Le Monde

O jornal *Le Monde* é uma sociedade de jornalismo registrada, com legitimidade conferida para produzir e vender notícias e anúncios publicitários. A legitimidade é explicitada, na primeira página, pelo nome da empresa, do diretor e do fundador do jornal, pelo endereço eletrônico, ano e as informações referentes ao número do exemplar.

O jornal *Le Monde* é uma entidade jurídica legítima e, em várias chamadas da primeira página, refere-se a si mesmo, como, por exemplo em “*Dans un entretien au Monde*”, “*L’envoyé spécial du Monde*”, “*Dans Le Monde*”, “*L’enquête menée par Le Monde*”.

O jornal apresenta, ainda, nomes de jornalistas e personalidades para assinar algumas de suas chamadas: o editor Sylvain Cypel; os jornalistas Arnaud Leparmentier, Béatrice Gurrey, Patrice Claude, Anne Michel, Isabelle Mandraud, Patrice Louis; os correspondentes Jean-Philippe Rémy, Philippe Bolopion, Jean-Pierra Stroobants, Benjamin Barthe, Bruno Philip, Marie Jégo, Michel Böle-Richard, Corine Lesnes e Marie Delcas; o chargista Plantu e os políticos Angela Merkel, Nicolas Sarkozy e Denis MacShane.

5.3 Estratégia de credibilidade da Folha de S. Paulo

A credibilidade é construída ao longo do tempo, com a história do veículo noticioso, suas posições diante dos acontecimentos e sua maneira de apresentar as notícias.

Na primeira página da *Folha*, um dos recursos empregados para alcançar a estratégia de credibilidade é o de autenticidade, caracterizados pela possibilidade de atestar a própria existência dos seres do mundo. Os meios discursivos utilizados para entrar nesse imaginário incluem o procedimento de *designação*: “o verdadeiro eu mostro a vocês”, a partir da utilização de documentos, objetos e imagens. O recurso da autenticidade é geralmente baseado em fotos ou fragmentos de documentos. No nosso *corpus*, as fotos cumprem esse objetivo de dar autenticidade as chamadas.

Em nosso *corpus*, as fotos ilustram o esporte, a chegada dos reféns das Farc nos aeroportos, a violência nas favelas, a nevasca em Londres, o desfile dos novos presidentes da Câmara e do Senado, os atores de filmes que serão lançados, a eleição em Israel, a manifestação de funcionários de montadora em São Bernardo do Campo, o fechamento das escolas em São Paulo, o discurso de Barack Obama, a situação dos jovens no Irã, os acidentes aéreos, o fogo em prédios na China e na floresta na Austrália.



FIGURA 62 - Foto chamada, esportista usa drogas
 Fonte: *Folha de S. Paulo*, 02 fev. 2009, p. 1.



Homens trabalham para retirar o avião Bandeirante que caiu no rio Manacapuru, a 85 km de Manaus (AM), com 28 pessoas a bordo

Avião que caiu levava pessoas em excesso

O Bandeirante que caiu no rio Manacapuru (AM) levava passageiros acima do limite registrado na Agência Nacional de Aviação Civil. De acordo com a agência, o avião tem capacidade para 19 passageiros. No acidente, morreram 24 das 28 pessoas que estavam a bordo dele. A Manaus Aerotáxi, responsável pelo voo, descarta que tenha havido superlotação ou superlotação, uma vez que havia crianças de colo. Poderiam viajar no voo, contudo, seis pessoas de até dois anos. A Aeronáutica vai investigar se excesso de peso influiu na queda. Pág. 01

FIGURA 63 - Foto chamada, acidente aéreo
 Fonte: *Folha de S. Paulo*, 09 fev. 2009, p. 1.

Nas imagens acima, por exemplo, no dia 2 de fevereiro de 2009, a *Folha* publicou a foto do atleta Michael Phelps fumando maconha, e, no dia 9 de fevereiro de 2009, a foto do avião caído num rio da região amazônica. Essas fotos atestam a autenticidade dos acontecimentos.

Outro recurso utilizado pela *Folha* para alcançar a credibilidade é o da verossimilhança, caracterizado pela possibilidade de se reconstruir analogicamente a existência possível do que foi ou será. Os meios discursivos remetem à reconstituição: “eis como isso deve ter acontecido”, com sondagens, testemunhos e investigação para restabelecer o acontecimento.

As chamadas podem ser baseadas em fontes oficiais: a análise do desempenho industrial do Brasil de 2008 apresenta um gráfico demonstrativo e a voz oficial do IBGE:

Indústria tem maior queda desde 91

Puxado pelo setor automotivo, recuo em dezembro foi de 12,4%; governo destina mais de R\$ 130 bi ao PAC.

Segundo o IBGE, o recuo foi geral, mas afetou mais os ramos ligados às exportações e dependentes de crédito, como veículos, máquinas e equipamentos e indústria extrativa - com destaque para o minério de ferro. Os veículos lideram queda em dezembro (-39,7%). (*Folha*, 04/02/09).

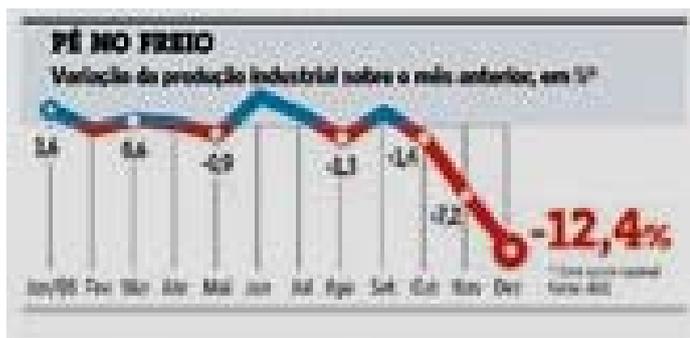


FIGURA 64 - Chamada com gráfico e dados oficiais

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 4 fev. 2009, p. 1.

A fonte credível pode ser até mesmo um instituto de pesquisa. No exemplo abaixo, o *DataFolha* orienta a matéria sobre cirurgias plásticas:

Cirurgias estéticas de mama superam lipoaspiração no país

Pesquisa *DataFolha* mostra que, em 2008, foram 151 mil plásticas nos seios (a maioria delas, 96 mil, para aumentá-los) contra 96 mil lipoaspirações. (*Folha*, 13/02/09).

Um recurso comum da *Folha* na busca da credibilidade é apresentar dados nas chamadas, com números e percentagens. No exemplo abaixo, temos vários dados apresentados sobre os investimentos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES):

BNDES responde por 14% de todo o investimento feito no Brasil

Dados de 2008 mostram que o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), principal instrumento do governo para tentar combater os efeitos da crise, já representa quase 14% de todos os investimentos feitos no país.

Em 2008, o BNDES liberou R\$ 92,2 bilhões (US\$ 40 bilhões). No mesmo período, o Bird (Banco Mundial) destinou US\$ 13,5 bilhões para 34 países. Críticos avaliam que o governo está assumindo função que deveria ser do setor privado. (*Folha*, 03/02/09).

Os testemunhos de outras pessoas ou dos próprios repórteres também dão credibilidade à notícia, como na chamada a seguir para uma reportagem sobre Israel:

Israel vota hoje; conservadores lideram pesquisas

Israel vai hoje às urnas pela quinta vez em dez anos para eleger um governo que deve se apoiar em coalizão frágil, refletindo a fragmentação da sociedade, relata Marcelo Nino, enviado a Jerusalém. O partido conservador Likud, do ex-premiê Binyamin Netanyahu, lidera as pesquisas. (*Folha*, 10/02/09).

De modo geral, o jornal usa a explicação para alcançar a credibilidade, com o objetivo de determinar o porquê dos fatos, o que os motivou, as intenções e as finalidades. Os meios discursivos utilizados para entrar nesse imaginário remetem ao procedimento de *elucidação*: “eis porque as coisas são assim”. Recorre-se a especialistas, peritos, intelectuais, provas científicas, técnicas, opiniões diversas, entrevistas e debates.

Algumas chamadas são para as explicações que estão dentro do jornal, como no exemplo a seguir:

Dois séculos de Darwin. Pesquisa mostra que no Reino Unido maioria não crê na teoria da evolução. Marcelo Gleise, Moacyr Scliar e Marcelo Leite escrevem sobre o cientista. (*Folha*, 08/02/09).

As chamadas podem também começar a explicar o panorama do acontecimento, seus antecedentes e desdobramentos. Isso se dá, principalmente, nas chamadas principais, em que o jornal recorre a um texto maior, com mais detalhes sobre o assunto.

Vejamos o exemplo que aponta as razões para a Receita Federal liberar restituições presas na malha fina. Seriam três motivos: a possibilidade de aquecer a economia com esse dinheiro, o número reduzido de funcionários na Receita e a concentração de esforços da Receita Federal nos grandes contribuintes.

Receita deve tirar 100 mil declarações da malha fina

Intenção é concentrar fiscalização em grandes contribuintes, diz governo
Fátima Fernandes⁸⁰

A Receita Federal em São Paulo deve liberar restituições de Imposto de Renda de pessoas físicas retidas nos últimos cinco anos (presas na chamada malha fina) para tentar minimizar os efeitos da crise financeira.

Estima-se que cerca de 100 mil declarações, com saldo a restituir e a pagar, sejam liberadas nos próximos meses - no ano passado foram 376 mil as retidas na malha fina. Os créditos totais de IR a serem liberados não estão definidos. Segundo o superintendente da Receita no Estado, Luiz Sérgio Soares, as restituições poderão ser de até R\$ 3.000.

A medida visa ainda contornar a escassez de pessoal na Receita, diz Soares: ‘decidimos redirecionar a força de trabalho para contribuintes de maior relevância econômica’. A ideia, afirma ele, é concentrar a atenção em quem tem restituição acima de R\$ 50 mil. (*Folha*, 06/02/09).

⁸⁰ Repórter da *Folha de S. Paulo*.

Mesmo numa chamada menor é possível observar a apresentação de explicação para o leitor:

Cursos para formação de professores perdem alunos

O Censo da Educação Superior, divulgado pelo governo, revela que o Brasil sofreu pelo segundo ano seguido queda no total de universitários formados em cursos voltados para disciplinas específicas do magistério.

O número de estudantes que concluíram seus cursos no grupo 'formação de professores de matérias específicas' recuou 4,5% entre 2007 e 2006; em números absolutos, foram 3.300 formandos a menos. Para especialistas, o recuo se deve aos baixos salários do setor. (*Folha*, 06/02/09).

A explicação acima sobre a queda na escolha da carreira de professores, da qual o salário seria determinante, tem dados do censo da educação superior:

5.4 Estratégias de credibilidade do *Le Monde*

Um veículo de comunicação alcança sua credibilidade ao longo do tempo, apresentando suas posições diante dos acontecimentos e mostrando que as notícias publicadas são confirmadas.

Na primeira página da *Le Monde*, um dos recursos empregados para alcançar a estratégia de credibilidade é o de autenticidade. Os meios discursivos incluem o procedimento de *designação*, através da utilização de documentos, objetos e imagens. Em nosso *corpus*, o *Le Monde* não utiliza muitas fotos, por exemplo. Usa-as apenas para ilustrar algumas chamadas na parte superiores do jornal. Podemos citar as fotos de políticos, do navio Clemenceau, de esporte, do escritor Roland Barthes, do artista Mickey Rourke, de um filme francês, da mulher italiana que vive em estado vegetativo, de obras de arte, de um investidor acusado de fraudes e da boneca Barbie.

Vejamos alguns desses exemplos:

FIGURA 65 - Fotos chamadas no cabeçalho do *Le Monde*Fonte: *Le Monde*, 12 fev. 2009, p. 1.FIGURA 66 - Fotos chamadas no cabeçalho do *Le Monde*Fonte: *Le Monde*, 11 fev. 2009, p. 1.

A verossimilhança é outro recurso utilizado pelo *Le Monde* para alcançar a credibilidade. Para isso, o jornal nos remete à reconstituição: “eis como isso deve ter acontecido”, com sondagens, testemunhos e investigação.

O jornal não privilegia a apresentação de gráficos e números, mas recorre à investigação, testemunhos, trechos de documentos. Enfim, utiliza-se de um estilo mais investigativo para tratar os assuntos. Vejamos um exemplo na notícia sobre a crise em Guadalupe:

Guadeloupe: la crise sociale accentue le désarroi politique

Manifestation et contre-manifestation devaient marquer, samedi, un tournant dans la grève générale

Le président de la République veut mettre en place un conseil interministériel de l'outre-mer

Depuis 1952, le 14 février est une journée particulière en Guadeloupe. C'est en effet ce jour-là que quatre habitants de l'île qui manifestaient à l'occasion d'une grève ont été tués par la police au Moule, une commune située à l'est. C'est dans cette même commune que le collectif LKP, à l'origine de la grève générale qui paralyse l'île depuis le 20 janvier, a décidé, avec le syndicat CGTG, d'appeler à une nouvelle manifestation, ce samedi. Plusieurs milliers de participants étaient attendus par les organisateurs.

Cette manifestation devait se dérouler dans un contexte très tendu. Samedi, au même moment, les Guadeloupéens hostiles à la grève générale étaient appelés à participer à une contre-manifestation à la Jaille, une commune située à proximité de Pointe-à-Pitre. Vendredi 13 février, des incidents ont éclaté dans deux rues commerçantes de Pointe-à-Pitre. Des commerçants qui avaient ouvert leur magasin se sont heurtés à un groupe d'environ 80 personnes liées au LKP et à la CGTG, qui ont voulu les obliger à fermer. Des bagarres brèves mais violentes ont éclaté. Le secrétaire d'Etat à l'outre-mer, Yves Jégo, qui a regagné Paris, a dénoncé sur France 2 «un climat de terreur».

Nicolas Sarkozy a annoncé, vendredi, la mise en place d'un «conseil interministériel de l'outre-mer».

L'analyse. Nicolas Sarkozy ne dispose plus des relais politiques de ses prédécesseurs dans les DOM-TOM.

Le reportage. Au Moule, l'usine Gardel est la dernière de l'île à traiter la canne. Déjà subventionné par Paris et Bruxelles, son patron ne voit pas comment il pourrait augmenter les salaires.

L'entretien. Pour Julien Méron, universitaire, la crise illustre un réveil identitaire. (*Le Monde*, 15 fév. 2009).⁸¹

Nessa matéria, a credibilidade do jornal é alcançada através do relato dos acontecimentos, dos eventos políticos, com detalhes colhidos com alguns personagens locais, agremiações e autoridades políticas.

Outra maneira de construir a credibilidade no *Le Monde* é basear as chamadas baseadas em fontes oficiais, especialmente a partir de entrevistas: com o rabino chefe da França, criticando o Papa Bento XVI; com o monsenhor que elogia o Papa; com a ministra da cultura, Christine Albanel, sobre a descentralização do teatro; com o professor de economia, Daniel Cohen, sobre a regulação do mercado;

⁸¹ Nossa tradução: Guadalupe: a crise social acentua a turbulência política

Manifestações e contra-manifestações devem marcar, sábado, uma reviravolta na greve geral

O presidente quer criar um conselho interministerial para o Exterior

Desde 1952, 14 de fevereiro é um dia especial em Guadalupe. Neste dia quatro habitantes da ilha que se manifestavam por ocasião de uma greve foram mortos pela polícia em Moule, uma cidade situada no leste. Foi nessa mesma cidade que o LKP, que está por trás da greve geral que paralisou a ilha desde 20 de janeiro, decidiu, com o sindicato CGTG, pedir um novo evento neste sábado. Milhares de participantes são esperados pelos organizadores.

O evento está programado para acontecer em um clima muito tenso. Sábado, ao mesmo tempo, guadalupianos hostis à greve foram convidados para participar de uma manifestação em Jaille, uma cidade perto de Pointe-à-Pitre. Sexta-feira, 13 de fevereiro, os confrontos eclodiram em dois centros comerciais de Pointe-à-Pitre. Os comerciantes que abriram as suas lojas foram abordados por um grupo de cerca de 80 pessoas ligadas ao LKP e CGTG, que queriam obrigá-los a fechar. Mais brigas violentas eclodiram. O secretário de Estado dos territórios ultramar, Yves Jégo, que voltou a Paris, denunciou no France 2, "um clima de terror".

Nicolas Sarkozy anunciou, sexta-feira, a criação de um "conselho interdepartamental do exterior".

Análise. Nicolas Sarkozy já não tem as ligações políticas de seus antecessores no DOM-TOM.

Reportagens. Em Moule, a usina Gardel é a última da ilha a processar a cana. Já subvencionado por Paris e Bruxelas, o chefe não vê como poderia aumentar os salários.

Entrevista. Para Julien Merion, universitário, a crise mostra o despertar da identidade.

com o chefe da Culturefrance, Poivre d'Arvor; com o secretário de Estado de ultramar, Yves Jégo, sobre a crise nas Antilhas; com o adjunto do prefeito assassinado da Córsega; com David Pujadas e Noël Mamère, sobre a polêmica do controle da produção audiovisual na França.

Além das entrevistas, o *Le Monde* usa opiniões de especialistas no texto das matérias, como, por exemplo, a opinião do economista e ex-vice-presidente do Banco Central da Rússia, para falar da queda do rublo; do primeiro ministro francês, explicando o plano de recuperação econômica; do humorista Arthur, dizendo de sua indignação por ser perseguido.

O jornal também analisa um documento produzido pelo Vaticano, reprechendo ao Monsenhor que negou a existência do Holocausto.

Mesmo partindo de números, *Le Monde* faz interpretação já na chamada de primeira página sobre os fundos especulativos.

Os testemunhos de outras pessoas ou dos próprios repórteres também dão credibilidade à notícia, como na reportagem sobre o primeiro dia de um prisioneiro:

A Douai, les premiers pas d'un prisonnier

Johann est chauffeur routier. Condamné le 17 octobre 2008 à dix-huit mois de prison, notamment pour violences volontaires, il a été admis à la maison d'arrêt de Douai (Nord) quelques semaines plus tard. L'administration a accepté qu'un envoyé spécial du Monde l'accompagne durant sa première journée de détention. Douai n'est pas la pire des prisons. Bien au contraire. C'est un site-pilote dont le quartier «arrivants» bénéficie d'un label de qualité délivré par un organisme indépendant.

Cela n'empêche pourtant pas cette journée d'être particulière. «Je veux pas mourir ici !», confie Johann au lieutenant qui le reçoit et l'interroge sur d'éventuelles tendances suicidaires. Pour réduire ce risque, les nouveaux arrivants sont systématiquement placés «en doublette» durant les dix premiers jours de détention. Ensuite, ils rejoindront les autres détenus. Ils sont 610 pour 386 places. (*Le Monde*, 13 fév. 2009).⁸²

⁸² Nossa tradução: Em Douai, os primeiros passos de um prisioneiro

Johann é um motorista de caminhão. Condenado em 17 outubro de 2008 a dezoito meses de prisão por violência física, ele foi admitido em Douai (norte), algumas semanas depois. O governo aceitou que um enviado especial do *Monde* acompanhe em seu primeiro dia de detenção. Douai não é a pior das prisões. Muito pelo contrário. Este é um lugar piloto onde os “novatos” têm um selo de qualidade emitido por um organismo independente.

Isto não significa, no entanto, que esse dia seja especial. “Eu não quero morrer aqui”, diz Johann ao tenente que o recebe e o interroga sobre possíveis tendências suicidas. Para reduzir esse risco, os novatos são sempre colocados “em duplas”, durante os primeiros dez dias de detenção. Então eles vão se juntar aos outros presos. São 610 para 386 lugares.

A chamada, como vimos, baseia-se no testemunho do repórter e do prisioneiro.

Num momento mais raro, o jornal se utiliza de dados numéricos para conferir credibilidade à sua chamada:

Fonds spéculatifs: beaucoup meurent, certains prospèrent

Crise. Près du quart des 10 000 fonds spéculatifs (hedge funds) ont disparu dans la tourmente financière planétaire. Mais 10% engrangent encore des fortunes. La clef de ces succès? L'intuition de leurs gérants. (*Le Monde*, 06 fev. 2009).⁸³

Por último, para alcançar a credibilidade, o *Le Monde* apoia-se no recurso da explicação, marcada pela busca do porquê dos fatos, seus motivos, intenções e finalidades. Neste caso, o jornal recorre a especialistas, peritos, intelectuais, provas científicas, técnicas, opiniões diversas, entrevistas e debates.

Le Monde apoia-se no debate, geralmente partindo de uma indagação ou de uma afirmação que pode levar à reflexão sobre o estado das coisas.



FIGURA 67 - Chamada com ilustração, saúde
Fonte: *Le Monde*, 14 fev. 2009, p. 1.

Enquête Les as de l'Internet de l'équipe Obama s'installent à la Maison Blanche.

FIGURA 68 - Chamada, enquete política
Fonte: *Le Monde*, 11 fev. 2009, p. 1.

Nos exemplos acima, vemos as chamadas para a situação ruim dos hospitais na França (*Le Monde*, 14/02/09) e para o debate sobre o fato de Obama convidar um perito em Internet para compor sua equipe (*Le Monde*, 11/02/09).

⁸³ Nossa tradução. Os fundos especulativos: muitos morrem, alguns prosperam

Crise. Quase um quarto dos 10 mil fundos especulativos (*hedge funds*) desapareceram na crise financeira global. Mas 10% ainda vão arrecadar fortunas. A chave para esse sucesso? A intuição de seus administradores.

5.5 Estratégias de captação da Folha de S. Paulo

Os principais elementos de captação da primeira página são os títulos, as fotos e as publicidades. Os títulos chamam a atenção na *Folha de S. Paulo* por serem mais informativos, utilizando-se de verbos no presente e colocando o leitor a par do assunto. Vejamos três exemplos:

PMDB vence na Câmara e no Senado (*Folha*, 03/02/09).

Direita tem maioria parlamentar em Israel (*Folha*, 11/02/09).

Calote de empresas dispara nos EUA (*Folha*, 15/02/09).

Alguns desses títulos, inclusive, remetem a fatos provavelmente bem conhecidos pelos leitores. Além disso, a *Folha* pretende chamar a atenção do leitor com títulos que utilizam termos patêmicos, como: tudo, nada, maior e menor, como no seguinte exemplo:

Em Davos, elite econômica e política conclui que nada sabe (*Folha*, 01/02/09).

Com o uso de comparações, como vemos a seguir:

Balança comercial tem 1º déficit em 8 anos (*Folha*, 03/02/09).

Com argumentos que levam a uma conclusão:

Demissão cresce; governo amplia seguro-desemprego (*Folha*, 12/02/09).

E com novidades, como podemos observar nos exemplos a seguir:

Alemã de 16 anos é a mais jovem transexual do mundo (*Folha*, 05/02/09).

Pela primeira vez, cirurgiões retiram pela vagina um rim para transplante (*Folha*, 04/02/09).

O jornalismo, apesar de ter como finalidade principal informar, pode utilizar-se dos efeitos de dramatização e ludismo como forma de captação do leitor, especialmente na primeira página. A dramatização, no discurso jornalístico, é aparente nos relatos de tragédias, medos, grandes e pequenas histórias do cotidiano.

Casal é rendido e baleado em trilha do litoral do PR (*Folha*, 03/02/09).

No exemplo acima, observamos o uso do tema da violência, uma das maiores preocupações dos brasileiros.

Diante da crise econômica, por exemplo, uma análise pessimista pode assombrar os leitores:

Novas medidas não são resposta para os problemas

Martin Wolf do Financial Times

O programa de socorro aos bancos parece ser mais uma vez filho das fracassadas intervenções dos últimos 18 meses: otimista e ineficiente. Agora é o momento de ações que sejam a solução certa para o problema. As medidas propostas definitivamente não aparentam ser a resposta. (*Folha*, 11/02/09).

O lúdico é conseguido através de recursos jornalísticos misturados à poesia, à aventura, à ficção, ao cinema, aos jogos de palavras. A editoria de *Ciência*, por exemplo, apresenta uma simulação artística para representar uma descoberta astronômica, dia 4 de fevereiro:



FIGURA 69 - Chamada com ilustração para o caderno de Ciência

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 04 fev. 2009, p. 1.

O objetivo persuasivo consiste em fazer crer alguma coisa ao outro, com argumentos não contraditórios, com rigor lógico, fazendo o leitor aderir a seu universo de discurso. No texto das chamadas, a *Folha* apresenta informações exclusivas, como os dados revelados pelo instituto de pesquisa *DataFolha*, como forma de captar leitores:

Desemprego atinge 31% dos lares de SP

DataFolha revela que 47% aceitariam reduzir salário para manter vaga e 19% culpam o governo federal por cortes. (*Folha*, 09/02/09).

Outro exemplo de estratégia de captação pode ser visto no apelo à preocupação dos cidadãos com a segurança dos vôos. Neste caso, a *Folha* alerta para o flagrante da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC):

País tem, por dia, 5 casos de piloto sem licença de voo

De abril de 2008 até o mês passado, a Anac (Agência Nacional de Aviação Civil) flagrou 1.536 ocorrências de pilotos de avião e helicóptero sem licença - mais de *cinco por dia*, relata Alan Gripp. Houve ainda 2.455 casos de aeronaves com inspeção vencida. (*Folha*, 04/02/09).

As fotos são um componente importante na busca da captação dos leitores de um jornal. A *Folha de S. Paulo* apresenta, na sua primeira página, de duas a quatro fotos por edição, com o objetivo tanto de ilustrar os temas, quanto de dar veracidade à notícia, ou seja, de torná-la mais informativa. Vejamos um exemplo de foto informativa:



Carlos Raul Santamaría, que se portava por mineiro em prisão

FIGURA 70 - Foto informativa da *Folha de S. Paulo*

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 09 fev. 2009, p. 1.

Essa foto informa sobre a prisão de um traficante cuja nacionalidade a polícia ainda investiga. Ela foi publicada no dia 09 de fevereiro.

As fotos ilustrativas representam uma situação, são trabalhadas pelos

fotógrafos e têm mais qualidade técnica. Por exemplo, para falar do desemprego, dia primeiro de fevereiro de 2009, a *Folha* faz um apelo à saga de um desempregado, com foto e título: *Flagelo do desemprego*. A calamidade que se abate sobre os cidadãos. A foto ilustra a situação sombria em que vivem os homens desempregados, especialmente da periferia. A legenda orienta a interpretação da foto: “Sem emprego, ex-funcionários da Vale jogam bola nas ruas em Itabira (MG)”. Esses homens não estão num momento de lazer e descanso, estão desempregados e sem nada para fazer.



FIGURA 71 - Foto ilustrativa de desempregados

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 01 fev. 2009, p. 1.

A foto, de acordo com sua legenda, pode ser interpretada com tristeza e não com a alegria do esporte. Em seguida, a chamada tenta também organizar a situação de calamidade.

Por fim, a captação na primeira página inclui a publicidade. Há dois tipos de publicidade na primeira página: o anúncio de uma agência de publicidade vendendo algum produto e as promoções do próprio jornal, como uma autorreferenciação, geralmente oferecendo vendas casadas com um exemplar do jornal.

Em nosso *corpus*, os anúncios promocionais referem-se ao lançamento da coleção *da Folha, Grandes Fotógrafos*. As promoções ajudam a levantar as vendas avulsas. Nos dois domingos, dias 8 e 15 de fevereiro de 2009, a parte inferior do jornal trouxe o anúncio dos livros com imagens de guerra e imagens de cinema:



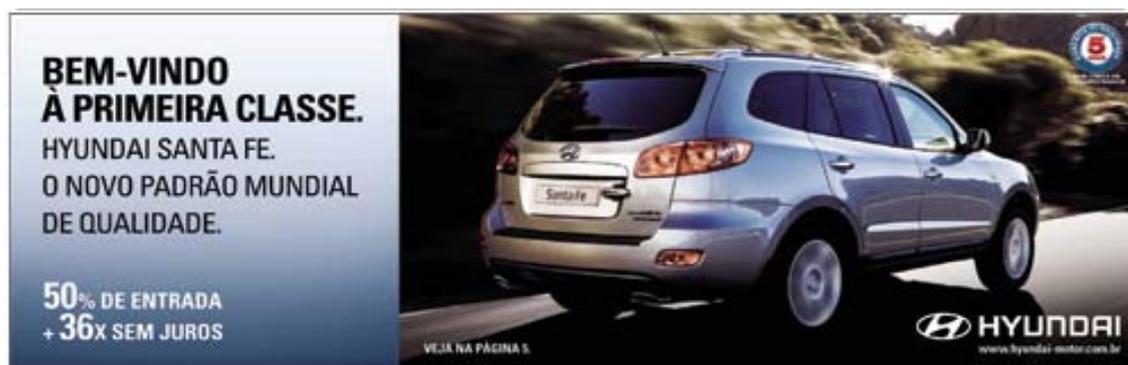
FIGURA 72 - Anúncio promocional

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 08 fev. 2009, p. 1.

FIGURA 73 - Anúncio promocional

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 15 fev. 2009, p. 1.

A publicidade de produtos externos ao jornal é de uma montadora de carro. Durante o ano de 2009, a Hyundai foi a única anunciante da *Folha*. Uma marca destinada à classe alta, que pode pagar por um carro importado e por itens que os carros nacionais geralmente não têm. O apelo sedutor está nas fotos (elegantes, em azul e alta definição) e *slogans* (reforçando a marca, o status e a qualidade).

FIGURA 74 - Publicidade da *Folha de S. Paulo*Fonte: *Folha de S. Paulo*, 8 fev. 2009, p. 1.

No anúncio abaixo, o apelo é para o “mais” (equipado, sofisticado, potente e o melhor preço que se pagaria por tantos quesitos). Não há em nenhum lugar a designação veículo ou carro, afinal, a Hyundai não vende carro, vende estilo de vida. O anúncio usa também referências de credibilidade, como a classificação em primeiro lugar atribuída pelo guia *Quatro Rodas*, uma publicação especializada em veículos.



FIGURA 75 - Publicidade da *Folha de S. Paulo*

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 1º fev. 2009, p. 1.

Aproveitando-se das más notícias econômicas, o anúncio destaca o lugar da montadora no cenário mundial, comparação comum no universo jornalístico. “Hyundai e Subaru. As duas únicas marcas com crescimento de vendas este ano no mundo”. A fonte jornalística é a própria *Folha de S. Paulo*.

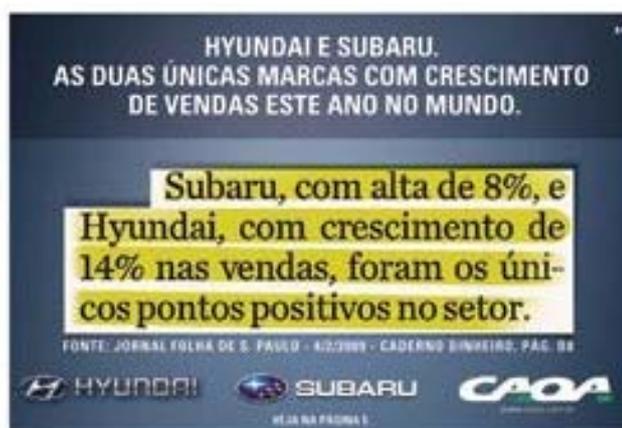


FIGURA 76 - Publicidade da *Folha de S. Paulo*

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 10 fev. 2009, p. 1.

Vejamos todos esses elementos juntos na primeira página, ou seja, os títulos, as fotos, a publicidade, as cores que promovem a captação do leitor:

FOLHA DE S. PAULO

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRILAS FILHO

SÁBADO, 14 DE FEVEREIRO DE 2009
A30/88 • 37 28.172

EDIÇÃO NACIONAL CONCLUÍDA ÀS 20H56 • R\$ 2,90

Recessão se aprofunda na Europa

Economia do continente tem queda acentuada no último trimestre de 2008; nos EUA, Câmara aprova pacote

O agravamento da crise global ampliou a recessão na Europa. A União Europeia (com 27 países) entrou oficialmente em recessão, após uma queda de 1,5% no Produto Interno Bruto no último trimestre do ano passado. Foi o segundo trimestre consecutivo de queda.

Considerando apenas a zona do euro, que abrange 16 dos 27 países, a economia também encolheu 1,5% no quarto trimestre de 2008 ante o terceiro. Este bloco já acumulava dois trimestres seguidos de recuo. O resultado foi pior que o dos EUA, que teve queda de 1%.

Na Europa, a Alemanha teve a maior retração desde 1990, e o PIB francês sofreu o pior recuo em 34 anos. Holanda, Portugal, Reino Unido, Itália e Espanha também tiveram queda, aumentando a pressão para que o Banco Central Europeu corte mais os juros.

No ano passado, o bloco foi o segundo principal destino das exportações brasileiras, atrás apenas dos vizinhos da América Latina. Nos EUA, a Câmara dos Representantes (Deputados) aprovou a versão final do pacote econômico de US\$ 787 bilhões.

EUROPA EM RECESSÃO

Evulsão do PIB da União Europeia em 2008 ante o trimestre anterior



▶ **ESCOMBROS**
Rodas do avião comercial da empresa Continental que caiu sobre uma casa em Buffalo, no Estado de Nova York (EUA), matando 49 pessoas a bordo e um morador; uma das vítimas era viúva de americano morto nos ataques de 11 de setembro de 2001. Pág. A12

Indústria paulista corta em janeiro 33 mil vagas

No mês passado, a indústria paulista cortou 32,5 mil vagas em relação a dezembro, segundo a Fisp (Federação das Indústrias). Foi o pior janeiro da série histórica do levantamento, iniciada em dezembro de 2002.

Em geral, janeiro é o mês em que a indústria recomeça o quadro de pessoal. No fim de 2008, o setor de açúcar e álcool liderou o fechamento de vagas da indústria paulista. No mês passado, a retração prosseguiu. Pág. B8

Dilma faz mais que o dobro de viagens pelo país em 2008

A ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, mais que dobrou suas viagens pelo país no ano passado. Em 2007, quando ainda não era apontada como candidata ao Planalto, Dilma fez 28 viagens; em 2008, foram 61. A nova rotina de Dilma deu mais poder à secretária-executiva da pasta, Erenice Guerra, apontada como responsável pelo dossiê que revelou graves sigilosos da gestão FHC com cartões. Pág. A4

CESAR MAIA
Democracia está amputada se não há fiscalização por parte do Legislativo

O processo de construção institucional, aberto em 1988, começou a ruir com o avanço de reformas econômicas sobre a ordem do dia. Há uma década as contas dos presidentes e os vetos presidenciais não são votados. Ou seja, incide a função fiscalizadora do Legislativo. Sem sua vértebra institucional básica, a democracia está amputada. Pág. A2

cotidiano
HORÁRIO DE VERÃO TERMINA HOJE
Pág. C4

À meia-noite, avance os relógios uma hora!
*Escrito nas regiões Norte e Nordeste

mundo

▶ **CRISE EM PRETO-E-BRANCO**
Polícia fez inspeção em casa desprovida por falta de pagamento em Cleveland, Ohio; a imagem, de março de 2008, levou o prêmio de foto do ano do World Press Photo. Pág. A11

Brasileira não estava grávida, dizem suíços

A polícia suíça afirmou que a advogada brasileira Paula Oliveira não estava grávida no dia da agressão que afirma ter sofrido em Zurique e que, provavelmente, ela mesma provocou os cortes em seu corpo.

Segundo o legista responsável pelo laudo, há indícios de automutilação, e dois exames apontaram a "inexistência" da gravidez. O pai de Paula criticou a polícia e a acusou de tentar transformar a vítima em réu. Pág. C1

folhinha
Com espadas, crianças praticam o 'kendo', arte marcial samurai. Pág. 4

vitrine
Teste avalia malas pequenas para levar na viagem de Carnaval. Pág. 4

ATMOSFERA Pág. C2
Panicado de chuva no Sudeste
Ceará: mín. 12°C
Sul: mín. 13°C

EDITORIAIS Pág. A2
Leda 'Curto circuito', sobre instabilidade gestora Obama
"Estágios em queda", acerca de desestímulo legal.

NOVO TUCSON 2009

IMBATÍVEL

PREÇO COM ENTRADA DE R\$ 14.990
50% DE ENTRADA + 36x SEM JUROS

PREÇO DE AQUISIÇÃO TOTAL ESTADO A R\$ 14,990
EXPLANAÇÃO DO PREÇO TOTAL PARA O SEU FINANCIAMENTO

1º LUGAR (com entrada de R\$ 14.990)
1º LUGAR (com entrada de R\$ 14.990)

VEJA NA PÁGINA 5

HYUNDAI

FIGURA 77 - Primeira página da Folha de S. Paulo

Fonte: Folha de S. Paulo, 14 fev. 2009, p. 1.

5.6 Estratégia de captação do *Le Monde*

Vamos tentar compreender como o jornal *Le Monde* constrói sua estratégia de captação na primeira página. Como dissemos no item anterior, os principais elementos de captação da primeira página são os títulos, as fotos e as publicidades. O jornal francês traz ainda mais dois itens para chamar a atenção do leitor em sua primeira página: as charges e duas chamadas para o jornal do dia seguinte.

Os títulos do *Le Monde* tentam levar o leitor a identificar um aspecto da notícia que o jornal vai privilegiar. Dizendo de outra maneira, os títulos pretendem fazer o leitor perceber de forma clara qual a interpretação que o *Le Monde* pretende dar ao acontecimento. Para isso, o jornal apresenta títulos em forma de perguntas:

Comment faire repartir la croissance mondiale? (*Le Monde*, 08/02/09).⁸⁴

Crise: faut-il privilégier la relance par la consommation? (*Le Monde*, 14/02/09).⁸⁵

Com uso de dois pontos para esclarecer do que trata o tema e suas consequências:

Grande-Bretagne: grèves contre les ouvriers étrangers (*Le Monde*, 04/02/09).⁸⁶

E títulos que apresentam o ponto de vista do jornal:

Les syndicats exigent un changement de cap. MM. Sarkozy et Fillon le refusent toujours (*Le Monde*, 04/02/09).⁸⁷

Como vimos, o jornalismo também pode utilizar-se dos efeitos de dramatização e de ludismo para captar o leitor, especialmente na primeira página. Lembramos que a dramatização pode aparecer nos relatos de tragédias, medos, grandes e pequenas histórias do cotidiano. Por exemplo, o cotidiano de uma das maiores estações de metrô e trem da França, a Saint-Lazare, e seus problemas de toda ordem:

⁸⁴ Nossa tradução: Como reiniciar o crescimento mundial?

⁸⁵ Nossa tradução: Crise: é preciso privilegiar a retomada pelo consumo?

⁸⁶ Nossa tradução: Grã-Bretanha: greves contra os trabalhadores estrangeiros

⁸⁷ Nossa tradução: Os sindicatos exigem mudança de rumo. Sarkozy e Fillon se recusam

Reportage: la gare Saint-Lazare, haut lieu de colères, de conflits et de miracles

En plein Paris, 450 000 voyageurs par jour, un train toutes les 28 secondes. Cela fait du bruit, une gare qui craque. Le bruit des cris, gueulantes et autres râleries d'usagers excédés par la série ininterrompue des retards, arrêts de travail et incidents techniques qui ponctuent leur calvaire de banlieusards. Le bruit de machines à bout de souffle, wagons déglingués et motrices vieilles de 30 à 50 ans d'âge.

Et, en toile de fond, le bruit de Paris, car c'est de la gare Saint-Lazare dont il est question ici: 450 000 voyageurs chaque jour de semaine, direction banlieue ouest, Basse et Haute-Normandie.

Saint-Lazare, deuxième gare d'Europe derrière la gare du Nord, haut lieu de la protestation des clients de la SNCF, symbole, bien malgré elle, de l'engorgement des voies d'accès à la capitale. Depuis la mi-décembre, grève tournante des conducteurs; le 13 janvier, fermeture de la gare après un arrêt total du trafic; nouveau drame évité de justesse le 23 janvier.

Le conflit a permis, dit un usager, «de mettre pleins feux sur ce qui se passe ici». «Nous sommes la zone parisienne qui a le plus de retard en matière d'investissements», reconnaît-on à la SNCF. De grands travaux sont annoncés, dans un lieu qui n'a pas été sérieusement rénové depuis les années 1930. D'ici à 2012, un grand lifting doit être achevé.

Le Monde a enquêté. Notre reporter, Benoît Hopquin, a écouté la colère des voyageurs. Il a observé les miracles quotidiens accomplis par le personnel de la SNCF. Gens du rail et ceux des quais, guichets et postes de contrôle font, chaque jour, des exercices de haute voltige pour que Saint-Lazare continue à tourner, à accueillir un train toutes les 28 secondes sur l'une de ses 27 voies. (*Le Monde*, 09/02/09).⁸⁸

Já o efeito lúdico é alcançado com recursos jornalísticos misturados à poesia, à aventura, à ficção, ao cinema, aos jogos de palavras. Além das charges e ilustrações, temos algumas chamadas irônicas, como esta para a votação do referendo na Venezuela:

⁸⁸ Nossa tradução: Reportagem: Estação Saint-Lazare, a meca dos conflitos, raivas e milagres

No centro de Paris, 450.000 passageiros por dia, um trem a cada 28 segundo

Faz barulho, uma estrada de ferro que range. O som de gritos e protestos cobertos pela série ininterrupta de atrasos, interrupções de trabalho e incidentes técnicos que pontuam seu calvário de suburbanos. O som das máquinas a ponto de pararem, e motores antigos em ruínas com 30 a 50 anos de idade. E, no fundo, o ruído de Paris é da Gare Saint-Lazare que se trata aqui: 450.000 passageiros cada dia da semana, direção: subúrbios oeste, Baixa e Alta Normandia. Saint-Lazare, a segunda estação da Europa atrás da estação de trem Gare du Nord, a meca dos protestos dos clientes do SNCF, símbolo, apesar disso, do congestionamento das vias de acesso à capital. Desde meados de dezembro, convivendo com a greve dos condutores; 13 de janeiro, a estação fechou depois de uma paralisação total do tráfego; nova tragédia evitada em 23 de janeiro.

O conflito, disse um usuário, permitiu “que se coloque um holofote sobre o que se passa aqui”. “Nós somos a região parisiense que está mais atrás em termos de investimento”, admite a SNCF. Grandes operações são anunciadas, em um lugar que não tem sido seriamente renovado desde 1930. Até 2012, uma grande reforma será concluída.

Le Monde investigou. Nosso repórter, Bento Hopquin, ouviu os passageiros irritados. Ele observou os milagres diários realizados pelos funcionários da estação. Ferroviários e funcionários das plataformas, guichês e postos de controle fazem diariamente malabarismos para que a estação de Saint-Lazare continue a funcionar, para acomodar um trem a cada 28 segundos em uma de suas 27 vias.

Hugo Chavez se verrait bien président à vie

Référendum - Les Vénézuéliens votent dimanche sur la possibilité pour les élus de se présenter autant de fois qu'ils le veulent. Principal intéressé: Le président Hugo Chavez. (*Le Monde*, 14/02/09).⁸⁹

Quanto às fotos, o *Le Monde* usa no máximo duas, por edição. A maioria das fotos tem a intenção de identificar os personagens, como podemos observar no exemplo abaixo, dia 15/02/09, sobre o fraudador das bolsas de valores, Jérôme Kerviel:



FIGURA 78 - Foto identificando personagem da chamada

Fonte: *Le Monde*, 15 fev. 2009, p. 1.

As ilustrações acompanham as cores discretas do jornal e completam o enfoque que se quer dar às notícias. Vejamos um exemplo:



FIGURA 79 - Chamada com ilustração, dossiê sobre economia

Fonte: *Le Monde*, 05 fev. 2009, p. 1.

Essa ilustração⁹⁰, do dia 05/02/09, remete á mecanização dos trabalhadores e à crise do socialismo marxista, representado pela foice e pelo martelo.

Um traço bastante autoral do *Le Monde*, e que atrai a atenção dos leitores, é o apelo ao ludismo, com a charge publicada na primeira página, “*Le regard de*

⁸⁹ Nossa tradução: Hugo Chávez seria bom presidente para toda a vida

Referendo – Venezuelanos votarão domingo sobre a possibilidade dos políticos se candidatarem quantas vezes quiserem. Interessado principal: o presidente Hugo Chávez.

⁹⁰ Nossa tradução: Dossiê: o liberalismo em questão(s). Marx e a nova crítica social. As aventuras da razão neoliberal.

Plantu". Além dos temas atuais, da ironia com os personagens políticos da França e do mundo, a charge é colorida e alegre, dando leveza ao jornal. Vejamos dois exemplos de charges dos nossos *corpora*. Uma sobre a briga entre o prefeito e o presidente de Madagascar e as manifestações dos dois lados, dia 04/02/09:

Le regard de Plantu



FIGURA 80 - Charge, briga entre políticos

Fonte: *Le Monde*, 04 fev. 2009, p. 1.

A segunda charge, do dia 05/02/09, trata do anúncio da montadora Citroën sobre a produção do DS, carro oficial do general De Gaulle. Sarkozy desfila no carro, mas De Gaulle diz que a França precisa é do retorno da confiança.

Le regard de Plantu

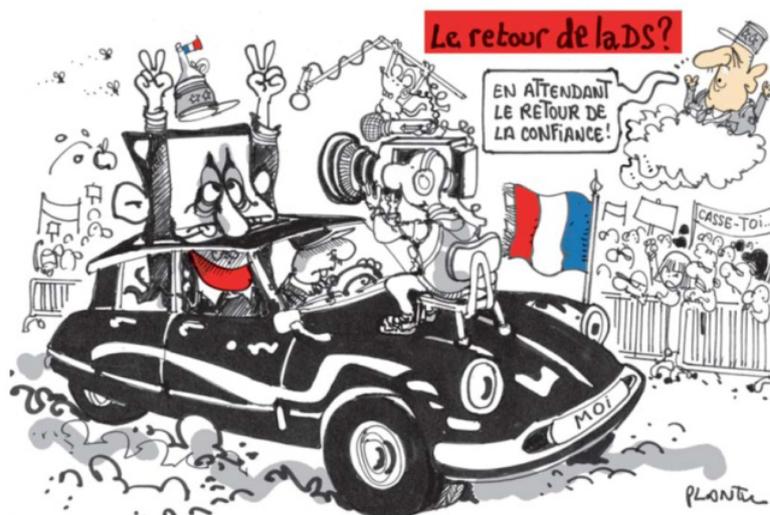


FIGURA 81 - Charge, Sarkozy

Fonte: *Le Monde*, 05 fev. 2009, p. 1.

Le Monde apresenta, na sua primeira página, no espaço denominado “*Demain dans Le Monde*”⁹¹, duas chamadas para matérias da edição do dia seguinte. Uma forma de instigar os leitores a continuarem a consumir o jornal. Vamos ver o exemplo do dia 10/02/09:⁹²

Demain dans *Le Monde*

Enquête Iran : la révolution a trente ans. Des vétérans se confient au *Monde*.

Débats Un texte collectif contre la réforme engagée de la formation des enseignants.

FIGURA 82 - Chamadas para o dia seguinte, primeira página do *Le Monde*

Fonte: *Le Monde*, 10 fev. 2009, p. 1.

A publicidade também está presente no *Le Monde*. Aparecem promoções realizadas pelo jornal, nas quais o leitor compra uma edição e, com mais algum dinheiro, leva a promoção (compra casada), e anúncios feitos por agências publicitárias comuns.

As promoções do próprio jornal aparecem no alto da primeira página. No primeiro exemplo, FIG. 83, um DVD com filmes clássicos:



FIGURA 83 - Chamada promocional do *Le Monde*

Fonte: *Le Monde*, 1 fev. 2009, p. 1.

No segundo exemplo, uma coleção de revistas sobre *Design*



FIGURA 84 - Chamada promocional do *Le Monde*

Fonte: *Le Monde*, 7 fev. 2009, p. 1.

⁹¹ Nossa tradução: *Amanhã no Le Monde*

⁹² Nossa tradução: Inquérito - 30 anos de revolução do Irã. Veteranos confidenciam no *Monde*. Débats - Um texto coletivo contra a reforma iniciada para a formação de professores.

A publicidade externa no *Le Monde* tem destaque no canto direito inferior. Os produtos são da área cultural e os anúncios mantêm as cores sóbrias do jornal e se aproximam da sua linha editorial. Os produtos culturais são DVDs exclusivos, edições comemorativas de revista, filmes selecionados para festivais e livros premiados. Vejamos os exemplos de anúncios de livros e revistas:

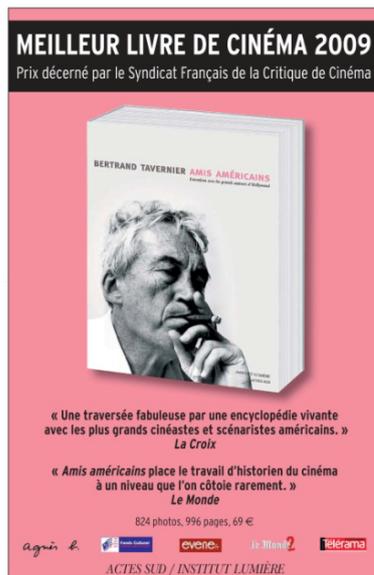


FIGURA 85 - Chamada publicitária do *Le Monde*

Fonte: *Le Monde*, 1 fev. 2009, p. 1.

O primeiro, acima, é o livro premiado *Amis américains*, sobre cinema, que, segundo a crítica estampada na publicidade e retirada do próprio *Le Monde*, coloca a história do cinema num nível raro.

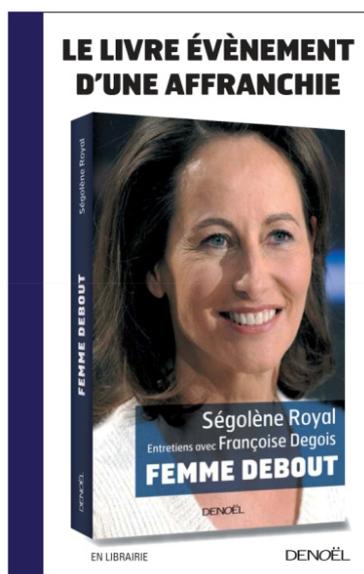


FIGURA 86 - Chamada publicitária do *Le Monde*

Fonte: *Le Monde*, 6 fev. 2009, p. 1.

O segundo livro, *Femme Debout* é uma entrevista com a ex-candidata socialista à Presidência da República, Ségolène Royal, que, segundo a crítica do próprio anúncio, é um evento libertador.

Os filmes anunciados têm características de obras de arte. O primeiro exemplo abaixo *Puisque nous sommes nés*⁹³ é de um filme apresentado no festival de Veneza. O segundo, *Of Time and The City*⁹⁴ foi apresentado no festival de Cannes, com a crítica de que é o melhor filme britânico dos últimos anos, audacioso, original e exultante, uma obra de arte, segundo os jornais citados no anúncio.

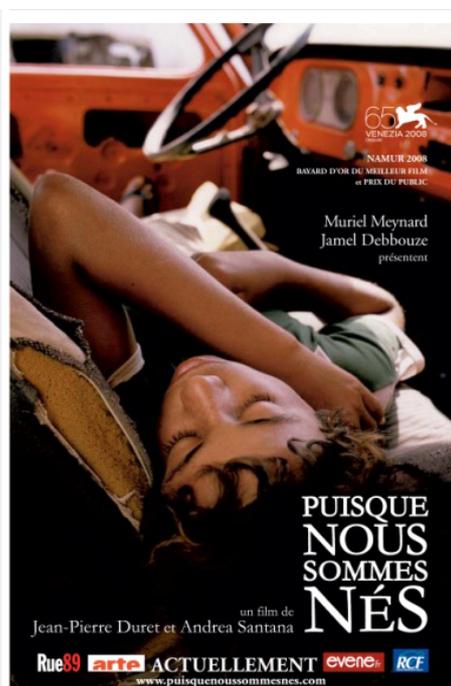


FIGURA 87 - Chamada publicitária do *Le Monde*
Fonte: *Le Monde*, 7 fev. 2009, p. 1.

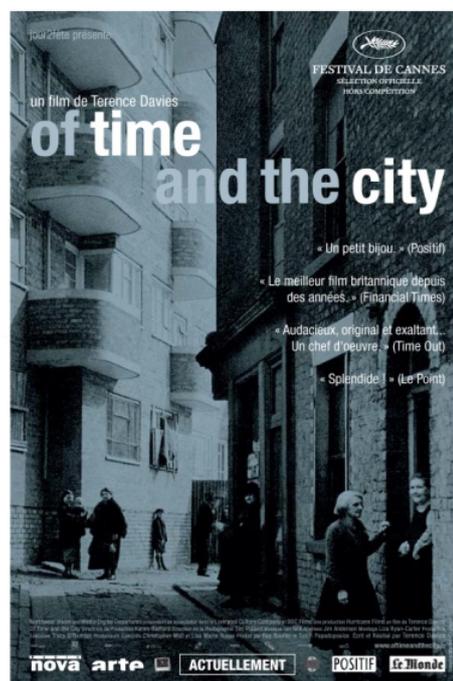


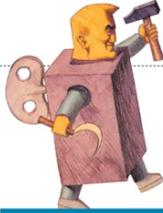
FIGURA 88 - Chamada publicitária do *Le Monde*
Fonte: *Le Monde*, 5 fev. 2009, p. 1.

Estes elementos juntos - títulos, fotos, charges, publicidades e texto - vão constituir a captação do *Le Monde*:

⁹³ Desde que nascemos

⁹⁴ Do tempo e da cidade

Le Monde



« Le Monde des livres »

Dossier: le libéralisme en question(s)

► Marx et la nouvelle critique sociale

► Les aventures de la raison néolibérale



La Comédie humaine
Balzac
« La Recherche de l'absolu »
Tome 23
9,90 € en plus du « Monde »
Uniquement en France métropolitaine

Vendredi 13 février 2009 - 65^e année - N°19923 - 1,30 € - France métropolitaine - www.lemonde.fr -

Fondateur : Hubert Beuve-Méry - Directeur : Éric Fottorino

Recrudescence des homicides en Corse

Banditisme En 2008, pas moins de 28 homicides ou tentatives ont été dénombrés sur l'île de Beauté. Plusieurs membres supposés du groupe de la Brise de mer ont été victimes de tueurs très professionnels. **Page trois**

Chine : un barrage à l'origine du séisme du Sichuan en 2008 ?

Sismologie Nombre d'experts pointent la responsabilité d'un barrage hydroélectrique dans ce tremblement de terre qui a fait 88 000 morts. **P. 4**

Quand le peintre De Chirico était tenté par le réalisme

Rétrospective Une exposition à Paris révèle des toiles inconnues du maître italien (1888-1978). Un De Chirico qui se laisse aller au réalisme, au criard, au chromo, en totale liberté. **P. 20**



Affaiblis, plusieurs ministres s'essoufflent

► Education : Xavier Darcos et Valérie Pécresse sont en mauvaise posture
► Des médiateurs ont été nommés dans les dossiers les plus chauds

Noyés. Les ministres chargés des plus lourds dossiers du moment ne sont pas à la fête. Parlent-ils ? Ils sont inaudibles ou accusés de mensonge ou de non-dits révélateurs. Se taisent-ils ? Leur mutisme se retourne contre eux. Le phénomène n'est pas nouveau, mais il connaît un regain d'intensité inédit avec le développement exponentiel de l'internet. Les plus touchés : les ministres de l'éducation et de l'enseignement supé-

rieur, Xavier Darcos et Valérie Pécresse. Ils sont empêtrés dans leurs réformes, en cours ou projetées. A tort ou à raison, ils sont jugés incapables de distinguer critiques argumentées et réflexes corporatistes, quand ils existent. Ils découvrent tardivement qu'une partie des fonctionnaires qui dépendent d'eux sont en proie à la lassitude ou à la souffrance sociale. Ils ne sont pas seuls : il y a belle lurette que la parole ou les silences de la ministre

de la justice, Rachida Dati, sont dénoncés. Le secrétaire d'Etat à l'outre-mer, Yves Légo, flanqué de médiateurs pour sortir de la crise antillaise, n'est pas non plus en excellente posture.

Cette liste de ministres qui ne cesse de s'allonger, faudra-t-il ajouter bientôt le nom du chef de l'Etat ? Les effets mitigés de sa prestation télévisée, jeudi 5 février, autorisent à poser la question. **Lire pages 10, 18 et 19**

Le « non » des actionnaires de Fortis à BNP Paribas fragilise le gouvernement belge

► Un assureur chinois, détenteur de 5 % du capital, a mené la fronde

Le scénario qui effrayait les autorités belges s'est réalisé, mercredi 11 février : dans une ambiance électrique, l'assemblée générale des actionnaires de Fortis a rejeté la vente à la banque française BNP Paribas de 75 % de Fortis Banque. Ils se sont également opposés à la nationalisation des activités néerlandaises, comme à la vente de 50 % des actions, plus une, à l'Etat belge.

Le refus des actionnaires d'avaliser le plan d'adossement conçu par l'Etat, pour privilégier l'indépendance de la banque, a fait l'effet d'une bombe en Belgique. Alors

que le secteur bancaire mondial poursuit sa descente aux enfers, le gouvernement s'interroge sur la capacité de Fortis à faire face seule. Et à préserver l'emploi des 60 000 salariés que compte la banque en Europe, dont 1 700 en France.

Le gouvernement belge s'est réuni en urgence, mercredi soir, pour analyser les conséquences de ce vote protestataire. L'Etat belge, qui avait sauvé Fortis du naufrage en octobre 2008, va devoir renégocier 100 % du capital, va devoir renégocier l'ensemble de l'accord qu'il avait mis au point. Acquis d'extrême justesse à l'issue d'une

assemblée extrêmement houleuse, le triple « non » des actionnaires est notamment dû à l'assureur chinois Ping An, qui détient 5 % des actions. S'estimant spolié par les conditions de la vente, Ping An est parvenu à fédérer de nombreux petits investisseurs.

Ce revirement crée un véritable imbroglio politico-économique. Le premier ministre français, François Fillon, devait s'entretenir, jeudi 12 février, à Bruxelles, avec son homologue belge, Herman Van Rompuy.

Anne Michel et Jean-Pierre Strootmans **► Lire la suite page 14**

Le président du Soudan va être l'objet d'un mandat d'arrêt

New York (Nations unies)
Correspondant

Les juges de la chambre préliminaire de la Cour pénale internationale (CPI) ont décidé d'émettre un mandat d'arrêt contre le président soudanais, Omar Al-Bachir, a-t-on appris, jeudi 12 février, auprès de sources diplomatiques, pour les crimes commis au Darfour, ou, selon l'ONU, près de 300 000 personnes ont péri depuis 2003.

Le procureur de la CPI, Luis Moreno-Ocampo, avait réclamé le mandat d'arrêt le 14 juillet 2008 pour dix chefs d'accusation de crimes de guerre, de crimes contre l'humanité et de génocide. Selon un diplomate proche du dossier, les trois juges ont retenu les deux premières charges, sans s'accorder sur l'accusation de génocide, plus complexe à prouver.

D'après des sources concordantes, les juges de la CPI n'ont pas officiellement arrêté leur décision et ne l'ont pas communiquée à l'ONU. Ils n'ont pas même annoncé la date à laquelle l'annonce serait rendue publique. Mais plusieurs sources au sein de la CPI confirment que le mandat d'arrêt sera délivré dans les prochains jours, vraisemblablement avant la fin du mois. Les juges ont notamment demandé la liste des pays dont la coopération sera sollicitée pour arrêter le président soudanais, qui fera, de fait, l'objet d'un avis de recherche si le refus de se livrer à la Cour.

Une fois sous le coup d'un mandat d'arrêt de la CPI, M. Al-Bachir deviendra le quatrième président en exercice à être poursuivi par la justice internationale, après les présidents serbes, Slobodan Milosevic et Milan Milutinovic, et le président libérien, Charles Taylor.

Philippe Bolopion **► Lire la suite page 6**

Le regard de Plantu

« Il n'y a pas d'amour sans preuves d'amour. Et des preuves d'amour à la communauté universitaire, nous en donnons tous les jours. » Valérie Pécresse



A Douai, les premiers pas d'un prisonnier

Johann est chauffeur routier. Condamné le 17 octobre 2008 à dix-huit mois de prison, notamment pour violences volontaires, il a été admis à la maison d'arrêt de Douai (Nord) quelques semaines plus tard. L'administration a accepté qu'un envoyé spécial du Monde l'accompagne durant sa première journée de détention. Douai n'est pas la pire des prisons. Bien au contraire. C'est un site-pilote dont

Reportage
le quartier « arrivants » bénéficie d'un label de qualité délivré par un organisme indépendant. Cela n'empêche pourtant pas cette journée d'être particulière. « Je veux pas mourir ici ! », confie Johann au lieutenant qui le reçoit et l'interroge sur d'éventuelles tendances suicidaires. Pour réduire ce risque, les nouveaux arrivants sont systématiquement placés « en doublette » durant les dix premiers jours de détention. Ensuite, ils rejoignent les autres détenus. Ils sont 610 pour 386 places. **Lire page 17**

Demain dans Le Monde

« Le Monde 2 » Dossier : Les Gaulois, pas si rustres. Portfolio : Soldates de choc au Yémen. Archives : La Cagoule ou le fascisme à la française dans les années 1930.

Débats Martin Winckler et la « caste hospitalo-universitaire ». **Controverse** Pourquoi la culture française s'exporte si mal, par Olivier Poivre d'Arvor.

« Ma souffrance de fille m'asphyxiait, je devins instinctivement féministe »
Gisèle Halimi
PLON
www.plon.fr

FIGURA 89 - Primeira página do Le Monde

Fonte: Le Monde, 13 fev. 2009, p. 1.

Neste capítulo, vimos que, para conseguir a atenção dos leitores, um dos objetivos da primeira página, os jornais investem nas estratégias de legitimidade, credibilidade e captação.

Como estratégias de legitimidade os dois jornais usam os mesmos recursos: o estatuto jurídico do jornal e as personalidades jornalísticas, políticas e científicas que escrevem no jornal.

Quanto a estratégias de credibilidade, os jornais começam a apresentar diferenças. A *Folha* apóia-se em dados, números, percentagens e institutos oficiais de pesquisa, inclusive o seu, o *DataFolha*. A *Folha* também usa as fotos como prova de credibilidade.

Já *Le Monde* constrói a credibilidade com mais explicações dos fatos e suas consequências. O jornal francês tem mais testemunhos, investigação e análise dos documentos. Os dados numéricos são mais raros, bem como o uso de institutos de pesquisa. As fotos são apenas para ilustrar personagens das matérias.

Os principais elementos de captação da primeira página da *Folha* são os títulos, as fotos, as chamadas exclusivas e as publicidades. Os títulos são muito informativos, utilizam verbos no presente e deixam o leitor ciente do tema e da novidade dele. As fotos são muito valorizadas, coloridas e servem para ilustrar e informar.

Os títulos do *Le Monde* já indicam ao leitor o aspecto que será analisado na matéria. O título não dá as informações básicas ao leitor, mas instiga-o a pensar sobre alguns aspectos do tema. Quanto às fotos, o *Le Monde* é bastante discreto, apresentando-as apenas no cabeçalho do jornal, normalmente com imagem do personagem que será apresentado. Além das fotos, o jornal usa ilustrações, também na parte superior da primeira página. Algumas chamadas também fazem apelo patético, com dramas do cotidiano, histórias de personagens e situações comoventes. As charges fazem o apelo lúdico, dando um toque de ironia e humor à *L'UNE*. O jornal traz ainda as pequenas chamadas para as notícias do dia seguinte, tentando provocar o desejo de ler o próximo número.

Para captar leitores, a *Folha* apela mais para o uso das cores fortes, fotos-manchete e títulos informativos, que enfocam a novidade, enquanto o *Le Monde* apela para cores sóbrias, fotos pequenas e ilustrativas, títulos mais explicativos e

chamadas que analisam os acontecimentos. Os dois usam a dramatização (fotos na *Folha* e histórias no *Le Monde*). O *Le Monde* usa o ludismo com ilustrações e charge diária e a *Folha*, com algumas ilustrações.

A publicidade aparece nos dois jornais anunciando promoções próprias ou veiculando anúncios produzidos por agências publicitárias. As promoções se parecem, mas os anúncios são bem diferentes. O contrato de comunicação dos jornais precisa manter-se com seus leitores, mesmo tendo aberto espaço para a publicidade na primeira página, ou seja, a identidade, a finalidade e o propósito precisam ser respeitados pelas agências publicitárias. A publicidade de promoção passa a funcionar como argumento de vendas. Na compra de um jornal, ganhe um DVD, etc. Essa compra casada requer que o jornal aumente seu público leitor e, para isso, popularize suas notícias, torne-as mais domésticas, próximas dos leitores e de fácil compreensão. Esse fenômeno publicitário não é vivenciado apenas pela *Folha de S. Paulo*, mas também pelo antes tradicional *Le Monde*.

As promoções estão inseridas na primeira página como se fossem uma notícia, harmonizada na diagramação. A promoção da *Folha*, no período analisado, foi de livros sobre os *Grandes Fotógrafos*. Cada domingo um tema diferente, como grandes fotógrafos de guerra e de cinema. Já o anúncio foi sempre da mesma marca de carro, com textos que completam a ideia de informação jornalística e conquistam o público-alvo do jornal.

As publicidades no *Le Monde* também são de promoção interna e o anúncio externo. As promoções aparecem no alto do jornal e são mais diversificados. Nos dias analisados, temos promoções de coleções de três livros e DVD. Os anúncios aparecem no canto inferior do jornal, com cores discretas e, normalmente, reproduzem um cartaz de peça de teatro, a capa de um livro, de CD, ou um cartaz de filme. Todos os anúncios do nosso *corpus* são de produtos culturais, voltados para o público do *Le Monde*.

Vamos partir, nos próximos capítulos, para a análise dos modos discursivos enunciativo e argumentativo, nos documentos de nosso *corpus*, seguindo os passos do que preconiza a Teoria analítico-discursiva de Charaudeau.

6 O MODO DISCURSIVO ENUNCIATIVO

De acordo com a finalidade dos sujeitos comunicantes, nesse caso os jornalistas, a instância de produção dos jornais escolhe maneiras de apresentar o acontecimento, ou seja, alguns procedimentos discursivos, optando por modos de organização do discurso e categorias da língua que mais atendam às suas intenções. Esses modos de organização do discurso são a materialidade do texto colocado na cena pública. Eles podem ser mais argumentativos, narrativos, descritivos ou enunciativos. Essas escolhas indicam se o jornal, por exemplo, quer apresentar seu ponto de vista de maneira mais enfática, se pretende emocionar o leitor, se quer convencer o leitor com argumentos lógicos ou mostrar-se como neutro numa descrição de evento.

O modo enunciativo é o que compõe a cena do discurso, evidenciando os papéis languageiros dos interlocutores envolvidos numa troca de comunicação. O modo enunciativo revela a relação entre os parceiros da troca comunicativa, no caso, a empresa jornalística e os jornalistas, construtores da primeira página do jornal e os leitores. Esse modo coloca o sujeito enunciador em cena, numa dada relação e numa perspectiva ou ponto de vista.

Neste capítulo abordaremos o modo enunciativo da *Folha de S. Paulo* e do *Le Monde*, a partir do *corpus* selecionado.

6.1 O modo enunciativo da primeira página da *Folha de S. Paulo*

O jornal *Folha de S. Paulo* apresenta uma maneira própria de ligar-se ao público leitor. Na maioria das chamadas de primeira página, o jornal assume uma distância objetiva e coloca-se como observador da situação que o jornal apenas descreve.

Outro aspecto da enunciação é o padrão da *Folha* de apresentar a primeira página com chamadas mais informativas e objetivas, evitando, inclusive, dar os nomes dos jornalistas que produzem as matérias. Assim, a empresa jornalística

Folha de S. Paulo torna-se a voz oficial do jornal, apresentando as notícias de forma mais distanciada. A identidade enunciativa da primeira página da *Folha* está marcada por esta regularidade nas suas chamadas, por não destacar seus repórteres ou convidados e dar mais espaço às chamadas em que o próprio jornal assume a voz de observador dos acontecimentos. Essa distância acontece nas chamadas mais informativas, o que Charaudeau (2006a, p. 151) classifica como Acontecimento Relatado.

O GRAF. 4 compara o número total de chamadas da primeira página, 229, com aquelas que são assinadas por jornalistas ou articulistas, 36, no período de primeiro de fevereiro a 15 de fevereiro de 2009.

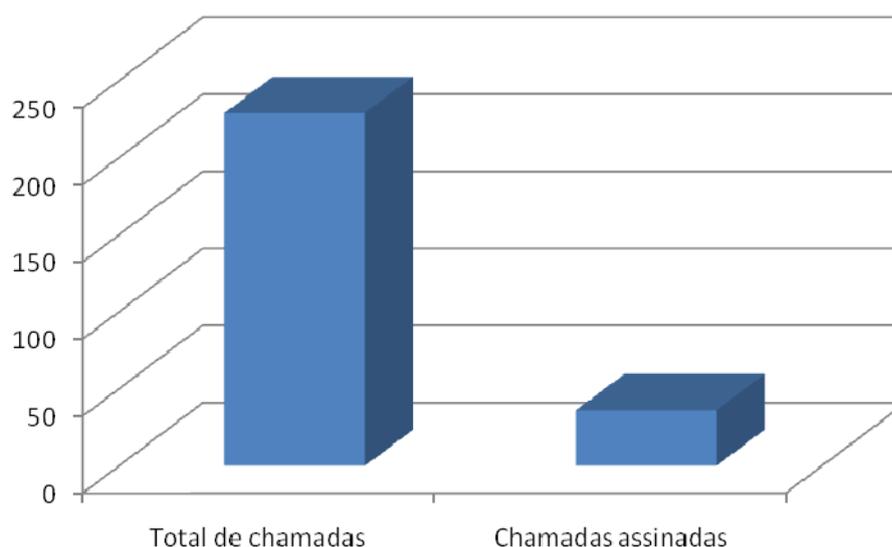


GRÁFICO 4 - Número de chamadas na primeira página da *Folha de S. Paulo*

Fonte: elaborado pela autora, 2011.

Vejamos um exemplo de Acontecimento Relatado, na chamada sobre crédito para veículos usados, em que o jornal repassa ao leitor uma decisão do governo:

Lojas de veículos usados receberão do FAT R\$ 200 mi

O governo deve fechar na próxima semana o primeiro acordo para criar uma linha de crédito com dinheiro do Fundo de Amparo ao Trabalhador atrelada à garantia de emprego. O acerto beneficiará revendas de carros usados, que poderão dispor de R\$ 200 milhões. (*Folha*, 03/02/09).

Vejamos outra chamada, que representa um distanciamento do jornal, quando apenas relata o ocorrido, trazendo a voz de um boletim oficial da polícia:

Balas perdidas matam 1 e ferem 4 em São Paulo

Tirroteio durante tentativa de assalto contra dois PMS à paisana que trafegavam de moto na zona sul de São Paulo matou um mecânico parado no mesmo semáforo.

Além dos PMS, ficaram feridos dois pedestres e dois passageiros de um ônibus, atingidos por balas perdidas. Os bandidos fugiram. (*Folha*, 06/02/09).

Assim, o jornal aparentemente, apenas informa os dados fornecidos pela polícia e não acrescenta nenhuma análise passa para o leitor. A maneira menos usual na primeira página é a chamada assinada, que pode aparecer de duas maneiras. Na primeira, o jornalista ou convidado assina no alto da chamada, como nos exemplos a seguir: no dia 08 de fevereiro, em que o jornalista Marcelo Ninio, enviado especial a Jerusalém, assina; no dia 11 de fevereiro, em que os jornalistas aparecem no meio da chamada; e no dia 09 de fevereiro de 2010, quando a senadora Marina Silva assina seu artigo.

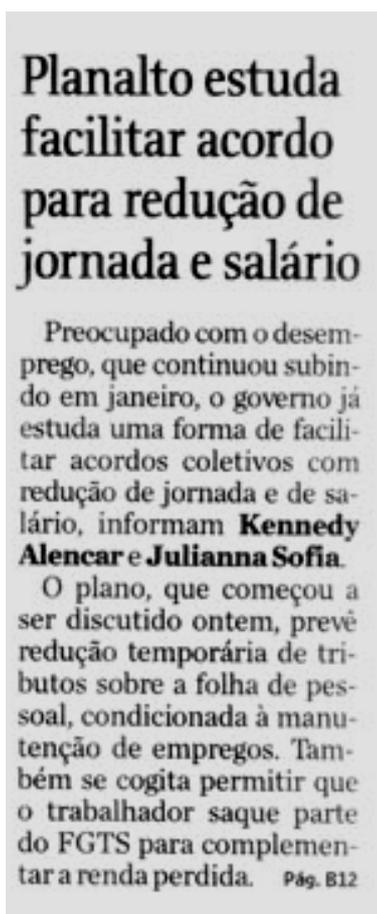


FIGURA 90 - Chamada assinada da *Folha de S. Paulo*

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 11 fev. 2009, p. 1.



FIGURA 91 - Chamada assinada da *Folha de S. Paulo*

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 08 fev. 2009, p. 1.



FIGURA 92 - Chamada assinada da *Folha de S. Paulo*

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 09 fev. 2009, p. 1.

A *Folha*, às vezes, também abre espaço para que as opiniões apareçam de forma mais explícita, tanto as do jornal quanto as de comentaristas e convidados esporádicos, que constroem a opinião e a análise. No Acontecimento Comentado, o porquê e o como dos acontecimentos são destacados, as explicações e pontos de vista de especialistas aparecem e, por vezes, o próprio jornalista justifica seu posicionamento. A *Folha* apresenta uma denúncia do Ministério Público Estadual sobre fraudes nas licitações da merenda escolar em São Paulo:

Promotora investiga fraude na merenda

O Ministério Público Estadual investiga a existência de conluio entre empresas de merenda escolar para fraudar licitação feita pela Prefeitura de São Paulo em maio de 2007, na gestão de Gilberto Kassab (DEM). As prestadoras do serviço terceirizado têm recebido do município, desde então, mais de R\$ 200 milhões por ano. Órgão que fiscaliza merenda também aponta irregularidades na qualidade dos alimentos. (*Folha*, 05/02/09).

Aqui, o correspondente Marcelo Ninio escreve sua opinião sobre a situação entre Israel e Palestina:

Palestinos e Israel vivem momento de desconfiança mútua

Em conversas com palestinos e israelenses, a desconfiança mútua dá o tom. É raro alguém capaz de analisar o conflito pelo prisma do outro. Gaza ampliou esse fosso.

Entre os palestinos, cresceu o apoio ao Hamas; entre os israelenses, a guerra só seria mais popular se tivesse durado mais tempo. (*Folha*, 07/02/09).

O jornal também abre espaço para que personalidades e especialistas escrevam suas opiniões sobre diversos fatos. Para Charaudeau (2006a, p. 151), a presença da opinião de especialistas revela um engajamento com a instância externa do jornal. O jornal *Folha de S. Paulo* apresenta-se como plural em sua política editorial. A primeira página, a rigor, deve demonstrar esse nível de pluralidade de vozes e os pontos de vista do jornal.

No exemplo abaixo, o político César Maia fala de democracia

Democracia está amputada se não há fiscalização por parte do Legislativo

O processo de construção institucional, aberto em 1988, começou a ruir com o avanço das reformas econômicas sobre a ordem do dia. Há uma década as contas dos presidentes e os vetos presidenciais não são votados. Ou seja, inexistente a função fiscalizadora do Legislativo. Sem sua vértebra institucional básica, a democracia está amputada. (*Folha*, 14/02/09).

A opinião do jornal torna-se mais clara quando é expressa em algumas notícias e principalmente nos editoriais. O jornalista político Fernando Rodrigues assina a chamada que critica as alianças do presidente Lula:

Lula promove renascimento do PMDB

Lula completa hoje uma obra relevante de mandato: o renascimento do PMDB. De lambuja, aprofunda submissão do PT. Desde Collor, o PMDB não mandava tanto.

O partido atual é igualzinho ao de 16 anos atrás. Está apenas com mais apetite. (*Folha*, 02/02/09).

Segundo Charaudeau (2006a, p. 151), o editorial estaria mais engajado com a instância interna de produção do jornal. Todos os dias, a *Folha* publica dois editoriais. Como exemplo de editorial sobre o tema político, no dia 15 de fevereiro, tratou-se sobre *PACs e palanques*, comentando o marketing de pacotes econômicos do governo. Na área de economia, podemos exemplificar a opinião do jornal no dia 14 de fevereiro, com o editorial “Estágio em queda”, acerca do desestímulo legal aos estágios no Brasil. Opinando na editoria internacional, a *Folha* escreveu, no dia 05 de fevereiro: *O ocaso das Farc*.

Já o Acontecimento Provocado são as entrevistas, debates ou eventos em que o jornalismo promove o confronto de ideias. A *Folha* apresenta uma série de entrevistas no dia 2 de fevereiro sobre arquitetura, economia, cinema e política:

(+) ENTREVISTAS

Oscar Niemeyer
 'Tombamento de Brasília é uma besteira; as cidades acabam sendo modificadas' PÁG. A13

Henrique Meirelles
 'Problema de liquidez está normalizado no Brasil e país deve sair da crise mais cedo' PÁG. B3

Daniel Radcliffe
 'Não há nada mais divertido do que ser um garoto de 13 anos e fazer Harry Potter' PÁG. C14

Margarita López Maya
 'Chávez avançou no social em dez anos, mas governo e Estado agora se confundem' PÁG. D8

FIGURA 93 - Chamada de Acontecimento Provocado da *Folha de S. Paulo*

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 02 fev. 2009, p. 1.

Apesar de serem mais objetivos e distantes, percebe-se que os jornalistas buscam, às vezes, uma cumplicidade com os leitores. Essa cumplicidade é

construída de forma sutil e mais esporádica na *Folha*. Vejamos o exemplo do enviado à Faixa de Gaza, Rafael Gomide, descrevendo a situação no local:

Túneis de Gaza viram negócio rentável e vital

O ar é pesado e a respiração tem gosto de terra. São 1800 túneis que ligam a faixa de Gaza ao Egito. Não é reconfortante saber que se está dentro de um alvo potencial dos israelenses. Por causa do bloqueio, até comida e moto são contrabandeados por túneis. (*Folha*, 01/02/09).

O modo enunciativo também nos deixa perceber as diversas vozes que circulam, explicitamente ou na, na primeira página. Apesar de apresentar diversas vozes e discursos sobre os temas, é possível observar uma regularidade do ponto de vista do locutor nas chamadas do jornal e mapear suas enunciações.

O mais recorrente ponto de vista da *Folha de S. Paulo*, em sua primeira página, é o do mercado. Bancos, empresas, investidores e consumidores estão muito presentes na *Folha*. Os assuntos que envolvem economia, inclusive o mercado de trabalho, as ações do governo e os reflexos da crise econômica, são os principais temas da primeira página, que têm um enfoque de mercado, ou seja, o ponto de vista da enunciação é a favor do desenvolvimento da economia, sem interferência estatal, e da livre negociação entre trabalhadores e empresários. São 49 chamadas que tratam o assunto na perspectiva do mercado. Vamos ver alguns exemplos.

No dia 4 de fevereiro de 2009, a manchete é: “Indústria tem maior queda desde 91”. A chamada dá os números da queda, comparando-os aos de anos anteriores e indicando quais os setores industriais mais afetados pela crise. Nessa mesma página, num artigo assinado pelo jornalista Vinicius Torres Freire, lemos: “O desmaio industrial foi de grandeza semelhante aos piores momentos da nossa história econômica - como o confisco de Collor, em 1990, ou a crise do início dos anos 1980”. No dia 11 de fevereiro, o destaque foi para a queda das bolsas, que reagiram mal ao plano anunciado pelo presidente americano. A chamada informa que o plano de Obama não dá as respostas que o mercado esperava. No dia 13 de fevereiro, a manchete principal foi para os juros bancários, justificados pela crise de crédito e necessidade de os bancos se prevenirem de calotes. No jornal do dia seguinte, a manchete insistiu nesse assunto: “Calote nas empresas dispara nos EUA”. As empresas, segundo a notícia, não estão honrando seus compromissos e algumas estariam se desfazendo de seus patrimônios para renegociar dívidas.

Na área econômica, a *Folha* coloca-se como porta-voz da não intervenção estatal. No dia 2 de fevereiro, por exemplo, o colunista Clóvis Rossi critica o encontro de Davos e o quanto a demanda do Estado tem chocado pessoas do mercado e dos governos. Na chamada do dia 3 de fevereiro, “Críticos avaliam que o governo está assumindo função que deveria ser do setor privado”, referindo-se aos empréstimos do BNDES. Também nesse dia há uma referência às medidas que o governo deve tomar contra os países que estão adotando políticas protecionistas. Um editorial e um debate promovido pela *Folha* entre dois especialistas - Francis Fukuyama e Luiz Felipe Alencastro - iria discutir o protecionismo, chamado de desglobalização pelo jornal, no caderno *Mais!*. O mercado, segundo a *Folha*, não pode aceitar o protecionismo que prejudica a economia globalizada.

Sobre a relação entre trabalhadores e empresas, a *Folha* traz uma série de dados, em chamadas diferentes, defendendo a livre negociação. No dia 5 de fevereiro, por exemplo, diz que a crise impede que as empresas deem reajustes reais. “Clemente Lúcio, diretor do Dieese, afirma que a pauta dos sindicatos deve migrar da defesa de reajustes maiores para a manutenção do emprego. Os empresários argumentam que a crise reduziu seus ganhos e gera incertezas”. Além disso, as chamadas econômicas falam sempre em desemprego e demissões no mundo inteiro. No dia 10 de fevereiro, outra manchete sobre os efeitos da crise na indústria: “Crise provoca maior corte na indústria em 8 anos”. A notícia apresenta dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e finaliza dizendo que, desde o início da crise, estão ocorrendo acordos de flexibilização de salários e jornadas de trabalho no estado de São Paulo. Numa manchete do dia 9 de fevereiro, a *Folha* traz: “Desemprego atinge 31% dos lares de SP. DataFolha revela que 47% aceitariam reduzir salário para manter vaga e 19% culpam o governo federal por cortes”. Ainda em relação aos trabalhadores, a *Folha* apresenta classificados de vagas de empregos e discute algumas questões periféricas, como a alimentação saudável no escritório.

Há apenas uma chamada em nosso *corpus* que traz outra posição, no dia 2 de fevereiro de 2009, sobre o encontro do Fórum Mundial Social, com uma foto e a legenda: “Agenda Alternativa: participantes da ‘assembleia das assembleias’, evento que encerrou o Fórum Social Mundial, em Belém (PA), e definiu agenda de mobilização para 2009; protestos tentarão influenciar os governos a adotarem alternativas às políticas neoliberais”.

Outro grupo social de que a *Folha* se faz porta voz é o de consumidores. O jornal escreve do ponto de vista deles, divulgando, por exemplo informações sobre: os tipos de reclamações que o Programa de orientação e Proteção ao Consumidor (Procon) mais recebe; os *call centers*; as lipoaspirações, líderes em processos contra médicos; a redução de juros da Caixa Econômica para pessoas físicas; o Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar), que vai elevar o rigor em publicidade para crianças; os juros bancários brasileiros, que são os mais altos do mundo; os melhores pacotes turísticos para o carnaval; a lista dos melhores vinhos e as reprovações aos planos de saúde em avaliação. Esses são alguns temas tratados do ponto de vista de quem compra produtos e serviços. O jornal sempre pauta matérias de denúncias e pesquisas de preços, além de tentar ajudar o leitor/consumidor a tomar decisão na hora de comprar produtos ou contratar serviços.

Quanto aos temas políticos nacionais, o jornal tem uma tendência a ressaltar aspectos negativos da política e dos políticos, com um ponto de vista crítico em relação a esse assunto. As vozes que aparecem nesse caso são, geralmente, de oposição aos governos de São Paulo, ao Governo Federal e de crítica em relação ao Congresso e seus membros, em nome da ética e da cidadania.

Por exemplo, no dia 2 de fevereiro, a Prefeitura de São Paulo é acusada, pelo colunista Élio Gáspari, de não cobrar Impostos do Jockey Club. Para o colunista, a situação seria inaceitável, caso fosse o devedor um cidadão comum.

Outra denúncia, no dia 6 de fevereiro, dá conta de que o shopping Bourbon, de São Paulo, paga Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU) apenas do terreno e não da área construída.

Nos dias 5 e 7 de fevereiro de 2009, o jornal traz duas chamadas e um editorial sobre a corrupção envolvendo a distribuição de verbas de merendas escolares na Prefeitura de São Paulo. O prefeito Gilberto Kassab é citado, bem como os órgãos fiscalizadores da Prefeitura. A principal suspeita, a diretora técnica do Departamento de Merenda Escolar, é afastada do cargo. O jornal chama o episódio de cartel da merenda. Segundo o jornal, além do desvio de verbas, a qualidade da merenda é questionada pelo Ministério Público.

O governo do estado de São Paulo também é alvo de críticas, ainda que mais leves. A primeira, do ponto de vista dos cidadãos que circulam no estado de São

Paulo, é sobre a proposta, do então governador José Serra, de criar um pedágio entre as cidades metropolitanas de São Paulo. Segundo o jornal, essa medida afetaria as rodovias. Diante das críticas, o jornal noticia que Serra retira a proposta da Assembleia Legislativa.

A outra crítica é sobre educação, do ponto de vista dos alunos. O governo Serra não enviara projeto de lei para criação de novas vagas para professores e as aulas tiveram que ser adiadas duas vezes em fevereiro. Além disso, a nota da prova para seleção de professores não seria usada para contratação. Com isso, segundo o jornal, cerca de 1500 professores que tiraram zero iriam lecionar. A foto e a legenda mostram a perspectiva do aluno, no dia 12 de fevereiro de 2009:



FIGURA 94 - Foto chamada, crise na educação

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 12 fev. 2009, p. 1.

Na foto legenda, o aluno, pronto para começar suas atividades, vê o aviso na parede sobre o adiamento das aulas, mais uma vez.

Há apenas uma chamada positiva, dizendo que o governo Serra anunciou pacote de investimentos econômicos para diminuir o impacto da crise no estado de São Paulo. Assim, o mercado aparece como foco mais uma vez na *Folha*.

Também o Legislativo é retratado em seus aspectos mais negativos. O jornal assume o papel de analisar e denunciar, aos cidadãos, os acontecimentos fraudulentos ou duvidosos dos deputados. Os primeiros fatos relatados, que renderam inclusive um artigo assinado e um editorial, foram as eleições para as

presidências do Senado e da Câmara dos Deputados. O jornal criticou os acordos que levaram o PMDB a assumir as duas casas, ressaltou as intrigas e brigas no processo eleitoral e o apoio do presidente Lula aos peemedebistas.

A *Folha* assume o papel de vigilante, em nome do cidadão, dos atos do Congresso. O cidadão é representado em sua cobrança por ética e bom uso do cargo pelos congressistas.

No dia 5 de fevereiro, um editorial com o título “Encastelados” critica a proposta dos deputados de acabar com a cassação. Já no dia 9 de fevereiro, há uma chamada para falar do caso do deputado que tem um castelo em Minas Gerais e que omitiu a propriedade na declaração do Imposto de Renda, além de ter se apropriado ilegalmente de dinheiro do INSS. No dia seguinte, o deputado declara, em sua carta renúncia ao cargo de corregedor, que foi execrado publicamente e que é alvo de perseguição. Nesse mesmo dia, a senadora Marina Silva assina um artigo e pede que os partidos se unam pela ética na política. Em dois editoriais, a *Folha* pede o fim da impunidade para a corrupção e mais transparência na Câmara.

Quanto ao governo federal, as críticas se dão na direção da economia e da política. Na área econômica, o governo é criticado por fazer investimentos demais através do BNDES, pois isso caberia ao mercado privado, por não controlar os déficits da balança comercial e pelo desemprego. Em editoriais, a *Folha* culpa o governo pelo apagão industrial, por inabilidade de gestão e pelo ensino superior, cada vez mais distante do sonho dos jovens.

Mas há chamadas positivas em relação ao governo federal, quando este incentiva a compra de carros usados, para aquecer o mercado, ou pretende facilitar a compra de imóveis e quando o Banco Central divulga as taxas de juros de todos os bancos.

Na área política, as críticas se restringiram ao destaque que o governo dava à ministra Dilma Rousseff, na época cotada para candidatar-se à Presidência da República na sucessão de Lula. O jornal compara o número de viagens da ministra e conclui que ela viaja mais do que o dobro, comparando com o período de 2008, critica o presidente Lula por promover Dilma e noticia que o Supremo Federal tira Dilma e Tarso do escândalo do dossiê. Além disso, um editorial critica o governo Lula, atribuindo-lhe o título de Lulismo, e uma chamada analisa o resultado da pesquisa de popularidade do presidente, dizendo que, apesar da crise, sua

popularidade continua em alta. Politicamente, o governo Lula é sempre criticado pelo jornal. A voz do jornal é de oposição a Lula.

Na área da cultura, as vozes são mais plurais, apesar de o jornal privilegiar lançamentos de filmes de Hollywood, como *Dúvida* e *O Lutador*, e de apresentar entrevista com o astro do filme Harry Potter. Mas há também temas nacionais, como o carnaval e suas escolas de samba, os desafios dos músicos da Orquestra Sinfônica de São Paulo, as obras de João Gilberto na Internet e o legado de Carmem Miranda. O jornal tem um ponto de vista mais elitista da cultura e a encara como um produto a ser consumido.

A *Folha* traz poucos temas ligados aos direitos humanos individuais. Aqui fala das agressões físicas, tratando-os do ponto de vista das vítimas:

Estudantes são acusados de agressão por morador de rua

Dois estudantes de direito da Universidade Presbiteriana Mackensie, em Campinas, foram parar na delegacia após trote em morador de rua. Ele teve o cabelo e a sobrancelha rapados e disse que foi jogado no chão e agredido com socos e pontapés. Duas testemunhas confirmaram a agressão.

Os alunos, que foram liberados, não comentaram a denúncia. À polícia, negaram as acusações. (*Folha*, 05/02/09).

No exemplo acima, a *Folha* traz a notícia de um acontecimento do estado de São Paulo, mas que ilustra a mesma situação em outras regiões do Brasil.

No dia 11 de fevereiro, a chamada é sobre um aluno calouro da universidade de Leme, no interior de São Paulo, vítima de trote violento. Segundo o aluno, ele foi obrigado a ingerir bebida alcoólica e foi chicoteado. Sem documentos, o aluno foi atendido como indigente no hospital local.

O jornal também pode se apresentar como um sujeito que ouve um grupo social, como no exemplo abaixo, em que os reitores são ouvidos sobre os trotes violentos:

Punição a trote fora do campus divide reitores

Unânicos na defesa de punição a trotes violentos, reitores e ex-reitores ouvidos pela *Folha* divergem sobre como agir quando eles ocorrem fora do campus. Para a associação do setor, a responsabilidade da universidade é dentro dela e em seus arredores. (*Folha*, 15/02/09).

As chamadas sobre violência urbana são sempre elaboradas a partir do ponto de vista da polícia. Há uma foto com a seguinte legenda/chamada:

Guerra Urbana. Barricada na favela Paraisópolis, zona sul de SP; moradores atiraram objetos contra policiais e atearam fogo em carros em protesto, segundo a PM, contra morte de morador anteontem. (*Folha*, 03/02/09).

Outro tema, relacionado aos direitos humanos, trata de uma suposta agressão sofrida por uma imigrante brasileira, na Suíça, de ativistas *skinheads*. O jornal se coloca a favor da moça, inclusive com artigo opinativo assinado por jornalista da *Folha*, para falar sobre a crescente xenofobia na Europa. A matéria saiu no dia 13 de fevereiro.

O jornal também tenta trazer as notícias internacionais a partir do ponto de vista do Brasil. Na cobertura internacional do dia 2 de fevereiro, sobre a libertação dos reféns das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), o título é: “Guerrilha solta reféns com apoio brasileiro”. O título já traz o interesse do Brasil e a chamada ressalta a participação e apoio logístico do Exército brasileiro.

Outra chamada é sobre as ações contra imigrantes, nos EUA, que prejudicariam os brasileiros residentes lá:

Crescem nos EUA ações contra imigrantes

Andrea Murta de Nova York

Do Congresso aos movimentos populares, ativistas anti-imigração encontram na recessão dos EUA novo motivo para seus protestos, mesmo com velhos slogans. A crise econômica oferece a cultura ideal à proliferação de ecos perigosos na sociedade, alertam analistas. Um senador pediu a demissão de trabalhadores estrangeiros da Microsoft. Na TV, uma campanha associa o desemprego aos imigrantes. (*Folha*, 05/02/09).

Algumas notícias são elaboradas do ponto de vista dos leitores com alto nível intelectual. A primeira página anuncia as entrevistas do caderno *Mais!* com filósofos, escritores, sociólogos, sobre temas como a desglobalização e o bicentenário de Darwin. O jornal também destaca descobertas e novidades científicas astronômicas, biológicas e da área da saúde, que possam interessar ao leitor.

6.2 O modo enunciativo da primeira página do *Le Monde*

O jornal *Le Monde* assume a enunciação tanto de forma objetiva e informativa, quanto de forma interpretativa e opinativa. O jornal constrói seu discurso

tentando chamar o leitor a participar da interpretação, tratando-o como alguém que já sabe dos acontecimentos e quer que o jornal o ajude a delimitar os aspectos do tema a serem analisados. O leitor, para o *Le Monde*, deve ser satisfeito enquanto um cidadão ávido por temas da atualidade e por uma ênfase desses assuntos na primeira página. Não há uma ênfase para os aspectos informativos clássicos (quem, o quê, onde, quando), mas uma tentativa de contextualização. O jornal pressupõe que o leitor já saiba do assunto e, por isso, avança em considerações.

Para relacionar-se com o leitor, o jornal apresenta duas funções enunciativas. A primeira, mais informativa, é a do Acontecimento Relatado, em que o jornal assume uma distância do leitor e coloca-se como observador da situação. Inclusive, na maioria das chamadas, o *Le Monde* não traz o nome dos jornalistas ou comentaristas das notícias. O GRAF. 5 mostra o total de chamadas e aquelas que são assinadas na primeira página, do dia primeiro ao dia 15 de fevereiro:

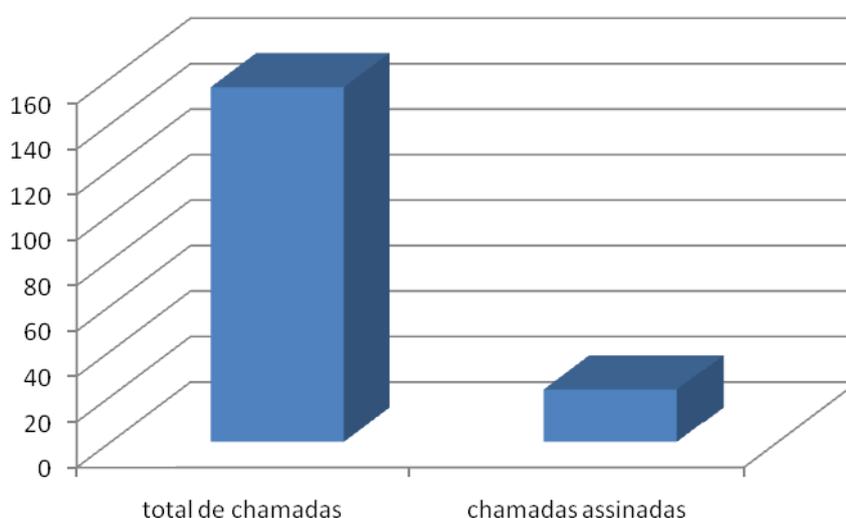


GRÁFICO 5 - Número de chamadas na primeira página do *Le Monde*

Fonte: elaborado pela autora, 2011.

Quando os nomes dos correspondentes e repórteres aparecem, vêm normalmente no final das chamadas, mas há também aquelas em que o nome do jornalista aparece no meio do texto. Vejamos o exemplo do dia 8 de fevereiro de 2009, sobre a tentativa do governo de limitar os bônus dos diretores de bancos, em que a jornalista assina no final:

La France va encadrer les bonus des traders

- Un accord entre les banques et les autorités de régulation soumis à Bercy
- Ce « code éthique » s'appliquera pour les primes versées au début de 2010

La France sera-t-elle le premier pays à limiter les bonus des traders, qui ont atteint des niveaux record en 2007 ? Lors de son intervention radiotélévisée, jeudi 5 février, Nicolas Sarkozy a fustigé « le système de rémunération de ceux qu'on appelle les traders, ces jeunes gens qui jouaient à spéculer » et dont « les rémunérations étaient indexées sur la prime de risques ». « Ça a conduit à la catastrophe que l'on sait, a ajouté le chef de l'Etat. C'est

ça qu'il faut interdire ! » Les propos virulents de M. Sarkozy pourraient être rapidement suivis d'effet. Sous l'injonction de l'Etat, qui en fait une contrepartie à son aide au secteur bancaire, les banques françaises se sont engagées à réformer le mode de rémunération de leurs « professionnels des marchés ».

Le Monde a eu copie d'un accord entre les grands établissements bancaires, la direction du Trésor, l'Autorité des mar-

chés financiers (AMF) et la Commission bancaire. Il pose de nouvelles règles qui vont entrer en vigueur dès cette année pour les primes que les traders toucheront début 2010. Ce « code éthique » sera soumis dans les prochains jours à Christine Lagarde, ministre de l'économie.

Anne Miché

► Lire la suite page 10, l'éditorial page 2 et la chronique économie page 28

FIGURA 95 - Chamada assinada do *Le Monde*

Fonte: *Le Monde*, 08 fev. 2009, p. 1.

De modo geral, o jornal assume a enunciação e não traz artigos assinados por especialistas, convidados ou políticos na primeira página. No meio das chamadas, aparecem pistas dessa enunciação em frases como “Le Monde entrevista” ou “Le Monde pesquisou”.

O Acontecimento Relatado é colocado em frases curtas, sem seguir o tradicional esquema do jornalismo em que se apresenta o *lead*. Nos exemplos abaixo, aparecem o navio Clemenceau, que seria desmontado e, na segunda chamada, o esqui nos jogos de inverno:

Le “Clemenceau”. Dernier Voyage. (*Le Monde*, 01/02/09).⁹⁵

Ski. Les Mondiaux de Val-d'Isère. (*Le Monde*, 03/02/09).⁹⁶

Como outro exemplo de Acontecimento Relatado, temos a visita de Sarkozy a três países do Golfo:

Visite surprise de Nicolas Sarkozy à Bagdad

Irak - le président de la République s'est rendu à Bagdad, mardi matin 10 février, première étape de du voyage qui le mènera dans trois pays du Golfe. Cette visite n'avait pas été annoncée pour des raisons de sécurité. (*Le Monde*, 11/02/09).⁹⁷

⁹⁵ Nossa tradução: O “Clemenceau”. Última viagem.

⁹⁶ Nossa tradução: Esqui. O mundial de Val-d'Isère.

⁹⁷ Nossa tradução: Visita surpresa de Nicolas Sarkozy a Bagdá

Iraque. O presidente da república chegou à Bagdá quarta pela manhã, 10 de fevereiro, primeira etapa de uma viagem que fará a três países do Golfo. Esta visita não foi anunciada por razões de segurança.

A outra maneira do *Le Monde* elaborar as chamadas são os Acontecimentos Comentados, ou seja, o jornal apresenta ao leitor um viés claro de interpretação e não apenas o fato. Essa interpretação pode ser do próprio jornal ou de especialistas sobre o tema. No exemplo abaixo, o jornal comenta as viagens de Obama pelo país, buscando apoio ao seu plano econômico:

Quand Barack Obama repart en campagne

Reportage

Fort Myers (Floride) Envoyée spéciale

De l'Indiana à Camp David, de la Floride à l'Illinois: le président des États-Unis passe le moins de temps possible à Washington cette semaine.

Après avoir tenté sans succès d'associer les républicains à son plan de relance économique, il a décidé de contourner la capitale fédérale et de repartir en campagne. « Comme au bon vieux temps », a dit son porte-parole, Robert Gibbs, résumant le sentiment de l'équipe Obama. (*Le Monde*, 12/02/09).⁹⁸

O jornal *Le Monde* tem, assim, espaço para as opiniões na primeira página. Essa entrada de opinião, além da charge, dá-se em chamadas, como nos exemplos abaixo sobre o Iraque:

Le scrutin régional em Irak marque um pas vers la normalisation dans le pays

Succès pour le premier ministre Al-Malik; montée des partis non religieux. (*Le Monde*, 03/02/09).⁹⁹

O jornal, em suas chamadas de primeira página, é menos objetivo e tenta estabelecer uma relação de cumplicidade com o leitor, convidando-o a pensar, a refletir sobre alguns aspectos da vida cidadã. As chamadas têm perguntas, não se restringem a dar informações simples, muitas vezes são narrativas de jornalistas que estão presenciando os acontecimentos e buscando explicações. É comum ver títulos e textos como perguntas, fazendo um apelo para que o leitor ajude o jornal a construir um raciocínio sobre o assunto ou considerando a possibilidade de que a

⁹⁸ Nossa tradução: Quando Barack Obama sai em campanha
Reportagem. Fort Myers (Flórida). Enviado Especial

Da Indiana a Camp David, da Flórida ao Illinois: o Presidente dos Estados Unidos fica o menor tempo possível em Washington esta semana. Depois de tentar sem sucesso o apoio dos republicanos para seu plano de estímulo econômico, ele decidiu sair da capital federal e partir em campanha. "Como nos bons velhos tempos", disse o porta voz, Robert Gibbs, resumindo o sentimento da equipe de Obama.

⁹⁹ Nossa tradução: As eleições regionais no Iraque marcam um passo em direção à normalização no país

Mérito do primeiro ministro Al-Maliki; ascensão dos partidos não religiosos.

reflexão, viés do jornal, possa ser um caminho jornalístico:

Le NPA pourra-t-il doubler la gauche sur la gauche? (*Le Monde*, 07/02/09).¹⁰⁰

Les Plans de relance vont-ils marcher? (*Le Monde*, 07/02/09).¹⁰¹

Enseignement de la criminalologie: pour ou contre Alain Bauer? (*Le Monde*, 07/02/09).¹⁰²

Chine: un barrage à l'origine du séisme du Sichuan en 2008? (*Le Monde*, 07/02/09).¹⁰³

Crise: faut-il privilégier la relance par la consommation? (*Le Monde*, 07/02/09).¹⁰⁴

Débats. L'hôpital est-il malade? (*Le Monde*, 07/02/09).¹⁰⁵

Outro exemplo é a chamada para a reportagem sobre o governo Barack Obama. O texto, pouco objetivo, tenta nos fazer imaginar a situação do governo americano, fazendo uma analogia com a recente rotina do presidente na residência oficial:

M. Obama est déjà confronté à la dure réalité du pouvoir

Barack Obama, on le sait, a le souci de rendre sa présidence accessible. Dimanche 1^{er} février, Michelle et lui avaient invité 75 personnes à suivre le Super Bowl, la finale de football américain à la Maison Blanche. Parmi les convives, des élus républicains, dont le service de presse avait obligeamment fourni les noms, ainsi que des amis du couple avec leurs enfants. D'après le Washington Post, un petit garçon a demandé le chemin des toilettes à la personne qui se trouvait à côté de lui. 'Je ne sais pas', a répondu Barack Obama. Je ne suis là que depuis dix jours. Demande à quelqu'un dans le hall'. (*Le Monde*, 05/02/09).¹⁰⁶

As editorias, que estão mais engajadas opinativamente com a instância interna do jornal, têm chamadas discretas na primeira página. Ao final de algumas matérias, e não todos os dias, *Le Monde* avisa ao leitor que aquele assunto será tratado também no editorial.

Quanto aos Acontecimentos Provocados, o *Le Monde* traz entrevistas,

¹⁰⁰ Nossa tradução: O NPA poderá dobrar a esquerda à esquerda?

¹⁰¹ Nossa tradução: Os planos de recuperação vão dar certo?

¹⁰² Nossa tradução: Ensino de criminologia: a favor ou contra Alain Bauer?

¹⁰³ Nossa tradução: China: uma barragem está na origem do terremoto de Sichuan em 2008?

¹⁰⁴ Nossa tradução: Crise: é necessário privilegiar a recuperação através do consumo?

¹⁰⁵ Nossa tradução: Debate: o hospital está doente?

¹⁰⁶ Nossa tradução: Obama já está enfrentando a dura realidade do poder

Barack Obama, como sabemos, está ansioso para fazer sua presidência acessível. Domingo, 1º. De fevereiro, Michele e ele haviam convidado 75 pessoas para acompanhar a final do futebol americano na Casa Branca. Entre os convidados, os republicanos eleitos, cujos nomes a assessoria de imprensa amavelmente forneceu, bem como amigos do casal com seus filhos. Segundo o Washington Post, um garoto perguntou o caminho do banheiro à pessoa que estava ao lado dele. "Eu não sei", respondeu Barack Obama. "Eu só estou aqui há menos de dez dias. Pergunte a alguém no saguão".

pesquisas, enquetes e dossiês, além de guias, mostrando o quanto o jornal é ativo na construção de temas para compor o cenário e a agenda de assuntos para os leitores cidadãos.

Vejamos, como exemplo, na FIG. 96, uma entrevista com o novo rabino da França, que apresenta o ponto de vista do chefe religioso sobre diversos assuntos, inclusive a questão da Palestina (*Le Monde*, 01/02/09)¹⁰⁷:

Gilles Bernheim, le nouveau grand rabbin de France, critique le pape Benoît XVI

Entretien : les propos négationnistes de Mgr Williamson sont « abjects »

FIGURA 96 - Chamada para *Acontecimento Provocado* do *Le Monde*

Fonte: *Le Monde*, 01 fev. 2009, p. 1.

O jornal prepara um dossiê sobre as liberdades individuais no mundo atual, preocupado com os excessos de vigilância após o evento terrorista de 11 de setembro (*Le Monde*, 05/02/09)¹⁰⁸:



FIGURA 97 - Chamada para dossiê sobre as liberdades civis

Fonte: *Le Monde*, 05 fev. 2009, p. 1.

Outro exemplo aparece em 14 de fevereiro, quando o jornal traz um debate sobre a política de exportação da cultura francesa (*Le Monde*, 14/02/09)¹⁰⁹:

¹⁰⁷ Nossa tradução: Gilles Bernheim, o novo rabino da França, critica o papa Bento XVI. Entrevista: as ideias negacionistas do monsenhor Williamson são “abjetas”.

¹⁰⁸ Nossa tradução: Dossiê. Liberdades públicas: estado das coisas. Antiterrorismo e política de segurança. 1% da população está em custódia em 2008. Os internautas sob forte vigilância.

¹⁰⁹ Nossa tradução: Controvérsia: por que a França exporta tão mal sua cultura? Manutenção “A influência da França não se mede pelo número de funcionários enviados de Paris, estima Olivier Poivre d’Arvor, chefe da Culturesfrance.

Controverse : pourquoi la France exporte-t-elle si mal sa culture ?

Entretien « *Le rayonnement de la France ne se mesure pas au nombre de fonctionnaires envoyés de Paris* », estime Olivier Poivre d'Arvor, patron de Culturesfrance. **P. 23**

FIGURA 98 - Chamada sobre debate cultural

Fonte: *Le Monde*, 14 fev. 2009, p. 1.

O modo enunciativo da primeira página do *Le Monde* nos permite observar as diversas vozes, a polifonia social, os pontos de vista que transitam no jornal. O *Le Monde* representa o grupo de leitores interessados em política nacional e internacional, meio-ambiente, cultura, economia, direitos humanos e na França. A maioria das chamadas considera o leitor como um cidadão esclarecido, que quer análises e questionamentos sobre os fatos.

Para o *Le Monde*, a economia não está separada da política. Ao contrário, as notícias sobre economia vêm sempre acompanhadas de uma análise política. Do ponto de vista do jornal, a política é que define os rumos da economia e, se há uma crise econômica, é o modelo político/econômico que deveria ser repensado.

A crise econômica mundial foi tratada no *Le Monde* como uma crise do capitalismo e como resultado das políticas empreendidas pelos governos nos últimos anos. A saída, para o jornal, também é uma saída política e não exclusivamente econômica. O jornal entrevista especialistas e promove debates que criticam o neoliberalismo e as despesas excessivas do Estado para salvar os bancos e as montadoras, que, além de tudo, estão demitindo os empregados. Segundo o *Le Monde*, os empresários e comerciantes que observaram as regras estão sendo penalizados, já que o Estado está ajudando aqueles que infringiram regras e colocaram o sistema econômico em risco. Numa manchete, do dia 3 de fevereiro, por exemplo, o jornal propõe o debate sobre a nacionalização dos bancos, já que o Estado vai socorrê-los.

O jornal sugere, ainda, que o Estado supervisione os bônus dos operadores financeiros e crie modelos de regulação. Ou seja, para o *Le Monde*, o Estado tem um

papel importante na economia e não deve abrir mão dessa tarefa. Os sindicatos, inclusive, são destacados pelo jornal como responsáveis por exigir do governo a regulação do mercado. Algumas chamadas dão conta, ainda, da pressão que os sindicatos e a população estão fazendo na Europa, para que os governos não sacrifiquem os ganhos sociais, aportando recursos para o sistema financeiro em crise.

Os EUA aparecem como alvo da crise: o país onde tudo começou e que precisa tomar atitudes mais enérgicas e rápidas. O jornal reproduz uma fala do presidente francês, dizendo que a França não tem a intenção de pagar a dívida americana. O enfoque do *Le Monde*, quando trata da crise americana, é para o esforço desesperado de Barack Obama em tentar convencer o Congresso a aprovar suas medidas emergenciais de socorro a bancos e montadoras. Mas, segundo o ponto de vista do jornal, o presidente americano ainda é inexperiente e precisou fazer apelos dramáticos: “*Mon plan de relance ou la catastrophe*” (*Le Monde*, 11/02/09)¹¹⁰. Um dos atos de inexperiência foi criticar precocemente o protecionismo chinês à sua moeda, criando um atrito com a potência oriental.

Assim, o jornal trata de economia de modo crítico, lançando dúvidas em relação ao posicionamento e à ação da União Europeia sobre a crise econômica mundial, inclusive dizendo que a Europa está sem capitão e que a zona do euro corre sério risco. Ele critica a ajuda pública aos bancos e analisa a situação dos EUA e da China no cenário mundial.

Os leitores que se interessam por política encontram no *Le Monde* uma cobertura mais abrangente sobre pensamentos políticos, partidos, eleições, greves, situação dos ministros e da política internacional.

Do ponto de vista do *Le Monde*, a França é influente e precisa participar mais das decisões políticas tanto na Europa como no mundo. Para o jornal, a França é uma referência política importante e deve assumir esse posto. No episódio da crise econômica, o jornal critica a falta de liderança da Europa e aponta a França como uma forte candidata ao posto de líder:

¹¹⁰ Nossa tradução: Meu plano de recuperação ou a catástrofe.

Paris s'inquiète de la fragilité de la zone euro

M. Sarkozy veut une réunion rapide des chefs d'État e de l'Eurogrupe
La France juge passives la Comissão et la présidence tchèque de l'Union.
(*Le Monde*, 01/02/09).¹¹¹

Nos conflitos no mundo árabe, o jornal destaca a visita de Sarkozy ao Oriente Médio, sugerindo que é preciso colocar a França num lugar de destaque político, inclusive na busca de resoluções para os conflitos. Nesse movimento, ressaltado pelo *Le Monde*, está a volta da França à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), implementada também por Sarkozy. “*La France parachève son retour dans l'OTAN*” (*Le Monde*, 05/02/09).¹¹²

O jornal *Le Monde* dá voz aos movimentos sindicais e populares contra as decisões antissociais do governo, bem como espaço para que partidos de esquerda discutam as questões políticas. No período de nossa análise, o governo apresentou uma proposta de reforma para as universidades francesas, rechaçada pelos professores-pesquisadores. O jornal apresenta as razões dos professores e noticia as greves, as manifestações e a mobilização das universidades contra a “reforma Pécresse”, nome da ministra da educação superior. Para o *Le Monde*, o movimento é forte e preocupa o governo, que está em má situação, com inúmeros problemas, inclusive com a baixa popularidade do presidente, do primeiro ministro e dos ministros. O jornal, ao longo das notícias, desenha um quadro de descontentamento dos franceses, que estão preocupados com as medidas do governo contra a crise e não confiam nos rumos da economia. Além disso, a população dos territórios franceses nas Antilhas havia decretado greve geral, também detalhada pelo jornal como uma luta por melhores salários e por diminuição do custo de vida. Todos esses problemas levaram Sarkozy a trocar seus ministros, criando o “*clube dos demitidos*”, segundo *Le Monde*.

Quanto aos partidos, o jornal mostra-se interessado pelos movimentos de esquerda e preocupado com as organizações de direita. *Le Monde* desqualifica o partido de direita UMP (Movimento Popular), dizendo que o partido tem patrão, e

¹¹¹ Nossa tradução: Paris está preocupada com a fragilidade do euro
Sarkozy quer uma rápida reunião de Chefes de Estado e do Eurogrupe
A França considera a Comissão e a presidência Tcheca da União Europeia muito passivas.

¹¹² Nossa tradução: A França completa seu regresso à OTAN.

destaca o Novo Partido Anticapitalista, inclusive com entrevistas e enquete sobre os rumos da esquerda francesa.

Um dos temas políticos mais recorrentes no *Le Monde* são as eleições em diversos países. O jornal elogia os processos democráticos e critica países em que os governos são, de alguma maneira, cerceadores do direito ao voto. As eleições em Israel e o crescimento do eleitorado de direita preocupam o jornal, que tenta entender os motivos dessa radicalização. A perspectiva do jornal é de que o avanço da direita atrapalha os planos de paz e as conversações com a Palestina. As eleições na Venezuela também são alvo de críticas, já que o plebiscito dará condições para que o presidente se reeleja quantas vezes ele queira. Já no Iraque, o elogio é para a tentativa de normalização e o mérito de se afastarem os radicais religiosos do processo democrático. Em relação à situação política no Irã, o jornal mostra o quanto a população está sofrendo, desde a revolução islâmica iraniana, com a decadência econômica.

A valorização da França aparece também no tema tecnologia. Enaltecendo as qualidades da tecnologia francesa, o jornal faz reportagens especiais sobre cidades na França, como no dia 4 de fevereiro de 2009, por exemplo, sobre o novo pólo tecnológico em Lille:



FIGURA 99 - Foto chamada para novidades em Lille

Fonte: *Le Monde*, 04 fev. 2009, p. 1.

Aqui o jornal defende também o sistema francês de energia nuclear e, em duas matérias, discute o potencial exportador francês dessa tecnologia.

Nucléaire: le deuxième EPR, vitrine du savoir-faire français

En annonçant la construction du deuxième réacteur nucléaire de troisième génération (EPR), Nicolas Sarkozy entend prouver que la France reste à la pointe de cette filière énergétique. Aux pays qui souhaitent lancer ou relancer l'atome civil, il veut montrer que la France fait confiance à sa propre technologie, ce qui constitue, à ses yeux, le meilleur des arguments de vente à l'exportation.

Le chatier du premier EPR à Flamanville (Manche), commencé en 2007, doit être mis en service en 2012. (*Le Monde*, 03/02/09).¹¹³

O jornal enaltece os produtos culturais franceses e cobra do Estado investimentos para que a França seja um destaque nacional e internacional. O ministro da cultura é instado a explicar porque a França tem perdido espaço no cenário internacional e que providências serão tomadas.

O jornal tenta atender aos anseios de um leitor mais exigente na área cultural. A perspectiva adotada pelo jornal é de que o leitor consome produtos culturais mais sofisticados e deve ser atendido. Uma chamada do Supplément “TéléVisions” quer discutir o fim dos programas musicais:

Les variétés télévisuelles ne font plus recette

Chanson. Cette veine s'épuise sur le petit écran. Les chaînes se désintéressent de ces émissions coûteuses, que le public familial délaisse. (*Le Monde*, 01/02/09).¹¹⁴

O jornal discute, a favor do público, a possibilidade de os museus abrirem à noite, já que as filas durante o dia são enormes e o sucesso de algumas exposições poderia justificar essa nova modalidade de visitação. “*Le succès de l'exposition Picasso lance le débat sur les visites de nuit*” (*Le Monde*, 14/02/09).¹¹⁵

Os leitores consumidores de cultura do *Le Monde* são bem ecléticos. Gostam de cinema, filmes de Hollywood, televisão, livros, concertos musicais, exposições de artistas consagrados e novos, tendências internacionais, festivais de quadrinhos e exposições de obras de arte.

Dia 8 de fevereiro, domingo, a primeira página traz o resumo dos assuntos do caderno *Rendez-vous*:

¹¹³ Nossa tradução: Nuclear: O segundo reator, vitrine da experiência francesa

Ao anunciar a construção do segundo reator francês de terceira geração (EPR) em Penly, Nicolas Sarkozy, pretende provar que a França continua sendo a vanguarda do setor de energia. Para os países que desejam lançar ou relançar a energia atômica para fins civis, ele quer mostrar que a França tem confiança na sua própria tecnologia, que é, na sua opinião, o melhor argumento de vendas para exportação.

A construção do primeiro EPR em Flamanville (Manche). Iniciada em 2007, deverá ser concluída em 2012.

¹¹⁴ Nossa tradução: As variedades televisivas não dão lucro

Música. Este veio se esgota na pequena tela. As redes de Tv não estão interessadas nestes programas caros, que o público familiar abandonou.

¹¹⁵ Nossa tradução: O sucesso da exposição de Picasso lança o debate sobre as visitas noturnas.

Le peintre De Chirico au Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, um spectacle d'après le pianiste Glenn Gould à Vondoeuvre-lès-Nancy. Les galeries d'art, notre sélection de CD, de spectacles e de sorties. (*Le Monde*, 08/02/09).¹¹⁶

O ponto de vista humanitário é perceptível no *Le Monde*, em suas chamadas sobre a situação das crianças soldados no mundo, a falta de vagas para a universidade na África, o debate sobre o Holocausto (fato histórico negado por um cardeal da Igreja católica), a greve contra trabalhadores estrangeiros na Inglaterra e a liberdade individual na sociedade atual. Há uma chamada sobre a polêmica acerca da eutanásia, na Itália.

O jornal trata da violência como um debate político, quer dizer, os assuntos envolvendo violência dizem respeito a manifestações de grupos organizados com apelo social, econômico ou político. Há apenas uma chamada sobre aumento de homicídios na região da Corsica, aparentemente ligado a máfias.

Observemos um exemplo do tema da crise em Guadalupe. O jornal descreve o clima tenso da reunião entre os representantes do Estado e dos manifestantes:

Un ministre à l'écoute tardive de la colère de la Guadeloupe

Reportage Béatrice Gurrey

Ce fut l'un de ces marathons verbaux exceptionnels auxquels on assiste rarement. Les acteurs, de chaque côté de la table, ont joué gros, après deux semaines de grève générale et de paralysie en Guadeloupe: d'un côté, Yves Jégo, secrétaire d'Etat à l'outre-mer, et les représentants de l'État; de l'autre, Elie Demota et les membres du collectif Lyannaj kont' pwofitasyon (Collectif contre l'exploitation, LKP). Dont il est le porte parole. Une rangée d'hommes blancs face à une rangée d'hommes - et une femme - noirs.

Pendant plus de trois heures, mercredi 4 février, dans une salle du port de Poite-à-Pitre, le ministre a écouté le KP dépeindre une Guadeloupe qui rappelait des mots d'Aimé Césaire: 'version de paradis absurdement ratée - pire que l'enfer'. (*Le Monde*, 06/02/09).¹¹⁷

A religião, para o *Le Monde*, representa também uma questão política, quer

¹¹⁶ Nossa tradução: O pintor De Chirico no Museu de Arte Moderna da Villa de Paris, um espetáculo após a apresentação do pianista Glenn Gould em Vondoeuvre-lès-Nancy. As galerias de arte, nossa seleção de CD, de espetáculos e de programas.

¹¹⁷ Nossa tradução: Um ministro na noite ouvindo a ira de Guadalupe
Reportagem Gurrey Beatrice

Foi uma daquelas maratonas verbais excepcionais, a que raramente assistimos. Os jogadores de cada lado da mesa, jogaram para valer, após semanas de greve geral em Guadalupe paralisada: de um lado, Yves Jégo, secretário do Estado para Além-mar, e os representantes do Estado. Do outro lado, Elie Domota e os membros do grupo contra a exploração (LKP), do qual ele é o porta-voz. Uma fila de homens brancos diante de uma fila de homens - e uma mulher negros. Por mais de três horas, quarta-feira, 4 de fevereiro, em uma sala de Port-à-Pitre, o ministro ouviu o LKP lembrar as palavras de Aimé Césaire: "versão de paraíso perdido absolutamente errada – pior que o inferno".

dizer, os diversos grupos religiosos têm força e influenciam os debates. O jornal busca compreender as posições das principais correntes religiosas presentes na França e questiona seus líderes sobre assuntos polêmicos, como, por exemplo, o que o rabino chefe da França tem a dizer sobre a guerra entre Israel e Palestina, o que os católicos têm a dizer sobre a negação do Holocausto feita por um monsenhor e sobre a força dos grupos tradicionais dentro da Igreja católica.

Outro grupo social bem representado no *Le Monde* são os ambientalistas. As matérias têm o enfoque ambientalista, como o crescimento da economia verde, o desmanche de um navio e o destino de suas peças poluentes, a poluição dos rios por medicamentos, a retirada de antenas retransmissoras de uma comunidade e a desordem do clima, com incêndios devastadores em vários países. Vejamos o exemplo do dia 3 de fevereiro de 2009, na FIG. 100, sobre o crescimento mundial da economia verde¹¹⁸:



FIGURA 100 - ilustração chamada para meio ambiente

Fonte: *Le Monde*, 03 fev. 2009, p. 1.

Neste capítulo analisamos o âmbito da enunciação, o que nos permite observar a polifonia no jornalismo. A *Folha de S. Paulo* relata os acontecimentos de forma mais objetiva, aparentando uma distância de observador que relata o fato. Essa característica de Acontecimento Relatado é o mais comum na *Folha*. Como Acontecimento Comentado, a *Folha* traz a opinião de especialistas, as chamadas para os editoriais e, raramente, a posição de algum membro jornalista. Já os Acontecimentos Provocados são em número menor, apenas duas entrevistas nos nossos *corpora*. Esporadicamente, como analisamos, a *Folha* permite que seus jornalistas escrevam buscando uma cumplicidade com os leitores, contando sensações e impressões. Na enunciação da primeira página da *Folha*, percebemos

¹¹⁸ Nossa tradução: *Le Monde* economia. O fenômeno mundial do crescimento verde.

que o jornal fala para o leitor brasileiro, privilegiando assuntos de interesse de São Paulo.

O jornal *Le Monde*, para cumprir o seu papel de informar, assume o relato de acontecimentos, de forma mais objetiva, em algumas chamadas curtas. Já nos Acontecimentos Comentados, maioria da *L'UNE*, o *Le Monde* apresenta uma bússola interpretativa aos leitores, inclusive com perguntas e explicações. O *Le Monde* faz uma enunciação que apresenta mais cumplicidade com o leitor, num texto menos objetivo e mais opinativo. O *Le Monde* também é um jornal bastante rico em Acontecimentos Provocados, trazendo pesquisas, entrevistas, dossiês, guias e enquetes. De modo geral, o *jornal assume* sua enunciação, referindo-se a si mesmo como entidade: “Le Monde entrevistou”, “Le Monde pesquisou”. O jornal pressupõe que o leitor seja engajado nos temas políticos e culturais e que tenha um conhecimento prévio para contextualizar as informações e organizá-las num quadro geral de sentido. Na enunciação da “*UNE*”, *Le Monde* privilegia o leitor francês que tem interesse amplo pelas questões do mundo e quer ver a França bem divulgada.

As vozes que mais se destacam na *Folha* são as do mercado, da política, da cultura, dos direitos humanos e da polícia. Do mercado, o jornal apresenta o ponto de vista de bancos, empresas, investidores e consumidores de produtos e serviços.

Quanto à política, o jornal critica, *a priori*, qualquer atividade política, ressaltando aspectos negativos do âmbito político, tanto estadual quanto nacional, tanto do legislativo quanto do executivo. A *Folha* apresenta-se como a voz da vigilância, em nome do cidadão, dos malfeitos dos governos. O jornal fala da perspectiva do Brasil, ressaltando a participação do país, por exemplo, no resgate dos reféns das Farc. Além disso, quando trata do assunto do desemprego, tenta extrapolar os dados de São Paulo.

Quanto à voz dos direitos humanos, a *Folha* trata do ataque à integridade física sofrido por jovens estudantes. No entanto, as matérias sobre violência urbana são feitas a partir do ponto de vista da polícia, que relata o que aconteceu. O jornal não ouve moradores sobre os conflitos com a polícia.

No *Le Monde*, os temas como economia, política, assuntos internacionais, meio ambiente, religião, cultura e direitos humanos são tratados sob o ponto de vista do cidadão de esquerda, politizado e engajado. A abordagem da economia, por exemplo, deixa transparecer a voz dos sindicatos, dos movimentos sociais e dos

críticos ao modelo capitalista. O jornal não trata a economia de forma separada da política e sugere, inclusive, que o Estado seja mais vigilante na regulamentação do mercado. A economia é tratada de modo crítico, analisando a crise na França, na Europa e nos EUA.

Le Monde também assume a voz da França e diz que o país não tem intenção de pagar a dívida americana. Além disso, o jornal defende que a França tenha mais peso nas decisões internacionais, mais influência nas áreas culturais e tecnológicas.

O ponto de vista político do *Le Monde* é de apoio às instituições políticas, como os partidos, valorizando seus representantes e promovendo o debate de ideias. Há pouca cobertura de escândalos e críticas às instituições e mais cobertura sobre sindicatos, partidos, ministros, manifestações, ou seja, aborda-se a efervescência e o contraditório, típicos da democracia. As eleições são tema preferencial da política internacional no *Le Monde*, que faz uma cobertura elogiosa dos processos eleitorais de vários países e critica, por exemplo, o avanço da direita em Israel e o plebiscito na Venezuela.

O jornal aborda a cultura sob o ponto de vista dos consumidores de arte: defende a abertura de museus à noite, galerias públicas e maior investimento do Estado nessa área.

Quanto aos direitos humanos, o jornal questiona a perda das liberdades individuais, ressalta que há menos soldados crianças no mundo, discute a eutanásia e a perseguição aos trabalhadores estrangeiros na Inglaterra. A violência, para o *Le Monde*, é um tema político e há apenas uma breve citação sobre violência e máfia na Córsega. A religião, tema recorrente em nosso *corpus*, é tratada como uma esfera social que participa do debate político. Quanto ao meio ambiente, o jornal assume a voz dos ambientalistas, apresentando suas preocupações em relação a antenas de telefones, clima e poluição das águas.

Vamos observar se essa perspectiva enunciativa é confirmada pelo modo argumentativo, nosso próximo capítulo de análise.

7 O MODO DISCURSIVO ARGUMENTATIVO

Todo ato comunicativo, segundo Charaudeau (2006a, p. 15-25), pretende manter ou mudar uma ideia ou uma relação. Assim, observando o contrato de comunicação estabelecido entre os interlocutores, podemos perceber que os discursos produzidos podem ser mais ou menos argumentativos. Todos querem, ao se comunicar, provocar um efeito persuasivo, de convencimento, fazer o outro aderir ao seu ponto de vista enunciativo. No jornalismo, não seria diferente. Implícita ou explicitamente, o jornal pretende que seus leitores compartilhem as ideias defendidas em suas páginas e acreditem nas provas dadas pelos textos, fotos, testemunhas, entrevistados e dados estatísticos.

Para Charaudeau (1992, p. 781), argumentar é uma atividade discursiva com duplo objetivo: (i) uma busca da racionalidade, da razão demonstrativa, movida por um ideal de verdade quanto às explicações lógicas dos fenômenos do universo e (ii) uma busca da influência, movida por um ideal de sedução e persuasão, partilhando um universo de discurso. Assim, para Charaudeau (1992, p. 787), a argumentação tem pelo menos três elementos: (a) uma asserção de partida, uma premissa, ou um dado inicial; (b) uma asserção de chegada, um resultado ou uma conclusão e (c) as asserções de passagem, que permitem sair de “a” e chegar em “b”.

Os discursos argumentativos, para Amossy (2000, p. 26), apresentam também as três provas da argumentação: o *logos*, o *pathos* e o *ethos*. O *logos* é a razão persuasiva, é a apresentação de dispositivos intelectuais convincentes. Desse modo, as premissas apresentadas e o desenvolvimento do discurso tentam levar o interlocutor a uma conclusão. O *pathos* é a emoção presente no discurso, que o torna prazeroso e provoca um efeito emocional, despertando a paixão e o afeto. A emoção se apoia em valores morais mais amplos, em sentimentos compartilhados socialmente, na *doxa*. Já o *ethos* é a imagem que o locutor passa de si, através do discurso, para os receptores e, ao mesmo tempo, a imagem dos receptores engendrada nesse discurso.

Para compreendermos o modo como os jornais que compõem o nosso *corpus* constroem seu discurso argumentativo, analisaremos os conteúdos da primeira página dos três temas mais abordados. Vamos analisar, neste capítulo, a construção

do modo argumentativo das editorias economia, internacional e política do jornal *Folha de S. Paulo* e das editorias internacional, política e cultura do *Le Monde*, que têm chamadas na primeira página.

7.1 O modo argumentativo da primeira página da *Folha de S. Paulo*

A *Folha de S. Paulo* tem a pretensão de ser um jornal nacional, que responda aos interesses dos leitores consumidores e cidadãos do Brasil. Por isso, sua agenda de temas é ampla. A informação, ainda que sobre um tema factual, deixa transparecer a opinião da linha editorial do veículo. Vamos analisar o modo argumentativo nas três principais editorias. Vemos, no GRAF. 6, os temas e o número de chamadas na primeira página da *Folha*:

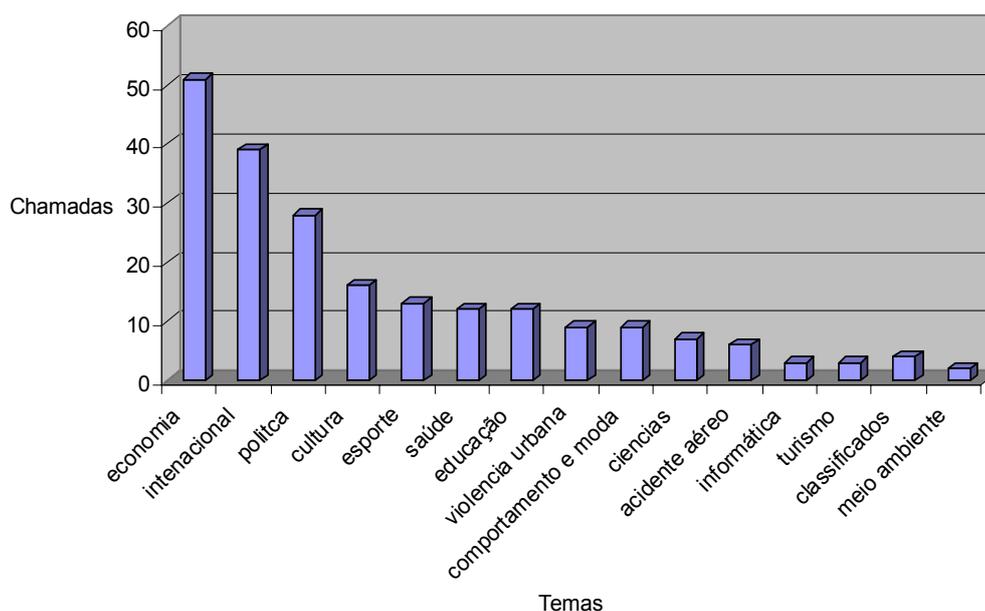


GRÁFICO 6 - Temas e número de chamadas na primeira página da *Folha de S. Paulo*

Fonte: elaborado pela autora, 2011.

7.1.1 O modo argumentativo na editoria de economia da *Folha de S. Paulo*

A editoria de economia, chamada *Dinheiro*, tem a maioria das chamadas. No período estudado, a crise econômica e suas consequências dominaram a primeira

página da *Folha*. Sentida em setembro de 2008, com a falência de bancos e seguradoras, especialmente nos EUA, a crise mostrou a fragilidade do sistema financeiro mundial.

Em final de janeiro de 2009, o Fórum Econômico Mundial se reuniu em Davos, na Suíça. O encontro, que todo ano conta com a presença de chefes de Estado e presidentes de grandes empresas, teve como pauta a crise mundial. Enquanto acontece o Fórum Econômico em Davos, em Belém ocorria um movimento contra o capitalismo, chamado Fórum Social Mundial, que reuniu líderes de ONGs, movimentos sociais, ambientalistas, grupos artísticos, entre outros representantes da sociedade civil.

Sobre Davos, a *Folha* publicou duas chamadas de artigos assinados pelo colunista Clóvis Rossi:

Em Davos, elite econômica e política conclui que nada sabe

O fórum de Davos termina com a constatação do jornalista Martin Wolf: 'Todos sabemos que nada sabemos'. Para a ministra de economia da França, Christine Lagarde 'o mundo passou os últimos meses navegando no escuro'. A bem da verdade, não é que a elite econômica, governamental e empresarial reunida em Davos nada saiba. Ela sabe o que o mundo sabe. (*Folha*, 01/02/09).

Crise conduz Estado de volta ao centro em Davos

Se houvesse uma placa 'Estado: procura-se ao Centro de Congressos de Davos', a ministra francesa da economia Christine Lagarde, não se surpreenderia.

'O que me chocou foi a demanda esse ano por membros do governo', disse ontem ao final do encontro. O fundador do fórum, Klaus Schwab, já havia notado: o pêndulo se moveu e o poder voltou aos governos. (*Folha*, 02/02/09).

O argumento das chamadas é a perplexidade dos governantes e dos empresários, diante da crise, e a atenção de todos para as ações dos governos no enfrentamento dos problemas. Rossi defende a tese de que a elite política e econômica reunida na Suíça não sabe como encarar a crise e cita a frase da ministra da economia da França, Christine Lagarde segundo a qual o mundo "passou os últimos meses navegando no escuro". Para Rossi, a elite sabe tanto quanto todo mundo, ou seja, nada. O mundo capitalista estava ansioso pela reunião de Davos e suas conclusões sobre a crise. Mas, segundo o articulista da *Folha*, de onde mais se esperavam respostas, não veio nada.

Na segunda chamada, o jornalista ressalta o apelo que a elite econômica vem

fazendo aos governos para a solução dos problemas. Os neoliberais parecem pedir socorro ao Estado que tanto criticam. As chamadas veem de forma crítica o encontro e desmistificam seus participantes, apoiando-se em três fontes de confiança: a ministra francesa, o jornalista econômico Martin Wolf e o fundador do Fórum e professor de economia Klaus Schwab. Rossi escreve de maneira mais descontraída, usando o *ethos* das fontes e o *pathos* (“todos sabemos que nada sabemos”, “ela sabe o que todo mundo sabe”, “ministra não se surpreenderia”, “o que me chocou”), para referir-se aos sentimentos que circulam entre os governantes e os empresários e às dúvidas que povoam a cabeça dos leitores. Aqueles que mais deveriam entender de mercado financeiro e sua grave crise nada têm a dizer.

Quanto ao Fórum Social Mundial, a *Folha* apresentou uma foto legenda em destaque, no alto da página, dia 2 de fevereiro de 2009. Pode-se ler na legenda: “Agenda Alternativa - Participantes da ‘Assembleia das assembleias’, evento que encerrou o Fórum Social Mundial, em Belém (PA), e definiu agenda de mobilização para 2009; protestos tentarão influenciar os governos a adotarem alternativas às políticas neoliberais”.



FIGURA 101 - Foto chamada dos participantes do Fórum Social Mundial

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 02 fev. 2009, p. 1.

Nessa chamada, o Fórum Social aparece de forma positiva, alternativa, com propósito e objetivos mais definidos. A foto demonstra o oposto de Davos, onde

fazia frio e usavam-se ternos escuros. Ela apresenta pessoas vestidas informalmente, alegres, agitando bandeiras coloridas e cartazes. O Fórum Social também faz apelo aos governos e tem planos para pressioná-los por mudanças. A chamada não faz crítica ao encontro e usa o argumento de autoridade (“participantes da assembleia das assembleias”) e o *pathos* (foto) como apoio ao argumento de que o Fórum Social Mundial tem o que dizer: o governo deve adotar medidas antiliberais.

A crise continuou sendo tema das chamadas e o maior foco foi para a situação das indústrias, para os planos econômicos de ajuda dos governos aos bancos e indústrias, e para os índices econômicos no Brasil e no mundo.

Uma das estratégias de convencimento do jornal é dar uma dimensão da crise, por comparação a outros períodos da história recente. As comparações são feitas por números ou por citações de épocas, como podemos observar nas passagens destacadas:

Balança comercial tem 1º déficit em 8 anos

Depois de uma tentativa frustrada de frear importações na semana passada, o governo brasileiro anunciou déficit na balança comercial do país - o que não ocorria desde março de 2001.

Com U\$\$ 9,788 bilhões em exportações e U\$\$ 10,306 bilhões em importações, o saldo de janeiro ficou negativo em U\$\$ 518 milhões. Foi o pior resultado desde novembro de 2000.

A desaceleração nas vendas ao exterior chegou a 22,8% em relação a janeiro do ano passado. Já as compras fora do país caíram em ritmo mais lento: 12,6% na mesma comparação.

O governo pretende adotar medidas de estímulo às exportações como financiamento e isenção de impostos, e promete ir à OMC se outros países tomarem atitudes protecionistas. (*Folha*, 0302/09).

Desempenho das fábricas lembra piores fases da nossa economia

Vinícius Torres Freire¹¹⁹

Imaginava-se que a produção das fábricas havia afundado em dezembro de 2008. Mas os resultados dão mais a impressão de que a indústria foi varrida da Terra num clique alienígena.

O desmaio industrial foi de grandeza semelhante aos piores momentos da nossa história econômica - como o confisco de Collor, em 1990, ou a crise do início dos anos 1980. (*Folha*, 04/02/09).

Como vimos acima, as notícias são alarmantes e o jornal usa da lógica comparativa de dados numéricos para convencer o leitor nesta direção: a situação

¹¹⁹ Editor de economia da *Folha de S. Paulo*

econômica brasileira é a pior possível.

Outro aspecto que chama a atenção nas notícias econômicas é o quanto o governo desempenha, segundo o argumento do jornal, um papel importante no cenário brasileiro e mundial. Em praticamente todas as chamadas econômicas há referências ao governo e suas providências, especialmente os pacotes de ajuda financeira. Parte-se do princípio de que os governos devem socorrer os bancos e as empresas numa crise financeira. Os governos são convocados a apresentar soluções e investir para ajudar as indústrias e os bancos. Vejamos alguns títulos:

BNDES responde por 14% de todo investimento feito no Brasil (*Folha*, 03/02/09).

A chamada trata do forte papel do BNDES no Brasil. Além de mostrar os investimentos em números, é o único momento em que há uma crítica à ajuda do governo. Segundo o jornal, críticos avaliam que o governo, através do seu banco de financiamento, está assumindo função que deveria ser do setor privado, ou dos bancos privados.

Lojas de veículos usados receberão do FAT R\$ 200 mi (*Folha*, 04/02/09).

A notícia fala que o governo vai usar recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador para ajudar as revendedoras. A ajuda não é discutida pelo jornal, que noticia o fato como necessário.

Indústria tem maior queda desde 91 (*Folha*, 04/02/09).

A chamada dá os números da queda industrial e diz que o governo destinará mais R\$ 130 bilhões ao Plano de Aceleração Econômica (PAC). O governo vai injetar dinheiro na economia para ajudar a solucionar a crise.

Governo estuda facilitar financiamento de imóvel (*Folha*, 01/02/09).

A notícia trata do financiamento governamental para aquecer o mercado e contornar efeitos da crise.

Governo Serra anuncia pacote de R\$ 21 bi para economia de SP (*Folha*, 13/02/09).

A chamada trata do pacote econômico que vai tentar segurar o nível de atividade econômica no estado de São Paulo.

As chamadas partem do pressuposto de que cabe aos governos promover ações para colocar a economia nos trilhos novamente. E mesmo quando os governos agem, ainda correm o risco de serem criticados por não terem planejado bem, terem alocado pouca verba, não terem conversado com empresas e bancos, etc. Os argumentos são apresentados com base nos números e no medo do aprofundamento da crise.

Por fim, a editoria *Dinheiro* aborda a situação dos salários e do emprego no Brasil e no mundo. Esse é um tema preocupante para os leitores e o jornal lhe dá destaque, como podemos observar em alguns exemplos.

No dia primeiro de fevereiro de 2009, o jornal apresenta uma chamada com fotos e legendas grandes. O jornal ilustra com casos reais a situação de desemprego apontada por pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O *logos* está dado pelos números apresentados pelo IBGE; o argumento de autoridade dá-se pela seriedade que esse instituto é visto no Brasil; e o *pathos* aparece nos exemplos cotidianos dos desempregados, com que a *Folha* ilustra o assunto.



FIGURA 102 - Foto chamada do desemprego

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 01 fev. 2009, p. 1.

O título é patêmico, *Flagelo do desemprego*, remetendo à calamidade em que os trabalhadores estão inseridos, numa situação fora de controle, quase uma epidemia. Enquanto a crise econômica atinge o mundo, o desemprego vai crescendo, a ponto de tornar a sociedade caótica.

Os outros subtítulos são as ilustrações que o jornal dá aos números frios do IBGE: quem são esses desempregados, o que fazer diante dessa situação, e quais as cidades mais atingidas. A chamada dá conta de que as mulheres, negros e mulatos são os mais afetados, mostrando o quanto essas categorias mais discriminadas socialmente são ainda as que primeiro sofrem os cortes nos postos de trabalho.

Partindo de um poema do mineiro Carlos Drummond de Andrade, a chamada, também patêmica, trata de uma cidade tradicional em ofertas de empregos, Itabira, onde nasceu a mineradora Vale, uma das maiores empresas do mundo. Lá, as pessoas também temem novas demissões. Se, numa cidade com a economia consolidada, como Itabira, a sensação é de medo e incerteza, imagina-se como estão os trabalhadores nas outras cidades do Brasil.

Diante do flagelo do desemprego, a *Folha* ainda aponta alternativas procuradas pelos trabalhadores: concursos públicos. Os cursinhos preparatórios têm crescido, já que as pessoas buscam estabilidade, ainda mais depois de uma turbulência econômica.

A foto e a legenda tentam mostrar a situação dos trabalhadores: nada a fazer além de esperar a tempestade passar. Homens em condições de trabalhar, com saúde e disposição, jogam bola na rua para passar o tempo.

No dia 6 de fevereiro de 2009, o jornal traz a foto de uma multidão em corredores. A legenda diz:

Formigueiro. Em Pequim, desempregados lotam feira que oferece postos de trabalho; eventos desse tipo, que costumam começar na 2ª semana de fevereiro, foram antecipados no país devido à crise econômica, que já fez 20 milhões de chineses perderem seus empregos.



FIGURA 103 - Foto chamada do desemprego na China

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 06 fev. 2009, p. 1.

A foto é um argumento patêmico e, ao mesmo tempo, uma prova lógica da quantidade de pessoas que buscam um lugar no mercado de trabalho, na China. As fileiras de *stands* e de aglomerados de pessoas provocam uma sensação de infinito, de número incontável. Se os países como o Brasil têm flagelo, a China sofre muito mais pelo número de habitantes e pela pobreza em que vive grande parte da população. A legenda dá a dimensão do problema, agravado com a crise econômica.

A situação não é diferente, segundo o jornal, nos EUA. A notícia abaixo informa sobre o recorde de desemprego nos últimos 34 anos:

Desemprego nos EUA cresce e bate recorde em 34 anos

País registrou 598 mil demissões no mês passado;

Congresso pode votar pacote neste fim de semana

A economia norte-americana perdeu mais 598 mil empregos em janeiro, elevando a taxa de desemprego para 7,6%, a maior em 16 anos. Em números absolutos, o total de desempregados no mês foi o pior desde dezembro de 1974 (602 mil).

Com o aumento verificado no mês passado, os EUA passaram a ter 11,6 milhões de pessoas sem trabalho.

Uma revisão nos números de 2008, feita pelo Departamento do Comércio, também adicionou 400 mil demissões às contas iniciais.

Com isso, o ano passado terminou como o pior da história para o mercado de trabalho no país, com 2,97 milhões de pessoas demitidas. Segundo o estudo, cerca de 80% dos demitidos mais recentes são homens.

O presidente Barack Obama elevou o tom contra os congressistas: 'É indesculpável ficarmos presos a distrações e atrasos enquanto milhões estão sendo demitidos'. Depois disso, democratas e republicanos fizeram

'acordo provisório' e podem votar neste fim de semana o pacote de Obama, que deve ficar em U\$\$ 780 bilhões. (*Folha*, 07/02/09).

O título e subtítulo fazem um encadeamento de asserções (desemprego cresce → 598 mil demissões → pacote econômico). A chamada traz números e comparações que tentam convencer o leitor da gravidade da situação (“perdeu 598 mil empregos”, “taxa de desemprego de 7,6%”, “maior em 16 anos”, “pior desde 1974”, “11,6 milhões de pessoas sem trabalho”, “pior da história”, “80% são homens”). O *ethos* é conseguido com o uso das fontes: Departamento do Comércio e presidente dos EUA. O momento mais forte é a crítica e o apelo de Obama aos congressistas: “É indesculpável ficarmos presos a distrações e atrasos enquanto milhões estão sendo demitidos”.

A crise e o desemprego trazem outro problema: a redução dos salários. No dia 5 de fevereiro de 2009, vemos os seguintes título e subtítulo de uma chamada:

Crise trava ganho real em negociações trabalhistas

Sindicatos recebem propostas de reajustes inferiores à inflação

Nesta chamada, a *Folha* informa que, segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômico (Dieese), os sindicatos agora podem migrar a pauta para manutenção do emprego e não mais reajustes salariais acima da inflação, o que vinha acontecendo nos anos anteriores. Os empresários se defendem dizendo que a crise reduziu ganhos e gera incertezas. A tese, segundo o jornal, é de que os sindicatos, que vinham ganhando aumentos reais nos anos anteriores, terão que recuar nas negociações e se fixarem na luta pela manutenção do emprego.

O panorama desenhado pelo jornal é muito pessimista para os trabalhadores. Além do desemprego, devem agora aceitar reajustes menores do que a inflação e lutar para manter seus postos de trabalho. A chamada parte da ideia de que, neste momento de crise, é melhor ter emprego do que aumento salarial.

Os trabalhadores foram destaque numa foto, no alto da página, no dia 12 de fevereiro de 2009. A legenda é: “Funcionários da Volkswagen em São Bernardo do Campo (Grande São Paulo) bloqueiam a via Anchieta por cerca de 20 minutos em manifestação contra demissões no setor”.



FIGURA 104 - Foto chamada de funcionários de montadora

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 12 fev. 2009, p. 1.

A foto mostra a mobilização dos operários, quase todos de uniforme azul, organizados e marchando. O cartaz que empunham diz: “Patrão que demite joga contra o Brasil”. A foto é muito representativa, apresenta bordas mais desfocadas e, ao centro, mais nítido, está o cartaz. De certa maneira, o jornal escolheu esta frase entre os diversos cartazes para mostrar o apelo argumentativo dos trabalhadores: no período de crise, as empresas devem ter sua cota de sacrifício para segurar a economia do país. A passeata demonstra que os trabalhadores não estão passivos e manifestam seu descontentamento.

7.1.2 O modo argumentativo na editoria internacional da *Folha de S. Paulo*

A editoria *Mundo* é a segunda que vamos analisar. Ela trata dos assuntos internacionais, com chamadas de economia, política, comportamento e turismo.

No *corpus* selecionado há dez notícias relacionadas aos EUA, a maioria delas tratando da crise econômica (desemprego, demissões, calotes nos bancos e plano de ajuda econômica de Obama e sua luta para aprová-lo). Esses aspectos já foram abordados na análise da editoria *Dinheiro*.

Duas notícias não estão diretamente relacionadas à crise: as dificuldades de

Barack Obama em montar sua equipe de governo e as ações contra os imigrantes.

Vamos tentar verificar os argumentos que perpassam o tema da estruturação da equipe de Obama:

Problemas com impostos abalam equipe de Obama

O escolhido para a secretaria da Saúde da gestão Obama, o democrata Tom Daschle, desistiu do cargo por problemas com Imposto de Renda. Pelo mesmo motivo, Nancy Killefer, convidada para fiscalizar gastos governamentais, cargo subordinado à Casa Branca, retirou candidatura. (*Folha*, 04/02/09).

O título dá a impressão de que a equipe montada tem problemas com imposto. No entanto, a chamada esclarece que são pessoas, convidadas para fazer parte da equipe, que têm problemas com imposto de renda. É preocupante para o governo recém-empossado perder dois convidados por motivos tão graves. Esses episódios podem pesar muito na avaliação do eleitorado. Afinal, aqueles que cercam o presidente eleito são sonegadores de impostos.

Quanto à questão da imigração, a editoria *Mundo* traz duas chamadas. Uma falando dos EUA, outra, da Itália:

Crescem nos EUA ações contra os imigrantes

Andrea Murta¹²⁰

Do congresso aos movimentos populares, ativistas anti-imigração encontraram na recessão dos EUA novo motivo para seus protestos, mesmo com velhos slogans.

A crise econômica oferece a cultura ideal à proliferação de ecos perigosos na sociedade, alertam analistas. Um senador pediu a demissão de trabalhadores estrangeiros da Microsoft. Na TV, uma campanha associa o desemprego aos imigrantes. (*Folha*, 05/02/09).

Senado italiano aprova projeto anti-imigração

O governo do premiê Silvio Berlusconi aprovou no Senado italiano projeto de lei do grupo direitista Liga Norte, integrante da coalizão majoritária, que altera lei sobre imigração e permite que médicos delatem à Justiça pacientes estrangeiros em situação irregular.

Os senadores também aprovaram outro projeto que prevê criar "rondas" de cidadãos para patrulhar as ruas. Para virar lei, as medidas têm de ser aprovadas na Câmara, em que a maioria de Berlusconi é mais folgada. Médicos protestaram contra o projeto. (*Folha*, 06/02/09).

A tese que sustenta as duas chamadas é de que uma onda anti-imigração vem tomando conta da Europa e dos EUA. O jornal coloca-se contra essa política.

¹²⁰ Correspondente da *Folha de S. Paulo* em Washington.

No primeiro caso, o ativismo contra imigrantes é tratado negativamente. Uma atitude retrógrada, que encontra fôlego na crise econômica. Aparecem os argumentos desqualificadores como: “velho slogan”, “proliferação”, sugerindo um aumento sem controle, e “*ecos perigosos*”. No segundo caso, os desqualificadores são: “grupo direitista”, “delatem”, “patrolhar”. Para apoiar a tese do jornal, há opiniões de especialistas e médicos, que protestam contra as intenções dos anti-imigrantes.

Na editoria *Mundo*, Israel vem em segundo lugar com oito chamadas de primeira página. Os assuntos principais tratam dos conflitos com a Palestina e das eleições. Vejamos alguns exemplos de argumentação sobre essas questões:

Israel ameaça Gaza com ‘reação desproporcional’

O premiê Ehud Olmert ameaçou adotar uma “reação desproporcional” em resposta aos foguetes lançados contra Israel desde a faixa de Gaza - cuja autoria dos disparos é incerta.

Palestinos já teriam sido alertados por telefone para deixarem locais usados para ‘terrorismo’. Ontem, Israel atacou alvos do Hamas em Gaza e os túneis que ligam a região ao Egito. (*Folha*, 02/02/09).

A chamada relata o acontecimento sob o ponto de vista de Israel, sem ouvir as fontes palestinas. No entanto, usa o termo “ameaça” e diz que a “autoria dos disparos é incerta”. O jornal, certamente citando uma fonte de Israel, coloca entre aspas “terrorismo”. De qualquer maneira, segundo a chamada, Israel está respondendo a um ataque e visa apenas “alvos”. Ou seja, Israel tem objetivos mais precisos nessa guerra e, por avisar os Palestinos para saírem dos “alvos”, apresenta-se como um país que respeita a população civil e apenas se defende.

Na chamada abaixo, o correspondente Marcelo Ninio dá sua opinião sobre o conflito, mas o título se refere à população palestina e ao Estado de Israel. Há um desajuste, sugerindo que a Palestina seja desorganizada e Israel, um Estado representativo.

Palestinos e Israel vivem momento de desconfiança mútua

Em conversas com palestinos e israelenses, a desconfiança mútua dá o tom. É raro alguém capaz de analisar o conflito pelo prisma do outro. Gaza ampliou esse fosso.

Entre os palestinos, cresceu o apoio ao Hamas; entre os israelenses, a guerra só seria mais popular se tivesse durado mais tempo. (*Folha*, 07/02/09).

No dia 11 de fevereiro de 2009: a principal manchete da primeira página da *Folha* é sobre a eleição em Israel. A chamada tem foto, legenda, título e texto:



FIGURA 105 - Foto chamada da eleição em Israel

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 11 fev. 2009, p. 1.

Direita tem maioria parlamentar em Israel

Marcelo Ninio

Projeções apontam a vitória da chanceler centrista Tzipi Livni em Israel.

Segundo pesquisa, o partido Kadima venceu por estreita margem os conservadores do Likud, mas os partidos de direita somados terão maioria parlamentar.

A vitória de Kadima abriria caminho para Livni liderar o próximo governo. A maioria direita, porém, favorece uma coalizão governista dirigida pelo Likud.

O líder Binyamin Netanyahu se diz convicto de que receberá do presidente a missão de montar a coalizão. Ainda assim, o Kadima festejou o resultado.

A legenda de foto é: “Noivos votaram em colégio eleitoral antes do casamento em Ashkelon, no sul de Israel, para eleger representantes parlamentares”.

A foto dá uma ideia do quanto a eleição é importante em Israel, pois até noivos comparecem às urnas. Como prova do *pathos*, a foto demonstra o clima de tranquilidade e paz nas eleições. A eleição em Israel é como um casamento entre os partidos que formam o parlamento. Ao mesmo tempo representa união, construção, renúncia e acordos em prol de um objetivo maior. A bandeira de Israel ao fundo e o símbolo do judaísmo, na urna, demonstram o quanto o Estado e a religião são ligados.

Em Israel, os representantes parlamentares é que constroem uma coalizão capaz de sustentar um governo. Portanto, não basta ganhar as eleições, é preciso que haja parlamentares suficientes para indicarem esse nome eleito. A centrista Livni ganhou, mas seu nome não foi confirmado pelo presidente. Então, o líder de direita, Binyamin Netanyahu, tornou-se o primeiro ministro.

A chamada mostra o quadro político das últimas décadas em Israel, com alternância de poder entre o partido de centro, Kadima, e o partido de direita, Likud. Dependendo do resultado das eleições, pode ser agravado o conflito com os palestinos. Além disso, por ser um aliado dos EUA, Israel é pauta constante nas notícias. A *Folha*, inclusive, teve um editorial sobre Israel: *Israel à direita*, acerca da votação no país, comentando os resultados das eleições.

A Itália aparece com seis chamadas, relacionadas principalmente a assuntos que estiveram em pauta em fevereiro: o apelo de uma família para interromper a vida vegetativa de sua filha; o caso do preso italiano no Brasil, Cesare Battisti; e a política anti-imigração, de que tratamos anteriormente.

A Itália foi notícia nos principais jornais do mundo por conta de uma ação inédita, movida por uma família, pedindo que os médicos interrompessem os procedimentos que mantinham viva uma paciente:

Berlusconi tenta barrar a eutanásia e gera crise na Itália

O primeiro-ministro Silvio Berlusconi tenta interromper a eutanásia da italiana Eluana Englaro, em coma há 17 anos. Ele fez passar decreto-lei que proibia interromper a alimentação de pacientes em estado vegetativo, mas o presidente se negou a assiná-lo. Depois apresentou o texto ao Legislativo como projeto de lei. (*Folha*, 07/02/09).

O título já demonstra o mal estar que Berlusconi causou ao se opor à decisão judicial. O conector “e” liga as duas asserções como causa e consequência. A alimentação da italiana foi suspensa e Berlusconi tenta fazer os médicos voltarem atrás com um decreto lei e um projeto de lei. A chamada demonstra que o primeiro ministro está na contramão da justiça, do governo e da família. A chamada diz que Berlusconi “fez passar decreto-lei”, como se isso fosse resultado de uma manobra de esperteza. Com a recusa do presidente em assinar o decreto-lei, Berlusconi teria tentado outra manobra: *depois apresentou o texto ao Legislativo*.

Outro assunto que ocupou as primeiras páginas foi a discussão sobre a extradição ou não do italiano Cesare Battisti, preso no Brasil desde 2007, condenado na

Itália à prisão perpétua por quatro homicídios. Em janeiro de 2009, o então ministro da Justiça, Tarso Genro, concedeu *status* de refugiado político a Battisti, o que foi considerado ilegal pelo Supremo Tribunal Federal (STF). O Supremo, então, chamou para si a atribuição de conceder *status* de refugiado. Meses depois, o Supremo se pronunciou, dizendo que cabia ao Presidente da República a decisão.

A chamada da próxima notícia argumenta que o Parlamento Europeu pede que o Brasil reconsidere o refúgio dado ao italiano. Mas a chamada é mais favorável à decisão brasileira:

Europa pede ao Brasil que reveja caso Battisti

O Parlamento Europeu aprovou, em sessão esvaziada, com apenas 54 dos 785 representantes presentes - resolução que pede ao Brasil que reconsidere o refúgio a Cesare Battisti.

Os deputados solicitaram ao STF que 'leve em conta' a sentença da Justiça italiana contra Battisti. A chancelaria brasileira considerou o pedido 'respeitoso'. (*Folha*, 06/02/09).

Observamos que o jornal tenta desqualificar o pedido do Parlamento Europeu, dando o número de deputados presentes. Além disso, o Parlamento apenas "pede" que o STF do Brasil "leve em conta" a situação do preso na Itália. O jornal mostra que não há um consenso sobre o caso. A perspectiva da chamada são as possibilidades de o italiano livrar-se da extradição:

Outros destaques da editoria internacional, em fevereiro de 2009, são as negociações que levaram à libertação de alguns reféns das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). No dia 2 de fevereiro de 2009, o assunto é a manchete principal, com título e subtítulo.

Guerrilha solta reféns com apoio brasileiro

Quatro pessoas que estavam com as Farc são entregues à Cruz Vermelha

A notícia dá conta de que os quatro militares foram libertados graças a uma missão coordenada pela Cruz Vermelha Internacional e o com o apoio logístico do Brasil, que cedeu helicópteros à ação. O governo colombiano não participou e foi contra a negociação da Cruz Vermelha. O título usa o termo guerrilheiro para mostrar o modo como as Farc são vistas. Na chamada do dia 3 de fevereiro, as Farc são denominadas como quadrilha.

As negociações para libertar os reféns, também chamados de prisioneiros,

são muito complicadas e envolvem governos, as Farc e a Cruz Vermelha. Vários boatos rondaram esses acordos: o mais grave foi o de que os governos da Colômbia e Venezuela disputam entre si o mérito da ação.

Disputa política atrasa libertação de reféns das Farc

A disputa política entre o governo da Colômbia e a senadora opositora Piedad Córdoba, que negocia com as Farc a libertação de seis reféns, atrasou em pelo menos um dia a missão que retiraria do cativeiro o ex-governador Alan Jara, prisioneiro da quadrilha há oito anos. Anteontem, quatro reféns foram soltos. (*Folha*, 03/02/09).

No dia 4 de fevereiro de 2009, o tema é apresentado com uma foto-legenda:

Volta para casa. Abraçado pelo filho e pela mulher, o ex-governador Alan Jara acena após ser libertado em Villavicencio (Colômbia); ele ficou oito anos na selva como refém de guerrilheiros das Farc.



FIGURA 106 - Foto chamada de ex-refém das Farc

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 04 fev. 2009, p. 1.

A foto legenda ilustra o sentimento de todos com os casos de sequestros, a violência contra a liberdade das pessoas e o sofrimento das famílias. O fato de ficar na selva agrava ainda mais a situação dos sequestrados, obrigados a uma rotina de sacrifícios físicos extremos. Em 5 de fevereiro de 2009, o editorial traz o título: “O ocaso das Farc”.

A situação política da Venezuela também é destaque na primeira página da *Folha*. No dia 2 de fevereiro, a chamada para uma entrevista com a historiadora e cientista política, Margarita López Maya, diz: “Chávez avançou no social em dez anos, mas governo e Estado agora se confundem”. A historiadora faz uma crítica ao governo Chávez. Outra chamada é mais informativa, mas critica o governo:

Venezuela vota hoje sobre fim do limite para reeleição

Fabiano Maisonave¹²¹

Eleitores venezuelanos decidem hoje, pela segunda vez, se o presidente Hugo Chávez poderá concorrer ao cargo que ocupa há dez anos. O ‘sim’ lidera pesquisas. Chávez disse querer governar até 2049. (*Folha*, 15/02/09).

As pesquisas mostram que a proposta de Chávez vencerá. Mesmo assim, a *Folha* evidencia no título a possibilidade do fim da reeleição. Além disso, ressalta o tempo em que o presidente ocupa o cargo e o tempo que ainda gostaria de ficar como presidente. Além disso, é irônico ao afirmar que os eleitores terão que decidir pelo mesmo tema duas vezes. No editorial, também do dia 15 de fevereiro de 2009, o jornal estampa: “Chávez na encruzilhada”, sobre o referendo para reeleição.

Por fim, outro país em destaque é o Irã. O aniversário da revolução islâmica e os conflitos de interesse político entre Irã e EUA têm chamado a atenção da imprensa. Em 09 de fevereiro de 2009, o editorial trouxe: “O enigma iraniano, acerca da aproximação com Washington”. Temos ainda uma notícia:

Irã se dispõe a dialogar com EUA após 30 anos

Raul Juste Lores¹²²

O presidente do Irã, Mahmoud Ahamadinejad, disse que dialogará com os EUA se houver ‘mútuo respeito’.

A declaração foi feita na celebração dos 30 anos da Revolução Islâmica que marcou o corte de relações com os EUA. Barack Obama já manifestou intenção de dialogar com o Irã. (*Folha*, 11/02/09).

O diálogo poderá acontecer, mas o presidente do Irã, segundo a *Folha*, coloca restrições que denomina de “mútuo respeito”, sem especificar exatamente o que o Irã considera como respeito.

Em 15 de fevereiro de 2009, o jornal apresenta uma foto legenda em destaque:

¹²¹ Correspondente da *Folha de S. Paulo* na Venezuela

¹²² Correspondente da *Folha de S. Paulo* na China e enviado especial a Teerã.

30 anos depois. Raul Juste Lores relata como é a 'revolução sutil' feita em festas e na Internet pelos jovens do Irã no aniversário da Revolução Islâmica.



FIGURA 107 - Foto chamada do Irã

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 15 fev. 2009, p. 1.

O texto que acompanha a foto sugere que a revolução islâmica está sendo minada pela juventude. A foto, uma prova patêmica, reforça este argumento, mostrando garotas alegres, com jeans e tênis coloridos por baixo das tradicionais vestes pretas. O novo Irã parece desabrochar.

7.1.3 O modo argumentativo na editoria política da *Folha de S. Paulo*

A terceira editoria mais presente na primeira página é a *Brasil*, que trata de política nacional. A primeira quinzena de fevereiro não tem, tradicionalmente, novidades políticas, por causa do retorno do recesso parlamentar e do feriado de carnaval. Mesmo assim, a *Folha* mantém sua identidade ao tratar de política, ainda mais se considerarmos que muitas matérias podem, num primeiro momento, não ser de cunho político, mas alcançam temas políticos ou decisões políticas, como o caso da crise econômica e do desemprego.

Quatro assuntos políticos foram mais evidentes na quinzena analisada: a eleição para presidentes da Câmara e do Senado; o presidente Lula e a

presidenciável Dilma Rousseff; a corrupção no Legislativo e a fraude na Prefeitura de São Paulo.

O Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), o Partido dos Trabalhadores (PT), o Partido Progressista (PP) e o Partido Comunista do Brasil (PC do B) disputam as presidências do Legislativo. Essa eleição tem um aspecto muito importante, já que os eleitos estarão no cargo no período de eleição para presidente da república, em 2010. Ou seja, o que está em jogo são as alianças no Congresso para ajudar os futuros candidatos ao executivo:

PMDB poderá reaver comando das duas Casas do Congresso

Se não houver traição no Congresso, o PMDB está prestes a voltar à hegemonia no Poder Legislativo, depois de 16 anos. A sigla disputa como favorita as presidências da Câmara e do Senado.

O senador José Sarney (PMDB-AP) e o deputado Michel Temer (SP) divulgaram listas de apoio, que, no papel, garantem os postos aos dois. O partido diz ter mais de 50 votos para Sarney e ao menos 350 para Temer. (*Folha*, 01/02/09).

O jornal ressalta que esses são votos sinalizados, mas há a possibilidade de traição por parte daqueles que dizem que votam e assinam listas, mas mudam de posição no plenário. De qualquer maneira, o partido que faz parte da base aliada do governo Lula está à frente e pode eleger-se para as duas casas. Noutra notícia sobre a eleição, o foco é o conflito, já que alguns partidos menores sentem-se excluídos. O jornal dá voz aos que discordam da eleição e aponta que pode haver surpresas no resultado:

Eleição na Câmara pode virar guerra judicial

Os deputados federais elegem hoje seu novo presidente em meio a um clima tenso e ameaça de guerra judicial. PP e PSOL pretendem reclamar vagas na Mesa Diretora diretamente no STF (Supremo Tribunal Federal), pois consideram-se excluídos do processo sucessório.

Embora o PMDB continue sendo apontado como favorito com a candidatura de Michel Temer (SP), não há certeza sobre sua vitória na Câmara. No Senado, José Sarney (PMDB-AP) enfrenta agora o suposto avanço da candidatura do petista Tião Viana (AC). (*Folha*, 02/02/09).

O colunista da *Folha*, Fernando Rodrigues, escreve com ironia e compara as ações de Lula às de Collor, além de o PMDB representar um retrocesso de 16 anos. O artigo ainda alfineta Lula, que estaria impondo um novo papel ao PT, subjugar-se ao PMDB, que tem apetite para o poder. Para eleger Dilma, Lula alimenta o PMDB:

Lula promove renascimento do PMDB

Lula completa hoje uma *obra relevante* do seu mandato: o renascimento do PMDB. De lambuja aprofunda a submissão do PT.

Desde Collor, o PMDB não mandava tanto. O partido atual é igualzinho ao de 16 anos atrás. Está apenas com mais apetite. (*Folha*, 01/02/09).

Com o resultado da eleição, a *Folha* traz uma chamada principal, com título, subtítulo, texto e foto. O argumento principal do jornal é que o presidente Lula está por trás dessas eleições para ajudar a sua candidata à sucessão, Dilma Rousseff. Além disso, reafirma que o PMDB é um partido que visa a cargos e poder.

PMDB vence na Câmara e no Senado

Com apoio de Lula, Michel Temer e José Sarney são eleitos pela 3ª vez para as presidências das duas Casas

Com o apoio do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o PMDB reconquistou, após 16 anos, as presidências da Câmara e do Senado. As vitórias dão ao partido poder para avançar na busca de mais espaço no governo, no qual já tem seis ministros, e influir na eleição de 2010.

Tanto Temer quanto Sarney tiveram menos votos que o projetado; como a votação é secreta, não é possível saber a origem das defecções. Para Dilma Rousseff, ministra da Casa Civil e presidenciável, 'a base do governo foi vitoriosa'. (*Folha*, 03/02/09).

A chamada para a coluna da jornalista política Eliane Cantanhêde, no mesmo dia da posse dos presidentes do Congresso, é irônica. Segundo ela, o resultado deveria incomodar Lula, mas isso não acontece. Afinal Lula não dá atenção ao Congresso, nunca deu, nem quando era deputado. Certamente tem viés de ditador e gosta de governar de outra maneira. A colunista lamenta pelo PSDB e o presidenciável José Serra.

Resultado eleitoral no Congresso não incomoda Lula

Lula jamais deu bola para o Congresso, mesmo quando deputado constituinte. Vencesse o PMDB ou o PT no Senado e o PMDB na Câmara, tanto faz como tanto fez, Lula ganharia de qualquer modo. Serra e o PSDB perderiam de qualquer modo. (*Folha*, 03/02/09).

O editorial deste dia foi "Dose dupla, sobre vitória do PMDB no Congresso". Dose dupla tem um significado negativo: usa-se para designar uma coisa ruim que acontece em dobro.

O jornal apresenta os resultados de uma pesquisa sobre o desempenho do governo Lula e não especula sobre as razões de o presidente ter popularidade, mas sobre o fato de, em plena crise econômica mundial, ainda continuar popular e contar com a confiança do eleitorado. Apesar da crise, diz o jornal, os índices de

popularidade batem recordes, mesmo com anúncio de fim de vagas de emprego. O “populismo” do presidente ofusca os dados concretos da economia:

Apesar da crise, Lula tem popularidade recorde

A piora na situação econômica e as demissões não afetaram a popularidade do presidente Lula, que obteve em janeiro novo recorde de aprovação. Pesquisa CNT/Sensus mostra que 72,5% consideram o governo ótimo ou bom. A avaliação positiva sobre o desempenho do petista chegou a 84%.

O levantamento ouviu 2.000 pessoas logo após o anúncio do fechamento de quase 655 mil vagas com carteira assinada no país.

A pesquisa aponta que 51% dos entrevistados disseram acreditar na melhora do emprego nos próximos seis meses - em dezembro o índice era de 47%. (*Folha*, 02/02/09).

No dia 8 de fevereiro de 2009, o editorial é “Lulismo e tradição, acerca da popularidade presidencial”. O termo Lulismo é bastante discutido no meio político, afinal, não há no Brasil essa denominação, como nos outros países da América Latina.

Outro tema político é uma série de denúncias de corrupção que pairam sobre os deputados federais. A mais grave recai sobre o deputado Edmar Moreira (DEM-MG), que não declarou seus bens, inclusive um castelo, para o Imposto de Renda. Além disso, os deputados usam manobras para contratar empresas de parentes para prestação de serviços os mais diversos.

Nesse clima de denúncias, a *Folha* faz três editoriais: criticando a proposta de não cassação de deputados federais. O primeiro, sob o título, “Encastelados”, sugere como os políticos pensam em comandar o Brasil, de dentro de redomas, sem ter que dar satisfação aos eleitores; outro pede transparência nas ações na da Câmara, sob o título “Transparência devida”, e alerta para a necessidade de mudanças nessa instituição. O terceiro editorial critica a impunidade, com o título “Processo eterno”.

A senadora Marina Silva, também candidata à Presidência da República, escreve artigo sobre a ética na política e convoca uma união em torno dessa bandeira. A senadora preocupa-se com a polarização entre o PT e o PSDB, o que minimiza as chances de outros partidos chegarem ao poder:

PT e PSDB devem se unir em prol do resgate da política

Se mantivessem pontos de contato, dificilmente PT e PSDB seriam reféns de maiorias indefinidas e, muitas vezes, inconsequentes.

Unidos pelo resgate da política, contribuiriam para catalisar o que há de melhor em todos os partidos, em benefício de si mesmos e, principalmente, do país. (*Folha*, 09/02/09).

Quanto à candidata à Presidência da República, Dilma Rousseff, do PT, a *Folha* apresenta quatro chamadas. Uma delas sobre a investigação para encontrar os responsáveis no governo que teriam elaborado um dossiê contra o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Mas as investigações devem continuar:

Supremo tira Dilma e Tarso de apuração sobre dossiê

Os ministros Dilma Rousseff (Casa Civil) e Tarso Genro (Justiça) foram excluídos da lista de possíveis investigados do inquérito aberto pela Polícia Federal sobre dossiê de gastos do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. A decisão é do ministro do STF Ricardo Lewandowski - que no entanto determinou que as investigações prossigam.

‘Não há até este momento fatos que justifiquem a investigação de autoridades em instância superior’, declarou Lewandowski. (*Folha*, 12/02/09).

A chamada a seguir faz duas denúncias. A primeira, de que Dilma Rousseff tem deixado seu posto de trabalho em viagens de campanha e, a segunda, de que o seu gabinete estaria envolvido na elaboração do dossiê contra FHC.

Dilma faz mais que o dobro de viagens pelo país em 2008

A ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, mais que dobrou suas viagens pelo no ano passado. Em 2007, ainda quando não era apontada como candidata ao Planalto, Dilma fez 28 viagens; em 2008, foram 61. A nova rotina de Dilma deu mais poder à secretária-executiva Erenice Guerra, apontada como responsável pelo dossiê que revelou gastos sigilosos da gestão FHC com cartões. (*Folha*, 14/02/09).

Dois editoriais, um do dia 13 de fevereiro, “Campanha biônica, sobre promoção de Dilma” e outro, do dia 15 de fevereiro de 2009, “PACs e palanques”, comentam o *marketing* dos programas do governo. Os editoriais mostram que o jornal considera a indicação de Dilma Rousseff, para candidata a Presidência da República, um ato isolado do presidente Lula. Além disso, segundo argumenta o jornal, as obras do PAC seriam um pretexto para que a ministra fizesse sua campanha antecipada.

Por fim, a política teve mais um destaque nessa primeira quinzena: as fraudes na Prefeitura de São Paulo, especialmente na área da educação, com matérias referentes às investigações sobre fraude de licitação na merenda escolar. A responsabilidade do prefeito é destacada, afinal, a fraude acontece em sua gestão:

Promotora investiga fraude na merenda

O Ministério Público Estadual investiga a existência de conluio entre empresas de merenda escolar para fraudar licitação feita pela Prefeitura de São Paulo em maio de 2007, na gestão Gilberto Kassab (DEM).

As prestadoras do serviço terceirizado têm recebido do município, desde então, mais de R\$ 200 milhões por ano. Órgão que fiscaliza merenda também aponta irregularidades na qualidade dos alimentos. (*Folha*, 05/02/09).

Prefeitura afasta responsável pela merenda em SP

A gestão Gilberto Kassab (DEM) afastou a diretora técnica do Departamento de Merenda Escolar, Beatriz Aparecida Edmea Tenuta, que havia trabalhado para a SP Alimentação. A empresa é investigada pelo Ministério Público Estadual sob a suspeita de *fraude no pregão da merenda e má qualidade*. Tenuta diz não haver conflito de interesses. (*Folha*, 07/02/09).

O destaque do editorial, também no dia 07/02/09, é para o fato de a diretora técnica ser ex-funcionária da empresa que ganhou a concorrência: “Cartel da merenda, acerca da licitação suspeita”. Essas notícias dão a certeza de que existem problemas nas licitações da merenda no governo de Kassab.

7.2 O modo argumentativo da primeira página do *Le Monde*

A primeira página do *Le Monde* privilegia os temas internacionais, políticos e culturais. Se considerássemos as charges como parte da editoria de política, ela ficaria em primeiro lugar no número de chamadas. Na análise do modo argumentativo da primeira página do *Le Monde*, seguiremos a ordem temática do GRAF. 7:

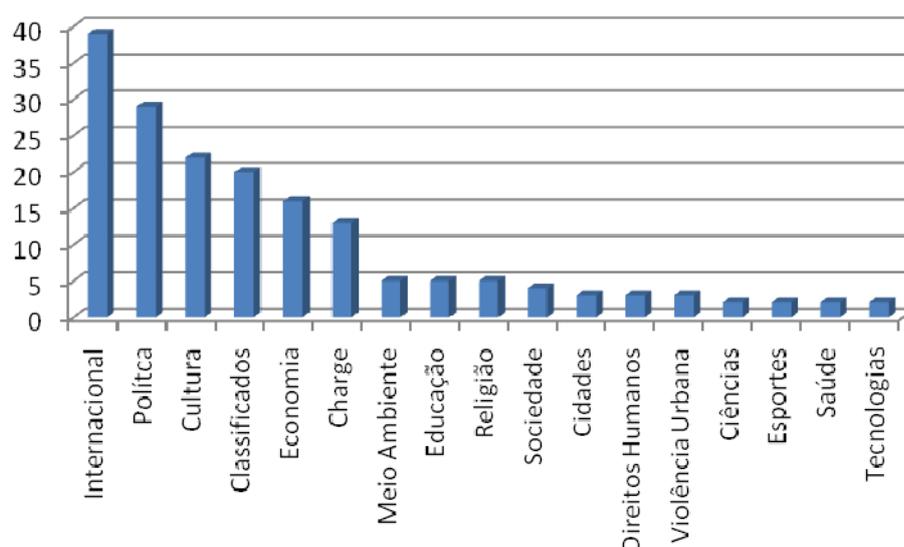


GRÁFICO 7 - Número de chamadas por tema no *Le Monde*

Fonte: elaborado pela autora, 2011.

7.2.1 O modo argumentativo na editoria internacional do *Le Monde*

A forte presença da editoria internacional justifica o nome do jornal e o coloca como referência na cobertura de eventos fora da França. Além disso, o jornal consolidou sua publicação independente, *Le Monde Diplomatique*, desde 1954, que hoje circula em diversos países e está na plataforma da Web. Como vimos através da história do *Le Monde*, sua pretensão é a de ser um jornal que fale ao mundo e do mundo. Mesmo com tantas mudanças e crises financeiras ao longo dos anos, o destaque da editoria internacional confirma essa vocação. Durante nossa pesquisa, *Le Monde* trouxe, nas chamadas internacionais, o Oriente Médio, seguido pelos Estados Unidos, Europa, África e América Latina.

A França acolhe a maior comunidade mulçumana e judaica da Europa, o que pode explicar o interesse do jornal pelos países do Oriente Médio. Os países mais citados são Israel e Irã, os dois em processos eleitorais à época da coleta de nossos *corpora*. O Iraque também teve duas chamadas relacionadas às suas eleições.

As eleições em Israel foram o tema principal das notícias internacionais do *Le Monde*. A primeira menção a esse episódio em nosso *corpus* foi como uma chamada grande, na parte superior do jornal, com o título: “*Un parti ultranationaliste israélien perce dans les sondages*” (*Le Monde*, 04/02/09).¹²³

O jornal começa seu texto fazendo indagações sobre o fenômeno do crescimento eleitoral da direita em Israel. Seria uma consequência da guerra contra o Hamas ou um reflexo da corrente radical de direita que está no seio da sociedade israelense? A tônica do jornal é de estranhamento e de busca de respostas racionais. A argumentação do jornal, iniciando o texto com uma pergunta, é de que a direita não deveria ter a preferência dos eleitores. Por que isso acontece? O jornal apresenta, como uma das provas, a análise do diretor de um instituto de pesquisa para confirmar: “*Si cela continue, ce sera la plus grosse surprise des élections*” (*Le Monde*, 02/02/09).¹²⁴ O jornal prevê que a direita vá conquistar mais 16 cadeiras na assembleia legislativa. Segundo a notícia, o nome de Avigdor Lieberman está na boca dos eleitores. *Le Monde* faz um perfil deste candidato: “*A 51 ans, cet*

¹²³ Nossa tradução: Um partido ultranacionalista de Israel avança nas pesquisas.

¹²⁴ Nossa tradução: Se isso continuar, será a maior surpresa das eleições

ultranationaliste est devenu, par ses accents racistes, ses positions radicales et son franc-parler, une sorte de nouveau "tsar" (*Le Monde*, 02/02/09).¹²⁵ De acordo com *Le Monde*, esse imigrante russo e chefe de gabinete do primeiro ministro Benjamin Netanyahu é campeão de soluções radicais e de efeitos de *marketing*. A matéria tenta desconstruir a imagem do candidato, preferido entre os eleitores de origem russa e de direita em Israel.

Essa tendência das pesquisas também é tema de uma enquete: "*À la veille des élections législatives, la société israélienne penche à droite*" (*Le Monde*, 08/02/09).¹²⁶ Mais uma vez, o enfoque está no fenômeno do crescimento da direita, preocupação do jornal.

No dia das eleições, o título e os subtítulos respondem às indagações anteriores:

Les Israéliens votent: priorité à la sécurité

Sur fond de droitisation du pays, aucun parti ne domine le jeu politique. Les électeurs paraissent en proie à un réflexe de crispation sécuritaire. (*Le Monde*, 10/02/09).¹²⁷

Esses títulos encadeiam um raciocínio lógico: os eleitores estão atordoados com o medo da violência e, por isso, votam tão mal. Além disso, a matéria ressalta que o eleitorado está dividido e que a difícil formação de uma maioria governista na assembleia vai dificultar o encaminhamento de grandes questões, como as relações com a Palestina e com a região. Outro problema a ser enfrentado pelo novo governo de coalizão é a economia frente à recessão mundial.

Apesar de preocupar-se com o avanço da direita, *Le Monde* demonstra em números a legitimidade das eleições em Israel: "*C'est la cinquième consultation en dix ans. Plus de cinq millions d'inscrits se prononcent au scrutin proportionnel a l'échelle nationale. Ils ont a choisir entre trente-trois partis*" (*Le Monde*, 10/02/09).¹²⁸

¹²⁵ Nossa tradução: Aos 51 anos, este ultranacionalista tornou-se, por seus tons racistas, suas posições radicais e modo franco de falar, uma espécie de novo "czar".

¹²⁶ Nossa tradução: Na véspera das eleições parlamentares, a sociedade israelense se inclina à direita.

¹²⁷ Nossa tradução: Os israelenses votam: prioridade para a segurança. Sob um fundo direitista do país, nenhum partido domina o jogo político. Os eleitores parecem vítimas de um reflexo da tensão da segurança.

¹²⁸ Nossa tradução: Esta é a quinta eleição em 10 anos. Mais de cinco milhões de eleitores se pronunciam num escrutínio de escala nacional. Eles vão escolher entre 33 partidos.

O jornal explica que os mais importantes partidos, e com chances reais, são os de direita e centro-direita. À frente das pesquisas, a “velha formação de direita nacionalista”, o Likud, de Benyamin Nétanyahou. Em seguida, vem a formação de centro direita, Kadima, chefiada pela ministra Tzipi Livni. Em terceiro lugar, está o partido ultranacionalista, Israel Beittenou, de Avigdor Lieberman. Em quarto, os trabalhistas, do ministro Ehoud Barak. *Le Monde* encerra a chamada com uma previsão pessimista: “*Al’instar d’une écrasante majorité d’Israéliens, ces quatre dirigeants défendent sans réserve l’opération qui a été menée à Gaza*” (*Le Monde*, 10/02/09).¹²⁹

Para ajudar a construção desse panorama eleitoral, um enviado especial do *Le Monde* visita uma cidade ao norte de Israel, que pode ser considerada a vitrine do fenômeno eleitoral da direita. No dia 11 de fevereiro, a chamada fala de Nazareth-Illit, uma pequena cidade de 50 mil habitantes, denominada pelo jornal de “*Lieberman City*”, que há três eleições vota no partido de direita e no populista Avigdor Lieberman.

Bâtie en surplomb de la Nazareth arabe et peuplée de 50.000 habitants, dont la moitié issue de l’ex-URSS, la ville est désormais la vitrine du phénomène Lieberman, auquel les sondages promettent jusqu’à vingt députés. (*Le Monde*, 11/02/09).¹³⁰

No dia 12 de fevereiro de 2009, os resultados das eleições ocupam novamente o lugar de destaque da primeira página:

En Israël, la centriste Tzipi Livni arrive en tête du scrutin législatif

La prochaine coalition gouvernementale devrait être marquée par la poussée à droite de l’électorat.

Le chef du Likoud, Benyamin Nétanyahou, arrivé deuxième, brigue le poste de premier ministre.¹³¹

Le Monde argumenta que ainda não se sabe quem vai ser o primeiro ministro, pois a formação do poder legislativo, o Knesset, é incerta. A centrista Tzipi Livni, ministra dos assuntos estrangeiros, do partido Kadima, ganha as eleições

¹²⁹ Nossa tradução: Com a esmagadora maioria dos israelenses, estes quatro dirigentes defendem sem reservas a operação que foi realizada em Gaza.

¹³⁰ Nossa tradução: Criada com vista para a Nazaré árabe e povoada por 50 mil pessoas, das quais metade vinda da ex-URSS, a cidade agora é a vitrine do fenômeno Lieberman, que de acordo com as pesquisas vai ganhar até vinte deputados.

¹³¹ Nossa tradução: Em Israel, a centrista Tzipi Livni chega em primeiro na eleição legislativa. Próxima coalizão governamental deverá representar a virada à direita do eleitorado. O chefe do Likud, Benyamim Nétanyahou, que chegou em segundo, briga pelo posto de primeiro ministro.

legislativas, mas uma coalizão entre os mais votados e o número de cadeiras no legislativo indicará quem será o primeiro ministro. Esse sistema de governo em Israel privilegia a formação de um governo de coalizão e não o maior número de votos. Dessa maneira, a direita, bem representada nas eleições, deve indicar o primeiro ministro. Conforme *Le Monde*, o possível primeiro ministro, Benyamin Nétanyahou, deverá fazer alianças com os ortodoxos e com os ultradireitistas para assumir o cargo, e a consequência seria que “*Une telle alliance priverait cependant l’ancien premier ministre de toute marge de manoeuvre pour des négociations avec les Palestiniens ou avec les Syriens*” (*Le Monde*, 12/02/09).¹³²

Para o jornal, os EUA também serão colocados em prova por essa aliança de direita, já que o presidente americano, Barack Obama, inclusive, já enviara um novo emissário para o Oriente Médio. Este emissário, então, no raciocínio implícito do jornal, não teria nada a fazer num governo de direita e extrema-direita.

O jornal encerra a notícia com o ponto de vista palestino. A autoridade palestina afirma que seja qual for a coalizão formada, por qualquer primeiro ministro, não haverá condições para a paz: “*quelle que soit la coalition formée par quelque premier ministre que ce soit, le prochain gouvernement israélien ne sera pas en mesure de créer les conditions de la paix*” (*Le Monde*, 12/02/09).¹³³ No final dessa matéria, *Le Monde* convida o leitor a ler o editorial sobre as eleições em Israel.

As chamadas do *Le Monde* demonstram uma preocupação com a manifestação de direita do eleitorado israelense. O jornal coloca o leitor a par da situação das eleições, mas argumenta que essa onda de direita não é boa para as relações com a Palestina, uma das preocupações principais apontadas pelo jornal.

O Irã tem duas chamadas no *Le Monde*. Na primeira, dia 8 de fevereiro, no alto da página e com foto, o jornal convida o leitor para o caderno *Week-end*, que traz um perfil do Aiatolá Khomeini, líder da revolução islâmica há 30 anos. “Khomeini no cotidiano: o testemunho das pessoas próximas”. A perspectiva do jornal é a de desvendar um pouco da vida privada desse líder religioso e político que mudou a história do Irã. A foto contribui para manter o mistério, já que não há nada que

¹³² Nossa tradução: Uma tal aliança privaria, no entanto, o ex-primeiro-ministro de qualquer margem de manobra para negociação com os palestinos ou os sírios.

¹³³ Nossa tradução: Seja qual for a coalizão formada por qualquer primeiro ministro que seja, o próximo governo israelense não será capaz de criar as condições de paz.

relacione o personagem, que olha para o infinito, a uma situação mais concreta.



FIGURA 108 - Foto chamada de Khomeyni

Fonte: *Le Monde*, 08 fev. 2009, p. 1.

No dia 11 de fevereiro, *Le Monde* faz uma chamada sobre as eleições no Irã, com um enviado especial:

Après trente ans de révolution, l'Iran, puissance régionale, s'interroge
 Désillusion économique et sociale à quelques mois des élections.¹³⁴

O argumento da chamada é o de que as coisas pioraram no Irã. Para convencer o leitor disso, o jornal conversa com as pessoas dos bairros e tenta descobrir como é o dia-a-dia nesse país. O correspondente afirma que muitas lojas faliram. Na opinião de um comerciante de alimentos, Reza Taffeschi, não se deve mudar a educação. Por outro lado, as coisas pioraram. O jornalista descreve as etiquetas dos alimentos, revelando as diversas procedências dos produtos, todos importados, pois a produção iraniana é rara. “Arroz paquistanês, conservas chinesas e italianas, chá indiano. Nada iraniano”.

O jornal reproduz um diálogo entre uma compradora de berinjelas e o senhor Reza Taffeschi, que a aconselha a levar os tomates, pois as berinjelas estão mais caras. A mulher parte sem nada. “Todo mundo se queixa, os preços ziguezagueiam, comenta Reza, fatalista. Eu não sei o que o amanhã trará [...]” diz o comerciante. Num bairro chique, um pequeno supermercado exibe um ar de prosperidade. Mas a atendente confirma em voz baixa que a alta dos preços afastou os clientes, que agora só compram uma vez por semana. *Le Monde* optou por um enfoque mais cotidiano e não tocou nos assuntos religiosos e políticos, mas nas dificuldades econômicas do Irã, vividas no dia-a-dia das pessoas. A conclusão é de os rumos

¹³⁴ Nossa tradução: Depois de 30 anos de revolução, o Irã, potência regional, se interroga
 Desilusões econômicas e sociais a poucos meses das eleições.

políticos têm levado a consequências econômicas desastrosas.

As eleições no Iraque são notícia no dia 03/02/09. *Le Monde* enaltece o processo eleitoral e argumenta que o primeiro ministro é o maestro dessa ação. Ao final da matéria, o leitor também é convidado a ler o editorial sobre o assunto. O título já indica o tom da notícia: “*Le scrutin régional en Irak marque un pas vers la normalisation dans le pays. Succès pour le premier ministre Al-Maliki; montée des partis non religieux*”¹³⁵.

A chamada elogia o primeiro ministro iraquiano, Nouri Al-Maliki, que pode ter orgulho de ter levado adiante um importante passo em direção à normalização do país. Isso por duas razões, organiza o texto de forma lógica. A primeira refere-se ao processo eleitoral do Iraque, que ocorreu sem grandes incidentes em 14 das 18 províncias. A polícia iraquiana e o exército superaram o efetivo americano para garantir a segurança durante a campanha e o dia das eleições. Pouco mais da metade dos eleitores compareceu às urnas. Segundo referente aos resultados das eleições, que indicam o retorno, segundo *Le Monde*, essencial, da minoria árabe sunita ao jogo político. Eles indicam, ainda, a baixa influência dos partidos religiosos, especialmente os chiitas, e o aumento de participação de políticos não confessionais. Como conclusão argumentativa, o jornal diz que “*Ce scrutin avait valeur de référendum pour l’homme à la tête de l’Irak depuis trois ans*”¹³⁶.

Depois do Oriente Médio, como sabemos, os EUA aparecem como o país mais citado na primeira página do *Le Monde*. O centro das atenções é o novo presidente a Barack Obama e seus movimentos políticos, principalmente para resolver a crise econômica mundial. Há um esforço do jornal por tentar traçar o perfil deste novo chefe da Casa Branca e construir uma argumentação a partir do *ethos* do presidente e de seu governo.

Sobre as relações comerciais entre os EUA e a China, *Le Monde* destaca a forma atropelada como o governo de Barack Obama tratou o assunto: “*ces désaccords sur les questions monétaires démontrent ‘le manque d’expérience’ de l’équipe Obama ‘dans le domaine des relations internationales’*” (*Le Monde*,

¹³⁵ Nossa tradução: O escrutínio regional no Iraque marca um passo em direção à normalização no país. Sucesso para o primeiro ministro Al-Maliki: aumento dos partidos não religiosos.

¹³⁶ Nossa tradução: Essa eleição tem valor de referendo, para este homem que está no poder no Iraque há três anos.

04/02/09)¹³⁷ afirma o diretor do instituto shangainense, Ding Xinghao. O governo americano cobra do governo chinês a não desvalorização artificial da sua moeda, o que ajuda somente as exportações dos produtos chineses. Em telefonema ao presidente chinês, Barack Obama evitou tocar nesse tema, tentando atenuar as declarações “um pouco rudes” do novo secretário do tesouro americano. *Le Monde* argumenta que a China tem essa prática monetária há muito tempo e que a equipe de Barack Obama vai ter que encontrar um caminho para tratar dessa questão. Já que outros governos não obtiveram êxito. O título do jornal prevê, com uma pergunta, o clima entre as duas grandes potências:

Chine - Etats-Unis: le grand refroidissement?

Sur fond de crise, Washington denonce la faiblesse de la devise chinoise.

Pekin redoute le protectionnisme du Congrès, mais finance le déficit américain.¹³⁸

O jornal narra um jantar oferecido pelo casal Obama a amigos e políticos, para acompanharem a final do campeonato de futebol americano. A certa altura, um garoto perguntou a Barack Obama onde era o banheiro e o presidente teria respondido: “*Je ne sais pas, a répondu Barack Obama. Je ne suis là que depuis dix jours. Demande a quelqu’un dans le hall*” (*Le Monde*, 05/02/09).¹³⁹

Esta metáfora mostra o quanto o presidente ainda está se habituando às atividades do governo e sendo apresentado aos problemas.

Segundo o jornal, o governo já enfrenta a oposição por suas ideias de mudanças, inclusive porque Obama quer fixar a remuneração dos dirigentes dos bancos ajudados pelo governo. Para *Le Monde*, Obama está num momento difícil: “*Mais entre les promesses et les faits, se glissent déjà la réalité, les exceptions et les prudences qui inquiètent la gauche, mais réconfortent les républicains*” (*Le Monde*, 05/02/09).¹⁴⁰

Outro problema lembrado pelo *Le Monde* é que o presidente já teve que se

¹³⁷ Nossa tradução: Os desacordos sobre as questões monetárias demonstram a falta de experiência da equipe Obama no domínio das relações internacionais,

¹³⁸ Nossa tradução: China e Estados Unidos: o grande arrefecimento?

Em meio à crise, Washington denuncia a fragilidade da moeda chinesa. Pequim teme o protecionismo no Congresso, mas financia o déficit americano.

¹³⁹ Nossa tradução: Eu não sei. Estou aqui há apenas 10 dias. Pergunte a qualquer pessoa no saguão.

¹⁴⁰ Nossa tradução: Mas entre as promessas e os fatos, a realidade já se apresenta, com exceções e prudências que preocupam a esquerda e reconfortam os republicanos.

desfazer de dois convocados para ocupar cargos estratégicos, por estarem envolvidos em fraudes na Receita Federal, apesar de serem pessoas que ele havia elogiado muito.

A crise econômica toma uma dimensão enorme no governo americano. No dia 7 de fevereiro, *Le Monde* faz uma chamada sobre o assunto:

Plan de relance américain: Barack Obama se fache

Le président exhorte le Congrès à agir vite. (*Le Monde*, 07/02/09).¹⁴¹

Segundo o jornal, o presidente adota um tom emocional de campanha para conseguir aprovar seu plano econômico no Senado, onde enfrenta oposição dos republicanos. Os republicanos começam a usar a opinião pública para atacar o plano de “*Trop cher, trop dispendieux, pas assez généreux pour les contribuables, trop orienté vers l’investissement ‘vert’, etc.: la charge républicaine à commencé à porter dans l’opinion*” (*Le Monde*, 07/02/09).¹⁴²

Barack Obama dirigiu-se aos eleitores democratas para fazer um apelo:

‘Il s’agit de millions d’Américains qui vont perdre leur emploi’. Il faut faire vite: ‘Faute d’action, et d’action immédiate, cette crise tournera à la catastrophe’, a poursuivi M. Obama. (*Le Monde*, 07/02/09).¹⁴³

Obama quer retomar a economia através de investimentos, sem renunciar às despesas que implantarão no país um modelo econômico diferente, com empregos verdes e independência energética. *Le Monde* ressalta os apelos do presidente e, de certa maneira, afirma seus propósitos de retomar a economia americana em outros parâmetros, com investimentos na energia verde, por exemplo.

No dia seguinte, *Le Monde* traz outra chamada sobre o tema. O título indica o argumento do jornal: “*Relance: le Sénat réduit les ambitions de M. Obama*” (*Le Monde*, 08/02/09).¹⁴⁴ “O plano de recuperação e investimento público” de Obama avançou em direção à sua adoção, segundo *Le Monde*. Os senadores conseguiram

¹⁴¹ Nossa tradução: Plano de retomada americana: Barack Obama se irrita
O presidente insta o Congresso a agir rápido.

¹⁴² Nossa tradução: Muito caro, muito dispendioso e não generoso o suficiente com os contribuintes, muito orientado para investimentos verdes, etc.: a carga republicana começou a pesar na opinião.

¹⁴³ Nossa tradução: Trata-se de milhões de americanos que vão perder seus empregos. É necessário agir rápido. “É necessário ação, e ação imediata, ou esta crise se tornará uma catástrofe”, disse Obama.

¹⁴⁴ Nossa tradução: Recuperação: o Senado reduz as ambições de Obama.

um acordo para aprovar o plano destinado a tirar a economia americana da crise, mas com um valor bem menor do que o solicitado pelo governo. O jornal mostra que o presidente americano deve fazer acordos com o Congresso para fazer as reformas no país. O jornal apresenta provas do *logos*, com os valores discutidos pelos políticos: 825 milhões de dólares votados no Congresso, contra os 937 milhões pedidos pelo governo. Os republicanos sonhavam em não aprovar nem 500 milhões. Mas diante do apelo de Obama, de que seria “indesculpável e irresponsável” os senadores não aprovarem o plano, enquanto milhões de americanos ficam sem emprego, o Congresso recuou. As cifras de desemprego, segundo *Le Monde*, confirmam a urgência do presidente.

O empenho de Obama para aprovar o plano econômico, de acordo com *Le Monde*, levou-o a sair em campanha pelo país. O título enaltece o *ethos* do presidente: “*Quand Barack Obama repart en campagne*” (*Le Monde*, 12/02/09).¹⁴⁵

A reportagem conta que o presidente resolveu passar o menor tempo possível em Washington e partir em campanha, já que não está conseguindo o apoio dos republicanos, “como nos bons velhos tempos”, afirma seu porta-voz, Robert Gibbs. O presidente escolheu cidades mais afetadas pelo desemprego, como as do estado de Indiana, onde o desemprego triplicou em um ano. Depois foi para a Flórida, onde as apreensões imobiliárias são as mais altas do país. Ele visitaria ainda a cidade onde a empresa Caterpillar anunciou que vai licenciar 22 mil empregados.

O jornal, ao longo de suas matérias, tenta convencer o leitor das propostas de Obama e de que o seu plano de retomada econômica é sério e necessário. A figura central do *Le Monde* não é a crise, mas o *ethos* do presidente e seus passos para conseguir a aprovação das medidas emergenciais.

A terceira região mais retratada no jornal é a Europa. O tema principal dos nossos *corpora* é também a crise econômica e suas consequências. No dia 1º e 3 de fevereiro, *Le Monde* aborda a crise na Rússia, com os títulos “La chute sans fin du rouble inquiète la Russie”¹⁴⁶ e “*Crise: l’esprit de fronde monte em Russie*” (*Le Monde*, 03/02/09).¹⁴⁷

As notícias apresentam as quedas sucessivas da moeda russa em relação ao

¹⁴⁵ Nossa tradução: Quando Barack Obama sai em campanha.

¹⁴⁶ Nossa tradução: A queda sem fim do rublo preocupa a Rússia.

¹⁴⁷ Nossa tradução: Crise: o espírito de revolta aumenta na Rússia.

euro e ao dólar. A injeção de milhões de rublos pelo Banco Central, desde o início da crise, em setembro de 2008, fez as reservas de ouro “derreterem” e não está segurando a queda da moeda. Segundo previsão do ex-vice-presidente do Banco Central russo, “*A ce rythme-là, nous n’aurons plus rien dans six mois*” (*Le Monde*, 01/02/09).¹⁴⁸ Para o economista e chefe de fundos de investimento Anton Stroutchenevski, “Isto é um suicídio”. Milhares de manifestantes saíram às ruas para protestar contra os efeitos da crise, a queda do rublo e as medidas do governo. *Le Monde* tenta convencer o leitor, com dados e depoimentos, de que a situação na Rússia é muito grave.

Na Grã-Bretanha, as manifestações foram dos trabalhadores da área de energia, que fizeram greves contra o emprego de mão-de-obra estrangeira nas refinarias e nas centrais energéticas. *Le Monde* chama, inclusive, o leitor a ler o editorial sobre o tema. O jornal parece não concordar com o ponto de vista dos grevistas, já que usa o adjetivo “selvagem” para caracterizar as greves e, ainda, a expressão “ganham força”, sugerindo o sentido de uma onda que está se formando. (*Le Monde*, 04/02/09).¹⁴⁹

Grande-Bretagne : grèves contre les ouvriers étrangers

Energie. « Les jobs britanniques pour les Britanniques » : les grèves sauvages contre l’emploi de main-d’œuvre étrangère dans les raffineries et les centrales prennent de l’ampleur en Grande-Bretagne.
P. 9 et l’éditorial page 2

FIGURA 109 - Chamada para a onda contra estrangeiros na Grã-Bretanha

Fonte: *Le Monde*, 04 fev. 2009, p. 1.

Le Monde analisa a situação econômica da Europa e critica a política da Comunidade Europeia, com o título “*Europe: un sommet pour apaiser les tensions*”

¹⁴⁸ Nossa tradução: Neste ritmo, não haverá nenhuma reserva em seis meses.

¹⁴⁹ Nossa tradução: Grã-Bretanha: greve contra os trabalhadores estrangeiros. Energia. “Os empregos britânicos para os britânicos”. As greves selvagens contra o emprego de mão-de-obra estrangeira nas refinarias e centrais ganham força na Grã-Bretanha.

(*Le Monde*, 11/02/09).¹⁵⁰ A argumentação do jornal é de que há uma ausência total de coordenação para responder à pior crise que o velho continente viu, desde 1945.

A União Europeia, diz *Le Monde*, não consegue analisar nem responder à crise, apenas coloca um país contra o outro. Somente depois de insistentes apelos da Alemanha e da França, o presidente da União Europeia convocou uma reunião dos chefes de Estado. O jornal diz que esse encontro acontecerá num clima de tensão tal que nem os “jargões diplomáticos serão capazes de esconder”. Afinal, a chanceler alemã se opôs ao projeto do presidente Sarkozy, que na véspera, acusara o primeiro ministro inglês, Gordon Brown, de se enganar com seu projeto anticrise. Alemães e holandeses seguem o mau exemplo britânico, enquanto os checos parecem apenas querer manter a poltrona da presidência da União Europeia. Além disso, de acordo com *Le Monde*, acrescentam-se as tentações protecionistas que brotam aqui e ali no seio da União Europeia. *Le Monde* demonstra o quanto a Europa busca velhas soluções - protecionismo e perseguição aos estrangeiros - para resolver os atuais problemas da economia.

A África aparece em quarto lugar nos assuntos internacionais do *Le Monde*. O jornal descreve uma manifestação na capital de Madagascar, Antananarivo. “*Madagascar en proie à de violentes manifestations*”. (*Le Monde*, 01/02/09)¹⁵¹ Ele informa sobre os sangrentos protestos de apoio ao prefeito da capital e contra o presidente da república, que resiste em ficar no poder. O jornal descreve o terror de uma pequena comerciante que viu pilhagens e 30 pessoas carbonizadas. Os conflitos já provocaram a morte de pelo menos uma centena de pessoas em uma semana. O enfoque é menos para os motivos da crise política e mais para a convulsão civil sem controle.

Outro tema político que envolve conflitos sangrentos é o pedido de prisão contra o presidente em exercício do Sudão, noticiado pelo *Le Monde* no dia 13 de fevereiro. A Corte Penal Internacional tomou a decisão baseada em fontes diplomáticas, que dão conta de que o presidente Al-Bachir praticou crimes de guerra, crimes contra a humanidade e genocídio. Mais de 300 mil pessoas morreram no Sudão desde 2003. “*Le président du Soudan va être l’objet d’un mandat d’arrêt*” (*Le*

¹⁵⁰ Nossa tradução: Europa: uma conferência para acalmar as tensões.

¹⁵¹ Nossa tradução: Madagascar presa em violentas manifestações.

Monde, 13/02/09).¹⁵² Segundo um diplomata que tem acesso ao dossiê, os três juízes se detiveram nos dois primeiros crimes, pois o crime de genocídio é mais difícil de provar. Os países que assinaram o tratado de Roma, que instalou a Corte Penal Internacional, serão avisados do pedido de prisão e poderão cumpri-lo, caso o presidente do Sudão visite esses países. Para corroborar com o argumento de justiça, *Le Monde* lembra que esse é o quarto presidente em exercício condenado pela Corte Penal. Os presidentes sérvios, Slobodon Milosevic e Milan Milutinovic, e o presidente da Libéria, Charles Taylor, foram condenados anteriormente.

Por fim, uma chamada discute a falta de vagas no ensino superior na África, especialmente nos países francófonos. Com o título “*En Afrique, l’enseignement supérieur est débordé*” (*Le Monde*, 05/02/09).¹⁵³ *Le Monde* argumenta que há mais estudantes do que vagas e o ensino superior público não tem condições de absorver a demanda de novos estudantes. A preocupação não é apenas quantitativa, mas qualitativa também. As disciplinas mais procuradas são sociologia, direito e economia. No entanto, as oportunidades nessas áreas são muito limitadas, já que a área pública não oferece vagas.

A América Latina é a região menos citada, com três pequenas chamadas. A primeira trata da Colômbia. Depois que as Farc libertaram mais um refém, um antigo mediador das Farc, por dez anos, ele resolve expor sua versão. Este professor suíço é acusado de transferir dinheiro e pagar por libertação de funcionários de multinacional presos pelas Farc. Jean Pierre Gontard nega, dizendo que atuou como negociador assessorado pela ONU. O jornal está interessado nos bastidores das negociações (*Le Monde*, 07/02/09).

Ao tratar do referendo venezuelano sobre o direito do Presidente da República se candidatar ao cargo quantas vezes quisesse, o jornal afirma que o maior interessado na votação é o presidente Hugo Chávez. O jornal trata também da violência urbana nesse país, dando uma configuração política ao tema (*Le Monde*, 14/02/09).

¹⁵² Nossa tradução: O presidente do Sudão é objeto de um mandato de prisão.

¹⁵³ Nossa tradução: Na África o ensino superior está sobrecarregado.

7.2.2 O modo argumentativo na editoria política do *Le Monde*

O segundo assunto, mais recorrente no *Le Monde*, é política, na editoria *France*. O presidente Nicolas Sarkozy é o principal personagem político do jornal, bem como as questões que envolvem sua administração.

Além da crise econômica mundial, o jornal está interessado em analisar seus reflexos na França. Em 5 de fevereiro, o presidente faz um pronunciamento no rádio e na televisão para explicar seu plano econômico. No dia seguinte, o jornal traz a manchete:

Nicolas Sarkozy explique son plan de relance et veut calmer les inquiétudes des Français.

Le président de la République justifie la priorité accordée à l'investissement (*Le Monde*, 06/02/09).¹⁵⁴

Depois que os sindicatos mobilizaram mais de um milhão de pessoas numa manifestação na França, o jornal diz que o presidente resolveu aparecer e explicar seu plano, não escondendo que a recessão é inevitável. Seu pronunciamento teve dois objetivos, segundo *Le Monde*: explicar a força da crise que atinge o mundo inteiro e defender seu plano de recuperação, que propõe mais investimentos e consumo. O presidente, com popularidade baixa, toma a palavra num momento de crise social, argumenta o jornal acerca do governante.

Uma chamada em destaque discute os planos de Sarkozy:

Sarkozy ouvre un chantier social pour aider les victimes de la crise

Malgré le début annoncé de discussions le 18 février, les syndicats ne veulent pas relâcher leur pression.

La France n'a 'pas l'intention de payer la dette' des Américains, mais travaille à un accord UE - États-Unis. (*Le Monde*, 07/02/09).¹⁵⁵

Esse título e os sub-títulos abrem a chamada, que sustenta certo ceticismo

¹⁵⁴ Nossa tradução: Nicolas Sarkozy explica seu plano de recuperação e quer apaziguar as preocupações dos franceses

O presidente justifica a prioridade dada ao investimento.

¹⁵⁵ Nossa tradução: Sarkozy abre um conjunto de medidas para ajudar as vítimas da crise

Apesar do início das discussões em 18 de fevereiro, os sindicatos não querem relaxar a pressão.

A França não “tem a intenção de se responsabilizar pela dívida” dos americanos, mas trabalha por um acordo entre UE e Estados Unidos.

em relação aos planos anunciados pelo governo. Com um pronunciamento no rádio e na televisão, Sarkozy, segundo o jornal, quer ganhar tempo para retardar uma mudança de rumo na economia. O presidente apresentou propostas sociais em todas as direções, para que a França supere, segundo Sarkozy, "uma crise jamais vista no mundo no último século". Mas as decisões definitivas dependem de acordos com os parceiros sociais, que podem demorar até seis meses. O presidente quer acalmar os franceses, que se manifestaram em massa pelo emprego e pela manutenção do poder de compra, pelos subsídios familiares, pelas classes médias e por um abatimento nos impostos.

Certes, Nicolas Sarkozy a réitéré sa volonté de soutenir l'économie par l'investissement et de maîtriser la dérive des finances publiques. Mais ces pistes, censées faire patienter les syndicats, portent en germe un virage politique.¹⁵⁶

Sarkozy indica que quer manter os investimentos e o controle dos gastos públicos. Para *Le Monde*, essas medidas sinalizam intervenção e mudanças políticas. Os planos do governo parecem não agradar aos sindicatos, que estão céticos, bem como às universidades, que estão mobilizadas.

Além disso, o governo discute regulamentar os bônus dos operadores financeiros. Sarkozy faz uma crítica aos jovens investidores que vivem da especulação e que conduziram a economia à catástrofe. *Le Monde*, numa crítica ao presidente, diz que este pode falar de forma virulenta, já que está ajudando os bancos.

Sarkozy também é alvo de críticas do jornal por sua equipe de governo ser inconstante. Há uma rotatividade grande de ministros e secretários. *Le Monde* chama-os de "clube dos demitidos de Sarkozy", afinal, sempre há uma cabeça rolando pela mesma razão: um incidente e uma polêmica midiática. O jornal diz que o presidente parece querer demonstrar que os altos funcionários não escapam do princípio de responsabilidade. Segundo Sarkozy, no governo dele não cabe a máxima "responsável, mas não culpado". O jornal usa um entrevistado, o antigo diretor da polícia de Paris, para afirmar que esse é o modo de gestão de Sarkozy.

O jornal traz uma chamada principal sobre a crise do governo:

¹⁵⁶ Nossa tradução: Certamente, Nicolas Sarkozy reiterou a sua disponibilidade para apoiar a economia através do investimento e domina o evento das finanças públicas. Mas os sindicatos deveriam esperar essas declarações, que carregam as sementes de uma mudança política.

Le gouvernement peine à faire face aux conflits

Social: les enseignants-chercheurs en grève de nouveau dans la rue

Politique: la popularité du chef de l'Etat et du premier ministre en forte baisse. (*Le Monde*, 11/02/09).¹⁵⁷

O texto usa uma metáfora negativa, dizendo que o mau tempo persiste no céu social e político da França: greves e manifestações de professores- pesquisadores do ensino superior, crise, greve geral e manifestações populares em Guadalupe e Martinica, bem como anúncio dos sindicatos de um dia de paralisação. Em queda nas pesquisas de opinião, o governo não tem nenhum horizonte favorável, ainda mais que os anúncios contra a crise afetam a área social. Numa outra chamada de destaque, *Le Monde* analisa a fraqueza dos ministros:

Affaiblis, plusieurs ministres s'essoufflent

Education: Xavier Darcos et Valérie Pécresse sont en mauvaise posture

Des médiateurs ont été nommés dans les dossiers les plus chauds. (*Le Monde*, 13/02/09).¹⁵⁸

O texto critica os ministros que estão afogados em dossiês, mentiras e táticas não reveladoras. Aparentemente tudo que os ministros fazem se volta contra eles. Os ministros mais atingidos pela onda de reprovação são os da educação e do ensino superior, que estão implantando reformas. Eles são julgados por não conseguirem distinguir as críticas fundamentadas e os reflexos corporativos. Segundo *Le Monde*, esses ministros não entendem que parte do funcionalismo é vítima de fadiga ou de sofrimento social.

Esses ministros não estão sozinhos. Há muito tempo que a ministra da justiça tem sua fala e o seu silêncio desacreditados, sustenta o jornal. O ministro que cuida dos assuntos do Caribe também está em má situação. *Le Monde* indaga, convidando o leitor a aceitar a ideia: “*A cette liste de ministres qui ne cesse de s’allonger, faudra-t-il ajouter bientôt le nom du chef de l’État ?*” (*Le Monde*, 13/02/09).¹⁵⁹

¹⁵⁷ Nossa tradução: O governo se esforça para lidar com os conflitos

Social: os professores-pesquisadores em greve novamente nas ruas

Política: a popularidade do chefe de Estado e do primeiro ministro em forte queda.

¹⁵⁸ Nossa tradução: Enfraquecidos, vários ministros perdem o fôlego

Educação: Xavier Darcos e Valérie Pécresse estão numa má situação

Os mediadores foram nomeados num momento quente.

¹⁵⁹ Nossa tradução: A esta lista de ministros, que não para de crescer, será preciso acrescentar o nome do chefe de Estado?

A crise governamental é agravada com as manifestações e a greve geral que ocorrem em Guadalupe, um departamento francês no Caribe. A política em Guadalupe é como a da França, ou seja, os eleitores elegem seu prefeito e deputados, que os representarão no Parlamento francês e levarão suas demandas ao chefe do Estado. As manifestações da população são contra o aumento do custo de vida, o desemprego e os baixos salários.

O governo francês envia emissários a Guadalupe, que se reúnem com uma comissão de grevistas. O jornal traz um argumento patético, descrevendo a cena:

D'un côté, Yves Jégo, secrétaire d'État à l'outre-mer, et les représentants de l'État; de l'autre, Elie Domota et les membres du collectif Lyannaj' kont' pwofitasyon (Collectif contre l'exploitation, LKP), dont il est le porte-parole. Une rangée d'hommes blancs face à une rangée d'hommes - et une femme - noirs. (*Le Monde*, 06/02/09).¹⁶⁰

Durante a reunião, segundo o jornal, os grevistas pintaram uma Guadalupe nada paradisíaca, pior do que o inferno. O governo está de acordo sobre tudo, diz *Le Monde*, menos sobre o essencial, que é o aumento dos salários.

O secretário de Estado, Yves Jégo, que cuida dos assuntos ultramarinos da França, saiu de Guadalupe antes do fim das negociações, causando um grande mal-estar e a ira dos grupos organizados que negociavam. O secretário justificou sua volta à França a um canal de televisão em Guadalupe, por telefone: “*Je reviendrai très très vite, et j’espère avec une solution. Que personne ne s’affole. J’ai pris cette decision ce matin*”¹⁶¹. Dois dias depois, o ministro volta à ilha: “*Recadré à Paris, M. Jégo est de retour aux Antilles. Deux médiateurs sont chargés des négociations*” (*Le Monde*, 12/02/09).¹⁶²

O jornal descreve a situação constrangedora do secretário, que pouco mais de 48 horas depois foi colocado num avião de volta a Guadalupe. O jornal descreve que o secretário está abatido ao ler um comunicado, num palanque sob a chuva. Com as palavras pensadas em Paris, ele assumiu que foi enquadrado: “O primeiro

¹⁶⁰ Nossa tradução: De um lado, Yves Jégo, secretário do Estado além mar, e os representantes do Estado. Do outro, Elie Domota, e os membros do grupo LKP, (Grupo Contra a Exploração), do qual ele é porta-voz. Uma linha de homens brancos diante de uma linha de homens – e uma mulher - negros.

¹⁶¹ Nossa tradução: Eu retornarei muito em breve e espero que com uma solução. Que ninguém faça loucuras. Eu tomei essa decisão esta manhã.

¹⁶² Nossa tradução: Enquadrado em Paris, Jégo retorna às Antilhas. Dois mediadores são encarregados das negociações.

ministro me demandou ser seu porta-voz para expor-lhes diretamente as decisões que tomaremos”.

Le Monde faz uma análise da situação, colocando o governo como responsável pela demora de se encontrar uma solução para as greves, que se arrastam há semanas, e entrevista o secretário dos assuntos além-mar da França:

Selon Yves Jégo, la crise aux Antilles illustre les difficultés d'une 'société déchirée'

Dans un entretien au «Monde», le secrétaire d'État à l'outre-mer s'explique. (*Le Monde*, 14/02/09).¹⁶³

Para *Le Monde*, a economia das Antilhas está afetada, inclusive o turismo, já que os funcionários encarregados de abastecer os aviões nos aeroportos aderiram à greve. O secretário Yves Jégo disse que o problema não é do Estado, mas dos patrões, que não querem dar os aumentos salariais. “Não se trata apenas de uma crise social, mas da sociedade. É necessário encontrar meios de reparar o tecido social”. Ele condenou também as declarações de um grande proprietário branco na Martinica, pedindo a “preservação da raça”. Essa declaração provocou muitas manifestações. Em outras ilhas das Antilhas francesas, os sindicatos também estão convocando a greve geral. *Le Monde* faz o leitor perceber que há uma onda de reações nas ilhas do Caribe. Uma grande manifestação foi convocada para o dia 14 de fevereiro, em Guadalupe, e o presidente Sarkozy teria que se antecipar:

Guadeloupe: la crise sociale accentue le désarroi politique

Manifestation et contre-manifestation devaient marquer, samedi, un tournant dans la grève générale

Le président de la République veut mettre en place un conseil interministériel de l'outre-mer. (*Le Monde*, 15/02/09).¹⁶⁴

Por fim, o destaque político dos nossos *corpora* é a criação de um novo partido de esquerda na França. A primeira chamada traz a foto de Olivier Besancenot, ex-integrante da Liga Comunista Revolucionária (LCR), e fundador do Novo Partido Anticapitalista (NPA).

¹⁶³ Nossa tradução: Segundo Yves Jégo, a crise nas Antilhas ilustra as dificuldades de uma “sociedade esgarçada”

Numa entrevista ao “Monde”, o secretário de Estado se explica.

¹⁶⁴ Nossa tradução: Guadalupe: A crise social acentua a turbulência política

Manifestação e contra-manifestação devem marcar, sábado, uma virada na greve geral
O presidente quer criar um conselho interministerial ultramarino.



FIGURA 110 - Foto chamada do fundador do novo partido de esquerda

Fonte: *Le Monde*, 1 fev. 2009, p. 1.

Nos dias 6 e 7 de fevereiro, o jornal traz chamadas sobre a criação do partido e a radicalização da esquerda na França. Com o título: “O NPA dobrou a esquerda à esquerda?” o jornal chama para um debate sobre os cinco pontos de vista do novo partido, o qual propõe romper com o capitalismo e construir uma sociedade democrática, igualitária, feminista e ecológica.

7.2.3 O modo argumentativo na editoria de cultura do *Le Monde*

O terceiro tema que mais aparece no *Le Monde* é cultura. Nesse tema, englobamos teatro, televisão, música, artes plásticas e cinema. No dia primeiro de fevereiro de 2009, o jornal anuncia mais um caderno da segunda-feira, com indicações para espetáculos, exposições da semana, lançamentos de livros, CDs, o que há de novo no consumo, no modo de vida, no lazer, para ajudar o leitor a escolher o que fazer durante a semana: & *Vous*.

A programação de cinema indicou um filme francês, apenas com o título, e dois filmes americanos: “*Au cinéma: né vieux, mort jeune, Brad Pitt remonte le temps*” (*Le Monde*, 04/02/09).¹⁶⁵ para o filme *O curioso caso de Benjamin Button*. O filme *O Lutador* tem uma chamada com foto dando ênfase à carreira do ator: “*Mickey Rourke: le triomphe d’un acteur détruit*” (*Le Monde*, 07/02/09).¹⁶⁶

¹⁶⁵ Nossa tradução: No cinema: nascido velho, morto jovem, Brad Pitt remonta o tempo.

¹⁶⁶ Nossa tradução: Mickey Rourke: o triunfo de um ator destruído.



FIGURA 111 - Foto chamada para programação de cinema

Fonte: *Le Monde*, 04 fev. 2009, p. 1.

A programação cultural é geralmente acompanhada de uma pequena crítica nas chamadas, com apelo patêmico. Podemos observar isso, por exemplo, na FIG. 112 numa chamada sobre televisão (*Le Monde*, 01/02/09).¹⁶⁷



FIGURA 112 - Chamada para crítica televisiva

Fonte: *Le Monde*, 01 fev. 2009, p. 1.

O mesmo pode ser visto nesta chamada para uma exposição de pintura:

Quand le peintre De Chirico était tenté par le réalisme

Rétrospective. Une exposition à Paris révèle des toiles inconnues du maître italien (1888-1978). Un De Chirico qui se laisse aller au réalisme, au criard, au chromo, en totale liberté. (*Le Monde*, 13/02/09).¹⁶⁸

Essa crítica positiva á obra de De Chirico tenta seduzir o leitor a visitar a exposição.

¹⁶⁷ Nossa tradução: As variedades televisuais não dão mais lucros. O gênero musical está esgotado na televisão. As emissoras se desinteressam por estes programas caros que o público abandona.

¹⁶⁸ Nossa tradução: Quando o pintor De Chirico esteve tentado pelo realismo Retrospectiva. Uma exposição em Paris revela as telas desconhecidas do mestre italiano (1888 – 1978). Um De Chirico que se deixa levar pelo realismo, as cores fortes, em total liberdade.

O jornal também questiona o desenvolvimento, o gerenciamento e o papel do Estado na área cultural. No dia 5 de fevereiro, a ministra da cultura Chrsitine Albanel é levada pelo jornal a falar sobre o teatro: “reafirmamos as missões do Estado. A ministra da cultura acha que no teatro, a França é muito criativa. Ela se diz contra uma nova descentralização”. O jornal ainda lança questões sobre o modo como a cultura francesa é exportada. Com a chamada: “*Controverse: pourquoi la France exporte-t-elle si mal sa culture?*” (*Le Monde*, 14/02/09).¹⁶⁹ *Le Monde* quer saber mais sobre o *Culturesfrance*, um departamento criado especialmente para acompanhar os artistas e as obras francesas fora do país.

Com uma mega exposição acontecendo em Londres, numa galeria particular, o jornal especula se isso é uma paixão de colecionador ou um capricho. O jornal atribui, implicitamente, ao Estado o papel de promotor cultural. “*A Londres, Saatchi expose des oeuvres du Moyen-Orient*” (*Le Monde*, 07/02/09).¹⁷⁰ O antigo publicitário de *Margaret Thatcher*, o britânico Charles Saatchi abriu: “*La plus grande galerie d’art contemporain privée et gratuite au monde*”. Ele apresenta 19 novos artistas do Oriente Médio. Muitos são originários do Irã. “*Pourquoi ces artistes-là, ces oeuvres-là? «Il a choisi les travaux les plus excitants, et il est très bien informé», dit-on dans l’entourage de Charles Saatchi, qui reste discret*” (*Le Monde*, 07/02/09).¹⁷¹

Há, por parte do jornal, uma desconfiança em relação aos grandes colecionadores particulares. Por um lado, o jornal cobra mais ação do Estado; por outro, coloca sob suspeita os investimentos privados.

Le Monde apoia a iniciativa de se abrirem os museus à noite, para que um novo público possa frequentar esses espaços. Essa defesa vem na chamada sobre a exposição *Picasso e suas mulheres*. O argumento do jornal é sustentado pelo sucesso de público noturno da exposição:

Le succès de l’exposition Picasso lance le débat sur les visites de nuit

On connaissait le bilan, triomphal: 783352 entrées, du 8 octobre 2008 au 2 février, pour l’exposition « Picasso et ses maîtres » au Grand Palais. On dispose désormais d’une photo détaillée. Les trois dernières nocturnes ont ainsi attiré un nouveau public: plus jeune, plus masculin, plus actif, selon une étude concernant 1 500 visiteurs. Plus convivial et tout aussi concentré,

¹⁶⁹ Nossa tradução: Controvérsia: porque a França exporta mal sua cultura?

¹⁷⁰ Nossa tradução: Em Londres, Saatchi expõe as obras do Oriente-Médio

¹⁷¹ Nossa tradução: A maior galeria de arte contemporânea privada e gratuita do mundo. Porque estas obras abrem a galeria? “Ele escolheu os trabalhos mais excitantes, e ele é bem informado”, dizem as pessoas da comitiva de Charles Saatchi, que se mantém discreto.

aussi. Malgré les files d'attente, 94% se sont dits satisfaits. De quoi faire réfléchir sur l'ouverture des musées de nuit. Seul bémol, la proportion d'ouvriers et d'employés reste faible: 8%. (*Le Monde*, 14/02/09).¹⁷²

Para *Le Monde*, os museus precisam de mais funcionários e estrutura para receber um público cada vez mais diverso e em maior quantidade. *Le Monde* faz a seguinte chamada para o caderno de cultura, mas o assunto caberia no caderno de política.

L'humoriste Arthur confronte à l'antisémitisme

Haine. L'animateur vedette de la télévision, également fantaisiste sur la scène, doit faire face à des manifestations d'antisémitisme partout où il passe. Il dit son incompréhension et sa colère. (*Le Monde*, 08/02/09).¹⁷³

O humorista Jacques Arthur teve que cancelar alguns espetáculos por causa de manifestações contra ele na porta do teatro. O humorista é acusado por palestinos de ajudar a financiar o exército de Israel. O jornal dá espaço para que o humorista se defenda.

Neste capítulo analisamos o modo argumentativo e podemos perceber que a primeira página dos jornais, mesmo com chamadas mais informativas e curtas, consegue apresentar argumentos para sustentar seu ponto de vista, colocando-se a favor ou contra algumas questões.

Na área econômica, o argumento da *Folha* é de que os governos devem apresentar soluções para a crise econômica. O jornal, na editoria *Dinheiro*, alerta para a gravidade da crise e usa o *logos* para construir uma argumentação comparativa entre dados econômicos de diferentes épocas. O jornal usa datas, números e porcentagens para convencer os leitores de que a crise é devastadora e conclama os governos à responsabilidade para resolverem os problemas, com investimentos em bancos e empresas. O jornal fala também do desemprego galopante, por causa da

¹⁷² Nossa tradução: O sucesso da exposição de Picasso abre o debate sobre visitas noturnas. Conhece-se o resultado triunfal: 783 mil visitantes de outubro a fevereiro, para a exposição "Picasso e suas mulheres", no Grand Palais. Dispomos ainda de uma foto detalhada. As três últimas noites atraíram um novo público: mais jovem, mais masculino, mais ativo. Mais amigável e assim mesmo concentrado. Apesar das filas, 94% se dizem satisfeitos. Isto nos faz refletir sobre a abertura dos museus à noite. Único ponto negativo, a proporção de operários e funcionários permanece baixa: 8%.

¹⁷³ Nossa tradução: O humorista Arthur confrontado com o antissemitismo. Ódio. O animador da televisão está enfrentando manifestações por onde passa. Ele diz de sua incompreensão e de sua raiva.

crise. Aí, os argumentos são mais patêmicos, mostrando a situação no Brasil e no mundo. A consequência disso, pondera a *Folha*, é que os trabalhadores podem aceitar reduzir a jornada e os salários. O jornal desenha um cenário que não deixa alternativa aos empregados. Em uma foto na primeira página, o jornal mostra trabalhadores em passeata, por manutenção dos empregos; um formigueiro humano atrás de vagas, na China; e, nos EUA, uma família sendo despejada.

Le Monde, em sua editoria *Économie*, dá destaque à crise econômica mundial e à situação da França e da Europa nesse cenário de incertezas. O jornal adota uma postura crítica, colocando outras vozes para falarem de saídas que não sejam apenas as apresentadas pelos governos e pelo mercado. Além disso, *Le Monde* critica a presidência da União Europeia, vagarosa na coordenação de uma saída em conjunto. Dentro da França, o primeiro ministro não convence com promessas de que não haverá cortes nos recursos sociais. Os sindicatos reivindicam aumento de salário, como forma de injetar mais dinheiro na economia, e o governo não aceita. O jornal tenta, didaticamente, apresentar os pontos do plano de recuperação da economia francesa, apresentado pelo governo, mas critica o fato de o plano não incentivar o aumento do poder de compra dos trabalhadores, mas de tentar salvar bancos e empresas. *Le Monde* propõe que se discuta mais profundamente a crise, inclusive a regulação mais rigorosa do mercado, para que aqueles que obedecem às regras trabalhistas, por exemplo, não sejam prejudicados. Enquanto o *Le Monde* trata dos reflexos sociais desse tema e analisa o sistema político e econômico, a *Folha* inscreve a crise econômica num gerenciamento de curto prazo.

Le Monde traz, em sua editoria *Internacional*, notícias sobre o Oriente Médio, EUA, Europa, África e América Latina. Sobre as eleições em Israel, argumenta que é muito preocupante o crescimento do partido de direita. O jornal tenta responder a essa questão fazendo entrevistas com cientistas políticos, visitando cidades e procurando conhecer as razões dos israelenses em escolher um candidato da extrema direita. A conclusão do jornal é de que os eleitores têm medo da violência e preferem apostar nos reforços de segurança. Em cada matéria, o *Le Monde* apresenta mais um aspecto da eleição, de sua legitimidade e da força do eleitorado naquele país, que precisa encontrar uma solução para seus problemas financeiros e políticos, especialmente os conflitos com os sírios e os palestinos. O jornal ouve o lado palestino, que se diz desiludido com essa eleição e que, seja qual for o

resultado, não vê condições de paz. Com análises que se sucedem logicamente, o jornal tenta convencer seu público leitor de que as eleições em Israel são peça fundamental no jogo político da região.

Também o Irã tem espaço no *Le Monde*. O jornal quer desvendar os segredos do líder espiritual e político Khomeini. Apelando para o *pathos*, uma foto ilustra a chamada sobre os testemunhos de pessoas próximas a ele. Além disso, fala do cotidiano das pessoas no Irã, que passam por dificuldades econômicas sérias. O relato sincero de comerciantes dá a dimensão dos problemas no Irã. O argumento é de que a política tem levado o Irã, antiga potência, ao caos. Ainda sobre o Oriente Médio, o jornal francês elogia o processo eleitoral no Iraque e argumenta que os partidos religiosos estão perdendo força e que as eleições transcorreram sem violência.

Os EUA e sua crise econômica são retratados no *Le Monde* a partir dos movimentos do presidente Barack Obama e da construção do seu *ethos*. Afinal, para o *Le Monde*, a economia e a política andam juntas. A inexperiência do novo presidente tem impedido que suas propostas de recuperação sejam aprovadas no Congresso. Além disso, Obama está com dificuldades para montar sua equipe, que, instalada, foi inábil em relação à China. Sem saída, Obama percorreu o país e fez comícios como se estivesse em campanha. Mesmo assim, o Senado não aprova todo o investimento pedido pelo presidente. Para o *Le Monde*, o desemprego e as falências nos EUA são sinais urgentes de que o apelo do presidente deveria ser levado mais a sério.

A Europa também é destaque por conta da crise econômica. O *Le Monde* mostra a insatisfação dos trabalhadores e das populações que vão às ruas manifestar seu repúdio ao arrocho salarial e às perdas de benefícios. A Rússia é um dos países europeus que está praticamente falido. Essa crise pode ainda provocar reações contra os estrangeiros, como foi o caso da Grã-Bretanha. Mas a crítica mais forte do *Le Monde* é dirigida à União Europeia, que, segundo o jornal, está sem rumo e sem comando. A disputa pelo poder fez com que seus membros perdessem a noção da grave crise que a Europa atravessa. Nem os jargões diplomáticos existentes vão conseguir esconder as tensões postas entre seus membros, que buscam resolver os problemas expulsando estrangeiros e aumentando o protecionismo.

A África é alvo de interesse do *Le Monde*, que fala das manifestações violentas em Madagascar; do pedido de prisão, pela Corte Penal, do presidente do Sudão, pedido reiterado pelo jornal, defensor dos direitos humanos; e da falta de vagas no ensino superior na África. A América Latina aparece com três matérias: uma sobre o possível pagamento pela libertação de reféns das Farc, a ser feito por um negociador; outra é uma crítica ao desejo de Hugo Chávez de eleger-se quantas vezes quiser; e a terceira relaciona a violência urbana na Venezuela ao descaso do governo pelo assunto.

Em relação aos temas internacionais, a *Folha* trata também das dificuldades de Obama em montar sua equipe, pois alguns de seus indicados têm problemas com o imposto de renda. Para a *Folha*, a economia americana é um termômetro que deve ser acompanhado de perto. Dados da economia americana são apresentados e cada proposta do governo Obama é seguida de perto.

Outro tema que aparece na editoria *Mundo da Folha de S. Paulo* é a onda de xenofobia que toma conta da Europa. O jornal se mostra preocupado com isso e repudia os episódios recentes, chamados de proliferação e eco sem controle.

Como não poderia faltar num jornal de referência, as eleições em Israel são destaque na *Folha*. Sua argumentação é de que o principal aspecto a ser analisado, nesse caso, é o conflito entre Israel e Palestina. Para o jornal, Israel responde a ataques e se defende do perigo eminente de “terrorismo”, inclusive elegendo o partido mais à direita e valorizando mais a segurança. Israel é apresentado como um país civilizado e que vive em paz, enquanto o caos e a desorganização reinam na Palestina. O Irã também é notícia por conta dos 30 anos de sua revolução. O jornal sugere que os jovens estão mudando o islamismo, especialmente pela influência da Internet, e que o Irã se propõe a dialogar com os EUA, mas impondo algumas condições.

Já a Itália aparece por conta da luta de uma família pela eutanásia da filha. O jornal sutilmente coloca-se a favor da família e contra as tentativas de Berlusconi em evitar a eutanásia.

Quanto à América Latina, a *Folha* apoia a participação do governo brasileiro na operação para libertação dos reféns das Farc, chamada de quadrilha pelo jornal. Os argumentos são mais patêmicos, com fotos do encontro entre os ex-reféns e seus familiares. Hugo Chávez é criticado por querer a reeleição até 2049.

Nas editorias internacionais, dois temas foram recorrentes: a crise e as eleições. Para o *Le Monde*, analisar a crise significa entender o sistema, de forma mais geral, e como isso se reflete na Europa e nos EUA. Para a *Folha*, deve-se acompanhar cada novo dado da economia americana, como se pudéssemos ser abalados por qualquer movimento daquele país. Quanto às eleições, estas são tratadas com mais profundidade pelo *Le Monde*. O jornal francês apresenta dados e depoimentos para convencer o leitor do seu ponto de vista em relação aos acontecimentos no Oriente Médio, por exemplo. A *Folha* fez uma cobertura melhor da libertação dos reféns das Farc, inclusive com fotos comoventes. A África foi tema apenas no *Le Monde*, que defende os direitos humanos e acompanha manifestações populares. A *Folha* não fez nenhuma cobertura daquele continente. Os dois jornais estão preocupados com o crescimento do protecionismo e da xenofobia em época de crise.

A editoria de política da *Folha de S. Paulo*, chamada *Brasil*, apresenta três temas principais na quinzena analisada. O primeiro, eleições no Congresso Nacional, é alvo de críticas do jornal, que classifica o processo como uma prévia para as eleições presidenciais. Para a *Folha*, o PMDB está ficando muito fortalecido e os outros partidos estão sendo ignorados, inclusive o PT, subjugado ao PMDB, a mando de Lula. O jornal diz que Lula passa por cima do Congresso e que o PSDB de Serra sai perdendo. As chamadas sobre esse tema têm uma visada argumentativa muito forte.

Ainda sobre Lula, o jornal comenta a pesquisa sobre sua popularidade e diz que, apesar da crise, a popularidade do presidente continua em alta. Num editorial, o jornal chama de Lulismo o projeto político do presidente atribuindo uma denominação pejorativa ao governo. A ministra Dilma Rousseff, cotada para ser a candidata do PT à Presidência da República, é alvo de crítica do jornal, que argumenta haver uma campanha política biônica, já que o presidente coloca a ministra para viajar demais e para inaugurar obras. Além disso, há uma suspeição de que a ministra tenha envolvimento na elaboração de um dossiê sobre os gastos do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

O jornal se coloca contra a corrupção e denuncia os parlamentares e a Prefeitura de São Paulo que, de alguma forma, estejam envolvidos em falcaturas, pedindo inclusive o fim da impunidade e mais transparência. O argumento é a defesa da ética na política e o bom uso do dinheiro público.

Na política, o jornal francês, na editoria *France*, fala principalmente de Sarkozy e das questões envolvendo o seu governo. Segundo o jornal, a França está mobilizada para pressionar o governo a não promover cortes nos investimentos sociais. O *Le Monde* apoia as mobilizações, inclusive divulgando as datas e os horários marcados para as manifestações. Depois de uma dessas manifestações, o presidente Sarkozy viu-se pressionado a dar explicações mais detalhadas do seu plano de recuperação econômica. O jornal é bastante cético em relação ao governo, ao presidente e às propostas para enfrentar a crise. O jornal apresenta os argumentos dos sindicatos e dos professores, por exemplo, que se manifestam por garantias de emprego, de manutenção do poder de compra, de subsídios familiares e da redução dos impostos. O jornal critica, ainda, a ajuda de Sarkozy aos bancos e montadoras de automóveis que, mesmo com suporte do governo, estão demitindo funcionários. Os argumentos do jornal são encadeados e tentam convencer o leitor da legitimidade das manifestações e justiça das reivindicações.

Além disso, o governo de Sarkozy é apresentado como inconstante, com a troca de secretariado e de ministros. A crise de credibilidade do governo aumenta a cada dia, com ingredientes externos e internos. A reforma universitária proposta pelo governo, por exemplo, aumentou mais ainda a ira dos universitários contra Sarkozy e seus ministros, que têm baixa popularidade. Para piorar a situação do governo, uma greve geral em Guadalupe, departamento francês no Caribe, deixou mais exposta a fragilidade de Sarkozy, que parece não saber negociar e às vezes coloca seus secretários em situações constrangedoras.

Ainda na editoria *France*, o *Le Monde* trata da criação do Novo Partido Anticapitalista e o jornal quer saber detalhes das propostas desse partido de esquerda. A chamada é bastante favorável ao seu fundador.

Para a *Folha*, a política é uma atividade em suspeição permanente e o papel do jornal é desmascarar partidos e políticos. As eleições no Congresso seriam, na verdade, uma armação de Lula; o Lulismo ignora a crise financeira e continua em alta e o jornal precisa ficar de olho nos episódios de corrupção envolvendo políticos. Para o *Le Monde*, política é uma atividade de força de proposições e cabe ao jornal apresentar os argumentos do governo e os contra-argumentos dos sindicatos e dos partidos. No entanto, o jornal não dá trégua ao presidente Sarkozy, alvo preferencial de críticas e de charges.

O jornal francês dá uma ampla cobertura aos assuntos culturais, especialmente as artes plásticas, o cinema, o teatro, a televisão e a literatura. Inclusive, cria uma nova editoria para cuidar desse tema: & *Vous*. O jornal critica o fim dos programas musicais na televisão, pelo desinteresse do público, elogia o pintor De Chirico, defende a abertura de exposições em horários alternativos noturnos, argumentando com o sucesso dessa experiência na mostra de Picasso. A posição do *Le Monde* é de que o Estado deve investir na cultura. Por isso, entrevista a ministra da cultura para falar sobre o teatro na França. Ao mesmo tempo, o jornal levanta suspeita sobre grandes colecionadores privados de arte e considera que essa é uma atribuição pública. Em relação ao cinema, o jornal apresenta os lançamentos mais importantes, sem muitos comentários.

Parece-nos que *Le Monde* consegue aprofundar mais em seus argumentos, inclusive com exemplos do cotidiano das pessoas, entrevistas e dados. A *Folha* apóia-se em informações baseadas em dados, mas sem muitas explicações sobre causas e consequências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Análise do Discurso, especialmente a metodologia desenvolvida por Patrick Charaudeau, tem se revelado um paradigma rico para a área da comunicação social. O jornalismo, importante elemento na construção da democracia e do imaginário social contemporâneo, pode ser analisado com os recursos oferecidos pela Análise do Discurso, que nos ajuda a compreender o discurso propriamente dito e seu contexto social.

As noções desenvolvidas pela Semiologia, mesmo se neste momento já são “moeda corrente” em inúmeras análises realizadas no mestrado e doutorado do Poslin/FALE/UFMG, podem ainda ser vistas como algo inovador no campo dos estudos da comunicação ao qual pertencemos, profissionalmente falando.

Por meio da análise da primeira página, *L'UNE*, de dois jornais de referência, *Folha de S. Paulo* e *Le Monde*, foi possível inferirmos sobre o contrato e as estratégias de comunicação desses jornais. Afinal, a primeira página não é apenas um resumo, mas uma amostra das principais características discursivas apresentadas por esses veículos. A primeira página é uma vitrine que tenta condensar para o leitor o quadro de representação dos acontecimentos considerados mais importantes por cada editoria escolhida para ser manchete do dia.

O jornalismo, enquanto atividade profissional e lucrativa, teve início na modernidade, período em que a livre circulação de informação e opinião passa a ser importante para a economia liberal e para a democracia. A imprensa torna-se, então, um espaço público de visibilidade dos problemas que afetam a vida dos cidadãos e a ordem política e econômica dos países.

Os primeiros jornais da França e do Brasil foram ligados ao Estado. Depois, a atividade tornou-se um braço da economia livre da influência estatal. No século XX, a classe operária fundou seus primeiros jornais e os debates sobre as questões sociais e salariais, são, pouco a pouco, tematizados pela grande imprensa.

O Brasil, mais do que a França, sofreu com as idas e vindas de governos ditatoriais que afetaram a imprensa. Hoje os dois países vivem um momento de

liberdade de expressão, mas de grande pressão econômica sobre a atividade jornalística.

Na França, o jornal *Le Monde* foi criado no fim da Segunda Guerra Mundial, em 1944, com enfoque estadista, querendo representar os interesses de seu país. *Le Monde* guarda até hoje a ideia de que a França é um centro importante para a política internacional. Com orientação de esquerda, o jornal dirige-se a uma elite intelectual e apoia abertamente algumas causas políticas e sociais. O controle acionário do jornal está nas mãos de uma sociedade de redatores. Em 1994, o jornal abriu seu capital e conseguiu novos sócios, melhorando sua estrutura e conquistando um público mais amplo. A qualidade do papel e da impressão é excepcional e o jornal é sóbrio e moderno em sua diagramação, mantendo o tradicional logotipo do seu nome. As fotos, apesar de poucas, são bem tratadas e conferem mais leveza ao jornal. O jornal francês não usa fotos como chamadas.

Já a *Folha* é menos idealista. Seu compromisso, desde que foi fundada em 1960, é o de representar a classe economicamente ativa do sudeste, especialmente a de São Paulo. O slogan - “*um jornal a serviço do Brasil*” - tenta ampliar o alcance do nome do jornal. O jornal pertence hoje à família Frias, que defende o liberalismo econômico. As cores da primeira página são fortes, as fotos apresentam alta qualidade técnica e são utilizadas como manchetes noticiosas.

Apesar das linhas editoriais distintas, os dois jornais têm elaborado estratégias de mercado para entrar no mundo digital, modernizando sua diagramação e oferecendo conteúdos pela Internet.

Esses dois jornais de referência, apesar de terem histórias diferentes, acumularam prestígio, notoriedade e liderança nas vendas. Principalmente o *Le Monde*, por seu alcance internacional com o jornal *Le Monde Diplomatique*, em várias línguas, e sua posição assumidamente de esquerda. A *Folha* também participa ativamente dos momentos políticos recentes do Brasil, promovendo debates entre candidatos à Presidência da República, aos governos estaduais, à prefeitura das capitais e divulgando resultados das pesquisas eleitorais feitas pelo seu próprio instituto de pesquisa, o *DataFolha*.

Para a *Folha*, o leitor é, antes de tudo, um consumidor de informação e de produtos, que precisa ser informado para tomar decisões de consumo e de investimentos. A *Folha* se apresenta como defensora do cidadão, crítica dos

governos e das empresas que possam afetar o bolso dos indivíduos consumidores. O jornal postula um Estado mínimo, com pouca ou nenhuma interferência na economia. A *Folha* apresenta argumentos para o debate na vida pública democrática e também para as decisões dos indivíduos no mundo privado.

Já para *Le Monde*, o leitor é um agente ativo na vida pública democrática. O compromisso do jornal é subsidiar o cidadão com argumentos para que lute por seus direitos. *Le Monde* critica o Estado quando este não cumpre o seu papel de promover o bem estar dos cidadãos e se coloca ao lado dos temas humanísticos. Para o jornal francês, o leitor é também um consumidor de cultura, especialmente livros e filmes.

A análise dos temas e da maneira como os jornais os tratam é também um aspecto que diz muito do contrato de comunicação. Mesmo com muitas editoriais - a *Folha* tem 12 e *Le Monde* tem 20 -, e com os cadernos semanais e mensais, cada jornal mantém uma regularidade temática na primeira página. A escolha de temas da primeira página revela a disposição do jornal para tratar de alguns assuntos mais recorrentes, colocando-os como valor notícia.

Como vimos, os dois jornais valorizam os temas ligados à economia, aos assuntos internacionais e à política. *Le Monde* traz, em primeiro lugar, os temas internacionais, depois vem a política e a cultura. A *Folha* traz em primeiro lugar a economia, depois vem a política e a temática internacional.

A *Folha*, como dissemos, tem um compromisso com a economia liberal e com os empresários, enquanto *Le Monde* quer falar do mundo. Além disso, os dois dão muito valor à questão política. Aliás, a política perpassa a cobertura da maioria dos temas no *Le Monde*.

Os dois jornais tratam de meio ambiente, educação, ciências, saúde, esporte, direitos humanos e violência urbana, mas com número de chamadas diferentes. Por exemplo, o esporte é muito valorizado na *Folha*, especialmente o futebol. *Le Monde* dá mais destaque aos temas da educação e do meio ambiente.

Alguns temas são tratados apenas por um dos dois jornais. Por exemplo, os assuntos relacionados ao comportamento, aos acidentes aéreos, ao turismo, à informática, e à prestação de serviço só aparecem na *Folha*. Enquanto as charges, a religião, a sociedade e as cidades estão no *Le Monde*.

Outro dado que verificamos no contrato de comunicação foi a finalidade do jornalismo. A principal finalidade da primeira página é atrair leitores, criar uma hierarquia noticiosa, deixando claro quais as notícias mais importantes do dia, apresentar as editorias e manter um padrão visual reconhecível. Outra importante finalidade é colocar o cidadão a par das novidades, para que ele participe da vida em comunidade, compreenda o senso comum e o posicionamento da opinião pública sobre os temas. Assim, os jornais hierarquizam os assuntos e orientam o leitor para um ponto de vista argumentativo.

A finalidade da primeira página não é fazer um resumo do conteúdo interno do jornal. Isso deixaria a primeira página muito enfadonha. Os jornalistas escolhem algumas notícias que merecem o destaque da primeira página e dão a elas um tratamento especial para chamar a atenção do leitor. Além disso, a primeira página deve tentar satisfazer o leitor com informações suficientes sobre o tema e aguçar a sua vontade de ler o jornal.

As chamadas de primeira página da *Folha* são mais informativas, ligadas a assuntos factuais. A *Folha* traz mais dados para que o leitor conheça o assunto, seguindo um padrão narrativo que tenta responder às principais dúvidas do leitor sobre o acontecimento. Ou seja, a *Folha* tenta satisfazer a curiosidade dos leitores com informações suficientes. Outra característica da *Folha* é manter a notícia circunscrita ao presente, sem explorar aspectos do passado ou do futuro que envolvam o tema.

O *Le Monde*, que sai ao meio dia, não está muito preocupado em informar factuais ao leitor, pressupondo que ele conheça de antemão os assuntos tratados. Os dados básicos, que normalmente são apresentados numa chamada, não aparecem no jornal francês, cuja tendência é situar a notícia num contexto histórico para que o leitor compreenda o assunto mais ampla e profundamente. O objetivo principal é o de oferecer uma análise dos acontecimentos. Inclusive a charge, presente na *L'UNE*, requer do leitor um conhecimento anterior dos fatos para a sua compreensão.

Para alcançar o público e vender seus exemplares, os jornais também constroem estratégias de comunicação. As estratégias de legitimidade, credibilidade e captação são utilizadas dentro de um quadro de referência que é, implicitamente, acordado entre os sujeitos, numa dada situação de comunicação, neste caso, a

troca comunicativa da primeira página de cada jornal.

As estratégias de legitimidade são dadas *a priori* e estabelecem se os jornalistas estão aptos a captar e transmitir as informações. Essa legitimidade é mostrada já na primeira página, com os dados mínimos da empresa de comunicação, seu diretor de redação, seu endereço eletrônico e outros dados que possam garantir ao leitor que o jornal é uma instituição que contrata jornalistas preparados e que transmite notícias confiáveis. Os dois jornais usam a mesma estratégia de legitimidade, além disso, referem-se a si mesmos como uma entidade: “disse à *Folha* ...”, “em entrevista ao *Le Monde* ...”.

Quanto às estratégias de credibilidade, os jornais têm que demonstrar aos leitores que sua história é merecedora de crédito e que eles podem confiar nas notícias e análises. Na *Folha*, as fotos se prestam ao recurso da autenticidade na primeira página. As fotos são, a princípio, prova irrefutável dos acontecimentos. Outras estratégias de credibilidade são os dados de pesquisas e relatos de personagens que testemunharam os acontecimentos. Para colaborar, ainda, com a construção da credibilidade, os jornais procuram apresentar explicações sobre os fatos. Normalmente, a *Folha* faz chamadas para explicações que estão no interior do jornal. Apenas nas chamadas principais, em que o texto é maior, o jornal começa a dar explicações já na primeira página.

Le Monde usa poucas fotos em sua *L'UNE*, como recurso de autenticidade. Mesmo assim, acima do cabeçalho, aparecem fotos que representam os personagens das notícias. O recurso mais utilizado pelo jornal francês é o da verossimilhança, com sondagens, testemunhos, entrevistas, fontes oficiais para analisar os fatos, trechos de documentos e investigação. O recurso da explicação, como forma de construir a credibilidade, é alcançado nas chamadas principais, mais extensas, em que o jornal contextualiza o assunto e oferece um panorama de análise e opinião ao leitor.

Enquanto a *Folha* usa bastante o recurso da autenticidade, como dados e fotos para construir sua credibilidade, o *Le Monde* utiliza especialmente os recursos da verossimilhança, com entrevistas e análises de especialistas.

Além de construírem um discurso que lhes confira legitimidade e credibilidade, os jornais precisam ser vendidos, pois são um objeto a ser consumido. Assim, constroem estratégias de captação. A principal delas é a própria

diagramação, que com cores e distribuição bem planejada dos textos, títulos, ilustrações e fotos trazem um apelo icônico interessante à primeira página. Além disso, os jornais trazem dois tipos de apelos publicitários em suas primeiras páginas: o anúncio e as promoções.

Os produtos promocionais da *Folha* e do *Le Monde* se parecem, ou seja, são coleções de DVD, livros de fotografia ou revistas especiais de arte, por exemplo. Essas promoções levam o leitor/consumidor a uma compra casada, ou seja, ele é obrigado a comprar o jornal e pode, com algum dinheiro a mais, levar a promoção.

É na publicidade que a diferença entre os dois jornais é maior. A *Folha* tem um único anunciante, uma montadora de carros, que apela para o luxo e o requinte do leitor do jornal de classe alta. Já o *Le Monde* apresenta uma variedade de produtos culturais, como livros, filmes, peças de teatro, espetáculos de dança, etc., voltados para um público consumidor de cultura e arte, independente da classe social.

De acordo com Charaudeau (2008a), o discurso revela a relação entre os parceiros de uma troca comunicativa, o ponto de vista do enunciador e as vozes que perpassam os discursos. Analisando as marcas da enunciação dos dois jornais, percebe-se que elas são muito distintas em suas primeiras páginas.

Em praticamente todas as chamadas, a *Folha* assume a enunciação de forma objetiva e informativa, muito raramente usando aspas e citações diretas. O jornal constrói seu discurso enunciativo mantendo uma distância do leitor. O leitor deve ser satisfeito enquanto consumidor de notícias das áreas principais do jornal. A *Folha de S. Paulo*, como já vimos, faz uma enunciação de São Paulo para o Brasil, trata de temas atuais, considerando que os leitores são cidadãos consumidores e defendendo a economia liberal.

Já o *Le Monde* assume uma enunciação mais engajada e explicativa, inclusive sem usar números, gráficos ou dados estatísticos. *Le Monde* fala da França para o mundo, considerando que os leitores são cidadãos com alto nível intelectual, interessados em assuntos atuais, mas devidamente contextualizados, defendendo um Estado mais regulador da economia e provedor de bens, como a cultura e o amparo social mínimo.

A *Folha* apresenta mais Acontecimentos Relatados, enquanto o *Le Monde*

traz Acontecimentos Comentados ou Provocados pela instância jornalística, como entrevistas, debates e enquetes.

Tanto a *Folha* como *Le Monde* têm poucas notícias assinadas por jornalistas ou correspondentes. A *Folha* traz todos os dias duas chamadas para seus editoriais, o que aproxima o leitor da instância interna. Mas, de modo geral, o jornal apresenta relatos de especialistas e dados estatísticos sobre os temas, trazendo vozes de instâncias externas para a primeira página. *Le Monde* demonstra principalmente seu discurso enquanto instância interna de enunciação, inclusive publicando diariamente uma charge na primeira página e colocando seu ponto de vista mais claramente.

Na principal editoria do jornal, a economia, a *Folha* fala do ponto de vista dos empresários, do mercado e, sendo assim, os salários dos trabalhadores são um “peso” que as empresas têm dificuldade para manter. Os governos devem ajudar as empresas a saírem da crise e os empregados devem aceitar ganhar menos e preservar seus postos de trabalho. Para o jornal, os leitores são consumidores de produtos e serviços e querem ser informados sobre isso, inclusive na área da saúde, como nas matérias sobre cirurgias plásticas, por exemplo.

Com relação à questão econômica, *Le Monde* posiciona-se contra a economia neoliberal, que tem levado o mundo a crises sucessivas, e culpa os governos por não regularem bancos e investidores. Para o jornal francês, economia não existe sem política.

Nos assuntos de política, a *Folha* assume o papel de vigilante, em nome do cidadão, dos malfeitos dos governos, tanto na esfera municipal, quanto federal. O jornal se coloca contra o governo Lula e denuncia a campanha antecipada de Dilma Rousseff à Presidência da República.

Quanto à enunciação do *Le Monde* na área da política, o leitor provavelmente percebe o ponto de vista abrangente do jornal, que entrevista personalidades, pensadores, filósofos, religiosos, trata de partidos, eleições, greves, etc. A perspectiva do jornal é de provocar um debate profundo sobre a situação política da França e de vários países do mundo. O jornal francês coloca-se ao lado dos movimentos sociais, dando espaço para que eles divulguem, inclusive, suas reivindicações e datas de protestos.

Na área internacional, ponto forte do *Le Monde*, a enunciação é feita de um

ponto de vista mais democrático, com o acompanhando das eleições em vários países. Percebe-se a preocupação com o fortalecimento da direita em Israel e a expectativa positiva em relação ao governo de Barack Obama. O jornal tem espaço ainda para a África e para a América Latina, do ponto de vista da população.

A *Folha*, na área internacional, é mais limitada, tratando apenas de países mais ricos, como EUA e alguns países da Europa. Há um silêncio em relação à África e muito pouco sobre a América Latina. O ponto de vista é sempre do Brasil e de seus interesses econômicos. De qualquer maneira, o jornal deixa transparecer sua predileção por Israel.

De modo geral, *Le Monde* é mais humanista e mais diversificado, tratando o leitor como cidadão engajado politicamente, enquanto a *Folha* quer prestar serviços ao leitor consumidor.

Os jornais pretendem que seus leitores façam uma adesão às suas proposições temáticas e aos seus pontos de vista. No jornalismo, temos matérias com uma visada argumentativa, e outras com uma dimensão argumentativa, ou seja, sem uma intenção forte de convencimento.

O modo argumentativo não está isolado, ele é construído na narração, descrição e na própria enunciação. O jornal normalmente deixa transparecer, principalmente na sua primeira página, qual é seu estilo argumentativo, se mais explícito ou implícito, e quais as formas utilizadas para convencer os leitores de suas teses.

Quando o assunto é economia, a *Folha* constrói seus argumentos com apelo à lógica dos números e dos dados. Para o jornal, a crise econômica é grave e todos terão que participar de um grande esforço para superá-la: governo, que deve ajudar bancos e empresas; trabalhadores, que devem aceitar ganhar menos; e empresários, que estão vendo sua margem de lucro diminuir. É na construção argumentativa que fica mais evidente o alinhamento editorial da *Folha* com o liberalismo econômico.

Na área econômica, *Le Monde* apresenta uma argumentação mais política, tentando demonstrar que o modelo neoliberal está em crise e que é hora da Europa dar uma resposta a essa situação, regulando o mercado e não permitindo que as conquistas sociais sejam perdidas. O jornal francês é mais explícito em defender os cidadãos e questionar a ajuda do governo a empresas e bancos.

Quanto à editoria internacional, a *Folha* procura levar o leitor a acreditar que os EUA são o país mais importante do mundo e que a economia americana, em crise, afetará a todos, especialmente ao Brasil. O jornal acompanha de perto o desempenho em números da economia americana. Também acompanha as eleições em Israel e coloca os palestinos como ameaça aos israelenses.

A *Folha*, ainda na editoria internacional, mostra sua preocupação com a xenofobia na Europa e o quanto a crise econômica pode agravar a perseguição aos estrangeiros, inclusive brasileiros que vivem lá. O jornal chama especialistas para falar e relata casos de xenofobia.

A libertação de reféns sequestrados pelas Farc, identificada como grupo guerrilheiro, é tratada de modo patêmico com destaque para o encontro dos sequestrados com suas famílias e o papel do Brasil nas operações de resgate. O jornal se coloca contra o presidente Hugo Chávez, da Venezuela, e contra a política praticada no Irã. A cobertura internacional da *Folha* é menos eclética, e seus argumentos são mais superficiais e limitados às informações básicas.

A editoria internacional é a principal do *Le Monde*. Sua cobertura é mais diversificada, abordando o Oriente Médio, EUA, Europa, África e América Latina. Os argumentos apresentados pelo jornal francês aos leitores referem-se à ocorrência, em diversas partes do mundo, de mudanças políticas, às quais devemos ficar atentos. Eleições, principal tema do jornal, são defendidas como a melhor saída política. O jornal elogia nominalmente os governantes que promovem eleições livres em seus países e critica Hugo Chávez, por querer eleger-se para a vida toda. Quanto a Israel, o jornal demonstra sérias preocupações com o crescimento da direita nas suas eleições e com o significado que isso pode ter para o conflito com a Palestina, principalmente.

Os EUA não são o centro do mundo para *Le Monde*. Apesar disso, o jornal está interessado no desempenho político de Obama em seus primeiros meses de mandato. A publicação conta como tem sido as primeiras semanas do novo governo, que tem que enfrentar a crise e a oposição do Congresso às suas propostas.

Para o jornal, a crise econômica tem afetado em cheio a economia europeia e os governantes estão perdidos, sem direção. A Comunidade Europeia está desorientada e não apresenta propostas para encaminhar a questão em conjunto. Assim, cada presidente toma iniciativas políticas e econômicas de forma isolada, inclusive a França.

Segundo o jornal, essa crise poderia se revelar uma grande oportunidade para que a França mostrasse sua liderança política na Comunidade Europeia.

Na área da política, a *Folha* se utiliza de dados numéricos para explicar ao leitor o excesso de viagens da indicada por Lula para candidatar-se à Presidência da República, Dilma Rousseff. O jornal critica a pré-campanha tutelada por Lula. O jornal critica, ainda, citando números, os votos no congresso que elegeriam o PMDB às presidências das duas casas, o que facilitaria a eleição de Dilma Rousseff para a Presidência. A *Folha* faz uma campanha contra a corrupção nos governos municipais e estaduais de São Paulo e, ainda, questiona a “inexplicável” alta popularidade do presidente Lula.

Le Monde, por outro lado, tenta explicar ao leitor porque Sarkozy tem baixa popularidade. Segundo o jornal, o presidente tem conduzido a França a sucessivas crises políticas, econômicas e sociais. As manifestações na França estão por todo lado e em todas as categorias: a insatisfação é geral. O governo de Sarkozy é um fiasco também na condução da política além mar, onde franceses estão em greve geral. Além disso, a França vem perdendo prestígio internacional graças às desastrosas atuações dos ministros na área da cultura, por exemplo. O jornal dá espaço para os partidos de esquerda e discute saídas mais humanas para a crise econômica. Na área da cultura, o jornal defende maior atuação do Estado, que deveria apoiar os museus, teatros e exposições, para que eles não fiquem apenas nas mãos de empresas privadas.

Enfim, analisamos de forma contrastiva a primeira página de dois jornais de referência com a metodologia oferecida pela Análise do Discurso e observamos o quanto essa teoria é frutífera para os discursos jornalísticos e a compreensão desse espaço comunicativo tão importante na sociedade contemporânea. A Semiologia tem este fascínio: podemos partir do discurso para a sociedade, ou podemos partir da sociedade para o discurso. A metodologia, implícita na teoria de Patrick Charaudeau, nos leva a uma abordagem do contexto histórico-social do discurso e, ao mesmo tempo, para suas particularidades.

Analisar a primeira página dos dois jornais é como debruçar-se sobre visões diferentes de mundo, mas com alguns aspectos semelhantes. Para os dois, a primeira página é muito importante, ela é a vitrine onde se expõe o que há de mais relevante, a chance de captar o leitor na banca. A primeira página é a chance de

chamar a atenção para aquilo que os editores consideraram como o mais importante do dia. Sabemos, inclusive, que há uma disputa entre os editores para escolherem a notícia que vai aparecer na primeira página. Esse espaço privilegiado diz muito de um jornal.

Além disso, os leitores, cada vez mais apressados, querem que a chamada de primeira página aponte os principais argumentos e a problematização dos temas. O jornal precisa mostrar seu enfoque e o fôlego de sua cobertura no pequeno espaço dos títulos, das chamadas, das ilustrações e das fotos, se houver. É nesse espaço que os leitores são capturados.

Tentar entender o contrato e as estratégias de comunicação da primeira página nos revelou que esta é uma vitrine que deve mostrar não todas as notícias que estão no interior do jornal, mas uma essencialização da identidade dos sujeitos que compartilham o contrato jornalístico, da relação do jornal com seus leitores, do estilo como as notícias serão tratadas, do modo como o jornal se apresenta no mundo do discurso e de sua maneira de argumentar. A primeira página, *L'UNE*, é capaz de dizer muito sobre o contrato e as estratégias de comunicação de um jornal, entidade mais estável, e das notícias ali estampadas, sempre renovadas.

Acreditamos que a primeira página, *L'UNE*, tem se tornado cada vez mais importante devido à falta de tempo das pessoas para lerem as notícias completas, o que as leva a preferirem que o jornal sinalize os principais acontecimentos e indique o enfoque pelo qual devem ser analisados. Mas essa é outra questão, referente ao universo dos leitores/receptores reais, para tentarmos entender quais os significados atribuídos à primeira página e a suas notícias e publicidades. Ainda há muito que se pesquisar no jornalismo, a partir das fronteiras abertas pela Análise do Discurso.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. **L'argumentation dans le discours**. Paris: Nathan, 2000.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense, 1995.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**: história da imprensa brasileira. São Paulo: Ática, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 261-306.
- BARROS, Diana Luz Pessoa. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. Dialogismo, polifonia e enunciação In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: dialogismo e construção de sentido. Campinas: Unicamp, 2006. p. 25-36.
- BENIGNO NETO, Edmundo Mendes. Por uma história da linguagem visual do jornalismo impresso. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5., 2007, São Paulo. **Anais ...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - INTERCOM, 2007. p. 1-10. Disponível em: <<http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/resumos/R0153-1.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2009.
- BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BERTOCCHI, Daniela. Gêneros jornalísticos em espaços digitais. SOPCOM 2005. 2005, Aveiro. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 4º. Aveiro, Universidade de Aveiro, 20 e 21 de outubro de 2006. **Actas ...** Aveiro: Universidade de Aveiro, 2006. p. 1287-1299. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=1434>. Acesso em: 15 abr. 2009.
- BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. 1, p. 205-231, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0401/13%20art%2011%20P.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Bertrand, 1989.
- BRETON, Phillippe. **L'utopie de la communication**. Paris: Découverte, 1992.

CHARAUDEAU, Patrick. **Grammaire du sens et de l'expression**. Paris: Hachette, 1992. p. 779-835.

_____. Le contrat de communication de l'information médiatique. **Le Français dans Le Monde**, Médias, faits et effets, [S.I.], p. 8-19, juil. 1994. (Numéro spécial).

_____. Ce que communiquer veut dire. **Sciences Humaines**, [S.I.], n. 51, p. 1-13, jun. 1995. Disponível em: <<http://www.patick-charaudeau.com>>. Acesso em: 15 abr. 2009.

_____. Discours journalistique et positionnements énonciatifs. Frontières et dérives. **Semen**: énonciation et responsabilité dans les médias, [S.I.], n. 22, 1999. [En ligne], mis en ligne le 1 mai 2007. Disponível em: <<http://semen.revues.org/document 2793.html>>. Acesso em: 11 mar. 2009.

_____. Conferência. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE ANÁLISE DO DISCURSO, 2., 2002, Belo Horizonte. **Anais ...** Belo Horizonte: UFMG, 2002.

_____. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006a.

_____. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006b.

_____. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008a.

_____. De la situation et du contrat de communication. In: CHARAUDEAU, Patrick. **La médiatisation de la science**. Bruxelles: De Boeck, 2008b. p. 12-33.

_____. Conferência. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE ANÁLISE DO DISCURSO, 3., 2008, Belo Horizonte. **Anais ...** Belo Horizonte: UFMG, 2008c.

_____; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2006.

EMEDIATO, Wander. **Análise contrastiva da configuração linguístico-discursiva de títulos de jornais brasileiros (O jornal de referência e o jornal popular)**. 1996. 255 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

_____. Os gêneros discursivos como tipos situacionais. In: MARI, Hugo et al. **Análise do discurso em perspectivas**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003. p. 63-72.

_____. O problema da informação midiática entre as ciências da comunicação e a análise do discurso. In: MACHADO, Ida Lucia; SANTOS, João Bosco Cabral dos; MENEZES Willian Augusto. **Movimentos de um percurso em análise do discurso: memória acadêmica do Núcleo de Análise do Discurso da FALE/UFMG**. Belo horizonte: NAD, POSLIN, UFMG, 2005. p. 99-115.

_____. As emoções da notícia. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES Willian; MENDES, Emília (Org.). **As emoções no discurso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 290-309.

_____. Os lugares sociais do discurso e o problema da influência, da regulação e do poder nas práticas discursivas. In: PROENÇA, Gláucia Muniz; MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO, Wander (Org.). **Análises dos discursos hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. v. 1, p. 71-91.

EVENO, Patrick. **Histoire du journal Le Monde 1944-2004**. Paris: Albin Michel, 2004.

FERREIRA JÚNIOR, José. **Capas de jornal**. São Paulo: SENAC/SP, 2003.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Comunicação, sociabilidade e cotidiano: o fio de Ariadne, a palavra da rua. In: FAUSTO NETO, Antônio; PINTO, Milton José (Org.). **O indivíduo e as mídias**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996. p. 103-111.

_____. **Jornalismo e vida social**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

FREIRE, Eduardo Nunes. O não-verbal na notícia. O *design* de notícias e a construção de sentido no discurso jornalístico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29, 2006, Brasília. **Anais**. Brasília: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - INTERCOM, 2006. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0937-1.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2009.

_____. O papel do *design* de notícias no discurso jornalístico do século XXI. In: MARTINS, Moisés de Lemos; PINTO, Manuel (Org.). **Comunicação e cidadania: actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação**. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 2007. p. 576-588. Disponível em: <www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/5sopcom/article/view/54/55>. Acesso em: 12 out. 2009.

GARCIA, Mario. *Folha* lança novo projeto gráfico. **Folha de S. Paulo**, 14 maio 2006. p. 1-5. Disponível em: <<http://www1.Folha.uol.com.br/Folha/especial/2006/novoprojetografico/0001.shtml>>. Acesso em: 12 out. 2007.

GHIGLIONE, Rodolphe. O contrato. In: GHIGLIONE, Rodolphe. **L'homme communicant**. Paris: Armand Colin, 1986. Tradução e adaptação de Ida Lúcia Machado. Notas de aula de curso ministrado em setembro de 1997.

GROSSE, Ernst-Ulrich. Évolution et typologie des genres journalistiques. **Semen: genres de la presse écrite et analyse de discours**, [S.l.], n. 13, 2001. Disponível em: <<http://semen.revues.org/document2615.html>>. Acesso em: 28 fev. 2009.

HABERMAS, Jürgen. L'Espace public, 30 ans après. **Les Espaces Publics**, Paris, Quaderni n. 18, p. 161-191, 1992.

_____. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HERRERO, Xavier. O homem como ser de linguagem. In: PATRÍCIO, Carlos (Org.). **Cristianismo e história**. São Paulo: Loyola, 1982. p. 73-95.

JACQUES, Francis. **Différence et subjectivité**. Paris: Aubier, 1982.

LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida**. São Paulo: Educ; Campinas: Pontes, 1992.

LEAL, Bruno Souza. Para além das notícias: o jornal, sua identidade, sua voz. **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**, São Leopoldo, p. 113-122, maio/ago. 2009.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LUGRIN, Gilles. Le mélange des genres dans l'hyperstructure. **Semen: genres de la presse écrite et analyse de discours**, [S.l.], n. 13, 2001. Disponível em: <<http://semen.revues.org/document2654.html>>. Acesso em: 10 jun. 2008.

LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia**. Brasília: Ed. da UnB, 1996.

MACHADO, Ida Lucia. Emoções, ironia, AD: breve estudo de um discurso literário. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, Willian; MENDES, Emília (Org.). **Teorias e práticas discursivas. Estudos em Análise do discurso**. Belo Horizonte: Ed. UFMG/FALE/ Núcleo Análise do Discurso, 1998. p. 111-120.

_____. Breves considerações sobre índices de modalização e práticas de leituras. **Caligrama - Revista de Estudos Românicos**, Belo Horizonte, v. 6, p. 63-77, jul. 2001a.

_____. Uma teoria de análise do discurso: a Semiolinguística. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de (Org.). **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001b. p. 39-62.

_____. **Polissemia do termo discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. Notas de aula.

_____. **Gêneros**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. Curso realizado no Poslin/FALE/UFMG.

_____. Análise do Discurso e seus múltiplos sujeitos. In: MACHADO, Ida Lucia; CRUZ, Amadeu Roselli; LYSARDO-DIAS, Dylia (Org.). **As emoções no discurso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007a. p. 169-181.

_____. Parodie, ironie et sémiolinguistique. **Le langage et l'Homme - Revue de didactique du français**, [S.l.], n. 2, dez. 2007b. p.105-113.

_____. Est-ce que le récit de vie peut devenir une stratégie argumentative dans un discours politique? **Revue online groupe ADALL**, dirigé par Ruth Amossy, n° special Analyse du Discours, argumentation et rhétorique: quelques regards brésiliens à paraître. Tel-Aviv, 2011. (No prelo).

MARI, Hugo; SILVEIRA, José Carlos Cavalheiro. Sobre a importância dos gêneros discursivos. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato (Org.). **Gêneros: reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, FALE/UFMG, 2004. p. 59-86.

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Os estudos dos gêneros do discurso: leituras e efeitos da abordagem bakhtiniana. In: EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William. **Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, FALE/UFMG, 2006. p. 215-226.

MOIRAND, Sophie. De l'aire de la page à l'hyperstructure et à l'écran: comment lire et analyser la presse quotidienne ordinaire. **CAUCE - Revista Internacional de Filología y Didáctica**, [S.l.], n. 29, p. 295-320, 2006.

_____. **Les discours de la presse quotidienne**: observer, analyser, comprendre. Paris: Presses Universitaires de France, 2008.

MOLINA, Matias. **Os melhores jornais do mundo**: uma visão da imprensa internacional. São Paulo: Globo, 2008. p. 6-103.

MOTTA, Luiz Gonzaga. A análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (Org.). **Metodologia da pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 144-167. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/16836/1/R2419-1.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2009.

_____. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. **Revista eletrônica E-Compós**, n. 1, dez. 2004. p. 1-26. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/e-compos>>. Acesso em: 05 maio 2009.

MOUILLAUD, Maurice. *Le Monde* e Libération em perspectiva. Referências e significações: *Le Monde*. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997a. p. 191-202.

_____. O nome do jornal. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997b. p. 85-98.

_____. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997c. p. 49-84.

PLANTIN, Christian. **Les raisons des émotions**. Lyon: [s.n.], 1999. Disponível em: <<http://icar.univ-lyon2.fr/membres/CPlantin/documents/1999b.doc>>. Acesso em: 01 mar. 2008.

QUADROS JÚNIOR, Itanel Bastos de. História e atualidade da infografia no jornalismo impresso. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais ...** Rio de Janeiro: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005. v. 01, p. 01-11. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0508-1.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2009.

_____. Uma introdução ao jornalismo visual ou à tessitura gráfica da notícia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004, Porto Alegre. **Anais ...** Porto Alegre: PUC-RS, 2004. v. 01, p. 01-10. Disponível em: <<http://www.reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17050/1/R0508-1.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2009.

QUÉRÉ, Louis. D'un modèle épistémologique de la communication à un modèle praxéologique. **Rezeaux**, Paris, n. 46-47, 1991.

RIBEIRO, José Hamilton. Apresentação. In: FERREIRA JÚNIOR, José. **Capas de jornal**. São Paulo: SENAC/SP, 2003. p. 9-12.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **As estratégias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1990.

_____. O acontecimento. In: Nelson Traquina (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Ed. Veja, 1993. p. 27-33.

_____. **Comunicação e cultura**. Lisboa: Presença, 1994.

ROSSI, Geraldo Abud. Gestão de *design*: operacional e estratégico na mídia jornalística impressa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM *DESIGN*, 4., 2007, Rio de Janeiro. **Anais ...** Rio de Janeiro: [s. n.], 2007. p. 1-7. Disponível em: <<http://www.anpedesign.org.br/artigos/pdf/Gest%E3o%20de%20design%20operacional%20e%20estrat%E9gico%20na%20m%E2Ddia%20jorna%85.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2009.

SANTOS, João Bosco Cabral dos. Vozes e sentidos no gênero. In: MARI, Hugo et al. **Análise do discurso em perspectivas**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003. p. 73-82.

SILVA, Rafael Souza. **Controle remoto de papel**: o efeito do *zapping* no jornalismo impresso diário. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2007.

TELLES, Vera. Espaço público e espaço privado na construção do social: notas sobre o pensamento de Hanna Arendt. **Revista Tempo Social**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 23-48, 1. sem. 1990.

THOMPSON, John Brookshire. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

_____. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

VIZEU, Alfredo. A produção de sentidos no jornalismo: da teoria da enunciação à enunciação jornalística. **Revista Eletrônica Temática**, João Pessoa, ano III, n. 3, p. 1-10, abr. 2007. Disponível em: <<http://www.insite.pro.br/2007/10.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2009.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1995.

ANEXOS

ANEXO A - 15 exemplares da primeira página da Folha de S. Paulo

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL ★ ★ ★ WWW.FOLHA.COM.BR

FOLHA DE S. PAULO

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRILAS FILHO

DOMINGO, 1º DE FEVEREIRO DE 2009
ANO 68 • Nº 25.029

EDIÇÃO NACIONAL CONCLUÍDA ÀS 20:12:12 • R\$ 4,00

rotidiano
CENÁRIO CONFUSO
PROJETA FUTURO
DE INCERTEZAS
PARA A OSESP
Pag. 13

especial
pós-graduação
GUIA DE 40 PÁGS. TRAZ
• Como financiar os estudos com bolsa ou linhas de crédito
• Que carreiras estão em alta no mercado
• Quem são os pós-graduados mais bem remunerados
• Da especialização até o pós-doutorado

ilustrada
No Brasil para lançar filme, ator diz que dribla o medo e aposta no risco Pag. 11
TOM CRUISE

mais!
PROSTITUTAS NÃO QUEREM SER SAUVAS, AFIRMA SOCIOLOGA
Pag. 9

PMDB poderá reaver comando das duas Casas do Congresso

Se não houver traição no Congresso, o PMDB está prestes a voltar à hegemonia no Poder Legislativo depois de 16 anos. A sigla disputa como favorita as presidências da Câmara e do Senado. O senador José Sarney (AP) e o deputado Michel Temer (SP) divulgaram listas de apoio que, no papel, garantem os postos aos dois. O partido diz ter mais de 300 votos para Sarney e ao menos 340 para Temer. **Pag. 14**



Ganho de banco no país é o mais alto do mundo

'Spread' brasileiro equivale a 11 vezes a média nos países desenvolvidos
No Brasil, o "spread" bancário (diferença entre os juros que as instituições pagam para captar recursos no mercado e os que cobram em empréstimos a clientes) é o maior do mundo e equivale a 11 vezes o praticado nos países desenvolvidos. Os dados estão em estudo feito a pedido da **Folha**. A média dos "spreads" no país foi de 34,88 pontos em 2008, contra 3,16 nos bancos do Primeiro Mundo. Madagascar, Paraguai, Peru e Quirguistão vêm logo atrás do Brasil no ranking. A Febraban (Federação dos bancos) diz que a comparação com outros países não faz sentido. Reconhece, porém, que o "spread" brasileiro é dos mais elevados do mundo por causa de juros altos e da dificuldade para reaver ativos. **Pag. 15**

CAMPEÃO DO 'SPREAD'
Em pontos percentuais

1º	Brasil	34,88
2º	Madagascar	32,09
12º	Argélia	1,28
19º	Índia	1,11
23º	Rússia	0,67
82º	China	0,36
85º	EUA	0,11

Túneis de Gaza viram negócio rentável e vital

O ar é pesado e a respiração tem gosto de terra. São 1.800 túneis que ligam a faixa de Gaza ao Egito. Não é recorrente saber que se está dentro de um alvo potencial dos israelenses. Por causa do bloqueio, até comida e moto são contrabandeados por túneis. **Pag. 16**



QUEM SÃO
PERDA DE VAGAS AFETA MAIS MULHERES, NEGROS E MULATOS, DIZ O IBGE Pag. 17

E AGORA, JOSÉ?
CIDADE DE DRUMMOND E BERÇO DA VALE VIVE MEDO DE NOVAS DEMISSÕES Pag. 18

ALTERNATIVA
CURSOS PREPARATÓRIOS PARA CONCURSO PÚBLICO TEM ALTA DE ATÉ 40% Pag. 19

Em Davos, elite econômica e política conclui que nada sabe

O fórum de Davos termina com a constatação do jornalista Martin Wolf: "Todos sabemos que nada sabemos". Para a ministra de Economia da França, Christine Lagarde, o mundo "passou os últimos meses navegando no escuro". A hora da verdade, não é que a elite econômica, governamental e empresarial reunida em Davos não saiba. Ela sabe o que o mundo sabe. **Pag. 17**

Revolução dos aiatolás no Irã festeja 30 anos

Há exatos 30 anos, o aiatolá Ruhollah Khomeini era aclamado por milhões de pessoas no Irã, o que simbolizou a volta triunfal do clérigo e foi o prenúncio da Revolução Islâmica. O acontecimento abriu uma nova era geopolítica no Oriente Médio. Agora, o presidente dos EUA, Barack Obama, tenta uma distensão nas relações entre Washington e Teerã. **Pag. A24 e A25**

dinheiro
Morre, aos 83, João do Amaral Gurgel, dono da extinta Gurgel **Pag. 18**

empregos
Confira lista de 13.000 vagas temporárias para a Páscoa Pag. 17

ATMOSFERA Pag. 12
Dia de chuva no maior parte do país. Florianópolis: mín. 20°C. Campo Grande: mín. 19°C.

EDITORIAIS Pag. A2
Leia "Tempo de parcos", sobre prestação de cortiça "Nasção de mirá", acerca de investimento público.

HYUNDAI AZERA. O MAIS EQUIPADO, O MAIS SOFISTICADO, O MAIS POTENTE E O MAIS IMPRESSIONANTE: O PREÇO.

- SUPERAVALIÇÃO DO SEU USADO NA TROCA POR UM HYUNDAI 0 KM.
- PREÇOS DE AGOSTO/08 COM DÓLAR A R\$ 1,50.

5 ANOS

36% DE ENTRADA + 36% SEM JUROS

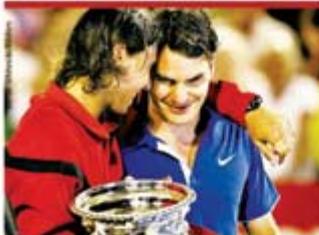
1º LUGAR VEJA NA PÁGINA 5

FOLHA DE S. PAULO

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

SEGUNDA-FEIRA, 2 DE FEVEREIRO DE 2009
ANO 88 • Nº 28.260

EDIÇÃO NACIONAL, CONCLUÍDA ÀS 21H32 • R\$ 2,50



Esportista
Espanhol Rafael Nadal (esq.) vence o suíço Roger Federer no Aberto da Austrália e conquista sua 6ª taça do Grand Slam. Pág. 34



esporte
O atacante Washington, que passou em branco na derrota do SP. Pág. 31



Medalhista em Pequim, Michael Phelps é flagrado fumando maconha. Pág. 33



Guerrilha solta reféns com apoio brasileiro

Ação na Colômbia resgata 4 pessoas que estavam em poder das Farc

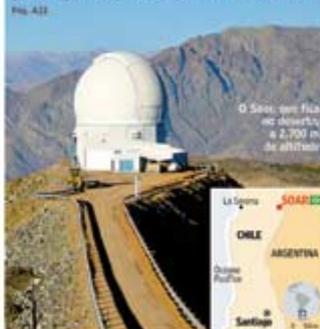
AGENDA ALTERNATIVA
Participantes da "assembleia das assembleias", evento que encerrou o Fórum Social Mundial, em Belém (PA), e definiu agenda de mobilizações para 2009; protestos tentam influenciar os governos a adotarem alternativas às políticas neoliberais. Pág. 47

Guerra judicial ameaça a eleição no Congresso

Os deputados federais elegem hoje seu novo presidente em meio a um clima tenso e ameaça de guerra judicial. PP e PSOL pretendem reclamar vagas na Mesa Diretora diretamente no STF (Supremo Tribunal Federal), pois consideram-se excluídos do processo sucessório. Pág. 44 e 45

ciência

Telescópio no Chile triplica produção da astronomia brasileira



O Soro, que fica em altitude de 2.700 m de altitude. Pág. 43

FERNANDO RODRIGUES

Lula promove renascimento do PMDB

Lula completa hoje uma obra relevante de seu mandato: o renascimento do PMDB. De lambuja, aprofunda a submissão do PT. Desde Collor, o PMDB não mandava tanto. O partido atual é igualzinho ao de 16 anos atrás. Está apenas com mais apetite. Pág. 42

[+] ENTREVISTAS

Oscar Niemeyer
"Tombardeio de Brasília é uma besteira; as cidades acabam sendo modificadas" Pág. 41

Henrique Meirelles
"Problema de liquidez está normalizado no Brasil e país deve sair da crise mais cedo" Pág. 33

Daniel Radcliffe
"Não há nada mais divertido do que ser um garoto de 13 anos e fazer Harry Potter" Pág. 38

Margarita López Maya
"Chávez avançou no social em dez anos, mas governo e Estado agora se confundem" Pág. 41

O Comitê Internacional da Cruz Vermelha anunciou, no início da noite de ontem, que as Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) libertaram três policiais e um soldado que mantinham reféns. Até o fechamento desta edição, os quatro seguiam em dois helicópteros Cougar do Exército brasileiro em direção a cidade de Villavicencio (cerca de 120 km de Bogotá). A libertação se deu em meio a troca de acusações entre o governo e a oposição na Colômbia sobre os rumos da missão. As quatro pessoas foram feitas reféns no ano passado. Segundo a imprensa colombiana, eles estão bem de saúde. A libertação do grupo é a primeira etapa da missão de entrega unilateral dos reféns pelas Farc, coordenada pela Cruz Vermelha e com o apoio logístico do Brasil. A missão em torno da operação instalou-se após um jornalista afirmar à TV TeleSUR, chavista, que a entrega correu o risco de ser abortada por causa de combate entre forças colombianas e guerrilha. O governo da Colômbia nega o ataque. Pág. 42

Israel ameaça Gaza com 'reação desproporcional'

O premiê Ehud Olmert ameaçou adotar uma "reação desproporcional" em resposta aos foguetes lançados contra Israel desde a faixa de Gaza —cuja autoria dos disparos é incerta. Palestinos já teriam sido alertados por telefone para deixarem locais usados para "terrorismo". Ontem, Israel atacou alvos do Hamas em Gaza e os tísicos que ligam a região ao Egito. Pág. 42

Call center tem melhora, mas solução de caso ainda é falha

Dois meses depois das novas regras para os SACs (serviços de atendimento ao consumidor), as empresas acatarem parte das exigências feitas pelo governo e atendem em até um minuto. Mas o ponto central da lei, a resolução do problema em até cinco dias, ainda não foi atingido, segundo balanço do Procon-SP. Cerca de 500 das mais de 2.000 reclamações sobre call centers são sobre a não-resolução do problema no prazo, de acordo com o órgão. Pág. 32

ilustrada

Grupo de teatro de Curitiba faz 15 anos com monólogo de Fernanda Montenegro



OLHANDO PARA CIMA
Cabe e aparar o cabelo. Pág. 40

ATMOSFERA Pág. 42
Temperatura de Curitiba no dia 1º de fevereiro
Quilômetros por hora: 17°C
Céu: nublado
Cidade: 19°C

EDITORIAIS Pág. 42
Leis "Pior de cenário", sobre propostas do FMI e "Refugeio extração", acerca do STF e julgamento do caso Bittelli.

0001-1011
11 4400-0000
9 7744-11 772279

Esta edição tem circulação de 124.214 exemplares

Subscreva em: 11 4400-0000

FOLHA DE S. PAULO

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FERIAS FILHO

TERÇA-FEIRA, 3 DE FEVEREIRO DE 2009
ANO 88 • Nº 39.181

EDIÇÃO NACIONAL, CONCLUÍDA ÀS 23H30 • R\$ 2,50

PMDB vence na Câmara e no Senado

Com apoio de Lula, Michel Temer e José Sarney são eleitos pela 3ª vez para as presidências das duas Casas

BNDES responde por 14% de todo o investimento feito no Brasil

Dados de 2008 mostram que o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), principal instrumento do governo para tentar combater os efeitos da crise, já representa quase 14% de todos os investimentos feitos no país. Em 2008, o BNDES liberou R\$ 92,2 bilhões (US\$ 40 bilhões). No mesmo período, o Bndf (Banco Mundial) destinou US\$ 13,5 bilhões para 34 países. Críticos avaliam que o governo está assumindo função que deveria ser do setor privado. **Pág. 12**

Cursos para formação de professores perdem alunos

O Curso de Educação Superior, divulgado pelo governo, revela que o Brasil sofreu pelo segundo ano seguido queda no total de universitários matriculados em cursos voltados para disciplinas específicas de magisterio. O número de estudantes que concluíram seus cursos no grupo "formação de professor de matérias específicas" recuou 4,2% entre 2007 e 2008; em números absolutos, foram 8.300 formados a menos. Para especialistas, o recuo se deve aos baixos salários do setor. **Pág. 11**

Disputa política atrasa libertação de refém das Farc

A disputa política entre o governo da Colômbia e a senadora opositora Piedad Córdoba, que negocia com as Farc a libertação de seis reféns, atrasou esta pelo menos um dia a missão que partirá do castiello o rogo-vernador Alan Jara, prisioneiro da guerrilha há oito anos. Antecorrem, quatro reféns foram soltos. **Pág. 11**

Casal é rendido e baleado em trilha do litoral do PR

Um casal de universitários de Curitiba foi atacado no sábado durante um passeio na trilha de Matinhos (PR). Osiris Del Corso, 22, morreu quando tentou defender a namorada, de 23 anos. Baleada e estupefata, a estudante esperou 18 horas até ser socorrida. Ela está internada em estado grave. **Pág. 12**

agrofolha
20 mil perdem emprego na produção de frutas no Vale do São Francisco **Pág. 12**



Os presidentes da Câmara e do Senado, Michel Temer e José Sarney, em cerimônia de abertura do ano legislativo diante do Congresso

Com o apoio do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o PMDB reconquistou, após 36 anos, as presidências da Câmara e do Senado. As vitórias dão ao partido poder para avançar na busca de mais espaço no governo, no qual já tem seis ministros, e influir na eleição de 2010. Na Câmara, venceu Michel Temer (PMDB-SP), 68, que sucedeu Ciro Nogueira (PP-PB) e Aldo Rebelo (PC do B-SP). No Senado, o vencedor foi o ex-presidente José Sarney (PMDB-AP), que passou os últimos dois meses tentando ser candidato único, mas teve de disputar o cargo com Tasso Viana (PT-AC). É a terceira vez que ambos ocupam as presidências das respectivas Casas. Tanto Temer quanto Sarney tiveram muitos votos que o projeto como a votação é secreta, não é possível saber a origem das defecções. Para Dilma Rousseff, ministra da Casa Civil e presidente do governo, "a base do governo foi vitoriosa". **Pág. 14**

Balança comercial tem 1º déficit em 8 anos

Depois de uma tentativa frustrada de limitar importações na semana passada, o governo brasileiro anunciou déficit na balança comercial do país — o que não ocorre desde março de 2001. Com US\$ 9,788 bilhões em exportações e US\$ 10,206 bilhões em importações, o saldo de janeiro ficou negativo em US\$ 518 milhões. Foi o pior resultado desde novembro de 2008. A desaceleração nas vendas ao exterior chegou a 22,8% em relação a janeiro do ano passado. Já as compras fora do país caíram em ritmo mais lento: 12,6% na mesma comparação. O governo pretende adotar medidas de estímulo às exportações, como financiamento e isenção de impostos, e promete ir à OMC se outros países tomarem atitudes protecionistas. **Pág. 11**

saúde
Lipoaspiração lidera número de processos contra médicos no país **Pág. 13**

cotidiano
RUBEM ALVES
Dizer que velhice é a "melhor idade" só pode ser gozação **Pág. 12**

mundo
Londres para depois da pior nevasca em 18 anos **Pág. 11**



GUERRA URBANA
Barricada na favela Peraiópolis, na zona sul de SP; moradores atiraram objetos contra policiais e atearam fogo em carros em protesto, segundo a PM, contra a morte de morador antecorrem **Pág. 12**

AS VOTAÇÕES	
Senado	
José Sarney (PMDB-AP)	49
Tasso Viana (PT-AC)	12
Câmara	
Michel Temer (PMDB-SP)	304
Ciro Nogueira (PP-PB)	129
Aldo Rebelo (PC do B-SP)	76

ELIANE CANTANHODE
Resultado eleitoral no Congresso não incomoda Lula

Lula jamais deu bola para o Congresso, mesmo quando deputado constituinte. Venceu o PMDB nas duas Casas, ou o PT no Senado e o PMDB na Câmara, tanto faz como tanto faz. Lula ganharia de qualquer modo. Serra e PSDI perderiam de qualquer modo. **Pág. 12**

EDITORIAIS **Pág. 12**
Lula "Despedida" sobre vitória do PMDB no Congresso: "Vitória em busca", avocada às vitórias.

Atmosfera
Previsão de chuva por todo o país
Cuiabá máx. 17°C
Rio Vista máx. 14°C

NOVO **ELAN** 2009 **O MELHOR SUV DO BRASIL E DO MUNDO E JÁ AINDA MELHOR.**

PREÇO COM IMPOSTOS DE IPTU IPI
50% DE ENTRADA + 36x SEM JUROS

HYUNDAI

FOLHA DE S. PAULO

DETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

QUARTA-FEIRA, 4 DE FEVEREIRO DE 2009
ANO 58 • Nº 29.362

EDIÇÃO NACIONAL, CONCLUÍDA ÀS 21H45 • R\$ 2,50

Indústria tem maior queda desde 91

Puxado pelo setor automotivo, recuo em dezembro foi de 12,4%; governo destina mais R\$ 130 bi ao PAC

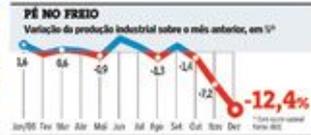


LIBERDADE VIGIADA
PM em uma das entradas da favela Paraisópolis (zona sul de SP), vigiada por mais de 300 homens armados após confrontos que feriram três policiais; segundo o governo, o Batalhão do Choque fará operação para identificar e prender os responsáveis. **Pág. C4**

Em dezembro, a crise fez a produção industrial brasileira registrar queda de 12,4% na comparação com novembro, livre de efeitos sazonais. Foi a maior queda desde o começo da série histórica do IBGE, em 1991. Em novembro, já tinha havido recuo de 7,2%; em outubro, no início da crise, a queda ficou em 1,4%. A retração verificada em dezembro foi ainda pior comparada ao mesmo mês de 2007: 14,5%, também a maior intem em 17 anos. O setor fechou 2008 com expansão de 3,3%. Antes da crise, de janeiro a setembro, o crescimento foi de 6,4%.

Segundo o IBGE, o recuo foi geral, mas afetou mais os ramos ligados às exportações e dependentes de crédito, como veículos, máquinas e equipamentos e indústria extrativa — com destaque para o minério de ferro. Os veículos lideraram a queda em dezembro (-39,7%). A ministra Dilma Rousseff (Casa Civil) anuncia hoje a ampliação em R\$ 130 bilhões do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), alta de 26% em relação às previsões iniciais. Antes

Previsão apurada quando o PIB brasileiro de dezembro registrou recuo de 12,4% em relação a novembro de 2008. **Pág. B2**



Apesar da crise, Lula tem popularidade recorde

A piora da situação da economia e as demissões não afetaram a popularidade do presidente Lula, que obteve em janeiro novo recorde de aprovação. Pesquisa CNT/Sensus mostra que 72,5% consideram o governo ótimo ou bom. A avaliação positiva sobre o desempenho do petista chegou a 84%.

O levantamento ouviu 2.000 pessoas logo após o anúncio do fechamento de quase 65 mil vagas com carteira assinada no país. A pesquisa aponta que 51% dos entrevistados disseram acreditar na melhoria do emprego nos próximos seis meses — em dezembro, o índice era de 47%. **Pág. A8**



VOLTA PARA CASA
Abraçado pelo filho e pela mulher, o ex-governador Alan Siqueira abraça o filho Vincius Torres Freire e a esposa após ser libertado em Villavicencio (Colômbia); ele ficou oito anos na selva como refém de guerrilheiros das FARC. **Pág. A12**

VINICIUS TORRES FREIRE

Desempenho das fábricas lembra piores fases da nossa economia

Imaginava-se que a produção das fábricas havia afundado em dezembro de 2008. Mas os resultados dão mais a impressão de que a indústria foi varrida da Terra num clique silencioso. O desmaio industrial foi de grandeza semelhante aos piores momentos da nossa história econômica — como o confisco de Colômbia, em 1992, ou a crise do início dos anos 1980. **Pág. B4**

Produção menor nas montadoras faz faltar carro nas revendas

Com o corte na produção das fábricas e o mercado ensaiando um resaquecimento após a queda do IPI, faltam carros para pronta entrega nas montadoras do Sudeste. Modelos na lista dos mais vendidos demoram até 30 dias para ser entregues. Para a Fenabrav (associação das concessionárias), as férias coletivas nas montadoras foram necessárias, mas houve "descompasso". **Pág. B4**

ciência

Astrônomos descobrem o menor planeta fora do Sistema Solar

Pág. A12

COROT 7.803.19	TERRA
Cerca de 24.900 km	12.756 km
20 horas	Duração do ano: 365,25 dias
Entre 1.000°C e 1.500°C	Temperatura média: 14°C

Concepção artística do planeta extrassolar

mund0
Irá diz ter lançado o primeiro satélite construído no país. **Pág. A10**

cotidiano
Acidente com caminhão de romeleros mata 9 em Serra Talhada (PE). **Pág. C4**

EDITORIAIS **Pág. A3**
Lula "Perdo o apálio", sobre queda na produção industrial; e "Ensino superior e distante", acerca de ensino escolar.

Boas notícias 84 páginas
R\$ 2,50 com o jornal

Edição Nacional
Folha de São Paulo

0000 1111 0000
20162
9 771111 512929

AMANHÃ >>
VEJA A LISTA DOS APROVADOS NA FUVEST

informática
Brasil recebe "lixo eletrônico" dos EUA; saiba como tratar o seu. **Págs. F1 e F5**

saúde
Pela 1ª vez, cirurgiões retiram pela vagina um rim para transplante. **Pág. C1**

Problemas com impostos abalam equipe de Obama

O escolhido para a secretaria da Saúde da gestão Obama, o democrata Tom Daschle, desistiu do cargo por problemas com Imposto de Renda. Pelo mesmo motivo, Nancy Killefer, convidada para fiscalizar gastos governamentais, cargo subordinado à Casa Branca, retirou a candidatura. **Pág. A8**

ATMOSFERA **Pág. C2**
Funcionários de churrasco em todo o país

Quilômetro mín. 14°C
Dia de fevereiro mín. 24°C

HYUNDAI UNIVERSAL EM QUALIDADE E BELEZA.

50% DE ENTRADA + 36x SEM JUROS

VEJA NA PÁGINA 5

HYUNDAI

FOLHA DE S. PAULO

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

QUINTA-FEIRA, 5 DE FEVEREIRO DE 2009
ANO 88 * Nº 29.263

EDIÇÃO NACIONAL, CONCLUÍDA ÀS 21H30 * R\$ 2,50

FUVEST >> RECEBA HOJE CADERNO ESPECIAL COM A LISTA DOS 10.657 APROVADOS NO VESTIBULAR DA USP E DA SANTA CASA

Operação policial mata 10 em 4 favelas do Rio

Ação policial em quatro favelas de Bangu e Senador Camará (zona oeste do Rio) deixou pelo menos dez mortos. As polícias Civil e Militar afirmam que houve nove mortos em conflitos, mas, segundo informou a Secretaria de Saúde, dez corpos foram levados para o hospital Albert Schweitzer, no Rio.

De acordo com a polícia, os mortos eram suspeitos de tráfico. Sete pessoas foram presas nas ações, que apreenderam armas, rádios e uma pequena quantidade de cocaína e envolveram cerca de 300 policiais civis. Desde outubro de 2007, 33 supostos traficantes foram mortos na região. **Pág. C1**



Policial civil circula pela favela da Coréia, uma das quatro na zona oeste do Rio onde ações contra o tráfico mataram pelo menos 10

Moradores criticam PM em SP

Representantes dos moradores da favela de Paraíso-polis, em SP, se reuniram com a Polícia Militar, criticaram a atuação dos soldados e pediram menos violência na Operação Safateira — iniciada após confronto com grupo de moradores.

Segundo a PM, os incidentes de violência relatados são casos isolados. Questionado por jornalistas, o coronel Roberto Diniz, comandante-geral da corporação, disse que estuda a instalação de uma companhia da PM dentro da favela. **Pág. C1**

Governo Serra propõe pedágio em ruas e vias entre cidades

O governo José Serra (PSDB) encaminhou à Assembleia Legislativa projeto de lei que prevê pedágio urbano em ruas e vias de ligação entre cidadãos das regiões metropolitanas do Estado — São Paulo, Campinas e Baixada Santista — e sistemas de rodízio de veículos que afetariam até rodovias. As medidas estão dentro de uma série de ações para descentralizar o transporte individual e reduzir a emissão de poluentes. **Pág. C1**



A cantora Kim Petras, alemã de 16 anos, é a mais jovem transexual do mundo. **Pág. C3**

Crise trava ganho real em negociações trabalhistas

Sindicatos passam a receber propostas de reajuste inferiores à inflação

Projeções de especialistas mostram que a crise deve encerrar o ciclo de ganhos reais (superiores à inflação) crescentes obtidos desde 2004 pelos trabalhadores, informa Verena Fornetti. Em 2007, houve ganho real em quase 90% dos acordos.

Sindicatos que negociaram reajustes após novembro, quando os efeitos da crise começaram a ser sentidos mais fortemente no Brasil, receberam propostas de aumento de 1%, muito inferior à inflação pelo INPC, de 6,48% em 2008.

O Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos) também prevê para este ano recuo no total de negociações que obtêm ganhos acima da inflação e aumento nas que resultam em reajuste igual ou menor.

Clemente Lúcio, diretor do Dieese, afirma que a pauta dos sindicatos deve migrar da defesa de reajustes maiores para a manutenção do emprego. Os empresários argumentam que a crise reduziria seus ganhos e gera incertezas. **Pág. B1**

Americanos já negociam com iranianos desde o ano passado

Representantes de Barack Obama e do regime iraniano têm mantido contato desde pelo menos setembro do ano passado, quando a candidatura da democrata, hoje presidente, foi oficializada.

Houve pelo menos quatro encontros na Europa entre os dois países. A revelação, feita pelo site da revista "Foreign Policy", acontece no momento de maior tensão entre os EUA e o Irã nos últimos 30 anos. **Pág. A10**



Achado na Colômbia fóssil da maior cobra que já existiu. **Pág. A14**

Morador de rua acusa de agressão alunos de direito

Estudantes de direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em Campinas (SP), foram parar na delegacia após trocarem palavras com o morador de rua. Ele teve o cabelo e a sobrecaneta raspados e disse que foi jogado no chão e agredido com socos e portapães. Duas testemunhas confirmaram a agressão. Em depoimento, estudantes negaram os fatos. **Pág. C4**

Google lança serviço para localizar pessoas por celular

Após críticas, Niemeyer desiste de projeto de praça em Brasília. **Pág. A2**

Leis "Encastelados", que critica proposta de acabar com cassação de deputados federais e "Ocosos das Fare". **Pág. C2**

Paradas de chuva em todo o país. Curitiba: mín. 18°C. Vitória: mín. 19°C. **Pág. C2**

Crise trava ganho real em negociações trabalhistas

Sindicatos passam a receber propostas de reajuste inferiores à inflação. **Pág. B1**

Projeções de especialistas mostram que a crise deve encerrar o ciclo de ganhos reais (superiores à inflação) crescentes obtidos desde 2004 pelos trabalhadores, informa Verena Fornetti. **Pág. B1**

Sindicatos que negociaram reajustes após novembro, quando os efeitos da crise começaram a ser sentidos mais fortemente no Brasil, receberam propostas de aumento de 1%, muito inferior à inflação pelo INPC, de 6,48% em 2008. **Pág. B1**

Crescem nos EUA ações contra os imigrantes

A crise econômica oferece a cultura ideal à proliferação de ecos perigosos na sociedade, alertam analistas. Um senador pediu a demissão de trabalhadores estrangeiros da Microsoft. Na TV, uma campanha associa o desemprego aos imigrantes. **Pág. B8**

Obama limita a US\$ 500 mil por ano salários de executivos

Medida atinge empresas dos EUA que recebem ajuda do governo; decisão antecipa novo pacote de socorro, a ser anunciado nos próximos dias. **Pág. B5**



HYUNDAI AZERA. A ESCOLHA INTELIGENTE.

50% DE ENTRADA + 36X SEM JUROS

VEJA NA PÁGINA 5

HYUNDAI

FOLHA DE S. PAULO

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

SEXTA-FEIRA, 6 DE FEVEREIRO DE 2009
ANO 58 Nº 25.164

EDIÇÃO NACIONAL, CONCLUÍDA ÀS 23H30 R\$ 2,50

cotidiano
RECEBA HOJE
LISTA DE
APROVADOS
DA UNICAMP
Pag. C14-C16

ilustrada

'Dúvida'

Meryl Streep e Philip Seymour Hoffman falam de filme indicado para 5 Oscars, que estreia hoje nos cinemas
Pag. D1-C7



A atriz Meryl Streep

ciência
REPRESA PODE
TER PROVOCADO
TERREMOTO
NA CHINA
Pag. A12

esporte
INGRESSO CARO
AFASTA PÚBLICO
DOS JOGOS DO
CORINTHIANS
Pag. B1

Farmacêuticos admitem venda de antibiótico sem receita

Em pesquisa inédita do Conselho Regional de Farmácia de São Paulo, 68% dos farmacêuticos entrevistados no Estado admitem a venda de antibióticos e anti-inflamatórios sem receita médica, relata **Cláudia Colucci**.
Recebimento de comissões de laboratórios e obrigação de cumprir metas de vendas de remédios foram relatados por 15%. O CRF defende "ação educativa" contra as práticas. **Pag. C7**

Shopping de SP paga IPTU praticamente só pelo terreno

Inaugurado há 11 meses, o Shopping Bourbon ocupa 185 mil m² num terreno de 33 mil m², mas a Prefeitura de São Paulo cobra do imóvel só R\$ 615,3 mil de IPTU, relata **Mário Cesar Carvalho**. Um shopping de área similar paga R\$ 4 milhões.
O Bourbon afirma que informará o erro. Já a Secretaria de Finanças alega que não tem o valor correto porque o processo do shopping está parado. **Pag. C1**

Receita deve tirar 100 mil declarações da malha fina

Intenção é concentrar fiscalização em grandes contribuintes, diz o governo



FORMIGUEIRO
Em Peguim, desempregados lotam feira que oferece postos de trabalho; eventos do tipo, que costumam começar na 2ª semana de fevereiro, foram antecipados no país devido à crise econômica, que já fez 20 milhões de chineses perderem seus empregos **Pag. B1**

FÁTIMA FERNANDES
CORRESPONDENTE
A Receita Federal em São Paulo deve liberar restituições de Imposto de Renda de pessoas físicas retidas nos últimos cinco anos (pre-jam liberadas nos próximos meses — no ano passado, foram 376 mil as retidas na malha fina. Os créditos totais de IR a serem liberados não estão definidos. Segundo o superintendente da Receita no Estado, Luiz Sérgio Soares, as restituições poderão ser de até R\$ 3.000.
A medida visa ainda combater a escassez de pessoal na Receita, diz Soares: "Decidimos realocar a força de trabalho para contribuintes de maior relevância econômica". A ideia, afirma ele, é concentrar a atenção em quem tem restituições acima de R\$ 50 mil. **Pag. B1**

Balas perdidas matam 1 e ferem 4 em São Paulo

Tiroteio durante tentativa de assalto contra dois PMs à paisana que trafegavam de moto na zona sul de São Paulo matou um mecânico parado no mesmo semáforo. Além dos PMs, ficaram feridos dois pedestres e dois passageiros de um ônibus, atingidos por balas perdidas. Os bandidos fugiram. **Pag. C1**



ARRUMANDO A CASA
Funcionário pinta o Sambódromo do Anhembi para o Carnaval; como os ingressos para os desfiles ainda não se esgotaram, as bilheterias também abrirão aos domingos das 11h às 17h. **Pag. C1**

Governo paulista adia o início das aulas para dia 16

A Secretaria da Educação de São Paulo adiou o início das aulas dos cerca de 5 milhões de alunos da rede estadual do dia 11 para o dia 16.
A razão é um impasse judicial com a Apeossp (sindicato dos docentes) sobre a atribuição de aulas aos professores temporários. **Pag. C1**

ATMOSFERA **Pag. C2**
Previsão de chuva para o resto do dia
Cidade: mín. 17°C
Palmas: mín. 16°C

Indicação tem 41 páginas
R\$ 2,50 exemplar
9 771114 57262 9

Senado italiano aprova projeto anti-imigração

O governo do premiê Silvio Berlusconi aprovou no Senado italiano projeto de lei do grupo direnista Lega Norte, integrante da coalizão majoritária, que altera lei sobre imigração e permite que médicos delatem à Justiça pacientes estrangeiros em situação irregular.
Os senadores também aprovaram outro projeto que prevê criar "rondas" de cidadãos para patrulhar as ruas. Para virar lei, as medidas têm de ser aprovadas na Câmara, em que a maioria de Berlusconi é mais folgada. Médicos protestaram contra os projetos. **Pag. A1**

EDITORIAIS **Pag. A2**
Leta "Sombra de passado", sobre risco de crise econômica: "Abatido do spread", acerca de juros bancários.

ENTRE O MELHOR ON ROAD E O MELHOR OFF ROAD, FIQUE COM OS DDIS.
SUBARU FORESTER. ELEITO MELHOR MOTOR OMNIPOWER 2.5D POR MUITOS ESPECIALISTAS CONCORRENTES COMO O SUV AL, NISSAN X-TRAIL, TOYOTA RAV4 E SUZUKI GRAND LANDER.
5 ANOS DE GARANTIA
O Parlamento Europeu aprovou, em sessão extraordinária — com apenas 54 dos 785 representantes presentes —, resolução que pede ao Brasil que reconsidere o refúgio concedido a Cosme Battisti.
Os deputados solicitaram ao STF que "leve em conta" a sentença da Justiça italiana contra Battisti. A chancelaria brasileira considerou o pedido "respingado". **Pag. A4**

50% DE ECONOMIA E CUSTO DE MANUTENÇÃO MENOR DE 0,49% FREIO COM RESERVA DO 101
SUBARU
São Paulo, São Paulo, SP

Candidatos a premiê de Israel tentam atrair a ultradireita

MARCELO NINHO
CORRESPONDENTE
A quatro dias da eleição que definirá o próximo governo de Israel, os principais candidatos ao cargo de premiê Bertens cada vez mais abertamente com a ultradireita. O alvo é o Israel Beiteinu, partido acusado de racismo contra os árabes que se desposta como parceiro potencial na formação de uma coalizão de governo. **Pag. A2**

FOLHA DE S. PAULO

DETORER DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

SÁBADO, 7 DE FEVEREIRO DE 2009
ANO 98 • Nº 29.365

EDIÇÃO NACIONAL, CONCLUÍDA ÀS 20H51 • R\$ 2,00

Preso que se dizia mineiro é foragido e não fala português

A Polícia Civil de SP levou nove meses para descobrir que um preso que se passava por mineiro era, na verdade, traficante foragido da Justiça espanhola desde 2001 — e não fala português. Carlos Ruiz Santamaría, 41, preso com ecstasy em 2008, é suspeito de envolvimento com Juan Carlos Abadía. A embaixada espanhola diz que ele é médico. Mas, à polícia, Santamaría afirmou ser colombiano. **Pág. C1**



Carlos Ruiz Santamaría, que se passava por mineiro em prisão

Desemprego nos EUA cresce e bate recorde de 34 anos

País registrou 598 mil demissões no mês passado; Obama pressiona Congresso para que aprove pacote

A economia norte-americana perdeu mais 598 mil empregos em janeiro, elevando a taxa de desemprego para 7,6%, a maior em 16 anos. Em números absolutos, o total de desempregados no mês foi o pior desde dezembro de 1974 (602 mil). Com o aumento verificado no mês passado, os EUA passaram a ter 11,6 milhões de pessoas sem trabalho.

Uma revisão nos números de 2008, feita pelo Departamento do Comércio, também adicionou 400 mil demissões às contas iniciais. Com isso, o ano passado terminou como o pior da história para o mercado de trabalho no país, com 2,97 milhões de pessoas demitidas. Segundo estudo, cerca de 80% dos demitidos mais recentemente são homens.

No mesmo dia da divulgação dos dados, o presidente Barack Obama elevou o tom contra os congressistas, que discutem há duas semanas seu pacote de estímulo à economia: "É indesculpável e irresponsável ficarmos presos a distrações e atrasos enquanto milhões de norte-americanos estão sendo demitidos. É hora de o Congresso agir", disse. **Índice**

Berlusconi tenta barrar eutanásia e gera crise na Itália

O primeiro-ministro Silvio Berlusconi tenta interromper a eutanásia da italiana Emanuela Englaro, em coma há 17 anos. Ele fez passar decreto-lei que proíbe interromper a alimentação de pacientes em estado vegetativo, mas o presidente se negou a assiná-lo. Depois apresentou o texto ao Legislativo como projeto de lei. **Pág. A14**

MARCELO NINHO

Palestinos e Israel vivem momento de desconfiança mútua

Em conversas com palestinos e israelenses, a desconfiança mútua dá o tom. É raro alguém capaz de analisar o conflito pelo prisma do outro. Cada simplifica esse fuso. Entre os palestinos, cresceu o apoio ao Hamas; entre os israelenses, a guerra só seria mais popular se tivesse durado mais tempo. **Pág. A2**



► **HIDROAVIÃO** O piloto Steve Bille (esp.) e um passageiro andam em direção à areia após o avião em que estavam com mais quatro pessoas cair no mar, a 200 m do costa, em Darwin (Austrália); ninguém se feriu

Governo estuda facilitar financiamento de imóvel

O governo estuda conceder a famílias com renda até cinco salários (R\$ 2.325) um prazo de 24 a 36 meses no qual elas poderão deixar de pagar financiamentos habitacionais sem ser consideradas inadimplentes, informa Sheila D'Amorim. Essas parcelas só seriam cobradas no final do contrato.

Para as famílias com renda superior a esse valor, a sugestão é aplicar um prazo de carência menor, em torno de 12 meses, e limitar o benefício aos cinco primeiros anos do contrato. O objetivo das medidas em estudo é tentar estimular o setor imobiliário e contrariar os efeitos da crise. **Pág. B1**

Caixa vai diminuir juros para empresas e pessoas físicas

A Caixa Econômica Federal anunciou a queda das taxas em 20 linhas de financiamento. A redução passa a valer a partir da próxima segunda. **Pág. B3**

EDITORIAIS Pág. A2
Leis "Miliciano Inaque", sobre resultado de eleições e "Cartel na merenda", acerca de licitação suspeita.

ATMOSFERA Pág. C2
Previsão de clima na maior parte do país
Curitiba máx. 19°C
Sorocaba máx. 24°C

Bate edição com 34 páginas
120 mil exemplares
Edição: 08h40 | Venda: 8h30 | Distribuição: 10h30 | 20163
9 771410 372107

vitrine
Confira prós e contras de programas de fidelidade **Pág. F1**

cotidiano
Gravações de João Gilberto antes de 'Chega de Saudade' circulam na internet **Pág. C1**

esporte
Michael Phelps é suspenso por três meses por fumar maconha **Pág. B3**

Câmara articula afastamento de novo corregedor

A presidência da Câmara e líderes partidários articulam uma saída para o novo corregedor da Casa, Edmar Moreira (DEM-MG), acusado de apropriação ilegal de contribuições ao INSS e omissão de um castelo da sua declaração de bens. O acordo o afasta da corregedoria, mas o mantém na Mesa Diretora, como segundo vice-presidente. **Pág. A4**

folhinha
País 'brigam' para convencer crianças a tomar banho **Pág. 4 e 5**



O cantor em 1970

RUY CASTRO
A decadência não está no Carnaval, e sim em nós mesmos **Pág. A2**

NOVO TUCSON 2009

IMBATÍVEL.

PREÇOS COM REDUÇÃO DO IPI (-6,5%)
50% DE ENTRADA + 36X SEM JUROS

HYUNDAI
www.hyundai-motor.com.br

VEJA NA PÁGINA 5.

FOLHA DE S. PAULO

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

SEGUNDA-FEIRA, 9 DE FEVEREIRO DE 2009
ANO 108 • Nº 28.867

EDIÇÃO NACIONAL, CONCLUÍDA ÀS 21H32 • R\$ 2,50

Contundido, Kaká não joga contra a Itália

O meio-atacante Kaká foi cortado do time do Brasil que enfrenta amanhã a Itália, em jogo amistoso em Londres. Atuando pelo Milan, ele sofreu uma pancada no tornozelo que deve afastá-lo por duas semanas. Sem Kaká, aumentam as chances de Ronaldinho voltar a ser titular no time do técnico Dunga. **Pag. 04**

PAULO VINÍCIUS COELHO
Luxemburgo está com fome de ser o melhor do país
Pag. 07

esporte



O zagueiro Edmílson (centro) se aproveita da falha da defesa santista e, de bicicleta, marca o 1º dos 4 gols do Palmeiras no clássico

Palmeiras goleia e continua sem perder pontos

No primeiro clássico paulista deste ano, o Palmeiras goleou o Santos por 4 a 1 no Parque Antártica e reassumiu a liderança do Estadual, com 13 pontos, mesmo tendo um jogo a menos que os principais concorrentes. A equipe do Vanderlei Luxemburgo venceu as sete partidas que disputou, em 2009, no Paulista e na Libertadores. **Pag. 01**

São Paulo bate o Botafogo por 2 a 1 em Ribeirão
Pag. 02

Desemprego atinge 31% dos lares de SP

Datafolha revela que 47% aceitariam reduzir salário para manter vaga e 19% culpam governo federal por cortes

Acusado de omitir castelo, deputado deixa Corregedoria

O vereador da Câmara, Edmar Moreira (DEM-MG), anunciou ao presidente da Casa, Michel Temer (PMDB-SP), que renunciará à segunda vice-presidência —consequentemente, abrindo mão da Corregedoria. Moreira é acusado de omitir da sua declaração de bens um castelo em Miran e de se apropriar ilegalmente de contribuições ao INSS. Ele nega as irregularidades. Segundo o DEM, Moreira será expulso do partido. **Pag. 04**



Homens trabalham para retirar o avião Bandeirante que caiu no rio Manacapuru, a 85 km de Manaus (AM), com 28 pessoas a bordo

Pesquisa Datafolha feita em 3 e 4 de fevereiro mostra que, em 31% dos domicílios paulistanos, pelo menos um trabalhador perdeu o emprego nos últimos seis meses. Em 8% dos casos, o próprio entrevistado ficou desempregado. Nas classes D e E, 60% afirmam que alguém em casa ficou sem trabalho. O total de entrevistados que disseram ter algum risco ou grande possibilidade de serem mandados embora é de 38%. Apesar da crise, 66% creem não correr risco. Para Clemente Lúcio, diretor do Diense, a rotatividade no Brasil é elevada, e os dados não são alarmantes. Ele pondera, porém, que os cortes não podem ser atribuídos só a fatores sazonais. O Datafolha revela ainda que 47% aceitariam salário menor para manter sua vaga e que 19% veem no governo federal o maior responsável pelo desemprego. **Diário**

Avião que caiu levava pessoas em excesso

O Bandeirante que caiu no rio Manacapuru (AM) levava passageiros acima do limite registrado na Agência Nacional de Aviação Civil. De acordo com a agência, o avião tem capacidade para 19 passageiros. No acidente, morreram 24 das 28 pessoas que estavam a bordo dele. A Manaus Aerotáxi, responsável pelo voo, descarta que tenha havido sobrepeso ou superlotação, uma vez que havia crianças de colo. Poderiam viajar no voo, contudo, seis pessoas de até dois anos. A Aeronáutica vai investigar se excesso de peso influiu na queda. **Pag. 01**



Adolescentes ouvem música no celular em locais públicos sem fones de ouvido
Pag. 6 e 7

saúde
Médicos em SP prescrevem anabolizantes, não indicados para pessoas saudáveis, a jovens **Pag. 03**



FOGO MORTO
Vista de floresta atingida pelo pior incêndio da história da Austrália, que se espalha pelo sudeste do país desde sábado; ao menos 106 pessoas morreram em razão das labaredas, que destruíram 700 casas e deixaram 340 mil hectares de terra queimados **Pag. 04**

Conar eleva rigor em publicidade para crianças

O número de comerciais para crianças e adolescentes suspensos pelo Conar (Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária) saltou de 7 para 17 em 2008, em relação ao ano anterior. O maior rigor na fiscalização dá-se em resposta à pressão do governo federal e do Congresso, que estudam formas de restringir anúncios para esse público. **Pag. 04**

MARINA SILVA
PT e PSDB devem se unir em prol do resgate da política

Se mantivessem postos de contato, dificilmente PT e PSDB seriam reféns de maiorias indefinidas e, muitas vezes, inconsistentes. Unidos pelo resgate da política, contribuiriam para catalisar o que há de melhor em todos os partidos, em benefício de si mesmos e, principalmente, do país. **Pag. 02**

dinheiro
Obama decide adiar anúncio de novo plano para salvar bancos **08**

ATMOSFERA **Pag. 02**
No Rio em 5 dias, a temperatura média é de 18°C
Cidade: mín. 18°C
Rio de Janeiro: mín. 18°C

EDITORIAIS **Pag. A2**
Leta "O erigido brasileiro", acerca de aprendizagem com Washington e "Fiscalização governativa", sobre farmácias

Reformista Khatami disputará Presidência iraniana em junho **A7**



FOLHA DE S. PAULO

DESMORDE DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

TERÇA-FEIRA, 10 DE FEVEREIRO DE 2009
ANO 58 • Nº 29.348

EDIÇÃO NACIONAL, CONCLUÍDA ÀS 21H1 • R\$ 2,00

esporte

Luiz Felipe Scolari é demitido do Chelsea após 7 meses no time
Pag. 04



Seleção brasileira

joga contra Itália hoje às 17h45, com TV
Pag. 05

saúde

1 EM CADA 10 MANICURES ESTÁ CONTAMINADA COM HEPATITE B OU C
Pag. 07

ADIAR CORTE DE CORDÃO UMBILICAL PODE FORTALECER BEBÊS
Pag. 07

Pivô de disputa, italiana morre após passar 17 anos em coma

A italiana Eleanora Englero, em estado vegetativo havia 17 anos e pivô de disputa entre o governo do premiê Silvio Berlusconi e o Judiciário, morreu aos 38 anos. Em novembro, a Justiça deu o go-go de casa à família de Englero e permitiu desligar os aparelhos que a mantinham viva. Na sexta, Berlusconi tentou aprovar decreto-lei vetando a ação. No sábado, os médicos interromperam a alimentação artificial de Englero. **Pag. 418**

JOÃO PEREIRA COUTINHO
Para Berlusconi, vida humana é um simulacro de vida

O que impressiona na história de Eleanora não é só a forma como um drama familiar se converte em guerra ideológica, mas a própria definição de vida humana que o governo Berlusconi quer converter em doutrina. Para Berlusconi, uma vida é apenas um simulacro de vida: um conjunto de funções fisiológicas que ocorre num corpo inerte. **Pag. 42**



CHINA EM CHAMAS
Em Pequim, passantes observam fogo em prédio do complexo que abriga a TV estatal chinesa, onde será inaugurado hotel de luxo; suspeita-se que fogos tenham provocado o incidente. **Pag. 421**

Crise provoca maior corte na indústria em 8 anos

Emprego caiu 1,8% em dezembro; foi 3º recuo seguido, aponta o IBGE

Sob o impacto da crise, o emprego na indústria brasileira registrou o pior queda em oito anos: 1,8% em dezembro, na comparação livre de influências sazonais com novembro. Foi a maior retração da série histórica do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que começou em 2001. Trata-se do terceiro mês consecutivo de redução do nível de emprego, período no qual a perda acumulada chega a 2,5%. Em relação a dezembro de 2007, a ocupação diminuiu 1,1% — a primeira taxa negativa em dois anos e cinco meses e a menor desde janeiro de 2004. Para o IBGE, a forte retração da produção industrial (de 12,4% entre novembro e dezembro) refletiu-se na oferta de postos de trabalho. O instituto não divulga números absolutos de vagas fechadas, mas o Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados), que usa metodologia diferente e só registra o emprego formal, contabilizou perda de 277 mil empregos em dezembro. Desde o início da crise, acordos de flexibilização, com medidas como redução de jornada e salário ou banco de horas, já atingem cerca de 40,6 mil metalúrgicos no Estado de São Paulo. **Pag. 43**

Serra volta atrás em projeto sobre pedágio urbano

O governador de SP, José Serra (PSDB), mandou seu líder na Assembleia Legislativa apresentar emenda para suprimir artigo do projeto que abre caminho para a implantação de pedágios urbanos entre regiões metropolitanas do Estado. A proposta do pedágio recebeu fortes críticas dentro e fora do Legislativo. **Pag. 43**

Professor que tirou zero poderá lecionar em SP

A Secretaria Estadual de Educação de SP não vai usar mais a nota no exame para seleção de professores temporários. Com isso, cerca de 1.500 candidatos que tiraram zero poderão lecionar. A avaliação havia sido contestada na Justiça pela Apeesp (sindicato dos professores). **Pag. 43**

mundos
Fogo na Austrália já matou 173; total pode crescer, diz governo **AUS**

Ex-corregedor se diz alvo de perseguição

Em carta de renúncia ao cargo na Câmara, Edmar Moreira (DEM-MG) alegou ter sofrido "execração pública" de seu partido e pediu desfiliação; deputado é acusado de omitir da sua declaração de bens castelo de R\$ 25 milhões. **Pag. 44**

ilustrada
Bruce Springsteen volta à forma e continua relevante em novo disco
Pag. 41

Israel vota hoje; conservadores lideram pesquisas

Israel vai votar hoje às urnas pela quinta vez em dez anos para eleger um governo que deve se apoiar em coalizão frágil, refletindo a fragmentação da sociedade, relata Marcelo Nino, enviado a Jerusalém. O partido conservador Likud, do ex-premiê Benjamin Netanyahu, lidera as pesquisas. **Pag. 424**

Obama vai às ruas para pedir aprovação de plano anticrise

O presidente Barack Obama saiu às ruas da cidade com o maior índice de descontentamento dos EUA, Elkhart, em Indiana, prevendo "catastrofe" caso o pacote de cerca de US\$ 800 bilhões não passe no Congresso. Obama atacou "os que têm cinco casas", provavelmente em referência ao ex-candidato John McCain, líder da resistência republicana ao plano no Senado, e ouviu coros de "Yes We Can" (sim, nós podemos), seu lema de campanha. **Pag. 423**

França dá ajuda a montadoras desde que não haja demissões

O governo francês anunciou pacote de US\$ 8,5 bilhões para ajudar as montadoras PSA Peugeot-Citroën, Renault e Renault Trucks, com a condição de que elas mantivessem suas fábricas no país e que não demitiam. O acordo inclui aumento da indenização aos trabalhadores do setor, que tem cerca de 10% dos empregos na França. Segundo o Banco Central, o país vai entrar em sua primeira recessão em 16 anos. O PIB deve encolher 0,6% até março. **Pag. 44**

Boas notícias: 14 páginas de 184 são em português
20140
9 771414 372032

ATMOSFERA Pag. 02
Para saber o clima em qual parte do país:
Porto Alegre mín. 14°C
Curitiba mín. 13°C
São Paulo mín. 17°C

EDITORIAIS Pag. 42
Leia "Evitar o retrocesso", sobre risco de protecionismo comercial e "Duro in 2007", acerca de teoria da evolução social.

HYUNDAI E SUBARU. AS DUAS ÚNICAS MARCAS COM CRESCIMENTO DE VENDAS ESTE ANO NO MUNDO.

Subaru, com alta de 8%, e Hyundai, com crescimento de 14% nas vendas, foram os únicos pontos positivos no setor.

HYUNDAI SUBARU CAOA

FONTE: JORNAL FOLHA DE S. PAULO - 412/2895 - CADERNO DINHEIRO, PAG. 84

FIJA NA FRONTE!

FOLHA DE S. PAULO

DETERTOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

QUARTA-FEIRA, 11 DE FEVEREIRO DE 2009
ANO 108 * Nº 28.309

EDIÇÃO NACIONAL, CONCLUÍDA ÀS 23H07 * R\$ 2,50

PROPOSTAS DE SOCORRO



Ajuda à economia
US\$ 838 bi
para infraestrutura, programas assistenciais, auxílio aos governos estaduais e locais e isenções de certas de impostos.

Bolsa reage mal a plano de Obama para bancos

Senado aprova outro pacote, de US\$ 838 bi, mas Dow Jones cai 4,6%

O novo pacote de ajuda a bancos divulgado pelo governo do presidente dos EUA, Barack Obama, decepcionou o mercado e fez o Dow Jones, principal índice da Bolsa de Nova York, cair 4,6%, informam Sérgio Dávila e Fernando Canzian.

Segundo o Tesouro, o socorro aos bancos pode movimentar US\$ 2 trilhões, o que equivale a 14% dos bens e riquezas produzidos pelos EUA. Mas o plano foi apresentado de forma genérica, e apenas US\$ 500 bilhões do total foram detalhados.

Para analistas, a maior dívida persiste: como serão tratados os ativos ruins das instituições, que têm provocado rombos bilionários. Ainda ontem, a Casa Branca aprovou no Senado pacote de US\$ 838 bilhões para estimular a economia.

A aprovação, que sofreu vários adiamentos, foi chamada de "grande notícia" pelo presidente Obama. O objetivo desse outro plano é tentar estancar o desemprego no país, que em janeiro chegou a quase 20 mil cortes diários. **Diário**

Aluno diz que foi chicoteado durante trote no interior de SP

O estudante Bruno Ferreira, 25, calouro do curso de medicina veterinária da universidade Anhanguera Educacional, em Leme (a 189 km de São Paulo), foi internado em coma após sofrer trote. Segundo Ferreira, além de obrigado a beber pelos veterinários, ele foi chicoteado. Deixado sem documentos, deu entrada no hospital como indigente, disse seu pai. A polícia abriu inquérito sobre o caso, e a universidade abriu sindicância. **Pág. C1**

PMs suspeitos de formar grupo de extermínio admitem crimes

PMs investigados sob a suspeita de integrar um grupo de extermínio que age em bairros pobres do extremo sul de São Paulo passaram a admitir algumas das mortes atribuídas a eles. Entre abril e outubro do ano passado, ao menos cinco pessoas foram encontradas decapitadas na região. Em depoimentos à polícia, PMs disseram ter matado pelo menos três. De acordo com os acusados, as vítimas eram membros da facção criminosa PCC. **Pág. C1**

mundó Berlusconi atribui culpa ao presidente da Itália na morte de Eluana

Acusado de matar o pai e a madrasta em 2004, Gil Ruggi é solto em SP **C1**

EDITORIAIS **Pág. A2**

Leia "Notas", sobre avaliação docente na rede estadual e "Processo eterno", acerca de irregularidade.

ATMOSFERA **Pág. C2**

Participação de churrasco pelo país
Cachorro, milho, TPC e Cachaça
maio, XP C

Esta edição tem 14 páginas
288 de circulação
Mídia: www.folha.com.br
ISSN 1113-0131
0171-0724



Novos votantes em colégio eleitoral antes do casamento em Ashdod, no sul de Israel, para eleger representantes parlamentares

Direita tem maioria parlamentar em Israel

MARCELO NINHO
ENVIADO ESPECIAL A JERUSALÉM

Projeções apontam a vitória da chanceler cristã Tzipi Livni em Israel.

Segundo pesquisas, o partido Kadima venceu por estreita margem os conservadores do Likud, mas os partidos de direita somados tornam maioria parlamentar.

A vitória do Kadima abriria caminho para Livni liderar o próximo governo. A maioria direitista, porém, favorece uma coalizão governista dirigida pelo Likud.

O líder Benjamin Netanyahu se diz convicto de que receberá do presidente a missão de montar a coalizão. Ainda assim, o Kadima festejou o resultado. **Pág. A12**

esporte

Brasil vence Itália com golão de Robinho
Pág. B1

Atacada, que fez o 2º gol, deixa o campo em Londres

informática
BACON DEIXA A COZINHA E GANHA LEGIÃO DE PÁIS E SITES NA INTERNET
Pág. F1, F4 e F5

Ustrada
ÍNDIA É TEMA DE EXPOSIÇÕES EM MUSEUS DO JAPÃO E DA EUROPA
Pág. E1

Irã se dispõe a dialogar com os EUA após 30 anos

KAULFERT LOPES
ENVIADO ESPECIAL A TEHRÃ

O presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, disse que dialogará com os EUA se houver "mínimo respeito".

A declaração foi feita na celebração dos 30 anos da Revolução Islâmica —que marcou o corte de relações com os EUA. Barack Obama já manifestou intenção de dialogar com o Irã. **Pág. A12**

Novas medidas não são resposta para os problemas

MARTIN WOLF
CO-FINANCIAL TIMES

O programa de socorro aos bancos parece ser mais uma vez filho das fracassadas intervenções dos últimos 18 meses: titubante e ineficiente. Agora é o momento de ações que sejam a solução certa para o problema. As medidas propostas definitivamente não pareceriam ser a resposta. **Pág. B1**

GM fecha 10 mil postos de trabalho em todo o mundo

Pág. B1

Planalto estuda facilitar acordo para redução de jornada e salário

Preocupado com o desemprego, que continuou subindo em janeiro, o governo já estuda uma forma de facilitar acordos coletivos com redução de jornada e de salário, informam Kennedy Alencar e Juliana Sofia. O plano, que começou a ser discutido ontem, prevê redução temporária de tributos sobre a folha de pessoal, condicionada à manutenção de empregos. Também se cogita permitir que o trabalhador saque parte do FGTS para complementar a renda perdida. **Pág. B12**

HYUNDAI TUCSON 2009

IMBATÍVEL.

PREÇO COM ENTRADA DE 50% EM 12x R\$ 36x SEM JUROS

HYUNDAI
www.hyundai.com.br

ELIANA PIZZARELLI

FOLHA DE S.PAULO

DEBETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

QUINTA-FEIRA, 12 DE FEVEREIRO DE 2009
ANOS 108 • Nº 20.170

EDIÇÃO NACIONAL, CONCLUÍDA ÀS 20H56 • R\$ 2,50

Israel enfrenta indefinição sobre governo após eleições

MARCELO NINHO
ENVIADO ESPECIAL A JERUSALÉM

Pela primeira vez nos 61 anos de Israel, o partido com o maior número de votos nas eleições parlamentares poderá ficar fora do poder. O centrista Kadima tem a maior bancada (28 deputados). Mas o conservador Likud, com 27, diz que formará o governo. Ambos buscam apoio no ultranacionalista Israel Beiteinu. **Pág. A13**

Brasileira é alvo de skinheads na Suíça e perde bebês gêmeos

Uma advogada brasileira de 26 anos foi espancada e cortada com estilete por skinheads perto de Zurique, na Suíça. Grávida de gêmeos, Paula Oliveira, noiva de um suíço, perdeu os bebês. Segundo o Itamaraty, Paula está no país legalmente e é funcionária de um grupo dinamarquês. O ataque ocorreu em estação de trem perto de Zurique, enquanto ela falava ao celular em português com a mãe. **Pág. C3**

PF prende 55 acusados de vender droga pela internet

A Polícia Federal prendeu 55 acusados de tráfico, a maioria no Rio, que têm como trapos comuns a idade (média de 26 anos), serem esportistas, moradores de bairros nobres e usarem a internet para vender drogas. Segundo a PF, os presos integravam duas quadrilhas cariocas com ramificações em outros oito Estados, que movimentaram cerca de R\$ 1 milhão por mês. Os acusados negam tráfico. **Pág. C3**

Helipontos de SP funcionam com irregularidades

A Anac (Agência Nacional de Aviação Civil) abriu investigação para apurar como helipontos irregulares de São Paulo obtiveram de autoridades aeronáuticas permissão para funcionar. Segundo a Anac, vistoria em 100 dos 234 helipontos da cidade achou irregularidades em 40%. As principais são falta de licença da prefeitura e conflito entre rampas de aproximação. **Pág. C3**

dinheiro Aposentadorias acima do salário mínimo são reajustadas em 5,9%

EDITORIAIS Pág. A2
Lei "Reforma em Faltas", sobre simulação de regras na política "lucrada direita", acresce de votação no país.



Funcionários da Volkswagen em São Bernardo do Campo (Grande SP) bloqueiam a via Anchieta por cerca de 20 minutos em manifestação contra demissões no setor

ilustrada
Ilustração: Marcelo Zanatta

Sommeliers contam quais os vinhos dos sonhos Pág. E3

CONTARDO CALLIGARIS
Ao castigar os filhos, pais temem perder seu amor Pág. E12

equilíbrio
Foto: G. Anselmi/Agência

Demissão cresce; governo amplia seguro-desemprego

Ministro prevê saldo de vagas negativo em janeiro pela 1ª vez em 10 anos

O mercado de trabalho no Brasil deverá enfrentar o pior janeiro desde, pelo menos, 1999 — após a desvalorização do real. Com base em dados preliminares, o ministro Carlos Lupi (Trabalho) disse que o saldo de vagas no mês foi negativo. A última vez que isso ocorreu foi há dez anos, quando o mercado perdeu 41.211 vagas. O ministro, que chegou a prever geração de empregos no mês, estima que o corte atinja "menos que a metade do que ocorreu em dezembro" (665 mil postos). O Cofeab (Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador) aprovou as regras para estender em duas parcelas o seguro-desemprego para setores da economia e Estados em que haja desemprego em massa. Hoje, são até cinco parcelas. Segundo Lupi, se a crise se agravar, sua pasta poderá recomendar ao Planalto que amplie o seguro-desemprego para até dez parcelas. Ele confirmou que o governo está permitindo saque de parte do FGTS para complementar a renda perdida. **Pág. 44**



30 CARA NA PORTA
Aluno vai à escola na Barra Funda, região oeste de SP, sem saber de adiamento de início das aulas; o governo José Serra (PSDB) não enviou projeto de lei de criação de vagas para professores **Pág. 6**

Supremo tira Dilma e Tarso de apuração sobre dossiê

Os ministros Dilma Rousseff (Casa Civil) e Tarso Genro (Justiça) foram excluídos da lista de possíveis investigados do inquérito aberto pela Polícia Federal sobre o dossiê de gastos do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. A decisão é do ministro do STF Ricardo Lewandowski — que, no entanto, determinou que as investigações prosseguam. "Não há até este momento fatos que justifiquem a investigação de autoridades em instância superior", declarou Lewandowski. **Pág. 44**

Declaração de IR não precisará do recibo anterior

A Receita não exigirá mais o número do comprovante de entrega da declaração anterior na declaração deste ano. Quem tem dívida com o fisco receberá aviso ao declarar pela internet. Os contribuintes poderão fazer a declaração do Imposto de Renda de 2009 de 2 de março até 30 de abril. **Pág. 84**

BEM-VINDO À PRIMEIRA CLASSE.
HYUNDAI SANTA FE. O NOVO PADRÃO MUNDIAL DE QUALIDADE.

50% DE ENTRADA + 36X SEM JUROS

HYUNDAI
www.hyundai-motor.com.br

ATMOSFERA Pág. C1
Parque Nacional de Chuva para pais
Cachoeira mín. 18°C
Rio de Janeiro, mín. 30°C
São Paulo

Descontos em 12 parcelas R\$ 914,99 em parcelas
Clique aqui para saber mais
Mês a mês, sem juros

0 20170
9 771610 572356

FOLHA DE S. PAULO

DEBETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIBAS FILHO

SEXTA-FEIRA, 13 DE FEVEREIRO DE 2009
ANO 108 • Nº 20.271

EDIÇÃO NACIONAL, CONCLUÍDA ÀS 20H36 • R\$ 2,50



ilustrada
Mickey Rourke
está de volta às telas no premiado "O Lutador"
Pag. C3

OCIMAR VERSOLATO RESSURGE NA MODA COM PRODUTOS DE BELEZA
Pag. C3

ciência
Restos de satélites podem ameaçar a Estação Espacial Internacional
Pag. A12

Genoma
oferece novas pistas sobre os neandertais
Pag. A12

cotidiano
HORÁRIO DE VERÃO ACABA À MEIA-NOITE DE AMANHÃ
Pag. C4

Banco público se previne contra aumento do calote

Temor de inadimplência eleva reserva da Caixa e do BB em R\$ 2,335 bi

O medo do crescimento do calote em 2009 com a retração econômica fez os dois principais bancos públicos, Caixa Econômica Federal e Banco do Brasil, elevarem em R\$ 2,335 bilhões, no final do ano passado, a reserva para cobrir eventuais perdas com inadimplência.

Esse montante equivale a todo o gasto do governo com compra de merenda escolar e livros didáticos em 2008. A decisão, que reduz o lucro dos bancos, tem sido tendência no sistema financeiro desde o último trimestre de 2008, período de agravamento da crise.

No caso dos bancos públicos, a reserva extra é feita num momento em que eles são usados pelo governo para tentar minimizar a crise de crédito. Desde o final de setembro, Caixa e BB têm comprado carteiras de bancos em dificuldade e elevado a concessão de crédito.

Segundo o Banco Central, as instituições privadas também aumentaram provisões, mas reduziram crédito —ao contrário das públicas. Ganhos proporcionados pelas operações da Caixa caíram 92% no quarto trimestre de 2008 em relação ao terceiro trimestre. Pag. B3



▶ AJUDA
Diante de estátuas de Abraham Lincoln e em celebração dos 200 anos de seu nascimento, Barack Obama discursou no Capitólio e se apoiou na imagem do ex-presidente para enfrentar recepção morna a planos econômicos e mais uma desistência na equipe. Pag. A29

Instituição que lidera impõe 'spread' maior

Bancos líderes nos setores em que atuam estão entre os que conseguem impor a seus clientes as maiores "spreads" (diferença entre o custo do dinheiro para as instituições e a taxa de juros cobrada dos clientes), segundo estudo de consultoria baseado na lista das taxas de cada banco divulgadas anteriormente pelo Banco Central.

Nos "spreads" do cheque especial, os mais altos, o Banco Schahin lidera (9,13 pontos para juízo de 10,13% ao mês), seguido por HSBC (8,94) e Santander (8,80). Schahin e HSBC atribuíram as taxas a juros altos e encargos; o Santander não se manifestou. A Febraban (associação dos bancos) criticou a lista do BC. Pag. B3

Amorim vê sinais de xenofobia em ataque a brasileira na Suíça

Chanceler brasileiro pediu que investigações sejam rápidas; pai de Paula Oliveira, 26, criticou a polícia suíça e disse temer nova agressão à filha. Pag. C1

Cirurgias estéticas de mama superam lipoaspirações no país

Pesquisa Datafolha mostra que, em 2008, foram 151 mil plásticas nos seios (a maioria delas, 96 mil, para aumentá-los) contra 91 mil lipoaspirações. Pag. C5

BARBARA GANCIA

Crise despertou intolerância que estava dormente entre os europeus

A Europa não digere bem o diferente, não gosta nem mesmo dos seus. Na Itália e na Suíça, cidades próximas falam dialetos ou línguas totalmente diferentes e, muitas vezes, se odeiam. Em Zurique, a advogada Paula foi espancada e cortada. A crise econômica é como um bafo rançoso no canote. Com ela, a intolerância e a xenofobia que estavam dormentes na Europa acordaram. De mau humor. Pag. C2

Irmão de Battisti diz que terrorista foi agredido em prisão no Brasil

Em entrevista à revista italiana, o irmão mais velho de Cesare Battisti, Vincenzo, 68, disse que o terrorista foi agredido na prisão no Brasil. Condenado na Itália por quatro homicídios, Battisti obteve refúgio, concedido pelo ministro Tarso Genro. Segundo Vincenzo, seu irmão foi espancado e queimado com cigarros. O governo do DF, responsável pela penitenciária onde Battisti está, diz não haver indícios de maus-tratos. Pag. A8

Atentado a Mumbai foi planejado no Paquistão, reconhece governo

LEIA "Carapambolões", sobre promoção de Dilma Rousseff: "Transparência devida" aprovada Câmara. Pag. A2

ATMOSFERA

Previsão de chuva para o país
Ondinha: mais, 15°C
Vibração: mais, 19°C
Copa Verde

Então digite em 41 páginas R\$ 2,50 por unidade

HYUNDAI E SUBARU.
AS DUAS ÚNICAS MARCAS COM CRESCIMENTO DE VENDAS ESTE ANO NO MUNDO.

Subaru, com alta de 8%, e Hyundai, com crescimento de 14% nas vendas, foram os únicos pontos positivos no setor.

FONTE: JORNAL FOLHA DE S. PAULO - 6/2/09 - CADERNO DINHEIRO, PÁG. B8

HYUNDAI SUBARU CAOA

VEJA NA PÁGINA 8



FOLHA DE S.PAULO

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

SÁBADO, 14 DE FEVEREIRO DE 2009
ANO 88 • Nº 28.172

EDIÇÃO NACIONAL, CONCLUÍDA ÀS 20H16 • R\$ 2,50

Recessão se aprofunda na Europa

Economia do continente tem queda acentuada no último trimestre de 2008; nos EUA, Câmara aprova pacote

O agravamento da crise global ampliou a recessão na Europa. A União Europeia (com 27 países) entrou oficialmente em recessão, após uma queda de 1,5% no Produto Interno Bruto no último trimestre do ano passado. Foi o segundo trimestre consecutivo de queda.

Considerando apenas a zona do euro, que abrange 16 dos 27 países, a economia também encolheu 1,5% no quarto trimestre de 2008 ante o terceiro. Este bloco já acumulava dois trimestres seguidos de recuo. O resultado foi pior que o dos EUA, que teve queda de 1%.

Na Europa, a Alemanha teve a maior retração desde 1990, e o PIB francês sofreu o pior recuo em 34 anos. Holanda, Portugal, Reino Unido, Itália e Espanha também tiveram queda, aumentando a pressão para que o Banco Central Europeu corte mais os juros.

No ano passado, o bloco foi o segundo principal destino das exportações brasileiras, atrás apenas dos vizinhos da América Latina. Nos EUA, a Câmara dos Representantes (Deputados) aprovou a versão final do pacote econômico de US\$ 787 bilhões.

EUROPA EM RECESSÃO

Evolução do PIB da União Europeia em 2008 ante o trimestre anterior



► **ESCOMBROS**
Restos do avião comercial da empresa Continental que caiu sobre uma casa em Buffalo, no Estado de Nova York (EUA), matando as 49 pessoas a bordo e um morador; uma das vítimas era vó de americano morto nos ataques de 11 de setembro de 2001. Pág. A12

Indústria paulista corta em janeiro 33 mil vagas

No mês passado, a indústria paulista cortou 32,5 mil vagas em relação a dezembro, segundo a Fiesp (Federação das Indústrias). Foi o pior janeiro da série histórica do levantamento, iniciada em dezembro de 2002.

Em geral, janeiro é o mês em que a indústria reconpõe o quadro de pessoal. No fim de 2008, o setor de aço e álcool liderou o fechamento de vagas da indústria paulista. No mês passado, a retração prosseguiu. Pág. B8

Dilma faz mais que o dobro de viagens pelo país em 2008

A ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, mais que dobrou suas viagens pelo país no ano passado. Em 2007, quando ainda não era apontada como candidata ao Planalto, Dilma fez 28 viagens; em 2008, foram 61. A nova rotina de Dilma deu mais poder à secretária-executiva da pasta, Erenice Guerra, apontada como responsável pelo dossiê que revelou gastos sigilosos da gestão FHC com cartões. Pág. A4

CESAR MAIA
Democracia está amputada se não há fiscalização por parte do Legislativo

O processo de construção institucional, aberto em 1988, começou a ruir com o avanço de reformas econômicas sobre o ordenamento. Há uma década as contas dos presidentes e os vetos presidenciais não são votados. Ou seja, inexiste a função fiscalizadora do Legislativo. Sem sua vertebra institucional básica, a democracia está amputada. Pág. A2

cotidiano
HORÁRIO DE VERÃO TERMINA HOJE
Pág. C4

A meia-noite, abuse os relógios como hera?

"Escute nos relógios Norte e Nordeste"

mundo

► CRISE EM PRETO-E-BRANCO
Policial faz inspeção em casa desapropriada por falta de pagamento em Cleveland, Ohio; a imagem, de março de 2008, levou o prêmio do foto do ano do World Press Photo. Pág. A12

folhinha
Com espadas, crianças praticam o 'kendo', arte marcial samurai. Pág. 4

vitrine
Teste avalia malas pequenas para levar na viagem de Carnaval. Pág. 1

Brasileira não estava grávida, dizem suíços

A polícia suíça afirmou que a advogada brasileira Paula Oliveira não estava grávida no dia da agressão que afirma ter sofrido em Zurique e que, provavelmente, ela mesma provocou os cortes em seu corpo.

Segundo o legista responsável pelo laudo, há indícios de automutilação, e dois exames apontaram a "inexistência" da gravidez. O pai de Paula criticou a polícia e a acusou de tentar transformar a vítima em réu. Pág. C1

ATMOSFERA Pág. C2
Paradas de chuva no Sudeste
Cariótipo má, 37°C
Sultravés má, 37°C

EDITORIAIS Pág. A2
Leis "Carto circuito", sobre instabilidade no gatilho (Amaral) e "Estágios em queda", acerca de desestímulo legal.

NOVO TUCSON 2009

IMBATÍVEL

PREÇO COM ENTRADA DE R\$ 14.990

50% DE ENTRADA + 36x SEM JUROS

PREÇO DE AQUISIÇÃO COM JUROS DE R\$ 14.990

EXEMPLO: R\$ 14.990 + R\$ 1.000,00 DE JUROS = R\$ 15.990,00

1º LUGAR

1º LUGAR

VELA NA PAGINA 5

HYUNDAI

FOLHA DE S. PAULO

DEBETOR DE REDAÇÃO: OVAIO FRIAS FILHO

DOMINGO, 15 DE FEVEREIRO DE 2009
ANO 88 • Nº 29.173

EDIÇÃO NACIONAL, CONCLUÍDA ÀS 20H36 • R\$ 4,00

cotidiano

O segredo de 6 escolas para obter nota 10 no Carnaval
Pag. 01

JUCA KFOURI
Clássico São Paulo e Corinthians está mais para um novo filme de terror
Pag. 07

caderno especial

Conheça os **16 médicos** apontados como os melhores em cinco especialidades na opinião de outros médicos

O obstetra **Bussalena Ferrer**, que aos 52 anos ainda atende

MÔNICA BERGAMO

Daniel Filho ataca 'mania de favela' no cinema nacional e chatice da TV
Pag. 02

Calote de empresas dispara nos EUA

Total de débitos que não foram pagos nos 40 primeiros dias do ano já é maior que os de 2006 e 2007 juntos

Venezuela vota hoje sobre fim do limite para reeleição

FARIANO MAISONOVIS DE CARACAS

Eleitores venezuelanos decidem hoje, pela segunda vez, se o presidente Hugo Chávez poderá concorrer ao cargo que ocupa há dez anos. O "sim" libera pesquisas. Chávez disse querer governar até 2049. Pag. A16

Desempenho do candidato presidencial Hugo Chávez no pleito eleitoral. Pag. A17

dinheiro

Liminares reabrem em SP postos que vendiam combustível irregular

EDITORIAIS

Leia "P.M. e palanques", que comenta marketing de peçoce e "Chivões e enxada", sobre referendo para reeleição.

ATMOSFERA

Boatilla máx. 17°C
Boa Vista máx. 19°C

Esta edição tem 32 páginas
300.000 exemplares

Informações: 0800 90 9000 (horário de atendimento)
Circulação: 300.000 exemplares (circulação média)

0011-3333-0700
9 771414 972018



Estudantes iranianas em Teerã

30 anos depois Raul Juste Lores relata como é a 'revolução sutil' feita em festas e na internet pelos jovens do Irã no aniversário da Revolução Islâmica Pag. A22

FERNANDO CANDIAN DE NOVA YORK

As empresas não-financeiras nos EUA aumentaram o calote de suas dívidas e estão sendo obrigadas a pagar retornos cada vez mais altos para continuarem se financiando. Cerca de US\$ 700 bilhões em débitos terão de ser rolados ou pagos nos EUA neste ano. Esse valor equivale a cerca da metade do PIB do Brasil. Nos primeiros 40 dias do ano, US\$ 43,1 bilhões de 23 empresas deixaram de ser pagos —6,1% das dívidas previstas para vencer no ano. O total dos calotes já é maior do que os de 2006 e 2007 somados e 25% do registrado no ano passado. Algumas empresas já se desfizeram de patrimônio em negociações para rolar os empréstimos. Pag. B1

Punição a trote fora do campus divide reitores

Unânimes na defesa de punição a trotes violentos, reitores e ex-reitores ouvidos pela Folha divergem sobre como agir quando eles ocorrem fora do campus. Para associação do setor, a responsabilidade da universidade é dentro dela e em seus arredores. Pag. C1

empregos

Veja os cargos que tiveram os maiores/menores aumentos de 2008
Pag. F1 e F2

mais!

Francis Fukuyama e Luiz Felipe Alencastro discutem a desglobalização
Pag. 4 e 5

veículos

"Econômicos", Ford Edge e Dodge Journey são a saída para a crise nos EUA
Pag. F5

GRANDES FOTÓGRAFOS

Coleção da Folha traz hoje livro com imagens de cinema
Pag. B3

Para pai, brasileira na Suíça é vítima de qualquer jeito

O pai da brasileira Paula Oliveira, que declara ter sido agredida na Suíça, disse que a filha "sofre vítima de graves distúrbios psicológicos, ou de agressão". E afirmou que não contou à filha que a polícia desmentiu a versão de que ela estaria grávida quando do suposto ataque. Pag. A8

Infraestrutura afasta crise em regiões do Brasil

A Baixada Santista (SP) teve aumento no emprego em dezembro, no auge da crise, favorecida pelo turismo e por investimentos. Macaé (RJ), que se beneficia do petróleo, criou vagas, assim como Rio Verde (GO), responsável por 1% da produção nacional de grãos. Pag. B5

HYUNDAI AZERA. A ESCOLHA INTELIGENTE
O MAIS EQUIPADO, O MAIS SOFISTICADO, O MAIS POTENTE E O MAIS IMPRESSIONANTE: O PREÇO.

AZERA
3.3 V6 DUAL VVT-i 24V

50% DE ENTRADA + 36X SEM JUROS

PREÇO DE AQUISIÇÃO COM 30% A R\$ 1,00
SUPERVALORAÇÃO 90% REFINANCIADA NA FOLHA
POR UM HYUNDAI E KM

VEJA NA PÁGINA 3

HYUNDAI
www.hyundai-motor.com.br

Le Monde



« Le Monde Economie »
Le pari mondial
de la croissance
verte



Ski
Les Mondiaux
de Val-d'Isère
Sport Page 24



Xavier Bertrand
Dans les pas
du patron
de l'UMP
Page trois

Mardi 3 février 2009 - 1^{re} Année - N° 2994 - 1,30 € - France métropolitaine - www.lesmondes.fr

Fondateur: Hubert Beun-Méty - Directeur: Eric Forziato

François Fillon détaille et défend le plan de relance de l'économie

- Le premier ministre au « Monde » : « Il n'y a un pas de tourant de la politique économique et sociale »
- Concernant l'intensité du ralentissement en France, « beaucoup dépendra de la croissance américaine »

De l'ingénierie de la crise, mais pas de « message très précis » ni de « proposition claire et cohérente », est cette déclaration, après les débats, tenus par François Fillon dans l'assemblée nationale à Lyon, le mercredi 27 janvier, au cours de la séance de la commission de l'économie française. Les nouveaux débats du budget se seront pas de nature à apporter une « inquiétude », qui n'est manifestement

manifestée lors des débats du 29 janvier, dans toute la France. Après avoir fait un bilan de ce qui s'est passé, lundi 26, au Sénat, le ministre de l'Économie, Christian Lagarde, a donné le mot de la France « l'ordre d'aller », une suggestion d'attente, 40 000 du nombre de demandeurs d'emploi en décembre 2008.

Tous les projets associés à Lyon « démarrent en 2009 pour avoir des effets directs avant le début 2010 », explique au Monde M. Fillon, qui s'engage à « déployer dès cette année les trois quarts des crédits du plan de relance ». Mais déjà, dans deux semaines se créent : « Un pan de ces crédits va être consacré à la recherche et développement. Beaucoup d'investissements », le plan sera « à l'initiative de nos entreprises et d'opérateurs privés », dit-il. Le gouvernement se consacre, les prévisions de croissance à l'automne, les prévisions de croissance à l'automne, les prévisions de

croissance. Le plan de relance de la France, la priorité à l'emploi, le soutien à l'agriculture, générale des entreprises. Les réponses de François Fillon, p. 20

Crise : l'esprit de fronde monte en Russie

Rouble. Des milliers de manifestants se sont rassemblés, samedi 31 janvier, dans plusieurs villes de Russie. Ils protestent contre les effets de la crise, la chute du rouble et les mesures du gouvernement. P. 6

Alerte à la pollution des eaux par les médicaments

Environnement. La présence de déchets pharmaceutiques dans les rivières, les nappes phréatiques et même l'eau potable inquiète les autorités sanitaires mondiales. P. 4

Le scrutin régional en Irak marque un pas vers la normalisation dans le pays

- Succès pour le premier ministre Al-Maliki ; montée des partis non religieux

Le premier ministre irakien, Nouri Al-Maliki, pouvait se targuer, lundi 26 janvier, d'avoir fait franchir à l'Irak un pas important vers la normalisation. Pour sa part, le scrutin régional de dimanche 25 janvier a été considéré comme un succès pour le premier ministre Al-Maliki, un peu plus de la moitié des Irakiens sont allés voter pour élire les membres des assemblées régionales.

Le premier ministre irakien, Nouri Al-Maliki, a annoncé, mardi 27 janvier, que les résultats du scrutin régional ont été un succès pour son parti et pour les partis non religieux.

Le scrutin régional en Irak a été considéré comme un succès pour le premier ministre Al-Maliki, un peu plus de la moitié des Irakiens sont allés voter pour élire les membres des assemblées régionales.

Nucléaire : le deuxième EPR, vitrine du savoir-faire français

Le deuxième réacteur nucléaire de troisième génération (EPR) à Flamanville (Normandie), Nicolas Sarkozy s'est engagé à prouver que la France reste la première puissance mondiale en matière nucléaire. Au printemps 2009, il veut lancer le deuxième réacteur EPR, il veut montrer que la France fait confiance à la technologie EPR, ce qui contribue à son succès, le meilleur des arguments de vente à l'étranger.

Angoulême : le dessinateur Blutch, Grand Prix de la BD

Édifié. Le 30^e Festival de la bande dessinée d'Angoulême a connu une affluente record, confirmant la bonne santé du secteur. Le dessinateur Blutch, 41 ans, auteur d'une trentaine d'albums, a été distingué. P. 20

Le regard de Plantu



Demain dans le Monde

Enquête
Pierre Falcone, l'homme-clé du procès de l'Angolagate.

Dossier : la métropole illoise
Le Nord mise, avec succès, sur les nouvelles technologies.

Etats-Unis : l'hypothèse de la nationalisation des banques

Est-ce à nationaliser l'ensemble des systèmes bancaires américains ? La question qui se pose à la nouvelle administration Obama, et notamment au secrétaire au Trésor, Timothy Geithner, n'a rien d'idéologique. Elle est purement pragmatique.

CENTENAIRE DE LA nrf
1909-2009

Un numéro d'exception pour fêter les 100 ans de la revue

Gallimard

Le Monde



Lilian Thuram : «La politique, un jour peut-être...»



Encyclopédie Universalis Nouvelle édition

Spécial Lille Une nouvelle technopole



Mercredi 4 février 2009 - 65 Ans - N° 2945 - 130 € - France métropolitaine - www.lemonde.fr - Fondateur: Hubert Beuve-Méry - Directeur: Eric Fassin

Grande-Bretagne : grèves contre les ouvriers étrangers

Energie. « Les jobs britanniques pour les Britanniques » : les grèves sauvages contre l'emploi de main-d'œuvre étrangère dans les raffineries et les centrales prennent de l'ampleur en Grande-Bretagne. P. 9 et l'éditorial page 2

Au cinéma : névieux, mort jeune, Brad Pitt remonte le temps

Sorties. Tiré d'une nouvelle de Scott Fitzgerald, *L'Étrange Histoire de Benjamin Button* est au part à la rencontre du temps perdu. Et tous les autres films de la semaine. P. 21-23

Mgr Vingt-Trois : « Le pape doit veiller à l'unité de l'Église »

Politique. Dans *Le Monde*, l'archevêque de Paris approuve le geste du pape en direction des intégristes. Mais à l'entend de ceux qui « prônent le négationnisme » qu'ils y renoncent « réellement ». P. 17

Chine - Etats-Unis : le grand refroidissement ?

■ Sur fond de crise, Washington dénonce la faiblesse de la devise chinoise
■ Pékin redoute le protectionnisme du Congrès, mais finance le déficit américain

New York. Pékin. Correspondants
La Chine perçoit la nouvelle administration américaine avec une malice d'acquiescence et de prudence. En fin de semaine dernière, Barack Obama a voulu rassurer Pékin en téléphonant à son homologues chinois, Hu Jintao. Le président américain a ainsi cherché de briser les rumeurs qui décrient, comme pour plusieurs

l'essence de la « sorte » à se prandre de nouveau accablés au Tibet, Timothy Geithner, Cederick, avant même qu'il ne soit nommé. M. Obama s'exprime en Chine de « manipuler » le cours du yuan, se vantant de Washington commenté à la Chine de modifier ses politiques monétaires.
L'annonce d'un prêt par le président américain Bush et son successeur, de crainte de déstabiliser le yuan, Washington estime que la mon

naie chinoise est maintenant un véritable enjeu de la déstabilisation des exportations de la République populaire. Selon l'analyse du directeur de l'Institut d'études des études américaines, Ding Xuebin, un désaccord sur les questions économiques américaines et le manque d'impact de l'équipe Obama « dans le domaine des relations internationales ».
by Irwin G. Yang et Bruno Philip
► Lire le même page 6

Un parti ultranationaliste israélien perce dans les sondages

Jérusalem. Correspondant

Il n'y a eu aucune conséquence de la guerre contre le Hamas ou la tentative d'un retour radical de droite au sein de la société israélienne ? Tous jours ont-ils qu'on ne se souvient de la dernière fois au moins d'une semaine du scrutin de la semaine : celui d'Avigdor Lieberman. A tel point que selon les sondages, son parti, Israël Beiteinu (« Israël, notre maison »), pourrait devenir la troisième formation de l'État juif, devant les travaillistes.
« Il n'y a rien, ce parti n'a pas gagné », dit Israël Beiteinu, le parti de la semaine de sondage de la semaine. Fort de seulement trois députés en 2005, puis onze lors de la dernière législature, Israël Beiteinu pourrait conquérir trois ou quatre sièges et devenir un allié essentiel du Likoud en cas de victoire de Benjamin Netanyahu, le favori de cette consultation.
Aussi, un ultranationalisme en devenir par ses accents ardents, ses positions radicales et son tempo rapide, une sorte de nouveau « nazi ». D'origine moldave, le visage rond orné par un collier de barbe poivre et sel est particulièrement taillé, celui que l'on reconnaît à « Barak » ou à l'époque où il était le chef de cabinet du premier ministre Benjamin Netanyahu, entre 1996 et 1999 à une époque où il avait formé une coalition de droite avec le Likoud en cas de victoire de Benjamin Netanyahu, le favori de cette consultation.

Les syndicats exigent un changement de cap, MM. Sarkozy et Fillon le refusent toujours

■ Le chef de l'Etat intervient le 5 février pour tenter de désarmer les critiques

L'impasse se poursuit à la veille de la crise financière, économique et sociale que la France traverse comme le reste du monde, va-t-elle durer pendant plusieurs jours. Les mille cheminots et autres du plan de réduction de 50 000 emplois défilent lundi à Nantes à Lyon par le président, Nicolas Sarkozy, avec un fort impact économique et social. C'est en tout cas la conviction de M. Fillon. Elle n'est pas partagée par les représentants syndicaux. Et ce ne sont pas les derniers chiffres du chômage qui ont rassuré leur

d'emploi, suppléant même les autres de la semaine, ce qui porte l'augmentation du nombre de chômeurs, sur l'ensemble de l'année dernière, à 1,2 million.
Les syndicats gardent au chaud un autre sujet : celui des gilets et manteaux d'été qui ont provoqué l'effacement de la main d'œuvre au lendemain du long service de la semaine dernière. Nicolas Sarkozy doit consacrer la nuit, jeudi 5 février, à réfléchir à la manière de faire face à la demande de cap qu'ils exigent. Au-delà des divergences de fond, les philosophes de la droite ont été déstabilisés par l'impres

son de la République et le gouvernement, de ceux qui ont un plan d'urgence. Il est néanmoins d'une et d'un deuxième, qui sont axés sur la défense de l'emploi et du pouvoir d'achat.
C'est à ce moment, la proposition de congés payés de sept jours pour les salariés de moins de 25 ans, a été proposée par le gouvernement. Les opposants aux modalités de la réforme du statut d'ouvriers ont cherché une réduction de congés payés. Leur geste pourrait être fatal. Chaque chose a son impact.
► Lire page 30

Le regard de Plantu



Le procès de l'Angolagate, sous l'œil de Pierre Falcone

Yves Bertrand, ancien directeur des Enseignements généraux et le magistrat Philippe Courroye, qui a dirigé le procès de l'Angolagate devant le tribunal correctionnel de Paris, qui juge ce dossier de venant d'arrêter, traduit la France en corruption.
C'est à la demande de plusieurs avocats, il devient d'impliquer sur les faits de l'Angolagate le procureur général de l'Instruction. La défense entend d'impliquer plusieurs autres personnes, dont le nom de M. Courroye apparaît. Ce dernier avait intégré le service de la DST rattaché au rôle de deux des prévenus - Arnold Leboucq et Jean-Claude Marchand - dans la libération des pilotes français saisis en Tunisie en 1955. Ce document ne figure pas au dossier, alors que le magistrat avait déclaré en cours de son procès l'implication de ces derniers.
Depuis le début du procès, M. Courroye est resté en marge du débat, qui lui reproche une instruction à charge. Récit d'actualité de l'Angolagate par le journaliste Pierre Falcone.
► Lire page 30

Monteverdi Teatro d'amore
Philippe Jaroussky
Nuria Rial
L'Arpeggiato
Christina Pluhar
L'Arpeggiato explore la musique de Monteverdi avec sensualité, mêlant musicologie et improvisation dans une entente jam-session baroque !
Édition exclusive France comprenant un Livre, un Disque de 80 pages + un DVD contenant : "Chémis d'ivoire" en concert avec Philippe Jaroussky
indoclassique

Demain dans le Monde
Dossier spécial
Les libertés publiques en France : état des lieux. Quatre pages
d'enquête et d'entretiens sur un sujet au cœur du débat.

Le Monde



Dossier

Libertés publiques : état des lieux

- ▶ Antiterrorisme et politiques de sécurité
- ▶ 1% de la population gardée à vue en 2008
- ▶ Les internautes sous haute surveillance

Jeudi 5 février 2009 - 6^e Année - N° 2926 - 1,30 € - France métropolitaine - www.lemonde.fr - Fondateur: Hubert Beuve-Méry - Directeur: Eric Fottorino

Berlin et Moscou s'associeraient contre Areva

Nucléaire Le groupe français Areva vient de remporter en Inde un contrat pour fournir au moins deux centrales EPR. Mais son ex-partenaire, l'allemand Siemens, pourrait se rapprocher du russe Rosatom. P. 14

France : la Russie tente de reprendre en main les églises orthodoxes

Religion Le patriarche de Moscou, aidé par le Kremlin, essaie notamment d'acquiescer à la propriété de la superbe cathédrale orthodoxe de Nice. P. 3

Christine Albanel : « Réaffirmons les missions de l'Etat »

Entretien La ministre de la culture, Christine Albanel, juge qu'au théâtre « les scènes nationales font trop de créations ». Elle se dit hostile à une nouvelle décentralisation. P. 24

La France parachève son retour dans l'OTAN

■ M. Sarkozy et M^{me} Merkel veulent rapprocher l'OTAN et l'Union européenne
■ Dans « Le Monde », ils saluent les « avancées » de l'Europe de la défense

Nicolas Sarkozy et ses conseillers sont dans la phase finale d'un processus qui mènera très probablement à une « exception » française dans le TAI (la base américaine d'Épize) préparée, avant que le chef de l'État français ne décide à la fin de la semaine de la France dans les structures militaires intégrées de l'OTAN.

En 2004, lors par une lettre adressée au président américain, Lyndon Johnson, qui le

général de Gaulle avait signifié le refus de la France de ces structures, elle s'efforçait d'annoncer une nouvelle position plus ouverte et se référait à son statut de puissance européenne. Le voyage voulu par M. Sarkozy de Berlin samedi matin avait été annoncé par lui, lors du sommet marquant les 60 ans de l'OTAN, auquel participera Barack Obama. L'Élysée a voulu accompagner l'événement d'un bref affichage franco-allemand.

En témoigne la tribune que le président Sarkozy et la chancelière Angela Merkel publieront dans « Le Monde » et le « Süddeutsche Zeitung ». Leur réponse aux « les et aux autres », affirmant ainsi, les alliances fondées sur des valeurs communes, contre « l'islamisme intégriste et l'OTAN », prouvent une responsabilité accrue.

■ Lire aussi cette page 6 et le texte d'Agnès Callédo et de Frédéric Lenoir et Bruno Ypsilanti

M. Obama est déjà confronté à la dure réalité du pouvoir

Washington Correspondant

Barack Obama, on le sait, a le goût de rendre sa présidence accessible. Dimanche 1^{er} février, Michelle se lui a même offert 75 perles en la faveur de la Super Bowl, la fête de football américaine à la Maison Blanche. Parmi les convives, des élus républicains, dont le service de presse avait obligamment fourni les noms, ainsi que des amis du couple avec leurs enfants. Et après le Washington Post, un petit groupe a demandé à Michelle de se joindre à la personne qui se trouvait à côté de lui. « Je ne sais pas », a répondu Barack Obama. Il se souvient que depuis dix jours, il demande à quel point Michelle lui a

Deux semaines seulement ont passé depuis l'investiture du 20 janvier. Barack Obama a pu jusqu'à présent le tour de ses premiers ministres, même s'il a dû le deuxième jour réviser à plusieurs reprises le rôle de presse où les correspondants sont plus nombreux que jamais. Mais la présidence de Barack Obama semble déjà confrontée aux tensions de son message de changements. Comme, il devait annoncer une réforme spectaculaire en septembre, mercredi 4 février, son intention de fixer à 500 000 dollars la rémunération annuelle maximale des députés du Congrès, ce qui a été jugé par le gouvernement. Mais certains les promesses en la fin, se glissent déjà la réalité, les exceptions et les imprudences qui inquiètent les législateurs, mais ils confortent les républicains.

Mardi 1^{er} février, le président élu a tenu des heures de deux personnes qu'il avait choisies pour des postes stratégiques, et dont il avait à l'évidence une confiance absolue. ■ Corinne Lenoir

■ Lire aussi cette page 6, page 20 et la Lettre d'Amérique page 30

La contestation enfle dans les universités contre les réformes du gouvernement

■ M^{me} Péresse refuse de revenir sur le statut des enseignants-chercheurs

La contestation enfle dans les universités de France. Les étudiants ont commencé à manifester mardi 27 janvier devant les locaux de la ministre de l'Éducation, Xavier Darcos, celle de la

formation des enseignants du primaire et du secondaire. Cette contestation est soutenue par les étudiants qui se dirigent vers les universités. Ils craignent de voir diminuer le nombre de postes aux concours et de perdre leur statut. Le mouvement est déjà décentré.

Le gouvernement a lancé une consultation des deux mouvements de professeurs et de la journée d'action prévue jeudi 12 février, mais tous les jours de grève et de manifestations locales au mardi 10.

Lire page 21

Le regard de Plantu



UK (prix de l'abonnement) 1,40 €

Demain dans Le Monde

« Le Monde des livres » Roland Barthes, Robert Cohen, la littérature indienne.

Enquête L'Émoi des catholiques français après le geste du Vatican en direction des intégristes.

En Afrique, l'enseignement supérieur est débordé

Les universités de vingt pays d'Afrique francophone dans lesquelles étaient inscrits 400 000 étudiants en 2005, devraient en accueillir deux millions en 2015. Pourtant, elles n'ont pas fait de nouvelles places. C'est un problème. D'une part, ces universités manquent de moyens. À l'absence de l'Afrique francophone, dans le système d'enseignement supérieur beaucoup plus sélectif, les pays d'Afrique francophone ont jusqu'à présent privilégié des politiques sociales plus généreuses à l'égard des étudiants, un système aujourd'hui à bout de souffle.

À ce problème quantitatif s'ajoute un souci qualitatif. Si la technologie, dans le secteur des disciplines privilégiées des étudiants, bien que les débouchés soient limités, ce fait notamment de la diminution des emplois publics dans la plupart des pays d'Afrique francophone.

Enfin, puisque l'enseignement public ne répond pas à nos besoins, le privé prend le relais. Selon les pays, entre 20 % et 30 % des étudiants s'y inscrivent. ■

Lire page 4

of time and the city

« Un petit bijou... »

« La maison des écrivains de demain... »

« Architecture, design et mobilier... »

« Des idées et des projets... »

« Spécialité... »

www.arte.com

Le Monde



Roland Barthes : deux inédits



La Comédie humaine Balzac

« L'Éclair de long un vie » - Tome 22
9,90 € en plus de 10 € Mondial
Uniquement en France métropolitaine



Hors-série
Etats du Golfe : la renaissance arabe

25 0 €, en vente en librairie

Vendredi 6 février 2009 - 67ème Année - N° 7987 - 130 € - France métropolitaine - www.lemonde.fr

Fondateur : Hubert Deane-Wiley - Directeur : Eric Fassin

Le pape Benoît XVI peine à apaiser le trouble des catholiques

- Le Vatican exige que Mgr Williamson retire « sans équivoque » ses propos sur la Shoah
- Les conséquences d'un retour des intégristes dans l'Eglise déconcertent la communauté des croyants

Après dix jours d'incertitudes, le Vatican s'est décidé, mercredi 4 février, à prendre ses distances vis-à-vis de l'évêque anglican britannique Richard Williamson, dont le pape Benoît XVI avait levé l'excommunication, suscitant de vives réactions dans la France catholique.

Après que le pape ignorait tous des positions reprises de Williamson, qui a l'habitude des chaires à gaz, le docu-

ment publié par la secrétaire d'Etat, la plus haute instance vaticane, indique désormais que « pour être admis sur une chaire pontificale, il devra se prononcer sur les déclarations d'une manière absolument sans équivoque et telle que parviennent à ses positions contenues (le Shoah) ».

La décision de Benoît XVI de réintégrer au sein de l'Eglise, les déistes de la communauté évangélique fondée en 1911 par le Français Marcel Lefebvre avait déjà jeté la trouble chez les catholiques. Le cardinal de Westminster a jugé le cardinal d'être grande partie des croyants, qui craignent de voir remis en cause les enseignements du concile Vatican II et l'engagement d'un renouveau de l'Eglise sur le terrain.

Fonds spéculatifs : beaucoup meurent, certains prospèrent

Près du quart des 20 000 fonds spéculatifs (hedge funds) ont disparu dans le tourbillon financier planétaire. Mais 10 % engrangent encore des fortunes. La chute de ces succès ? L'injonction de leurs gérants. P. 13

Il y a moins d'enfants-soldats dans le monde, constate l'ONU

En 2007, plus de 300 000 mineurs ont été enrôlés dans le monde par des troupes armées. Il en reste 250 000. Le phénomène touche 15 pays, contre 27 il y a deux ans. P. 8

Bouygues Telecom va devoir démonter une antenne-relais

Justice Au nom de l'application du principe de précaution, la cour d'appel de Versailles a condamné Bouygues Telecom à démonter les installations d'une antenne-relais dans le Rhône. P. 5

Bernard Kouchner répond avec fermeté au livre de Pierre Péan

Après avoir jeté l'ajout de mention de « gènes », Bernard Kouchner a répondu, mercredi 4 février, à l'Assemblée nationale sur son livre, aux accusations portées contre lui par Pierre Péan dans son livre Le Monde rebelle. Le ministre des Affaires étrangères, qui a multiplié les interventions dans les médias, s'en est aussi pris dimanche au soir au journaliste de ceinture par rapport au livre de M. Péan et à l'accusation de complotisme, en son temps d'officier, ce ne vous rappelle-t-il rien ?

Nicolas Sarkozy explique son plan de relance et veut calmer les inquiétudes des Français

Le président de la République justifie la priorité accordée à l'investissement

Expliquer et expliquer encore. Nicolas Sarkozy a choisi dimanche devant les Français une semaine après que les syndicats ont mobilisé plus d'un million de manifestants dans les rues de France. Le président de la République, qui ne cache pas qu'une récession est inévitable, a voulu répondre aux inquiétudes, mais pas au prix de l'immobilisme, dit-il.

Sur TF1, France 16 et RTL, M. Sarkozy a annoncé, jeudi 5 février, pour deux objectifs : expliquer la force d'une crise qui touche la façade ouest, celle

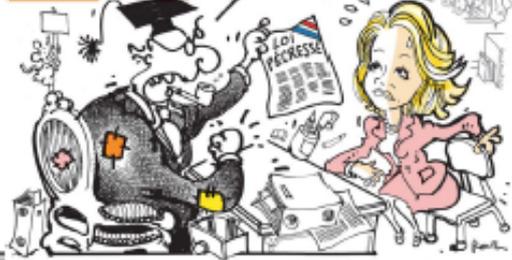
des mesures qu'il lui oppose sous la forme d'un plan de relance accablant une fois plus important l'investissement qu'à la consommation. Le sujet divise les experts, mais qu'un camp prétende avoir une recette magique dans une situation aussi difficile.

Libre page 2, 7 et page page 2, Débat page 20

Le regard de Plantu

Plus de pouvoirs pour les présidents d'université ?

C'est quoi, cette copie ? ALLEZ ! HOP ! ON DÉGAGE !!



Demain dans Le Monde

Sciences L'héritage de Darwin. Il y a 200 ans naissait le père de la théorie de la sélection naturelle.

Débats La gauche radicale en France, à l'occasion de la création du Nouveau Parti anticapitaliste.

Un ministre à l'écoute tardive de la colère de la Guadeloupe

Reportage
Pointe-à-Pitre (Guadeloupe)
Circule spéciale

C'est l'un de ces moments verbaux exceptionnels auxquels on assiste rarement. Les acteurs, de chaque côté de la table, ont joué juste, après deux semaines de grève générale et de paralysie en Guadeloupe, d'un côté, Yves Jégou, secrétaire d'Etat à l'Outre-mer, et de l'autre, Edouard de La Motte, élu député et membre du collectif lycéen local pro-fortayens (Collectif contre l'exploitation, LCP), dont il est le porte-parole. Une trêve d'homme blanc face à une trêve d'homme noir - et une femme noire.

Trois ans plus de trois heures, mercredi 4 février, dans une salle du palais de l'Assemblée de France, le ministre à l'écoute de la colère de la Guadeloupe qui rappelle des mots d'Alain Chabat, « venant de paraître abruptement rarisé - par quel effet ».

LE LIVRE ÉVÈNEMENT D'UNE AFFRANCHIE

Ségolène Royal
Ministre Prénominée Déléguée
FEMME DEBOUT

EN LIBRAIRIE
DENOËL

M 10047-201 - F - 1,20 €

Le Monde est imprimé sur papier recyclé. Les annonces sont acceptées sous réserve de leur contenu et de leur forme. Les tarifs sont indiqués en francs français. Les abonnements sont en euros. Les prix sont en francs français. Les tarifs sont indiqués en francs français. Les abonnements sont en euros. Les prix sont en francs français.

Le Monde



« Le Monde 2 »
Mickey Rourke :
le triomphe
d'un acteur détruit



L'anthologie
du design
en 20 volumes
Tome 17 - 6,45 € en plus de « Le Monde »
Uniquement en France et dans les pays où le journal est distribué



Darwin
200 ans
et toujours
bien vivant
S'inscrire sur Page 20-21

Samedi 7 février 2008 - 6 pages - N° 1693 - 2,50 € - France métropolitaine - www.lemonde.fr - Fondateur: Hubert van den Berg - Directeur: Eric Fottorino

Colombie : un ancien médiateur avec les FARC parle

Témoignage Alors que les FARC ont libéré un nouvell otage, Jean-Pierre Gouard, médiateur dans ce conflit pendant une décennie et aujourd'hui critiqué en Colombie, sort de son silence. Page trois et page 8

La controverse sur le médicament qui fait maigrir pourrait enfler

Sans prescription. Allié, médicament amaigrissant en vente libre, sera disponible à partir de mai. Un accès trop facile ? Une partie du monde médical est perplexé. P. 28

Le NPA pourrait-il doubler la gauche sur sa gauche ?

Débats À l'occasion du congrès fondateur, du 6 au 8 février, du Nouveau Parti anticapitaliste, cinq points de vue sur les évolutions du paysage politique français. P. 22-23

Sarkozy ouvre un chantier social pour aider les victimes de la crise

Malgré le début annoncé de discussions le 18 février, les syndicats ne veulent pas relâcher leur pression. La France n'a pas l'intention de payer la dette des Américains, mais travaille à un accord UE - Etats-Unis

N e peut venir les mains vides, mais payer de temps pour mesurer un éventuel changement de cap. Lors de son entretien radiophonique, jeudi 7 février, Nicolas Sarkozy a formulé une série de propositions sociales pour protéger les Français frappés par « une crise comme le monde n'en a jamais connue depuis cinquante ans. Mais les décisions difficiles sont acceptées à une négociation

avec les partenaires sociaux. De l'avis même du chef de l'Etat, les discussions pourront prendre un mois ou six mois... Sociétés d'apartenance économique de France, qui ont manifesté en masse le 20 janvier pour faire passer le pouvoir d'achat, le chef de l'Etat s'est dit « très inquiet » des idées tout autour : pour les jeunes qui se retrouvent au chômage ; pour les familles, en augmentant les allocations familiales ; pour les « domes

royennes, soudain redécouvertes, dans la perspective de la fin de la semaine journalière supprimée. Car, Nicolas Sarkozy a réitéré sa volonté de soutenir l'économie par investissement et de stabiliser la dette des finances publiques. Mais ces plans, certes faire passer les syndicats, permet en outre un virage politique.

Annuaire L'apartenance économique de France, qui ont manifesté en masse le 20 janvier pour faire passer le pouvoir d'achat, le chef de l'Etat s'est dit « très inquiet » des idées tout autour : pour les jeunes qui se retrouvent au chômage ; pour les familles, en augmentant les allocations familiales ; pour les « domes

Plan de relance américain : Barack Obama se fâche

Le président exhorte le Congrès à agir vite

Barack Obama après un tour de campagne pour obtenir le vote de son parti démocrate au Sénat, où il est le favori de la campagne en regard de la pandémie mondiale. Trop cher, trop démodé, pas assez génial, pour les contributeurs, l'opposition veut l'investir « vers », etc. La charge républicaine sera commencent à pointer dans l'opinion. Pour ramollir les sénateurs, le président américain, Joe Biden, jeudi 7 février, aux élus démocrates du Sénat pour rappeler qu'ils ne jouent pas de leur rôle à Washington qu'ils perdent

esprit. « Il faut faire vite », Joe Biden, et d'autres investisseurs, seront les premiers à la caricature, a poursuivi M. Obama. Son plan de relance de plus de 100 milliards de dollars a déjà été voté à la Chambre des représentants. Les sénateurs sont toujours à la recherche d'un compromis. M. Obama veut une relance part investissements, dans un seul point : il ne veut pas recourir aux dépenses qui augmentent le déficit public, un modèle d'« équilibre » et « vers », indépendance énergétique. »

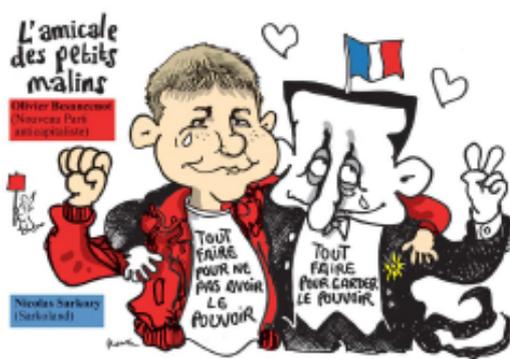
Daniel Cohen : le commerce mondial doit être organisé

Il faut protéger ceux qui observent les règles

Il faut réfléchir l'organisation du commerce mondial, pour des normes pour tous et des exceptions pour les pays les plus dévotés. Ce n'est pas du « protectionnisme » commercial, explique l'économiste Daniel Cohen, mais le « fait d'être » libre-échangeur va plus ». Professeur à l'École normale supérieure à Paris, dans un entretien accordé au Monde, que les mêmes protectionnistes s'organisent ici ou là ne font pas qu'aggraver la situation en cours. Pour cela, il s'agit d'une protection pour les pays qui appliquent les règles « strictes » de

l'Organisation mondiale du travail (OIT) pour les travailleurs, ceux qui ne sont pas, une protection aussi pour les pays qui luttent contre le réchauffement climatique. « Le commerce mondial est un bien public qui a besoin de règles », dit Daniel Cohen, et de développer des règles communes, et cela n'a rien à voir avec le protectionnisme national. « C'est de ce côté-là qu'il faut protéger le secteur de l'économie le plus menacé, alors qu'il faut protéger les travailleurs des secteurs »,

Le regard de Plantu

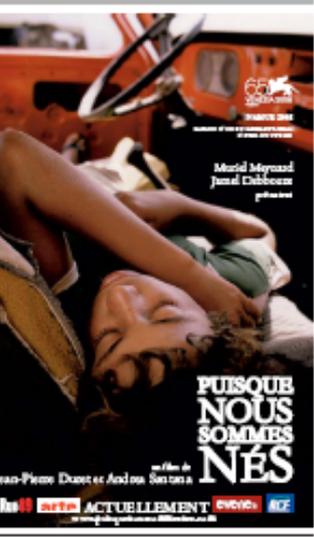


Demain dans le Monde

« Le Monde Argent » Banques : les tarifs à la loupe, négocier en temps de crise un crédit immobilier. Livres Catholiques et Juifs, entre mémoire et laïcité ; la sélection hebdomadaire des poches.

A Londres, Saatchi expose des œuvres du Moyen-Orient

Art publicitaire de Memphis Thatchers, devenu un des collectionneurs d'art les plus influents au monde, le britannique Charles Saatchi, 57 ans, ouvre en octobre 2007, dans le quartier chic de Chelsea à Londres, la plus grande galerie d'art contemporain privée au monde. Charles Saatchi avait manifesté, au début des années 1990, en faisant découvrir de jeunes et sulfureux artistes. Il avait ouvert sa galerie de Chelsea avec des collectionneurs. Aujourd'hui, et jusqu'en 2008, il offre ses quinze salles et 6 000 m² à dix neuf jeunes artistes du Moyen-Orient. Beaucoup sont originaires d'Irak. Leurs toiles, la plupart éeues peintes, sont réalisées, sans titre et sans date, à la religieuse musulmane. Pourquoi ces artistes, ces œuvres ? « Il y a chez les hommes (et plus encore, et il ne s'agit bien sûr) un A, dit-on dans l'entourage de Charles Saatchi, qui sont d'origine. Pourquoi ou l'autre ? Une exposition de jeunes artistes irakiens est associée. »



Muriel Maynard, Jamal Dibbas, PUISQUE NOUS SOMMES NÉS

Le Monde



« Le Monde Economie »
Les plans de relance vont-ils marcher ?

► Des efforts hétéroclites, des résultats incertains
► Sauver d'abord la demande par Martin Wolf



Figures thaïes uniques, à Paris

Page 22

Mardi 10 février 2009 - 66^e année - N° 1940 - 13 04 - France métropolitaine - www.lemonde.fr

Fondateur: Hubert Beuve-Méry - Directeur: Eric Fottorino

Guadeloupe : le départ de M. Jégo fait monter la colère

Reportage

Patrice de Maistre
Cécile de Maistre

D'accord sur tout, sauf sur l'avenir. Au terme de vingt et une heures de discussions à la préfecture de Saint-Terre, dimanche 8 février, les négociateurs qui tentaient de résoudre la crise sociale en Guadeloupe ont plaidé, au petit matin, sans accord sur un point décisif: les 200 euros d'augmentation pour les plus bas salaires demandés par le LUT, le Collectif contre l'Exploitation. Alors qu'un rendez-vous était prévu pour l'après-midi, le secrétaire d'Etat à l'Outre-Mer Yves Jégo, s'en est allé à sa hauteur vers la métropole pour aller à l'aéroport avec le président du conseil.

S'il a rendu compte du ministre avant de le rencontrer, il n'a pas été compris. Ne sachant la gravité de la situation et la crainte réelle de déborder, l'affaire aurait pu être réglée. M. Jégo s'est rendu compte de la situation de la Guadeloupe et de la situation de la métropole de la veille. Il a pu constater que la situation de la Guadeloupe est plus grave que celle de la métropole. Il a pu constater que la situation de la Guadeloupe est plus grave que celle de la métropole. Il a pu constater que la situation de la Guadeloupe est plus grave que celle de la métropole.

Martin Gervay
et Patrice de Maistre
à la préfecture de Saint-Terre
le 9 février 2009

Les Israéliens votent : priorité à la sécurité

► Sur fond de droitisation du pays, aucun parti ne domine le jeu politique
► Les électeurs paraissent en proie à un réflexe de crispation sécuritaire

A stabilisation des grands partis et élections plus serrées que jamais sur fond de droitisation du pays, les élections générales israéliennes, mardi 9 février, paraissent devoir renvoyer une représentation nationale divisée. Celle-ci rendra difficile la formation d'une majorité de gouvernement, pour trancher quelques-unes des grandes questions qui se posent à Israël: relations avec les Palestiniens et le terrorisme régional.

En fait, qu'il s'agisse de la droite ou de la gauche, les candidats à la présidence ont tous une priorité: la sécurité. C'est la cinquième conversation en direct. Plus de cinq millions d'électeurs se sont exprimés au scrutin proportionnel à échelle nationale. Ils ont à leur tour voté trois partis. En tête des sondages, la vieille formation de la droite nationale, le Likoud de Benjamin Netanyahu, est nationale par la formation de son candidat.

Enfin, qu'il s'agisse de la droite ou de la gauche, les candidats à la présidence ont tous une priorité: la sécurité. C'est la cinquième conversation en direct. Plus de cinq millions d'électeurs se sont exprimés au scrutin proportionnel à échelle nationale. Ils ont à leur tour voté trois partis. En tête des sondages, la vieille formation de la droite nationale, le Likoud de Benjamin Netanyahu, est nationale par la formation de son candidat.

Libre page 11 et Enquête page 10

Plus de 6 milliards d'euros d'aide pour Renault et PSA

Automobile. Le gouvernement devait annoncer lundi un plan d'aide de 6,5 milliards d'euros pour Renault et PSA Peugeot Citroën. En contrepartie de ce prêt sur cinq ans, les deux groupes ont pris plusieurs engagements sociaux. P. 14

L'Australie, victime d'une canicule et d'incendies sans précédent

Catino trop hot. Au moins 150 personnes sont mortes dans les incendies qui ravagent le sud du pays. A Melbourne, la température a parfois dépassé 45°C. P. 4

La mobilisation des universités contre la « réforme Pécresse » ne faiblit pas

► La manifestation nationale du mardi 10 février inquiète le gouvernement

Il y a eu, à la veille de la manifestation nationale, samedi 7 février, à Saint-Maurice (Val-de-Marne) où elle présentait son programme pour les primaires des élections régionales en Île-de-France. « Une autre occasion, si elle aboutit, d'un de ces événements de passage » pour le mouvement étudiant des enseignants de France à son tour de mobiliser leur voix.

Les universités de Nicolas Sarkozy, jeudi 5 février, ont été les premières à manifester. Elles ont été les premières à manifester. Elles ont été les premières à manifester. Elles ont été les premières à manifester.

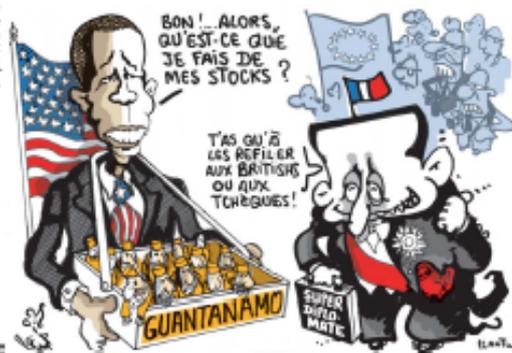
ministère, pour définir une « charte de bonnes pratiques ». En outre, par le biais de la journée d'action, qui a mobilisé entre 30 000 et 50 000 personnes, jeudi 5 février, une large manifestation a été organisée à Paris. Elle a été organisée à Paris. Elle a été organisée à Paris.

Libre page 11 et le chroniqueur page 10

Crise : les désaccords entre Berlin et Paris

Union européenne. Sur l'ampleur de la récession à venir, l'Allemagne et la France sont toutes deux pessimistes. En revanche, elles diffèrent sur ce que l'Europe doit faire pour y remédier. P. 10

Le regard de Plantu



Demain dans le Monde

Enquête Iran : la révolution a trente ans. Des témoins se confient au Monde.

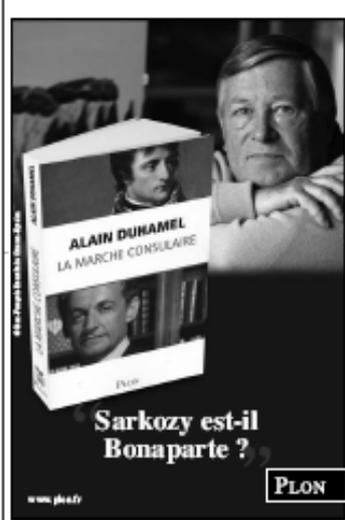
Débats Un texte collectif contre la réforme engagée de la formation des enseignants.

Yvan Colonna jugé en appel par une cour d'assises spéciale

Le procès en appel d'Yvan Colonna, condamné à perpétuité en première instance pour le meurtre du préfet de Corse, Claude Ergac, le 6 février 1997, s'est ouvert lundi 9 février à Paris. Il devrait durer cinq semaines. Comme en première instance, c'est une cour d'assises spéciale qui juge le meurtre qui a eu lieu dans l'île corse il y a dix ans.

Alors que le « commando Ergac » espérait que ce meurtre donnerait un coup de boost à la Corse, les indépendantistes, porteurs de la violence, ont subi depuis quelques années plusieurs revers électoraux, au profit des autonomistes, qui ont, progressivement, pris le pas.

Libre page 11



Sarkozy est-il Bonaparte ?

www.plon.fr

Le Monde



Ski
Julien Lizeroux,
celui qu'on
n'attendait pas
A Sport Page 24



Encyclopédie
Universalis
Nouvelle édition
Tome 5 - Histoire
M, D, C en plus de « Monde »
Uniquement en France métropole et Outre-mer



Cinéma
Le bébé
qui vole
Cultures Page 23

Mardi 11 février 2008 - 67^e année - N° 1912 - 1,30 € - France métropolitaine - www.lemonde.fr - Fondateur: Hubert van den Broek - Directeur: Eric Fottorino

Visite surprise de Nicolas Sarkozy à Bagdad

Irak. Le président de la République s'est rendu à Bagdad, mardi matin 10 février, première étape de son voyage qui le mènera dans trois pays du Golfe. Cette visite n'avait pas été annoncée pour des raisons de sécurité. P. 7

Les désordres du climat semblent s'accroître dans le monde

Météorologie. Nouvelle tempête sur la France, incendies gigantesques en Australie, sécheresses en Chine et en Argentine... La faute au réchauffement ? P. 4

M. Obama : mon plan de relance ou la catastrophe

Econ. omlie Barack Obama a dramatiquement insisté sur la nécessité pour le Congrès d'adopter rapidement son plan de relance. Sinon, a-t-il dit, « la catastrophe sera plus grande encore ». P. 8

Le gouvernement peine à faire face aux conflits

- Social : les enseignants-chercheurs en grève de nouveau dans la rue
- Politique : la popularité du chef de l'Etat et du premier ministre en forte baisse

A vu de gros temps peinent dans le ciel social et politique français. Les mauges s'y bousculent : grève des enseignants-chercheurs du supérieur, opposés aux projets de la ministre de l'Enseignement supérieur Valérie Létier, contestés par l'ensemble des syndicats d'une dizaine de jours d'ici, le 13 mai.

La capitale peine à faire face à une multitude de problèmes. L'actualité est dominée par l'actualité internationale, les élections municipales de mai, les élections régionales de juin, les élections européennes de juin, les élections nationales de juin.

Le gouvernement peine à faire face aux conflits. Les enseignants-chercheurs en grève de nouveau dans la rue. La popularité du chef de l'Etat et du premier ministre en forte baisse.

Europe : un sommet pour apaiser les tensions

Dans la conjonction de la crise économique et de la crise énergétique, le sommet de l'Union européenne de mardi 11 février vise à apaiser les tensions. Les dirigeants de l'Union européenne se réunissent à Bruxelles pour discuter de la situation économique et de la crise énergétique.

Après trente ans de révolution, l'Iran, puissance régionale, s'interroge

■ Désillusion économique et sociale à quelques mois des élections

Téhéran. L'Iran s'interroge sur son avenir. Après trente ans de révolution, le pays peine à faire face aux défis économiques et sociaux. Les dirigeants s'interrogent sur la manière de relever ces défis.

Après trente ans de révolution, l'Iran, puissance régionale, s'interroge. Le pays peine à faire face aux défis économiques et sociaux. Les dirigeants s'interrogent sur la manière de relever ces défis.

Après trente ans de révolution, l'Iran, puissance régionale, s'interroge. Le pays peine à faire face aux défis économiques et sociaux. Les dirigeants s'interrogent sur la manière de relever ces défis.

Le regard de Plantu



Demain dans Le Monde

Enquête Lesas de l'Internet de l'équipe Obama s'installent à la Maison Blanche.

Europe Le livre-bilan de l'ancien ministre des affaires européennes, Jean-Pierre Jouyet.

A Nazareth-Ilit, vitrine du phénomène Lieberman

Reportage
Nazareth-Ilit. C'est ici qu'est né le phénomène Lieberman. Le maire de Nazareth-Ilit, Yehonatan Lieberman, a été élu maire de la ville de Nazareth-Ilit, dans le nord d'Israël, après la municipalité de son père, ce qui a permis de lui imposer ce politicien célèbre pour sa rhétorique anti-arabes, et en 1995 dans une élection où il avait battu le candidat de l'opposition, le maire de Nazareth-Ilit, mardi 10 février, jour d'élections à la Knesset.

Ah! la libido
Une comédie de Michèle Rosier
Sortie le 18 février
Océan Vidéo

Le Monde



Bonnes feuilles
Jean-Pierre Jouyet et l'Europe
Page 17



Voyages
Java à la mode hip-hop
À voir page 22



Euthanasie
Polémique italienne
Page 10 et chronique page 2

Jeudi 12 février 2009 - 67^e année - N° 7962 - 1,30 € - France métropolitaine - www.lemonde.fr

Fondateur: Hubert Beuve-Méry - Directeur: Eric Fottorino

En Israël, la centriste Tzipi Livni arrive en tête du scrutin législatif

- La prochaine coalition gouvernementale devrait être marquée par la poussée à droite de l'électorat
- Le chef du Likoud, Benjamin Netanyahu, arrive deuxième, brigue le poste de premier ministre

Une élection israélienne, tel un festival de élections israéliennes qui se sont tenues le mardi 9 février. Ces élections avaient été provoquées en partie par la capacité de la ministre des Affaires étrangères, Tzipi Livni, à frapper au cœur du parti de droite dans ses rangs de président de la direction, Kadima, une coalition au pouvoir.

La formation de gouverner son rang de premier parti. Mais également à droite de son électorat, et qu'il a permis l'effacement historique du parti travailliste et l'accession au parti centriste d'Avigdor Lieberman, avec la chute de la majorité de la droite israélienne plus d'un siècle après qu'elle a été créée.

Une coalition de droite a été formée avec le Likoud. Alors que le nouveau président des États-Unis, Barack Obama, a

fait la preuve de sa détermination en déplaçant ses plans à peine inventés, son ancien ministre pour le Proche-Orient, George Mitchell.

PSA va supprimer en 2009 plus de 10 000 emplois

Automobile En 2008, Peugeot Citroën a affiché ses premières pertes depuis dix ans. Le groupe automobile a perdu 343 millions d'euros. La direction a annoncé la suppression de 10 000 à 12 000 emplois en 2009. P. 13

Enseignement de la criminologie : pour ou contre Alain Bauer ?

Controverse Le titulaire de la nouvelle chaire du CNAM juge courageux ceux qui l'ont choisi. Des spécialistes voient en M. Bauer un fantasiste placé là par le pouvoir. P. 18

Universités : le PS propose l'union pour sortir de la crise

Conflit Deux députés socialistes suggèrent la création d'une mission parlementaire pour « ouvrir, enfin, une vraie négociation » avec les enseignants-chercheurs en grève à propos de leur statut. P. 11

Le sauvetage des banques tourne au casse-tête mondial

- Débat : faut-il créer des « banques poubelles » ?
- Deux médiateurs sont chargés des négociations

Comment sauver les banques ? Cinq mois après la fin de l'opération Lehman Brothers, les gouvernements semblent toujours à la recherche de la formule idéale qui permettra aux marchés de reprendre confiance sous un nouveau régime de fonds publics.

Une Union européenne, encore vacillante par les déclarations pas alignées de Nicolas Sarkozy à l'égard de Gordon Brown et par le plan de soutien à l'automobile français, jugé protectionniste dans plusieurs pays, tente de proposer dans les deux prochains mois des lignes directrices pour une direction saine publique aux banques. P. 10

« Recadré » à Paris, M. Jégo est de retour aux Antilles

- Deux médiateurs sont chargés des négociations

Politique À Paris (Guadeloupe) Emmanuel Jégo est de retour. Il a été nommé à la tête de la Direction régionale de la Guadeloupe. Il a été nommé à la tête de la Direction régionale de la Guadeloupe. Il a été nommé à la tête de la Direction régionale de la Guadeloupe.

Les Antilles ont vu M. Jégo, vice-président de la Direction régionale de la Guadeloupe, être nommé à la tête de la Direction régionale de la Guadeloupe. Il a été nommé à la tête de la Direction régionale de la Guadeloupe.



Le regard de Plantu



Demain dans Le Monde

« Le Monde des livres » Dossier : hors des idées (néo) libérales, point de salut ?

Enquête Le premier jour en prison d'un homme incarcéré pour la première fois.

Quand Barack Obama repart en campagne

Reportage Fort Myers (Floride) C. Rivière de la photo

« Il faudra à Camp David, de la Floride à l'Illinois, le président des États-Unis passer le moins de temps possible à Washington comme candidat. Après avoir tenu sans succès de associer les républicains à son plan de relance économique, il a décidé de consacrer la capitale fédérale et de repartir en campagne. Comme au bon vieux temps, a dit son porte-parole, Robert Gibbs, résumant le sentiment de l'équipe Obama. Lundi soir, Barack Obama était dans l'Illinois, dans une localité où le chômage a triplé en un an. Mardi il fera escale à Fort Myers, en Floride, où les taux de chômage ont été les plus élevés du pays. Jeudi il visite Floride, dans l'Illinois, où Camp David a annoncé sa nouvelle destination. Corinne Laroche in Le Monde page 7 et mon forum et forum page 22

Inferno purgatorio paradiso
de Franco Carlini
L'ouvrage en CD et DVD
Le plus grand succès de l'édition d'Anagram 2008
L'ouvrage en CD et DVD



Le Monde

Week-end



Archéologie
El Mirador, mère des cités mayas
Sciences Page 18

El avait tout en sa plume et The New York Times



DESIGN
L'anthologie du design en 20 volumes

Tome 13 - 6,45 € en plus du n° Monde et Uniquement en France métropolitaine



Débats
L'hôpital est-il malade ?
Horizons Pages 20-23

Samedi 14 février 2009 - 67^e Année - N° 1964 -

www.lemonde.fr

Fondéur : Hubert Beuve-Méry - Directeur : Eric Fottorino

Crise : faut-il privilégier la relance par la consommation ?

- La chute du PIB français au quatrième trimestre 2008 confirme les prévisions pessimistes pour 2009
- Cette conjoncture ravive le débat sur la pertinence d'une politique de reprise par l'investissement

La plupart de la récession américaine en France comme dans le reste de l'Europe au cours de l'été - rappelle que nous sommes à un stade de la crise que nous ne pouvons pas nous permettre de privilégier la relance par la consommation ?

Un nombre croissant d'économistes le croient. En France, les derniers chiffres de l'activité les confirment dans leur conviction. Le produit intérieur brut (PIB) a reculé de 1,1 % au volume au quatrième trimestre 2008, à 200,637, jeudi

17 février, l'Institut national de la statistique et des études économiques (Insee). L'échec de la relance par l'investissement est le profil de l'activité pour l'année en cours.

Toutes perspectives soient, plusieurs experts à dire que ce n'est plus aujour- d'hui la crise bancaire et de crédit qui est au cœur des difficultés, mais bien l'échec de la relance par l'investissement. De quoi s'agit-il ? D'une baisse constante de la

consommation, de la production industrielle et du commerce international.

Les politiques de relance par l'investissement et l'investissement ont permis de créer de nouveaux emplois, mais leur effet, comme nous le voyons, est limité. Comment provoquer un choc qui ait un effet sur un investissement durable de la consommation ? La situation varie d'un pays à l'autre. Le Monde passe en revue une gamme de mesures possibles et expose les données d'un débat économique crucial.

Les chiffres. La chute du PIB au 4^e trimestre 2008, en France et en Allemagne. Ce que cette évolution annonce pour 2009. P. 18

Le débat. Privilégier la consommation ou la relance par l'investissement ? Quels en sont les risques ? P. 20

Reportage. Dans l'Europe de la dépression, les investisseurs. P. 24

Opinion. Les Analystes. BreakingViews. P. 20-23

« Le Monde 2 » : des Gaulois pas si rustres

Dossier De récentes découvertes montrent que « nos ancêtres » étaient loin d'être rustres et bacilleux.

Enquête Quand un prof de maths et un polytechnicien décident d'intégrer un centre de formation d'apprentis.

Controverse : pourquoi la France exporte-t-elle si mal sa culture ?

Entretien « Le rayonnement de la France ne se mesure pas au nombre de journalistes envoyés de Paris », estime Olivier Poivre d'Arnav, patron de CultureFrance. P. 23

Le succès de l'exposition Picasso lance le débat sur les visites de nuit

On connaît le bilan, triomphal. 700 personnes, du dimanche au dimanche, pour l'exposition Picasso au Grand Palais. On dispose désormais d'une photo détaillée. Les trois dernières semaines ont été marquées par un succès public plus que jamais. Plus de 100 000 visiteurs ont découvert l'œuvre de l'artiste. Plus de 100 000 visiteurs ont découvert l'œuvre de l'artiste. Plus de 100 000 visiteurs ont découvert l'œuvre de l'artiste.

Selon Yves Jégo, la crise aux Antilles illustre les difficultés d'une « société déchirée »

Dans un entretien au « Monde », le secrétaire d'Etat à l'outre-mer s'explique

Les négociations autour du point d'arrêt, vendredi 17 février, au Grand Palais comme en Martinique, alors que le secrétaire d'Etat à l'Outre-mer, Yves Jégo, quitte les Antilles pour aller en France, ont été marquées par un débat sur la pertinence de la relance par l'investissement.

Le rôle de premier ministre, François Fillon, d'alléger les charges sociales comme une réponse à la crise de confiance

et de la confiance en Martinique qu'en Guadeloupe où le personnel chargé de l'investissement se soulève contre le gouvernement de l'Etat à Paris a rejoint les rangs de la gauche.

Les conséquences de la crise financière de la France ont été marquées par un débat sur la pertinence de la relance par l'investissement.

Dans un entretien au Monde, M. Jégo explique que ce n'est pas l'Etat, mais la politique, économique, des mesures de propositions sur le rôle.

Il faut par ailleurs d'une crise sociale mais sociale, et qu'il faut trouver les moyens de répondre à la crise.

M. Jégo a récemment condamné les déclarations d'un grand propriétaire blanc de Martinique, affirmant la ségrégation qui sévit dans le pays.

Le mouvement pourrait se propager à l'île de la Réunion, où un collectif syndical, politique et associatif appelle à la grève générale pour les mois.

Hugo Chavez se verra-t-il bien président à vie

Référendum Les Vénézuéliens votent dimanche sur la possibilité pour les élus de se présenter autant de fois qu'ils le veulent.

Principal intéressé : le président Hugo Chavez. P. 6

Le regard de Plantu



Demain dans le Monde

- Enquête Le trader Jérôme Kerviel serait-il le mauvais joueur ?
- Culture Luc Besson et le piratage.
- Supplément Télé Visions Débat David Pujadas - Noël Mamère : pouvoir et médias.

Au Congo, rencontre avec les rebelles hutu

Reportage

Musée, Wilkine Cricoy et Pedro

Dans la grande forêt congolaise où elles se sont réfugiées, on ne choisit pas de rencontrer les Forces démocratiques de libération du Rwanda (FDLR).

Dans l'un de la République démocratique du Congo (RDC), les rebelles hutu décident, ou pas, de surgir devant les pas du visiteur.

Au début d'un chemin glissant à flanc de colline, survient par les racines des arbres géants, à des hauteurs de mètres de l'ango, bougeant perdus à côté de la forêt, un groupe FDLR apparaît brusquement.

Un homme caché derrière un tronc pointe vers RDC. Un autre se tourne à l'arrière, vers de la végétation uniforme et l'air des arbres.

Puis d'autres. Leur commandant est à la fois flegme et furieux, contemplatif et agité, avec des dents de lion.

Jean-Philippe Béry
in Libre le 14 février 2009

CLASSIQUE ENFANTS

BLUES **JAZZ** **VARIETE**

ROCK/POP **MONDE** **ELECTRO**

GROOVE/BLACK **DISCO** **PROGRES** **EN TELECHARGE**

HAUTE FIDELITE DOCUMENTAIRE, SANS CENSURE, AU COEUR D'UN SITE D'INFORMATION SUR LA MUSIQUE. LES PLUS GRANDS LABELS Y SONT BÉNÉFICIAIRES, MARQUES OU INÉPHEMABLES.

EN HAUTE FIDELITE

UNE COMMUNITÉ DE FIDÈLES SYMPATHISANTS, RETROUVE CHAQUE JOUR, CORTE ASSIMILE LE RISQUE D'ÊTRE PIÉGÉ LE PASSE ET D'ÊTRE PIÉGÉ L'AVENIR. CELLE D'ÊTRE FIDÈLE À LA MUSIQUE.

ÊTRE FIDÈLE À LA MUSIQUE **qobuz.com**

CHUVA EXPRES

Le Monde est imprimé sur papier recyclé. Les informations sont vérifiées par nos journalistes. Les photos sont de nos correspondants ou de nos agences de presse. Les illustrations sont de nos dessinateurs. Les cartes sont de nos cartographes. Les données sont de nos bases de données. Les prix sont de nos éditeurs. Les droits sont de nos ayants droit. Les marques sont de leurs propriétaires. Les noms de personnes sont de nos correspondants. Les noms de lieux sont de nos correspondants. Les noms de sociétés sont de nos correspondants. Les noms de produits sont de nos correspondants. Les noms de services sont de nos correspondants. Les noms de personnes sont de nos correspondants. Les noms de lieux sont de nos correspondants. Les noms de sociétés sont de nos correspondants. Les noms de produits sont de nos correspondants. Les noms de services sont de nos correspondants.

